

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Curso de Doutorado em Letras



Tese

O ENSINO DA LITERATURA MOÇAMBICANA NO BRASIL:

trajetória dos estudos e análise da fortuna crítica presente nos planos de curso
da graduação em Letras

Renata Ribeiro Munhoz

Pelotas, 2024

Renata Ribeiro Munhoz

O ENSINO DA LITERATURA MOÇAMBICANA NO BRASIL:

trajetória dos estudos e análise da fortuna crítica presente nos planos de curso
da graduação em Letras

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do
título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alfeu Sparemberger

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

R484e Ribeiro, Renata de Azevedo

O ensino da literatura moçambicana no Brasil [recurso eletrônico] : trajetória dos estudos e análise da fortuna crítica presente nos planos de curso da graduação em Letras / Renata de Azevedo Ribeiro ; Alfeu Sparenberger, orientador. — Pelotas, 2024.
246 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Literatura africana. 2. Ensino universitário. 3. Literatura dos CINCO. 4. Literatura moçambicana. 5. Ensino de literatura africana. I. Sparenberger, Alfeu, orient. II. Título.

CDD 469.5

Renata Ribeiro Munhoz

O ENSINO DA LITERATURA MOÇAMBICANA NO BRASIL:

trajetória dos estudos e análise da fortuna crítica presente nos planos de curso
da graduação em Letras

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Letras,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação,
Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 05/03/2024

Banca examinadora:

Prof. Dr.Alfeu Sparemberger (Orientador)
UFPel

Prof. Dr.Antônio Marcos Vieira Sanseverino
UFRGS

Prof. Dr.Aulus Mandagará Martins
UFPel

Prof. Dr. Gustavo Henrique Rückert
UFPel

Prof. Dr. José Luís Giovanoni Fornos
FURG

Agradecimentos

Gostaria de agradecer imensamente a cada um que colaborou para que essa pesquisa fosse possível. Obrigada aos professores ministrantes de literatura dos CINCO, os quais gentilmente enviaram seus planos de curso, considerações e afeto frente ao reconhecimento de partilharmos interesses afins. Obrigada Aulus Mandagará Martins por ter proporcionado meu encontro com Pepetela e seu cão, inscritos, até hoje em mim, assim como cada uma das tuas incrivelmente inspiradoras aulas. Obrigada querido Alfeu SpareMBERger, cuja trajetória de pesquisa e carreira proporcionou essa orientação, mas cujo perfil pessoal e generosidade intelectual fizeram-me optar por este programa de doutoramento. Obrigada UFPel, por ser casa acolhedora desde a graduação, formando-me especialista, mestre e doutora. Obrigada IFSul, instituição em que ministrei minha primeira aula pós-formada e da qual hoje tenho a felicidade de integrar o corpo docente, obrigada por cada troca no NEABI, cada incentivo dos meus amados colegas da COLINC e pela licença concedida pelo Instituto para que eu finalizasse este trabalho. Obrigada à banca! Alfeu, Antônio, Aulus, Gustavo e José Luís, a presença de vocês indica que fazem parte do conjunto daqueles que valoram essa área, logo me honram as contribuições por vocês proferidas. Obrigada estimado Jose Camilo Manusse pelos dados do lado de lá do oceano. Obrigada Raquélen Bonet pela contribuição e companhia desde sempre. Edê, Diego, Miguel e Murilo, amada família, as palavras certas ainda não foram inventadas para agradecer a vocês.

Quão africanos são os estudos africanos?

P.J. Hountondji (2010, p.118)

RESUMO

RIBEIRO, Renata. **O ensino da literatura moçambicana no Brasil**: trajetória dos estudos e análise da fortuna crítica presente nos planos de curso da graduação em Letras. 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Pelotas, RS, 2024.

O presente estudo tem como objetivo principal pesquisar acerca da fortuna crítica utilizada para ensinar literatura moçambicana nas universidades brasileiras. Para tanto, um *corpus* de dez coletâneas, compostas por textos de diferentes autores, foi utilizado para delinear quais instituições se fazem mais presentes nas discussões e publicações acerca da temática. Chegando ao conjunto de dez universidades, por meio do protagonismo das mesmas no campo da teorização, analisamos os cursos de Letras e o programa das disciplinas que versam sobre a Literatura dos CINCO, ou seja, a literatura produzida por Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Constatado, em sua maioria, o apagamento dos teóricos africanos no *corpus* teórico, propusemos reunir uma breve fortuna crítica sugerindo autores que possam vir a ser referência nesse campo de estudo. Também traçamos um panorama de como a teorização sobre a Literatura Africana teve início em Portugal, de que forma os estudos estabeleceram-se no Brasil – e nas suas universidades – e como a intelectualidade africana está consolidada e merece destaque no universo teórico. Para tanto, utilizamos o sistema literário moçambicano como referência, buscando, a partir dele e sua historiografia, demonstrar os vínculos entre sujeito, história e literatura, delineando desde o surgimento dos primeiros nomes, que iniciariam a formação desse sistema literário, até a contemporaneidade, reforçando a ideia de que sistemas que nascem tão fortemente influenciados pelo desejo de identidade e pertencimento requerem uma representação teórica afim.

Palavras-chave: literatura africana; ensino universitário; literatura dos CINCO; literatura moçambicana; ensino de literatura africana.

ABSTRACT

RIBEIRO, Renata. **The teaching of mozambican literature in Brazil:** trajectory of studies and analysis of the critical fortune present in the course plans of the graduation in Literature. 2024. Doctoral Dissertation (Doctorate in Language) Language Post Graduation Program. Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024.

The main purpose of the present study is to research the theory used to teach African literature in Brazilian universities. To this end, a corpus of ten collections composed of texts by different authors was used to delineate which institutions are present in the discussions and publications about the theme. Reaching the set of ten universities, through their protagonism in the field of theorization, we analyzed the Literature courses and the program of the disciplines that deal with the Literature of the FIVE, that is, the literature produced by Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, and São Tomé and Príncipe. Since most of the African theorists were not mentioned in the theoretical corpus, the proposal was to gather a brief critical fortune and suggest authors who could become references in this field of study. It also traced an overview of how the theorizing about African literature began in Portugal, how the studies were established in Brazil – and its universities – and that African intellectuality is consolidated and deserves to be highlighted in the theoretical universe. To this end, the Mozambican literary system was used as a reference, seeking, based on it and on its historiography, to demonstrate the links between subject, history and literature, delineating from the emergence of the first names that would initiate the formation of this literary system to the present day, reinforcing the idea that systems that are born so strongly influenced by the desire for identity and belonging require a similar theoretical representation.

Keywords: african literature; university teaching; literature of the FIVE; mozambican literature; teaching african literature.

RESUMEN

RIBEIRO, Renata. **La enseñanza de la literatura mozambiqueña en Brasil:** trayectoria de estudios y análisis de la fortuna crítica presente en los planes de estudio de la graduación en Letras. 2024. Tesis (Doctorado en Letras) Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024.

El objetivo principal de este estudio es investigar la teoría utilizada para enseñar literatura africana en las universidades brasileñas. Para ello, se utilizó un corpus de diez colecciones compuestas por textos de distintos autores para delimitar cuáles son las instituciones más presentes en las discusiones y publicaciones sobre el tema. Alcanzando al conjunto de diez universidades, por su protagonismo en el campo de la teorización, se analizaron los cursos de literatura y los programas de las asignaturas que tratan de la literatura de los CINCO, es decir, la literatura producida por Angola, Cabo Verde, Guinea-Bissau, Mozambique y Santo Tomé y Príncipe. Tras constatar que los teóricos africanos quedaban mayoritariamente al margen del corpus teórico, se propuso elaborar una breve fortuna crítica, sugiriendo autores que pudieran convertirse en referencia en este campo de estudio. También se trazó un panorama de cómo se inició la teorización sobre la literatura africana en Portugal, cómo se establecieron los estudios en Brasil - y en sus universidades - y cómo la intelectualidad africana está consolidada y merece ser destacada en el universo teórico. Para ello, se tomó como referencia el sistema literario mozambiqueño, buscando, a partir de él y de su historiografía, demostrar los vínculos entre sujeto, historia y literatura, trazando desde el surgimiento de los primeros nombres que iniciarían la formación de este sistema literario hasta la actualidad, reforzando la idea de que sistemas que nacen tan fuertemente influenciados por el deseo de identidad y pertenencia requieren una representación teórica similar.

Palabras clave: Literatura Africana; Enseñanza Universitaria; Literatura de los CINCO; Literatura Mozambiqueña; Enseñanza de la Literatura Africana.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Fases da história da literatura moçambicana (SILVA, 2010, p.55).	55
Tabela 2: Nomenclaturas e expressões ideológicas utilizadas para designação do conjunto de obras literárias produzida nos CINCO.....	110
Tabela 3: Coletâneas utilizadas como referência para delimitar as IES da pesquisa	115
Tabela 4: Instituições e número de referências relacionadas à autoria	117
Tabela 5: Autores e número de recorrência de autoria nas coletâneas selecionadas para o estudo	117
Tabela 6: Instituições norteadoras do estudo	118
Tabela 7: IES, Nomenclatura das disciplinas, créditos, carga horária, natureza, semestre de oferta, pré-requisitos e/ou observações, ano do plano de ensino, oferta de orientação no PPGL.....	122
Tabela 8: Nacionalidade da crítica utilizada nas disciplinas que versam sobre a literatura dos CINCO.....	127
Tabela 9: Autores teóricos brasileiros mais citados e textos individuais mais referenciados.....	130
Tabela 13 Autores teóricos dos CINCO mais citados e textos individuais mais referenciados.....	134
Tabela 12 Autores teóricos portugueses mais citados e textos individuais mais referenciados.....	138
Tabela 14: Autores teóricos africanos mais citados e textos individuais mais referenciados.....	140
Tabela 15 Bibliografia literária contida nos planos.....	141
Tabela 16: Coletânea 1: LEÃO, Ângela Vaz. (org.).Contatos e ressonâncias: Literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: Pucminas, 2003.....	187
Tabela 17: Coletânea 2:CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (Orgs). Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.	187
Tabela 18: Coletânea 3:CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (Orgs). Marcas da diferença: As literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.	188
Tabela 19: Coletânea 4: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (Orgs.) A kindia e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nzila, 2007.....	189
Tabela 20: Coletânea 5: SECCO, Carmen Lúcia Tindó, SEPÚLVEDA, Maria do Carmo, SALGADO, Maria Teresa. África & Brasil: letras em laços. Volume 2. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2010.....	190
Tabela 21: Coletânea 6: SECCO, Carmen Lucia Tindó, SALGADO, Maria Teresa; JORGE,Sílvio Renato (orgs.) Pensando África: literatura, arte, cultura e ensino. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2010.	191
Tabela 22: Coletânea 7: TUTIKIAN, Jane; CONTE, Daniel (orgs). Palavra nação. Porto Alegre: UFRGS, 2012.....	191
Tabela 23: Coletânea 8: LARANJEIRA, Pires (org). Revista estudos literários nº 5:Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015	192
Tabela 24: L Coletânea 9: ABDALA Jr, Benjamin ;VECCHIA, Rejane. Literatura e Memória Política: Angola. Brasil. Moçambique. Portugal. Cotia, SP, Ateliê editorial,2015.....	193

Tabela 25: Coletânea 10: SILVA, Renata Flavia. <i>Utopias comuns em múltiplas fronteiras: ensaios sobre literaturas africanas de língua portuguesa</i> . Niterói, RJ, Eduff,2017	193
Tabela 26: Lista de autores brasileiros e instituições elaborada a partir de textos inseridos em coletâneas entre os anos de 2003 e 2017	195

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEMO	Associação dos Escritores Moçambicanos
CINCO	Expressão para designar os seguintes países africanos de língua oficial portuguesa: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe
IES	Instituição de Ensino Superior
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
FLUC	Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
FLUL	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
FLUP	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
PUC MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCE	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNB	Universidade de Brasília
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIGRANRIO	Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy

UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRITTER	Centro Universitário Ritter dos Reis
UNISUAM	Centro Universitário Augusto Motta
USP	Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO	13
1. MARCOS DOS ESTUDOS DA LITERATURA DOS CINCO NO BRASIL.....	19
1.1 UM OLHAR RETROSPECTIVO SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO E DA PESQUISA DA LITERATURA DOS CINCO	19
1.2 AS LEIS E SUAS IMPLICAÇÕES EM RELAÇÃO AO ENSINO DA LITERATURA AFRICANA NO BRASIL	28
2. A LITERATURA MOÇAMBICANA: UM RECORTE ELUCIDATIVO	33
2.1 FORMAÇÃO DA LITERATURA MOÇAMBICANA E O PAPEL DA IMPRENSA	33
2.2 A TRANS(FORMAÇÃO) DA LITERATURA MOÇAMBICANA	40
2.3 CAMINHOS DA CONTEMPORANEIDADE.....	46
2.4 PROPOSTAS DE PERIODIZAÇÃO LITERÁRIA MOÇAMBICANA	53
3. APORTES TEÓRICOS DA LITERATURA AFRICANA	56
3.1 INÍCIO DA TEORIZAÇÃO: PORTUGAL	56
3.2 PERCURSOS DOS ESTUDOS NO BRASIL.....	65
3.3 TRAJETÓRIA DA FORTUNA CRÍTICA EM MOÇAMBIQUE	77
4. CONSOLIDAÇÃO DOS ESTUDOS DA LITERATURA AFRICANA.....	91
4.1 CÂNONE, VALOR E UNIVERSIDADE.....	91
4.1.1 VALOR SIMBÓLICO: ASPECTOS TEÓRICOS.....	92
4.1.2 VALOR MONETÁRIO: O MERCADO E SUAS REPERCUSSÕES.....	96
4.2 A LITERATURA AFRICANA E A NECESSIDADE DE NOVOS PADRÕES.....	104
4.2.1 NOMENCLATURAS E EXPRESSÕES IDEOLÓGICAS	109
5. AS UNIVERSIDADES E A ABORDAGEM TEÓRICA DA LITERATURA AFRICANA	113

5.1 METODOLOGIA.....	113
5.1.1 INSTITUIÇÕES NORTEADORAS	118
5.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO: OS PLANOS DE ENSINO, BIBLIOGRAFIAS E SUAS IMPLICAÇÕES.....	120
5.2.1 ASPECTOS GERAIS.....	120
5.2.2 BIBLIOGRAFIA TEÓRICA.....	127
5.2.3 BIBLIOGRAFIA LITERÁRIA	140
6. PROPOSTAS CURRICULARES INOVADORAS E PERSPECTIVAS ENDÓGENAS DE TEÓRICOS AFRICANOS.....	147
6.1 PROPOSTAS CURRICULARES INOVADORAS	147
6.1.1 UNILAB	147
6.1.2 UFPB.....	153
6.2 REVITALIZAR A ÁFRICA COMO TERRITÓRIO INTELECTUAL: PERSPECTIVAS ENDÓGENAS DE TEÓRICOS AFRICANOS.....	155
7. ASPECTOS CONCLUSIVOS	171
REFERÊNCIAS.....	179
ANEXOS	186
APÊNDICES	237

Introdução

A proposta desta tese surge da experiência vivida ao selecionar um *corpus* teórico para a disciplina de Literatura Africana que ministrei na Especialização em Linguagens Verbo-Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSul). A dificuldade surgiu logo na escolha da denominação da disciplina. A primeira oferta intitulava-se *Estudos Comparados em Literatura Lusófona*. Com o passar do tempo a palavra lusófona já não me parecia tão adequada. A ênfase soava-me ainda quase como a extinta nomenclatura “Literatura de Expressão Portuguesa”, respeitados os devidos contextos históricos e teóricos. Pesquisando, então, quais eram as denominações que vigoravam nos cursos que englobavam o ensino da Literatura Africana, a próxima escolha fora *Literaturas Africanas de Língua Oficial Portuguesa*, denominação mais comumente utilizada pelos programas à época. Hoje, penso que talvez somente *Literaturas Africanas* já bastasse. Compactuo, no entanto, mais ainda com a proposta inovadora de Inocência Mata (2013): Literatura dos CINCO¹. Celebro um universo – ainda utópico – em que a literatura produzida por Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe não precise de nenhuma alusão à língua, a coesão entre os países seja o fator agregador e de fortalecimento dos sistemas literários, e que, em um futuro breve, cada vez mais possam ser reconhecidos no campo das pesquisas, da notoriedade, da oferta de disciplinas, individualmente nomeados: literatura angolana, cabo-verdiana, guineense, moçambicana e santomense.

Ultrapassada a discussão sobre a denominação, que, conforme se pode observar, é objeto de constante reflexão, a escolha da teoria utilizada para compor nossa disciplina não fora menos difícil. Quais teóricos selecionar? Que

¹ Neste trabalho usaremos da expressão CINCO para designar os seguintes países Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, em detrimento à sigla oficial para países africanos de língua oficial portuguesa (Palop). Ancoramo-nos na proposta de Inocência Mata (2013), quando defende a denominação: “Privilegio esta designação dos países de língua portuguesa de África, em detrimento de PALOP, não apenas pelo equívoco que encerra (são países de outras línguas também, sobretudo do crioulo, que em três deles é realmente “língua nacional”), mas, sobretudo na esteira de Mário Pinto de Andrade para quem a designação “os Cinco” resgata a utopia da fraternidade dos tempos da luta anticolonial, com a criação da CONCP – Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas, fundada sob a égide de Amílcar Cabral em 1961, em Rabat, Marrocos” (MATA, 2013, p. 108).

livros são incontornáveis? Como resumir em um curto espaço de tempo tantos projetos literários? A tarefa não parecia ficar menos complexa conforme os currículos vigentes nos quais nos alicerçamos eram analisados. Percebia-se claramente o apagamento da teoria africana nos estudos sobre a literatura africana. Alguns autores e obras eram reiterados em muitos programas, mas outros (quase) sempre preteridos. Compreendo que sobre o continente a indissociável relação com a religiosidade, natureza, animismo, tornam, por vezes, mais difícil a compreensão da teoria. Ainda assim, no entanto, já existe a possibilidade de abarcar um viés menos eurocêntrico no olhar teórico. Vários são os críticos e pensadores advindos da África, cuja produção já é reconhecida e estudada mundialmente. Para além do embasamento teórico, a ancoragem na experiência produz exponencial qualidade.

Mapear, portanto, de que forma a Literatura Moçambicana é ensinada na Graduação da universidade brasileira, aqui entendida enquanto representante elucidativa de um conjunto maior, Literatura Africana dos CINCO – e se, de fato, integra o currículo das instituições enquanto disciplina autônoma, inclusive –, conhecendo quais livros teóricos e literários compõem os programas, acompanhar o surgimento, consolidação e o repensar acerca da teoria, instigou-me na realização deste trabalho, o qual busca servir de referência para professores que atuam na docência de língua portuguesa e literaturas de língua portuguesa que, não raro, têm dificuldade em iniciar o ensino da literatura africana por não encontrarem materiais disponíveis sobre o assunto que versem sobre essa etapa de construção do conhecimento que é a elaboração e implementação das disciplinas, a qual abarca escolha de nomenclaturas, abordagem teórica e seleção de obras literárias.

Ainda que os CINCO tenham um único país colonizador, os modos de colonização foram diferentes, o processo de independência, experiências históricas, composição étnica e os sistemas literários são distintos, mesmo que existam intersecções e referências compartilhadas pelo fato de possuírem a portuguesa dominação colonial. Conhecemos e destacamos essa característica. Por isso, pareceu-nos profícuo selecionar um país, Moçambique – o que hoje conjecturamos possuir maior destaque nas discussões teóricas e no mercado editorial – para exemplificar a trajetória de um sistema literário

desde o surgimento até a consolidação da produção de fortuna crítica ancorada em uma intelectualidade endógena. Sabemos que de forma semelhante os outros sistemas modificaram-se, e sublinhamos, novamente, que existem diferenças, mas fora necessário fazer esse recorte para ilustrar um percurso que apresentasse as minúcias desde os primeiros textos publicados no país até a formação de uma massa crítica.

Sendo a universidade e os cursos de Licenciatura em Letras espaço de reflexão, produção, seleção e divulgação de conhecimento, fomentando e delimitando cânones literários, o estudo aqui proposto possui o objetivo geral de discutir como foi construído historicamente o ensino da literatura moçambicana no Brasil. Para atingir esse propósito, parte-se dos seguintes objetivos específicos:

- delimitar quais universidades possuem constância no estudo da Literatura Africana dos CINCO, investigando, por intermédio de coletâneas de artigos de vários autores, quais as instituições que se destacam – mantendo-se ativas nas publicações ao longo dos anos – e quais os teóricos integram essa fortuna crítica;
- descrever e analisar as ementas das disciplinas de Literatura Moçambicana – ou africanas em que estejam circunscritas – pertencentes aos Cursos de graduação em Letras no Brasil, buscando delinear tendências teóricas que compõem a bibliografia das referidas disciplinas;
- verificar quais obras literárias integram essas ementas e respectivos conteúdos programáticos;
- mapear mudanças terminológicas e de concepção do que era/é compreendido como Literatura de Língua Portuguesa na África, buscando traçar comparativos e contrastes pré e pós independência;
- identificar possíveis questões – estéticas, ideológicas, editoriais – que levam à escolha de determinados autores e à exclusão de outros;
- contribuir, a partir dos resultados obtidos, com os estudos da literatura dos CINCO buscando evidenciar um conjunto de intelectuais endógenos que subsidiam o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa e

podem colaborar na construção de um ensino baseado em novas epistemes e conceitos.

Neste trabalho, operou-se com a hipótese de que analisando os planos de curso ocorreria variação de nomenclatura das disciplinas, haja vista os debates constantes sobre o tema. Dada a expansão das pesquisas no Brasil, esperava-se a incorporação da fortuna crítica produzida por autores brasileiros embasando as reflexões e somadas à teorização inicial portuguesa. Acreditávamos que poucas referências endógenas estariam presentes e que, caso existissem, seriam mais da área da história, sociologia e filosofia do que especificamente dos estudos literários. Também conjecturamos que haveria repetição de obras literárias, confirmando a presença e delimitação do que pode vir a ser compreendido enquanto cânone do ensino da literatura africana no Brasil.

Por conseguinte, o trabalho está estruturado, no texto que segue, da seguinte forma, além desta introdução:

- a) Iniciamos nosso estudo com um capítulo que versa sobre os marcos dos estudos da Literatura dos CINCO no Brasil, trazendo um olhar retrospectivo sobre o ensino e a pesquisa no país, lembrando de que forma os primeiros núcleos de estudo foram implementados. Ademais, enumeramos as leis e as suas implicações em relação à docência da literatura africana, refletindo sobre a importância de uma legislação específica;
- b) O segundo capítulo trata da Literatura Moçambicana enquanto um recorte elucidativo da literatura dos CINCO de modo a que se possa compreender como surge o sistema literário do país aliado ao desejo de uma identidade moçambicana, a qual se projeta a partir da literatura produzida e publicada em jornais e periódicos da época colonial que desafiavam o sistema de dominação. Em seguida, discorremos sobre a literatura pós-independência e os temas que irão integrar essa *literatura de combate* que promove uma nação recém-liberta e, poucos anos depois, a questiona. As produções literárias produzidas na contemporaneidade, assim como seus autores, são explanados

ilustrando o contexto vigente no país e, por fim, as propostas de periodização da literatura moçambicana são elencadas;

- c) Em seguida, verificamos o capítulo que aborda os aportes teóricos da Literatura dos CINCO, trazendo de que maneira a teorização inicia em Portugal, sublinhando autores e momentos significativos. Do mesmo modo, este esboço é feito nas universidades brasileiras anunciando teóricos que se debruçam sobre os estudos da literatura africana desde o surgimento das investigações sobre a temática no Brasil. Também os críticos moçambicanos são inventariados assim como as instituições de ensino que se destacam no país;
- d) A consolidação dos estudos sobre a Literatura Africana, tal como o papel da universidade e da teoria na constituição e manutenção do cânone – e o valor atribuído a ele –, são objeto de reflexão do quarto capítulo, que discute a necessidade de novos padrões a partir do estudo do contexto da Literatura produzida em língua portuguesa no continente africano;
- e) A seleção de dez universidades norteadoras para o estudo através da fortuna crítica advinda das publicações de coletâneas sobre a literatura dos CINCO destaca-se no quinto capítulo, assim como o levantamento da bibliografia teórica e literária utilizada nas disciplinas de Literatura Moçambicana (ou dos CINCO, quando a moçambicana inexistir). Metodologia e análise dos dados também integram essa seção;
- f) Por fim, a última parte do nosso trabalho destina-se a apresentar propostas curriculares inovadoras e o nome de outros teóricos africanos – junto ao delineamento de alguns aspectos das suas obras – para além dos moçambicanos anteriormente evidenciados, que podem endossar uma prática docente que tencione incluir nas discussões sobre a Literatura dos CINCO autores provenientes do continente Africano que ancoram posturas teóricas aliadas a vivências culturais endógenas revitalizando a África como território intelectual.

Esperamos que amparados por dados relativos ao trabalho com teorização da Literatura dos CINCO nas universidades brasileiras os professores e pesquisadores da área reflitam conosco sobre a importância da adoção de parâmetros que contemplem análises ancoradas (também) em críticas endógenas, massa crítica que precisa ser difundida e dada a conhecer

desde a graduação. Logo, o intuito é que percorrendo as linhas deste estudo o percurso daquele que busca dedicar-se à reflexão sobre a literatura africana de língua portuguesa seja facilitado.

1. Marcos dos estudos da Literatura dos CINCO no Brasil

Nosso estudo inicia-se por intermédio de uma incursão na história do ensino e da pesquisa da Literatura dos CINCO no Brasil. Para tanto, o histórico das iniciais publicações, propostas, referências e autores foram retomados. Dessa forma, é possível vislumbrar a temática desde os primeiros objetos de interesse para pesquisa até o delineamento atual, (re)conhecendo as dificuldades da trajetória. Também as leis brasileiras que possuem implicação direta em relação ao estudo da temática foram referenciadas e analisadas, buscando elucidar a importância de uma legislação específica atenta ao papel da escola na construção de uma educação antirracista que encontra na literatura importante suporte de reflexão.

1.1 Um olhar retrospectivo sobre a história do ensino e da pesquisa da literatura dos CINCO

Os estudos da literatura africana de língua portuguesa derivam da proposta de serem um complemento à área do ensino da literatura portuguesa. Conforme Carlos Iannone (1991), no Segundo Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa, realizado em 1971, em Belo Horizonte, a professora Isa Maria Simões, da Universidade Federal da Bahia, apresentou um painel relatando o projeto de um curso de Literatura Ultramarina, o qual complementar, sob formato de extensão ou disciplina optativa, os programas de Literatura Portuguesa das Faculdades de Letras do Brasil. O recorte compreenderia as literaturas produzidas em Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, África Oriental (Moçambique) e do Oriente (Goa, Macau e Timor). A ideia adivinha da experiência que a docente tivera ao ministrar em 1970 a disciplina de Literatura Portuguesa IV cujo programa englobava Literatura Ultramarina e Literatura Caboverdiana.

À época, de acordo com Iannone (1991), menos de uma dezena de livros de autores africanos em língua portuguesa circulavam no Brasil. Havia esparsos romances de Castro Soromenho, como *Terra Morta* (1949), *Viragem* (1967) e *A Chaga* (1970), trilogia que tratava dos efeitos da colonização

portuguesa e criticava a ocupação colonial. Nascido em Moçambique, jornalista em Luanda, exilado de Portugal e perseguido pela PIDE, Soromenho é objeto da maior parte de resenhas e textos de fortuna crítica publicados nos jornais e revistas na década de 60.

Poetas e Contistas Africanos de Expressão Portuguesa (1963) é a primeira coletânea no Brasil, lançada pela Brasiliense, que reunia poesia e ficção autores de Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola. Organizada e prefaciada por João Alves das Neves, já anunciava em seu prefácio a influência de autores brasileiros como Jorge Amado, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e José Lins do Rego na literatura, sobretudo, de Cabo Verde. Logo, nota-se que desde as primeiras publicações sobre o tema já havia um enfoque comparatista, visto que os autores brasileiros são utilizados como referência para estabelecer semelhanças.

Já a primeira coleção sistematizada de autores africanos foi selecionada por Fernando Mourão inspirado em escritores que frequentaram a Casa dos Estudantes do Império, em Portugal. A coleção *Autores Africanos* (1979-1991), da editora Ática, contou com 27 livros que compuseram um panorama literário africano, traçando uma espécie de gênese e “mapa literário africano no Brasil” (CRUZ, 2018, p.110). Compunham a seleção 11 obras angolanas, dos autores: José Luandino Vieira (3), Pepetela (3), Jofre Rocha, Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, Uanhenga Xitu, Agostinho Neto. Cabo Verde apresentava 4 títulos, escritos por Manuel Lopes, Teixeira de Sousa e Baltasar Lopes e Manuel Ferreira; Moçambique era representada por Luís Bernardo Honwana, Orlando Mendes e Lina Magaia, também totalizando 3 obras. Excluídas foram as obras de São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, sob o argumento de que as produções eram majoritariamente de poemas e a editora não achava rentável o investimento comercialmente. As demais autorias eram compostas por escritores da Somália (1), Zaire (1), Senegal (2), Costa do Marfim (1), Guiné (1), Nigéria (2) e Tunísia (1).

Fernando Mourão, conforme Clauber Cruz (2018), após cursar ensino fundamental e médio no Brasil e iniciar os estudos em Filosofia e Latim, opta por ir para Portugal estudar Direito, em 1950, na Universidade de Coimbra.

Nessa fase, seu interesse pelos assuntos relacionados às ciências sociais propicia debates que estavam sendo trazidos à tona em virtude dos movimentos de independência africana. Mourão aproxima-se dos membros da Casa dos Estudantes do Império (CEI), cuja fundação data de 1945, tornando-se ativista cultural e bibliotecário da CEI em Coimbra, tendo contato com vários escritores africanos como Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral e Francisco José Tenreiro, os quais lideravam um Centro de Estudos Africanos. A existência de espaços como a CEI, em Portugal, agregava núcleos de africanos, que se organizaram em torno do (re)conhecimento da produção cultural de seus países fazendo com que houvesse maior visibilidade da África.

Em 1960, devido à pressão portuguesa e perseguição da PIDE aos membros da CEI, Fernando Mourão retorna ao Brasil. Segundo Cruz (2018), o docente inicia seus estudos nas Ciências Sociais da USP, onde cursa graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado, sob a orientação de Ruy Galvão de Andrada Coelho. A pesquisa de mestrado de Mourão intitulou-se *A sociedade angolana através da literatura* (1978).

No ano de 1965², Fernando Mourão inaugurou o Centro de Estudos de Cultura Africana, o CECA, uma entidade privada sem fins lucrativos que teve uma sede provisória vinculada à Faculdade de Ciências Econômicas e Administração da USP, funcionando, também, junto à cadeira de Sociologia II, do professor Ruy Galvão de Andrade Coelho. O CECA existiu até 1968 quando Fernando Mourão fundou o Centro de Estudos Africanos, juntamente com o seu orientador, Ruy Galvão de Andrada Coelho, e outros nomes como Paul Etamé Ewané (professor camaronês) e Fernando de Castro Soromenho (docente e escritor), que atuaram no início da implantação do centro, o qual passa então a integrar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Dessa forma, a USP inicia a oferta de cursos de formação, palestras, acolhe docentes africanos e busca efetivar pesquisas na área da história, sociologia, filosofia e literaturas africanas. Conforme

² Cabe salientar que antes do Centro de Estudos Africanos da USP, já em 1959, havia sido fundado o Centro de Estudos Afro-Orientais, na Universidade Federal da Bahia, em 1961 o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA), e em 1963 o Centro de Estudos Africanos iniciava as suas atividades em São Paulo.

Kabengele Munanga (2012, p.12) “no decorrer de 1966, foi contratado o professor Fernando Monteiro de Castro Soromenho para ministrar o curso Introdução à Sociologia da África Negra, que foi o primeiro curso sobre a África ministrado na Universidade de São Paulo (USP)”. Já em 1972 várias disciplinas específicas eram ofertadas nas graduações como: Sociologia da África Negra, História da Ásia e da África, e Os Movimentos de Emancipação na África Negra. Na pós-graduação, os estudos também se fortalecem e são criados mais de dez matérias nos anos seguintes.

Acerca do pioneirismo dos estudos teóricos nas instituições de ensino brasileiras, cabe referenciar o estudo de Weigma Michely da Silva, denominado *Momentos formadores na narrativa autobiográfica de um professor das literaturas africanas* (2018), no qual a autora redige dissertação sobre Manoel de Souza e Silva, salientando os momentos formadores que o tornaram professor das Literaturas Africanas, explanando sua trajetória acadêmica, carreira docente, englobando seu próprio testemunho, o qual narra sua formação na USP, ingresso na UFG e posterior admissão na UNILAB. É possível reconstruir, através desse trabalho, algumas pesquisas advindas do núcleo implementado por Mourão, assim como o histórico do mesmo. Conforme Weigma:

O professor Benjamim Abdala Jr foi um dos introdutores dos estudos das Literaturas Africanas no Brasil, autor de inúmeros livros sobre o assunto, orientou diversos estudos acadêmicos nessa perspectiva, sendo que algumas de suas orientadas se tornaram nomes de referência fundamentais para o debate e para institucionalização da disciplina no Brasil, como Rita de Cássia Natal Chaves, que defendeu a tese “*A Formação do Romance Angolano*” (1991); e Tânia Celestino de Macedo, com sua tese “*Da Fronteira do Asfalto Aos Caminhos da Liberdade*” (1987).

(...)

A professora Maria Aparecida dos Campos Brando Santilli, professora emérita da USP, também foi uma das precursoras dos estudos acadêmicos sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil. Possui autoria de livros basilares para os estudos dessas literaturas: *Estórias Africanas* (1985); *Africanidade* (1985); e *Paralelas e Tangentes: literaturas de língua portuguesa* (2003). É autora de inúmeras publicações, entre artigos e capítulos de livros sobre o assunto, o que fomentou/fomenta um número representativo desses estudos atualmente.

Entre as décadas de 1970 a 1990, Santilli orientou um grupo que foi, tanto quanto o grupo orientado por Abdala, fundamental para a institucionalização das Literaturas Africanas em várias Universidades Brasileiras. Teses como: “*Manoel Ferreira: ficção caboverdiana em causa*” (1983), de Luzia Garcia do Nascimento; “*Os arquétipos e a ruptura dos estereótipos na produção literária de Luandino Vieira*” (1986), de Virgínia Maria Gonçalves; “*Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique*” (1990), de Manoel de Souza e Silva; “*Entre dois contares: o espaço da tradição na escrita de Uanhenga Xitu*” (1996), de Marilúcia Mendes Ramos (WEIGMA, 2018,74-75).

Múltiplas são as referências em que encontramos a indicação de que o ensino da Literatura Africana no Brasil inicia no final dos anos 70. Tânia Macedo, em texto publicado nos anais do *I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, ocorrido em 1991 na cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, afirma:

AS SEMENTES

Foi por volta de 1978 que os primeiros cursos sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa começaram a surgir nos currículos das universidades brasileiras, principalmente graças ao esforço pioneiro de professores como Fernando Mourão, Jorge da Silveira, Maria Aparecida Santilli e Vilma Arêas (MACEDO in PADILHA, 1995, p.276).

Na reflexão, a autora usa a metáfora *sementes, tronco e tenras folhas* para dedicar palavras aos precursores dos estudos (sementes); primeiros mestrandos e financiadores de pesquisas (tronco); e grupos de pesquisadores (mestres e doutores), alguns já reconhecidos, propagadores da literatura africana (tenras folhas). Segundo Macedo, inúmeras foram as barreiras iniciais, visto que não havia na universidade tal disciplina e o espaço precisava ser vinculado à área da literatura portuguesa, tanto nas falas em sala de aula quanto nas apresentações de eventos. Aliado a isso, pairava a desconfiança de colegas e público leitor/receptor sobre os estudos, destinando a perspectiva do exótico à literatura dos CINCO e negando sua qualidade literária. Poucas eram as agências financiadoras de bolsas de estudo para os pesquisadores da área e, segundo Tânia, “de fundamental importância foi o apoio da União dos escritores Angolanos” (MACEDO in PADILHA, 1995, p.277) que colaborou no sentido de proporcionar viagens e auxílios de moradia em Angola para que os estudiosos pudessem ter subsídio e dessa forma houvesse intercâmbio entre os países. Para a autora, à época, os pesquisadores da área eram duplamente

desprestigiados, primeiramente pelo fato de serem professores, profissionais que carecem de atenção em um país cuja educação não é entendida enquanto prioridade e, a posteriori, por estarem na posição de docentes de uma disciplina inexistente nos currículos de graduação em Letras no Brasil:

Estamos pois, **como árvores solitárias**, que não são capazes de, com sua sombra, poderem fazer cumprir sequer uma lei, ou seja, de que alunos de graduação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (...) realmente conheçam as sete literaturas dos países de fala oficial portuguesa (MACEDO in PADILHA, 1995, p.280).

Porém, em 2003, transcorridos 12 anos da fala inquietante de Tânia, Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco no texto *“O “entre-lugar” do ensaio no contexto literário africano de língua portuguesa”* elencava uma série de nomes que compunham a intelectualidade brasileira a qual já produzira contundente fortuna crítica, denotando que, mesmo ante as dificuldades encontradas as *sementes*, Macedo (1995), germinaram:

No Brasil, alguns ensaios produzidos já são reconhecidos, como os da Profa. Santilli; os do Prof. Benjamin Abdala Júnior; os da Profa. Laura Padilha, *Entre voz e letra: o lugar da ancianidade na ficção angolana pós-50*, que recebeu o prêmio da Biblioteca Nacional em 1995; os da Profa. Tânia Macedo; os da Profa. Jane Tutikian; os da Profa. Elisalva Madruga; os do Prof. Manuel de Souza e Silva; os da Profa. Maria Nazareth Soares Fonseca; os da Profa. Simone Caputo Gomes; os da Profa. Leda Martins; os da Profa. Rita Chaves sobre o romance angolano; os da Profa. Carmen Lucia Tindó Secco, entre outros.

Teses e dissertações – muitas das quais se aproximam do ensaio pela ousadia das ideias, pelo pensamento crítico e pelo estilo discursivo envolvente – sobre autores africanos (José Craveirinha, Pepetela, Manuel Rui, Mia Couto, Agostinho Neto, João Melo, Mena Abrantes, Ba Ka Khosa, Agualusa, Paulina Chiziane, Dina Salústio, Vera Duarte, Corsino Fortes, Francisco José Tenreiro e outros também foram defendidas, em universidades brasileiras e portuguesas, como as de Laura Padilha, Tânia Macedo, Rita Chaves, Manuel de Souza e Silva, Elisalva Madruga, Mário Lugarinho, Antônio B. Hildebrando, M. do Carmo Sepúlveda Campos, Cláudia Márcia V. da Rocha, Norma S. Rosa Lima e outras (SECCO, 2003, p. 278).

Em 2010, Laura Padilha, docente da Universidade Federal Fluminense, em texto intitulado *“O Ensino e a Crítica das Literaturas Africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento”* discute o que chama de “neocolonialidade curricular” (PADILHA, 2010, p.3), embasada no fato de que

as instituições no Brasil ainda pensavam o currículo do curso de Letras sustentado por um eixo de representação ocidental eurocêntrica, privilegiando cursos de línguas europeias e estudo das respectivas culturas. Assim sendo, a disciplina de Literatura Africana não era elencada como obrigatória e, quando ofertada, ainda aparecia optativa, dotada de carga horária mínima e, muitas vezes, ligada às de Literatura Portuguesa, recebendo, inclusive, a denominação *manifestações literárias ultramarinas*. Logo, para Padilha, “a descolonização curricular não chegou para os legisladores brasileiros a quem compete normatizar a educação em nosso país”. (PADILHA, 2010, p.4).

Conforme a autora não somente a dificuldade de circulação de textos de autores africanos dificultava as pesquisas, mas também a carência de aparato teórico adequado para o exercício da fortuna crítica, já que textos fundamentais de aparato instrumental teórico-metodológico, como Frantz Fanon e Albert Memmi, só ganham tradução nos anos 70. A partir, então, das discussões “sedimentadas em língua portuguesa de autoria de Manuel Ferreira, Alfredo Margarido, Carlos Everdosa, Manuel Rui” (PADILHA, 2010, p.12) os ecos das vozes brasileiras passam a fazer-se ouvir a partir de um grupo de pesquisadores da USP, sendo os pioneiros Fernando Mourão e Maria Aparecida Santilli acrescidos do nome de Benjamin Abdala Júnior, discípulo de ambos. Laura Padilha também acrescenta os nomes de Carmem Lúcia Tindó Secco, Rita Chaves, Maria do Carmo Sepúlveda Campos, Teresa Salgado e Maria Nazareth Fonseca como pesquisadoras que constróem uma massa crítica brasileira, inicialmente produzida pelo viés do comparativismo, interdisciplinaridade e dos Estudos Culturais convergentes com os Literários.

Em seu texto, Padilha (2010) deixa claro as dificuldades encontradas para implementação dos estudos da Literatura Africana. Todavia, adota uma postura que nos parece ser a da maioria dos pesquisadores envolvidos em fomentar e solidificar o campo de estudo no Brasil:

A fim de brevemente concluir, devo dizer que se, por sua parte, a neocolonialidade insiste em não ceder seu espaço, nós, os que a ela nos opomos, insistimos também em enfrentá-la, pondo em circulação novas vozes, que assim se deixam ouvir; outras matrizes culturais, que afinal afloram; diferentes formas de olhar, que ganham espaço. Enfim, objetivamos, com nossos estudos, contribuir para que o múltiplo cultural que somos tome seu lugar. Pelo agenciamento, pois, desse múltiplo, as faces poliédricas do mosaico cultural brasileiro se

deixam reconhecer, ao se projetarem no espelho de nossa própria formação histórica, sem admitir ou referendar velhas e já ultrapassadas formas de hierarquização (PADILHA, 2010, p.13).

Advindo de Moçambique, o testemunho de Lourenço do Rosário (2010), quando discorre sobre os desafios das universidades moçambicanas e o lugar ocupado pela literatura, reconhece o pioneirismo de determinados críticos e professores brasileiros, também enumerando as dificuldades por eles encontradas:

No Brasil, por exemplo, o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa na década de 80 era feito integrado nos estudos portugueses, mercê de um esforço estoicista de alguns carolas que conseguiam fazer aprovar programas que incluíam autores africanos na graduação de estudos portugueses. Esta situação demonstra que a mudança de mentalidades nas várias instâncias orgânicas da sociedade leva o seu tempo. Não duvidamos que eram correctos o desejo e a atitude de professores eminentes como Fernando Mourão, Maria Aparecida Santilli e Benjamin Abdala, da USP, bem como Cleonice Bernardielli, Laura Cavalcante Padilha, do Rio de Janeiro, quando contra tudo e todos conseguiram colocar uma lança em África, passe a expressão, abrindo ainda que no contexto dos estudos portugueses, variantes para mestrado em Literatura Africana. Já na década de 90, Ângela Vaz Leão, da PUC-Minas, também debaixo da mesma filosofia, consegue alargar o leque de ofertas para formação de mestres, incluindo aqueles que desejavam formar-se na área das Literaturas Africanas (ROSÁRIO, 2010, p.163-164).

Da mesma forma, Ana Mafalda Leite, da Universidade de Lisboa, em *Breve história, tópicos e questões sobre o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa* (2010) explana os trilhos percorridos na implementação do ensino da Literatura dos CINCO nas universidades brasileiras:

No Brasil a área é introduzida pelos ensaios de Fernando Mourão na Universidade de São Paulo e posteriormente pelos trabalhos de Maria Aparecida Santilli e de Benjamin Abdala Júnior, que instituem curricularmente a área, a que se seguiram os estudos pioneiros de Rita Chaves e de Tânia Macedo. No final da década de 1980, Laura Padilha defende o seu doutoramento na UFF e no início da década de 1990 a UFRJ começa a docência da área com Carmen Lúcia Tindó Secco. Entretanto um pouco por todo o Brasil, irradiado a partir dos núcleos do Rio e de São Paulo, seja em Belo Horizonte, Campinas, na Bahía, em João Pessoa, e em diferentes e muito espalhadas universidades brasileiras, a área desenvolve-se em estudos graduados, pós-graduados e de doutoramento, principalmente a partir da lei 10.639 de 2003, que institui a obrigatoriedade do ensino das culturas e história afro-brasileira, africana e indígena no ensino secundário, lei que, por via indirecta, vem estimular o desenvolvimento dos estudos literários africanos no Brasil (LEITE, 2010, p.78).

Outro pertinente estudo que traça o percurso da crítica produzida no Brasil é de autoria de Norma Sueli Rosa Lima, da UERJ. Em artigo denominado *Itinerário do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil* (2018), Norma atribui a Dirce Cortês Riedel o primeiro livro didático composto por textos de autores africanos e afirma que a obra circulou no início dos anos 70. Segundo Norma Sueli:

(...) em 1970 o então jovem Professor de Literatura Portuguesa, Jorge Fernandes da Silveira, estimulado pelo contato que tivera com o excelente acervo contendo diversos textos de autores africanos do falecido Professor Thiers Martins Moreira, resolveu ir além da pesquisa social, para a confecção de “duas antologias que, no mesmo ano, acompanharam, com um número não insignificante de alunas e alunos, no primeiro curso de africanas no Rio e, quiçá, no Brasil.

(...)

Na mesma década de 70, outras iniciativas se uniram à da UFRJ, sempre no âmbito da Literatura Portuguesa, realizadas pela Profa. Maria Aparecida Santilli, da USP, e pela Profa. Vilma Arêas, na PUC-Rio. Nestes momentos iniciais, os pioneiros enfrentaram toda a sorte de preconceitos a respeito destas produções, vistas como “exóticas” ou destituídas de qualidade literária (LIMA, 2018, p.17-18).

Lima destaca ser importante percorrer os caminhos da teoria portuguesa visto que os primeiros teóricos brasileiros a desenvolverem pesquisa sobre as Literaturas Africanas eram pesquisadores da Literatura Portuguesa. A autora ressalta que as coleções e antologias que a CEI organizou – e que na década de 60 circulavam em Portugal, junto às publicações da editora Imbondeiro – sofreram censura e repressão devido à ditadura portuguesa vigente na época. Ainda assim, em 1965 o angolano Luandino Vieira ganha o *Prêmio De Novelística*, pelo livro *Luuanda* – publicado em 1963 pela editora *Edições 70* em Lisboa – concedido pela Sociedade Portuguesa de Escritores, a qual sofre ataques em virtude do reconhecimento de um angolano. Logo, implementar uma disciplina que sistematicamente estudasse autores africanos de língua portuguesa era árdua tarefa. Outrossim, quando a recepção passa a existir em Portugal o sentimento é de estranhamento, pela diferença de cultura oriunda dos parâmetros ocidentais: “o

problema central do ensino das literaturas africanas em Portugal (...) está na abissal diferença na natureza social e antropológica do universo africano em contraste com o universo europeu ou americano” (FERREIRA, 1989b, p.264).

Norma Sueli ressalta o nome de Maria Aparecida Ribeiro, professora da UERJ, também advinda dos estudos da literatura portuguesa, como a docente que nos anos 80 ofertou a disciplina eletiva sob inovadora nomenclatura de *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Já em 1995 as universidades UFRJ e USP curricularizam a disciplina como obrigatória, trajetória essa que adveio, conforme Abdala (apud Lima 1998 p. 24) “a partir da pós-graduação”, alicerçada nos estudos comparados, que era a proposta vigente à época.

1.2 As leis e suas implicações em relação ao ensino da literatura africana no Brasil

Em 20 de dezembro de 1961, João Goulart publicou a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que definia e regularizava o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição de 1934. Transcorridos 35 anos, em 20 de dezembro de 1996, foi promulgada a lei nº 9.394, sancionada por Fernando Henrique Cardoso, que ampliou a LDB anterior modificando alguns parâmetros, visando atualizá-la. A versão de 1996 garante, por exemplo, a ampliação do direito da educação dos 4 aos 17 anos, tornando obrigatória e gratuita a Educação Básica, além de especificar quais etapas seriam contempladas: pré-escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio, distribuindo as competências entre União, Estados, DF e Municípios.

O documento datado de 1996, no seu artigo 26, estabelece que:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

(...)

§4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia (LDB, 1996, Art 26).

O artigo 26 é o primeiro documento que especifica a obrigatoriedade do estudo de conteúdos advindos da matriz africana. No entanto, de acordo com Iris Amâncio (2008), tal como se apresentava o artigo apenas corroborava com uma prática pedagógica pautada na simples contribuição do indígena e do africano, fomentando um olhar exótico sobre os mesmos, reduzindo-os a meros produtores culturais de danças, artesanatos, comidas ou dialetos. Logo, o parâmetro utilizado ainda era o lusitano, eurocêntrico. Não há especificações de recortes históricos ou aspectos sociológicos inerentes à trajetória dos grupos raciais negros, o que traria como consequência positiva a reflexão crítica sobre a atual situação de desigualdade de acesso aos bens sociais como saúde, educação, trabalho e habitação. Da forma que estava redigido, segundo Amâncio (2008), o texto assumia um caráter monológico, dissociando as bases ideológicas fundamentais do contexto socioeconômico, visto que não basta apenas constar na Lei a importância dos povos, é necessário que a escola desempenhe o papel de revisora de uma história que ainda preserva práticas racistas no cotidiano das relações sociais. Perceber como se constroem socialmente categorias como cor e raça, não apenas sob o aspecto biológico; refletir sobre o sequestro e venda clandestina de negros para fins de trabalho escravo no Brasil; analisar os imaginários que sustentam as práticas do racismo, é papel das instituições de ensino.

Logo, a lei 10.639/2003 é acrescida à lei de 1996 e prevê “um diálogo escola/afro-brasilidade – em seu potencial de interatividade– que altera o lugar tradicionalmente conferido à matriz cultural africana, resgata e eleva a autoestima do alunado negro” (AMÂNCIO, 2008, p.37). Dessa forma, a lei converte-se em uma ação afirmativa, já que abre espaço para a vivência escolar que respeita o aluno como sujeito de uma história de valor, revisando a qualidade das ações étnico-raciais no Brasil, que são prioritariamente produzidas e reproduzidas nas escolas.

O texto da lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 diz:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. BRASIL. Lei 10.639/2003. Brasília, DF: Presidência da República, (2003)

Observando a nova redação, nota-se que não há apenas preocupação conteudista, de que o assunto seja abordado, mas são delimitados aspectos sobre a abordagem a ser adotada, pormenorizada a visão que se pretende abordada para fins de construção de uma educação ancorada em princípios antirracistas. Percebe-se, também, o destaque dado à literatura como disciplina capaz de desempenhar papel fundamental enquanto instrumento dessa prática que estabelece novas referências.

A partir da Lei de 2003 há um estreitamento das relações entre Brasil e África, propiciando a leitura de autores africanos que encontram no país a recepção de escritores e leitores que voltam seu olhar a escrita dos países que também foram colônia de Portugal. Os processos de luta pela independência, denunciados na literatura dos CINCO, reverberam como tema de interesse no Brasil. Há, conforme Ricardo Pedrosa (2021), após a Lei, um contexto político favorável em que houve um aumento significativo de bolsas de estudo, incrementando os programas de pós-graduação. O governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) iniciou a constituição de políticas promotoras de igualdade racial que foram continuadas e ampliadas nos governos do presidente Luís Inácio "Lula" da Silva e da presidenta Dilma Rousseff, ambos do PT. Esses dois últimos governos tinham como uma das pautas a questão racial em suas gestões e, para isso, buscaram: implementar o Plano Nacional da Igualdade Racial; garantir reserva de bolsas do Programa Universidade para TODOS (PROUNI), com vistas a possibilitar o acesso de alunos oriundos de escolas públicas, especialmente afrodescendentes e indígenas; criar a

Secretaria de Política de Promoção Racial (SEPPIR) para combater o racismo; assegurar a aplicação da lei 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (DCNERER); e implementar a política de cotas raciais.

Conforme Pedrosa (2021), há entre os anos de 1979 a 2004 um período *formativo* do campo de pesquisa na pós-graduação brasileira no que tange à literatura africana enquanto objeto de estudo. O intervalo compreende 131 trabalhos, sendo 100 deles versando sobre autores lusófonos. Já entre os anos de 2005 e 2012, sob a vigência da 10.639/2003³, há um período denominado pelo autor como *consolidação*, no qual há a defesa de 313 pesquisas, sendo 277 incluídas no quadro da lusofonia. Entre os anos de 2013 e 2018, período que Pedrosa considera que os estudos já estão estabelecidos no país, através de pesquisas disseminadas por várias universidades, há 556 defesas, sendo 461 referentes aos lusófonos. Há de salientar-se o breve período, seis anos, e o aumento significativo de trabalhos acadêmicos específicos sobre o assunto. O estudo feito pelo teórico aponta também que, nestes últimos anos, aumentou, dadas as proporções anteriores, a referência a autores fora da lusofonia, como, por exemplo, análises sobre obra da nigeriana Chimamanda Adiche.

A partir de 2008, indica Ricardo Pedrosa (2021) que o nome mais citado nas pesquisas universitárias é o de Mia Couto, o qual sozinho concentra 24% do total de citações. Até 2003, Luandino Vieira era o mais analisado, e entre 2004 e 2007, Pepetela. Partindo-se do pressuposto de que, na atualidade, a crítica literária produz fortuna crítica com determinado protagonismo moçambicano e mais numerosos autores literários do país são publicados em grandes editoras (no Brasil, em Portugal e no próprio país), propiciando maior circulação das obras, Moçambique será nossa referência norteadora, portanto, no estudo da Literatura dos CINCO. Note-se que não se pretende aqui

³ A lei 10.639/2003 foi modificada pela lei 11.645/08 que ampliou o escopo da obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira incluindo também a educação infantil, além de ampliar o conteúdo preconizando também a cultura indígena e outras etnias presentes na sociedade brasileira.

hierarquizar as literaturas, mas refletir acerca de um cenário diferente daquele que, no momento inicial da teorização, evidenciava Angola.

Dessa forma, passaremos a pormenorizar a Literatura Africana de língua portuguesa produzida em Moçambique, de forma a ajudar a elucidar, através de um recorte, a contextualização dos CINCO, pois compreendemos ser importante analisar de que forma um sistema literário surge, se consolida e passa a ser fonte de referência endógena.

2. A Literatura Moçambicana: um recorte elucidativo

Para que se possa compreender de que forma nasce o sistema literário moçambicano, entrelaçado a um sentimento moçambicanidade, de pertença à nação, nosso olhar se voltará à literatura publicada em jornais e periódicos produzidos ainda na época colonial. Em seguida, apresentamos a transformação da literatura pós-independência, quando se celebra um país recém liberto e, poucos anos depois, questiona-se a utopia da construção da nação e seus pretensos heróis. Por fim, os caminhos da contemporaneidade e reflexões acerca das produções atuais são trazidos à leitura, denotando o amadurecimento da literatura, desde a temática aos sujeitos de sua elaboração e crítica.

2.1 Formação da Literatura Moçambicana e o papel da imprensa

A Literatura Africana dos CINCO apresenta textos originais, simbólicos e, muito embora pudesse ter sido diferente, a língua portuguesa não fora capaz de silenciar a cultura e tradição já presente na África, ainda que assim pretendesse o colonizador. Várias são as discussões acerca da apropriação da língua pelo colonizado com intuito de subvertê-la e/ou torná-la instrumento de resistência. Cabe, portanto, percorrer a trajetória – iniciada pelas publicações portuguesas em terras africanas – vislumbrando de que forma a literatura atravessa o idioma e torna-se tão complexa a ponto de minar a estratégia colonial de dominação.

Segundo Hohlfeldt e Grabauska (2010), com a fuga da família Real de Portugal para o Brasil (1807), em virtude da invasão das tropas napoleônicas, houve a necessidade de que várias instituições migrassem do império para as colônias. Por esse motivo, e com intuito de obter informações sobre as colônias remanescentes, em 1836, Portugal decreta a criação de órgãos oficiais de informação. Em 13 de maio de 1854 é lançada a primeira edição do *Boletim do Governo da Província de Moçambique*. Alguns anos depois, 1868, surge o primeiro jornal não-oficial, *O Progresso*, possuindo apenas uma edição, cuja censura fora imposta em seguida pelo governo português.

Na medida em que nas últimas décadas do século XIX vai ocorrendo a miscigenação, surge uma nova categoria social, os denominados *assimilados*⁴, uma espécie de elite mulata, conforme Zamparoni (1998, p.373), e com eles nasce o embrião do que viria a ser um sentimento de moçambicanidade. Dessa forma, as ideias sobre colonização irão, lentamente, sendo modificadas, e algumas mudanças substanciais ocorrem na sociedade, como a implementação de escolas de alfabetização em Lourenço Marques – em 1891–, fundadas pela maçonaria, as quais serão integradas por meninas e meninos, tanto brancos quanto negros, ou a implementação de escolas profissionalizantes pela Missão Suíça de Lourenço Marques. Logo, pela necessidade de circulação de informação no país, de acordo com Hohlfeldt e Grabauska (2010), surgem publicações como *O Africano*, em Quelimane, em 1877, mas ainda com slogans como “religião, instrução e moralidade”. Contudo, importante sublinhar que, a partir deste momento, os periódicos passam a utilizar a palavra “africano” como adjetivo, visando ressaltar um sentimento de pertença: *Revista Africana* (1881), *Jornal Civilização Africana* (1886), *Clamor Africano* (1892) e semanários como *Missão Africana* e *Voz Africana*, já posteriores a 1930.

Dentre tantos nomes, inicialmente destacamos a figura de José Pedro da Silva Campos e Oliveira, mestiço, de origem familiar indiana, que publica em 1881 a *Revista Africana*, na qual escrevia vários textos assinados por distintos pseudônimos. Lembrando a poesia de Portugal, utilizava o mar como ambientação e possuía um tom bastante bucólico: “Eu nasci em Moçambique, de pais humildes provim, a cor negra que eles tinham, é a cor que tenho em mim” (1874 apud PATRAQUIM, 2017 p. 108). Segundo Manuel Ferreira (1989) ele será o primeiro poeta de língua portuguesa nascido em Moçambique e é reconhecido como autor que faz surgir os iniciais traços do que viria a ser considerado, posteriormente, uma literatura denominada *moçambicana*.

⁴ Termo que designava moçambicanos cujo comportamento era regido por normas portuguesas de conduta e saber. Pregava a desidentificação do moçambicano. Algumas denominações coloniais equivalem civilizado à assimilado. Para maiores detalhes, ver Valdemir Zamparoni “A política do assimilacionismo em Moçambique, c. 1890-1930” in Ignacio C. Delgado et al. (org), *Vozes do além da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas*. Editora UFJF, 2006, pp. 145-176.

Em 1908, na cidade de Lourenço Marques – hoje, Maputo–, João Albasini e seu irmão, José Albasini, fundam o jornal *O Africano* (1908-1918), que seria substituído pelo *O Brado Africano* (1918-1974). Conforme Francisco Noa (2017), o periódico trazia poesias de Noémia de Souza e textos de Rui Noronha, entre outros autores, nomes que posteriormente tornar-se-iam grandes expoentes da literatura moçambicana. A luta contra corrupção, a denúncia do abuso de autoridades coloniais em relação aos trabalhadores indígenas, cobrança de impostos exorbitantes, revolta contra as desigualdades raciais, eram alguns dos temas dos editoriais do jornal, cuja primeira edição foi lançada às vésperas do Natal. João Albasini assinava textos combativos à aprovação de leis que visavam institucionalizar a violência física a que negros não assimilados eram submetidos pelos seus patrões e também refutava teorias criadas pela ciência burguesa da época, as quais defendiam a supremacia dos brancos sobre os negros.

O jornal utilizava a língua portuguesa concomitante à língua de origem local, o Ronga, e fomentava a discussão sobre a língua do colonizador ser sonegada ao povo africano, fazendo com que a pluralidade linguística fosse uma estratégia utilizada para acentuar a divisão entre os próprios africanos, já que assim a comunicação tornava-se mais difícil e manter-se-ia uma suposta superioridade da colônia como forma de opressão cultural. Ademais, o jornal incentivava a apropriação da língua portuguesa – através das discussões e publicação da literatura – possibilitando aos moçambicanos o uso da mesma como arma ideológica ante o colonizador. *O Africano* torna-se o periódico mais vendido não somente na cidade de sua fundação, mas em toda Moçambique, enfrentando poderosas figuras de autoridade colonial, tendo sua publicação interrompida em 1909, após doze edições, retornando apenas em 1911.

João Albasini, para além dos significativos editoriais do *Africano*, também é considerado autor da primeira obra de ficção moçambicana, intitulada *O livro da dor* (edição póstuma, 1925). Cabe ressaltar algumas características dessa obra, cujo subtítulo é *Cartas de amor*. De acordo com Noa (2017, p.26) existe no livro “a representação da complexidade social, racial, linguística e política” denotando as divergências entre os nativos e as elites africanas que emergiam na nova sociedade colonial, com suas tradições

e conflitos estruturais. Apesar do tom ultrarromântico, com excesso de emoções e sentimentalismo, advindos da influência do romantismo, há inovação com o uso de uma linguagem fragmentada que visará esconder o nome de personagens de histórias reais da sociedade vigente contadas sob a perspectiva ficcional literária. Conforme Noa, há uma ambiguidade em relação ao gênero da obra, que pode ser lida enquanto romance, novela, diário ou, como o subtítulo sugere, cartas. Ou seja, já o primeiro livro ficcional moçambicano irá questionar a estabilidade do que entendemos enquanto literatura canônica e seus pressupostos, sobretudo do ponto de vista ocidental. Isso irá, posteriormente, ser característica de outros autores como Ungulani Ba Ka Khosa, cujo livro *Ualalapi* (1987) também despertaria debate crítico acerca do gênero literário – a obra apresenta um conjunto de seis contos que podem ser lidos de forma independente, mas que possuem intertextos entre si possibilitando a leitura enquanto romance. Logo, interrogamos sobre o quanto podemos aplicar a noção de cânone a uma literatura tão mutável sob o ponto de vista temático, estético e de período tão reduzido de produção literária.

Na esteira de Albasini, Rui Noronha tem sua poesia, *Sonetos* (1943), publicada seis anos após a sua morte. Tanto João Albasini quanto Rui Noronha destacaram-se como autores cujas crônicas, artigos de opinião e editoriais versavam acerca dos interesses africanos na busca de uma identidade, ainda que se utilizassem da estética e influência literária portuguesa. O poema *Surge et Ambula*, de Noronha, mesmo escrito sob a forma tradicional do soneto, trará versos que instigarão um discurso de levante da África, que implicará na noção de progresso advinda de um despertar:

Surge et ambula

Dormes! e o mundo marcha, ó pátria do mistério.
Dormes! e o mundo rola, o mundo vai seguindo...
O progresso caminha ao alto de um hemisfério
E tu dormes no outro sono o sono do teu infindo...

A selva faz de ti sinistro eremitério,
onde sozinha, à noite, a fera anda rugindo...
Lança-te o Tempo ao rosto estranho vitupério
E tu, ao Tempo alheia, ó África, dormindo...

Desperta. Já no alto adejam corvos
Ansiosos de cair e de beber aos sorvos

Teu sangue ainda quente, em carne sonâmbula...

Desperta. O teu dormir já foi mais que terreno...
Ouve a Voz do teu Progresso, este outro Nazareno
Que a mão te estende e diz-te: - África, surge et ambula!

Quando o Poeta "sacode" esse mundo e lhe
grita que desperte é ainda porque:

... no alto adejam corvos
Ansiosos de cair e de beber em sorvos
Teu sangue ainda quente, em carne sonâmbula (NORONHA, Rui
apud FERREIRA, 1989, p. 306).

Nesta fase, ainda sob a égide colonial, Rui Noronha representa a tentativa de problematizar o resultado do domínio português. Segundo Vanessa Rimbau (2019), Noronha é considerado o precursor da poesia moçambicana, embora ainda não haja uma noção de *moçambicanidade* e sim questões sobre africanidade e negritude.

Conforme Soares (2019), no ano de 1941 será publicada a revista *Itinerário* (1941-1955) em Lourenço Marques. Emerge, então, uma produção de qualidade estética, temática e ideológica que agrega a seus escritos uma consciência literária nacionalista. Integram a revista nomes como Fonseca Amaral, Noémia de Souza, José Craveirinha, Orlando Mendes, Virgílio Ferreira, Aníbal Aleluia e Rui Knopfli, autores cuja denúncia da realidade sociopolítica será presença marcante nos textos. A década de 40 seria caracterizada pelo surgimento desse e outros tantos periódicos mensais que possuíam características culturais parecidas. O *Itinerário* era propriedade de Fausto Rito e tinha direção de Alexandre Sobral de Campos e registra-se que a maioria dos nomes de escritores moçambicanos, posteriormente consagrados, irá pertencer ao corpo escritor de algum jornal.

Outra publicação que merece destaque no cenário de formação da literatura moçambicana é *Msaho* (Lourenço Marques, 1952). Francisco Noa (2017) elucida que "*Msaho*" é uma dança tradicional do sul de Moçambique e que o nome em si já era uma afronta ao sistema colonial e sua política de aculturação. Muitos autores que seriam referência na literatura moçambicana, posteriormente, escreveram para essa publicação de volume único, organizada por Virgílio de Lemos. Ter o seu nome vinculado a essas

publicações representava risco aos autores. Noémia de Souza, por exemplo, exilou-se em 1951 – em Portugal – em virtude da pressão política.

Assim, começa a formar-se um corpus referencial de textos africanos de língua portuguesa produzidos por moçambicanos. No campo da poesia, cada vez mais, ainda que fortemente embasadas na estética portuguesa, as obras ganham espaço e divulgação. Também importante objeto de circulação de textos foram os cadernos *Caliban* (1971). Conforme Simões (2011) os poetas Antônio Quadros, português, e Rui Knopfli, moçambicano, dirigem os cadernos que confrontam poesia moçambicana e experiências literárias europeias. Firmam-se nomes como José Craveirinha e Fonseca do Amaral, assim como o supracitado Rui Knopfli e Rui Nogar.

A década de 60, conforme Francisco Noa (2017), fora a consagradora de autores de narrativas, como Orlando Mendes, com *Portagem* (1966) primeiro romance moçambicano. A obra alude ao drama de um mulato, filho de um patrão branco e uma mulher negra, personagem que exterioriza sua condição híbrida biológica e cultural:

Eu já pensei até demais. Mal de mim é ser um mulato. Nossa raça toda a gente passa de lado. Outro dia, eu fui numa loja grande. Tinha lá um lugar de contínuo. Quando ouviram dizer no escritório que eu era mulato já não quiseram saber de mais nada. Mandaram a mim embora. Se era negro, eu tinha mesmo ficado com o lugar. Branco está sempre a pensar que mulato é filho dum crime. E eu também estou quase sempre a pensar que talvez é mesmo. E preto tem vergonha da gente[...] (MENDES apud NOA, 2009, p.98).

Também em 60 despontam contistas como Carneiro Gonçalves e ainda um dos nomes mais representativos da literatura moçambicana: Luís Bernardo Honwana. Em 1964, o autor publica *Nós matamos o cão tinhoso*, um conjunto de contos que traz, a partir do olhar infantil, da inocência de quem está a narrar, uma crítica social à metrópole. O livro de Honwana, ainda que lançado durante a época colonial, representa a nação moçambicana na metáfora da humanização do animal, um cão que está a agonizar, cheio de feridas, como seu país. Já o colonizador é retratado através dos adultos “infantilizados”, cujo passatempo é a jogatina e o raciocínio e comportamento são animalizados, irracionais. Essa literatura editada no país, pré-independência, traz para si

características de uma escrita em transição, que culminará na produção literária que emerge após 1975.

No ano da publicação de seu livro, 1964, Luís Bernardo Honwana é preso pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), assim como José Craveirinha e Rui Nogar. Sob o pretexto de que realizavam atividades subversivas de apoio à FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), contra a soberania de Portugal, os autores eram levados para celas disciplinares pela polícia portuguesa e ficavam incomunicáveis, ou dados como desaparecidos, como relata Raul Bernardo Honwana, pai de Luís Bernardo Honwana, em suas memórias.⁵ O escritor fica detido por quatro anos e quando sai da prisão seu livro estava banido. Contudo, em seguida – 1975 – o país tornar-se-ia independente e a obra ganharia notória relevância.

A atual capital moçambicana, Maputo, antes denominada Lourenço Marques, consolidou-se como cidade em 1880. Com o crescimento e urbanização, entre os anos de 1900 e 1930, segundo Idílio Rocha (2000), a cidade chegara a ter mais de 40 títulos de periódicos circulando. A imprensa teve suma importância não somente por divulgar os textos dos autores moçambicanos, mas por passar a ser a aglutinadora de um coletivo importante cujo objetivo seria a independência do país e faria da imprensa um instrumento de pressão. Intelectuais, na sua maioria assimilados e mestiços, os jornalistas serão a representação do universo suburbano do qual eles provêm e eram considerados detentores de algum tipo de poder junto ao Estado:

Em África, é comum a exaltação do escritor enquanto autor, visto como inspirado e dotado de preferência junto do poder. Esse compromisso está na base dos textos que são considerados pedagogicamente aceitáveis (MARTINHO, 2001, pg.232).

Logo, os textos fundadores passam a ser coligidos em coletâneas, antologias que condicionam a seleção textual a esses que possuem imbricados em si a representatividade de valores que sejam entendidos como

⁵Disponível em: <https://opais.co.mz/luis-bernardo-honwana-2-os-passos-a-pide-e-um-livro-de-referencia/>, acesso em: jun 2023.

comprometidos com a nação (ou a recorrente tentativa de pretensa unidade para que se pudesse forjá-la).

Se estendida a reflexão para os CINCO, verificamos que em todos os países os momentos de ruptura caracterizam-se pelo surgimento de movimentos literários ou obras significativas que rompem com os códigos estabelecidos. Conforme Nazaré Fonseca e Terezinha Taborda Moreira (2007, p.3), na Literatura Africana de Língua Portuguesa, são eles:

- a) Em Cabo Verde, a publicação da revista *Claridade* (1936-1960);
- b) Em São Tomé e Príncipe, a publicação do livro de Francisco José Tenreiro, *Ilha de nome Santo* (1942);
- c) Em Angola, o movimento “*Vamos descobrir Angola*” (1948) e a revista *Mensagem* (1951-1952);
- d) Em Moçambique, a publicação da revista *Msafo* (1952);
- e) Em Guiné-Bissau, a publicação de *Mantinhas para quem luta!* (1977), antologia publicada pelo Conselho Nacional de Cultura.

2.2 A trans(formação) da literatura moçambicana

João Paulo Borges Coelho discute em um artigo intitulado *E depois de Caliban? A história e os caminhos da literatura em Moçambique contemporâneo* (2009) a relação entre história e literatura. O autor indica a existência de três momentos na história da literatura moçambicana: o primeiro, a construção do nacionalismo; o segundo, socialismo real e erosão; e o terceiro, a procura de uma nova modernidade.

Retomando a temática da formação da literatura moçambicana, assim como Francisco Noa (2017), Borges Coelho também atribui ao jornal *O Brado Africano* o papel de agregador de escritores revolucionários, expoentes importantes do primeiro momento, do início da literatura moçambicana, os quais assumem sua condição africana. O teórico reflete que a temática nacionalista surge naturalmente e, a partir da década de 1960, com a intensificação da luta armada, a literatura, apesar de bastante diversificada, ganha coesão e aprofundamento estético.

Interessa-nos aqui, então, destacar o que diz Coelho (2009) acerca do que ele considera o segundo momento da literatura moçambicana, 1975. Com a conquista do poder pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), partido político oficialmente fundado em 25 de junho de 1962, e a independência nacional, muda totalmente o contexto da literatura em Moçambique e, diferentemente do que se poderia pensar, muda para pior. A FRELIMO entra nas cidades com grande desconfiança e a literatura, ainda que fosse aliada denunciando o regime colonial, passa a sofrer retaliações. Desaparecem editoras e livrarias, acentuando no país determinado bloqueio ideológico. Surge nesse período uma “poesia de combate” em que os poemas refletem a construção da nação vinculada à luta armada e na qual tradição e africanidade passam a ser, de certa forma, repudiadas. A literatura afasta-se da história, pois a leitura desta dava-se de forma “unitária”, perpassando nas obras somente o cunho ideológico pregado pela FRELIMO.

Segundo Fátima Mendonça (2008) com o regime de partido único instituiu-se uma concepção de literatura em que a ideia de autor nacional passa a estar associada a de território nacional, o que determinava “a condenação ou retirada da cidadania literária aos escritores que, por várias razões, não residiam ou tivessem deixado de residir no país” (MENDONÇA, 2008, p.27). De acordo com Mendonça:

A edição das antologias Poesia de combate 1, 2 e 3 pelo Departamento de Trabalho Ideológico da FRELIMO permitiu que, nos primeiros anos a seguir a independência, fossem divulgados poetas, cuja atividade se desenvolvera no âmbito do Movimento de Libertação e que, devido à censura política, tinham permanecido até aí desconhecidos dos seus compatriotas. Estavam nessa situação Armando Guebuza, Fernando Ganhão, Jorge Rebelo, Marcelino dos Santos/Kalungano e Sérgio Vieira. Significativamente, foram esses poetas que, conjuntamente com Noémia de Sousa, José Craveirinha e Rui Nogar, mais se fizeram ouvir, nos primeiros cinco anos de euforia, nas reuniões populares e recitais públicos, em que a poesia se apresentava num aparato declamatório característico da época, alargando-se, dessa forma, a destinação desses textos escritos àqueles para quem era apenas a oralidade a base da comunicação estética (MENDONÇA, 2011, p.5).

Conforme Borges Coelho (2009), José Craveirinha é um dos raros autores que consegue fazer uma ponte entre o primeiro e o terceiro momento da história da literatura moçambicana (construção do nacionalismo e procura

de uma nova nacionalidade) e se mantém fiel à sua temática, ainda que enverede mais para o lado intimista e de elaboração individual. Já no terceiro momento, após o acordo de paz firmado em 1992, que estabelece uma democracia multipartidária e uma ordem econômica neoliberal, há uma profunda alteração na realidade. O acordo de paz baseou-se no esquecimento, modificando radicalmente a memória coletiva tal como vinha sendo formulada:

Ao mesmo tempo, nos cerca de dez anos que seguiram, a FRELIMO viria como que perder o monopólio da versão da história inscrita na sua modernidade. Deixou de haver apenas uma versão do passado, uma só explicação; passam a competir várias, contraditórias.

Nesse contexto, a literatura deparou-se com novos desafios. O passado ou a utopia, por si só, eram insuficientes para responder a esses desafios. Os horrores da guerra tiraram-lhe a inocência. Surge uma nova geração de escritores: Mia Couto, Pauline Chiziane, Suleimane Cassamo. Instala-se novamente a perplexidade. Alguns falam em crise de uma literatura até então dependente de uma história almejada e pela qual lutava (primeiro momento), ou que, de certa forma, lhe era oferecida “de bandeja” (segundo momento). E, embora se assista no presente uma tentativa da FRELIMO de recuperação da antiga memória unitária, tentativa essa que corresponde às suas crescentes e cada vez mais esmagadoras vitórias eleitorais, é já muito difícil voltar atrás. Muita água correu debaixo da ponte. No mosaico de fragmentos que é a actualidade, nesses tempos globais tão dependentes de amnésia, dificilmente há o que espelhar com coerência. A literatura é obrigada a afastar-se, a refractar, a sondar interpretações paralelas. Como movimento, se é que se pode falar em movimento, a literatura está condenada a procurar no presente as novas relações com a história (COELHO, 2009, p.65).

A guerra que se instala em Moçambique é um conflito que possui dois momentos: a guerra da revolução, ou seja, a luta contra o colonizador, e a guerra da desilusão, quando instaurado o confronto civil interno pela reivindicação do poder.⁶ Logo, a literatura moçambicana também irá refletir esses dois momentos na sua formação. A produção literária no período pós-colonial se dá através de momentos distintos: o primeiro é centrado na exaltação patriótica, construção de heróis, fatos históricos, referências e

⁶Não nos deteremos em explanar, neste trabalho, as questões ligadas à guerra e seus desdobramentos. No entanto, para que se possa ter esse panorama, sugere-se a leitura de trabalho anterior elaborado pela autora na UFPel, no ano de 2010, dissertação intitulada “A MEMÓRIA COMO BÚSSOLA”: as representações do passado na obra de Mia Couto, disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Renata-Ribeiro.pdf>. O trabalho discute, para além da obra de Mia Couto, aspectos ligados à literatura, memória, processo de colonização africano, independência moçambicana e panorama geográfico e histórico do país.

celebração de um país recém-liberto. De acordo com Dutra (2010), tem a duração de quase dez anos, estendendo-se de 1975 a 1984-1985. O segundo momento se constrói justamente no questionamento do status dos heróis de outrora, revolvendo a utopia e as posições doutrinárias, com a *Revista Charrua*, surgida em 1984, que agregará nomes que serão conhecidos posteriormente como autores da *geração Charrua*.

Em 1982 é criada a AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos), com a participação de nomes como Luís Bernardo Honwana, Rui Nogar e Marcelino dos Santos. Desta forma, a atividade editorial e literária é impulsionada através de concursos, debates, premiações e promoção da divulgação das obras dos escritores moçambicanos. Conforme Mendonça (2011):

A criação de uma organização com vocação para promover o contato entre escritores veio despoletar uma nova dinâmica na vida literária do país, ainda não totalmente esgotada, embora nos dez primeiros anos de existência (que coincidiram, grosso modo, com um sistema político de partido único, de orientação socialista) se tenha assistido a uma mais clara percepção do seu papel. Foram criados núcleos nas cidades de Lichinga, Nampula e Beira, que promoviam animação, direcionada a um público leitor. A essas iniciativas regionais da AEMO acabaram por se associar outras, como aconteceu, na Beira, com a página “Diálogo”, do jornal Diário de Moçambique, dinamizada pelo poeta e jornalista Heliodoro Baptista; com os Cadernos Literários Xiphefo, de Inhambane; e com Horizonte, de Nampula. Em Maputo, sucederam-se sessões de leitura em bairros, organização de saraus de poesia e, a partir de março de 1985, com a iniciativa da imprensa e do rádio locais, os saraus Msaho – designação das sessões de poesia realizadas durante alguns anos no jardim Tunduru, onde Gulamo Khan também divulgou, através da declamação, poemas inéditos de José Craveirinha que adquiriram popularidade (...) (MENDONÇA, 2011, p. 8).

A *Revista Charrua*, publicada pela Associação de Escritores Moçambicanos, agrega autores que mudam a discursividade da então denominada, conforme Dutra (2010), *literatura de combate*. A busca pela liberdade estética e temática irá impulsionar a discussão acerca da literatura. Ungulani Ba Ka Khosa, Luís Carlos Patraquim, Suleimane Cassamo, Marcelo Panguana e Eduardo White são nomes que representam a que passa a ser denominada *Geração Charrua*. Em entrevista a Vanessa Riambau Pinheiro (2019) Ungulani Ba Ka Khosa comenta aspectos sobre a reivindicação de

alguns nomes de autores moçambicanos e a relação da AEMO com a FRELIMO:

VANESSA RIAMBAU PINHEIRO: Que relação você crê que exista entre a formação da nação moçambicana e as narrativas literárias?

BA KA KHOSA: Pergunta difícil de responder principalmente para minha geração: eu pertença a uma geração que nasce uma literatura após a independência, uma independência recente. Na minha geração colocou-se que tipo de narrativa faríamos quando começamos com atividade literária. É porque logo após a independência houve mais uma pretensão ideológica do que literária, houve a tentativa de se impor uma narrativa mais no campo da poesia porque era o gênero dominante, uma poesia de combate como resultado da guerra pela libertação, a chamada poesia de combate que imperou nos primeiros anos da independência por um lado; por outro lado, nesses primeiros anos da independência houve uma espécie de - eu não diria de declínio, mas as grandes figuras da literatura (eu falo de Rui Knopfli, eu falo de ensaístas como Eugénio Lisboa e tantos outros se assumiam na literatura e nós depois os reivindicamos mais tarde como o grupo Charrua). Esses migraram, saíram do país, e houve nessa altura uma tentativa, no quadro do nacionalismo muito estreito, de rejeitar, de certo modo, esses poetas como se pertencessem a uma outra galáxia. E aconteceu conosco foi que logo após a fundação da Charrua nós reivindicamos esses autores como autores moçambicanos. E o caso paradigmático foi a questão do Knopfli, que inclusive, creio que em 1985 ou em 1986 foi convidado e nós o recebemos, ele ficou extasiado com isso, porque afirmou-nos categoricamente que desde que havia saído de Moçambique tinha um grande problema com a escrita e com seu exílio. Nós tivemos de o reivindicar, reivindicar o universo que ultrapassava o nacionalismo ideológico estreito, baseado numa poesia de combate que por si morreu, porque era muito circunstancial (BA KA KHOSA in PINHEIRO, 2019, p.115).

VANESSA RIAMBAU PINHEIRO: E dessa questão política e ideológica a AEMO está desvinculada? Em algum momento esteve mais próxima da FRELIMO e agora já não está mais?

BA KA KHOSA: Eu acho que... a AEMO... eu sempre digo que a AEMO foi sempre uma zona libertada, porque mesmo a chamada poesia de combate, Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, como membros desta casa, na altura em que nós entramos em contradição aberta com a chamada poesia de combate, fundamos a Charrua, etc., nunca houve a tentativa de um silenciar de forma vigorosa, sempre a Associação emergiu de forma independente, e eles permitiram, de certo modo. Acho que também é uma tática dos regimes totalitários, às vezes, essa coisa de dar uma brecha. "Não, hoje em Moçambique há espaço." Então, tivemos este nosso espaço, eu acho que sim (BA KA KHOSA in PINHEIRO, 2019, p.119).

Assim, os fatos históricos são questionados pelos autores da geração Charrua e nasce a idéia de que podem ser narrados de maneira plural, conflitante, tanto no âmbito da história propriamente dita, quanto na esfera da ficcionalidade. Surgem também nomes como Mia Couto, o qual publica *Raiz de Orvalho*, em 1983, retomando determinado lirismo através de suas poesias e passando posteriormente à escrita de narrativas.

Importante destacar que, conforme Nazir Can (2020), mais de vinte anos separam o primeiro romance lançado em Moçambique, *Portagem*, de Orlando Mendes (1996) e *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa (1987), primeiro romance do período pós independência. Foram necessários doze anos para a primeira publicação do gênero pós-independência que, conforme supracitado, inicialmente era entendido enquanto uma compilação de contos. Também, conforme Can (2020) surpreende que a AEMO tenha surgido sete anos depois da congênera angolana, o que, segundo Nazir, é um sinal revelador da tensão existente entre os campos literário e político.

Nazir Can traz em sua obra *O campo literário moçambicano: tradução e formas de insílio* (2020) a reflexão de que o território moçambicano será apresentado através da ótica do insílio, uma espécie de exílio interno que designa o estranhamento vivido dentro da própria nação. Logo, não só personagens, mas também autores irão partilhar essa condição. Escritores consagrados, e aqueles denominados pelo teórico como ainda *invisíveis*, irão convergir para o fato de estarem atrelados a questões de natureza histórica e institucional. Raros seriam os autores que pertenceriam à elite política, como o caso de Luís Bernardo Honwana, mas que ainda assim não interseccionou ambas carreiras, pois só voltou a publicar ficção em 2017, *A velha casa de madeira e zinco*, depois da sua estreia em 1964 com *Nós matámos o Cão-Tinhoso*.

Essa representação moçambicana através do insílio, de acordo com Nazir (2020) inscreve a capital Maputo tardiamente nos romances. A geografia literária não contempla a cidade, diferentemente do que ocorre com Luanda, capital angolana. O espaço urbano não constitui as personagens e os usos estéticos e ideológicos não projetam nenhum tipo de homogeneidade interna, acentuando a constatação da presença de recorrentes conflitos. A inscrição

tardia de Maputo enquanto ambientação a revela como “capital do desencanto” (CAN, 2020, p.59). Os projetos literários que englobam desterrados (condução do herói a um isolamento irremediável) e destempos (insatisfação face ao tempo histórico) ajudam a compreender o insílio como representação de uma geografia situada fora da cidade, com o herói buscando alternativa externa para seus contratempos.

No pós guerra civil, na década de 90, salienta-se o surgimento de nomes de escritoras moçambicanas, ficcionistas como Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a publicar um romance, *Balada de amor ao vento* (1990), e também Lília Momplé, autora de obras como *Ninguém matou Suhura* (contos, 1988) e *Neighbours* (romance, 1996). Também datado nos anos 90, o romance *Terra Sonâmbula* (1992), de Mia Couto, inaugura a trajetória do autor para além da poesia, sendo hoje o escritor moçambicano cuja ficção mais circula no Brasil, junto a de Paulina Chiziane.

2.3 Caminhos da contemporaneidade

O surgimento de autores como Borges Coelho, representante do Norte moçambicano (exceção à maioria dos autores, oriundos do Sul), fazem-nos pensar em outros olhares, os quais evocam distinto imaginário literário e linguístico, que resultam de uma nova relação dos sujeitos autores e sua cultura, reescrevendo o cânone da Moçambique atual. Muito embora em seus romances Borges Coelho também evoque a temática da guerra, *As duas sombras do rio* (2003), *As visitas do Dr. Valdez* (2004), *Setentrião* (2005), suas narrativas irão, segundo Elena Brugioni (2019, p.80) “interrogar e pôr à prova o sentido do lugar e da(s) sua(s) h/Histórias”. Borges incorpora a construção da história articulando diferenças e evoca as fronteiras enquanto espaço de existência e compreensão das memórias locais através da oralidade e diferenciadas práticas de conhecimento e cultura. Conforme Brugioni (2019), Borges Coelho e sua obra fazem a crítica visitar vários tópicos conceituais e repensar paradigmas críticos para que se possa dar conta da análise de suas narrativas, pois existe especificidade dos lugares de enunciação dessa escrita literária africana, o que singulariza essa literatura através de posicionamentos

estéticos e filosóficos ancorados em experiência vivida e enunciada de passado e presente, inscrita no pós-colonial, que carece de crítica para além da historicidade e cronologia.

Para elucidar a temática da fronteira e suas implicações, podemos citar o primeiro *romance* de Borges Coelho, *As duas sombras do rio* (2003). Nele, o historiador/escritor evidencia através dos contatos fronteiriços as marcas do colonialismo português. A herança do período colonial, as dificuldades encontradas no pós-independência e a guerra civil são refletidas através de micronarrativas de personagens cujo testemunho servirá para que se repense a construção da história oficial.

O livro de Borges, ambientado na região do rio Zambeze, rio que divide o Norte e o Sul do país, inicia com um mapa, o qual desenha a região. As áreas fronteiriças da Zâmbia e Zimbábue também são destacadas. O protagonista, Leónidas Ntsato, é obrigado a fugir porque não é aceito em nenhum dos lados do rio Zambeze e ao longo da narrativa passamos a conhecer dualidades que o mesmo representa através de simbolismos como espíritos rivais que habitam seu corpo – a cobra, entidade protetora do Norte e o leão, entidade protetora do Sul – ou o espaço territorial inusitado de uma ilha, Cacessemo, situada no centro entre ambas as margens do rio, e na qual Leónidas irá exilar-se não somente geograficamente, mas também, segundo o conceito analisado por Nazir Can (2020), como forma de experienciar o insílio. A narrativa termina com Ntsato fundindo-se ao rio, por intermédio de um suicídio premeditado, quando percebe que não é capaz de sobreviver envolto em tantas dicotomias e opta por não escolher nenhuma das duas margens devido a sua ambivalência e capacidade de transitar entre os dois “mundos”.

Nesses hibridismos e fronteiras, como o explorado por Borges Coelho, há intertextos capazes de articular a percepção de que os sujeitos transitam entre identidades e muitas vezes não desejam a escolha de uma ou outra perspectiva. Por isso, o *transnacional* emerge como mais uma forma de entrada nessas narrativas, através do qual categorias de análise podem ser engendradas.

Há hoje na literatura moçambicana a retomada da publicação de poesia, com destacada presença da autoria feminina. Vanessa Riambau Pinheiro

(2020, pg.293) tece um estudo sobre a emancipação do corpo feminino na poesia de várias autoras contemporâneas moçambicanas: Lica Sebastião, Sónia Sultuane, Melita Matsinhe, Deusa D'África e Rinkel. O conjunto formado por essas autoras e o crescente debate em torno da poesia por elas produzida sugere outro viés temático, um feminino e feminismo distinto do explorado por as demais autoras precursoras dessas, como Paulina Chiziane ou Noémia de Souza. Ancorada na ideia de que o corpo feminino tem sido controlado por outrem, e sofrido as mais diversas violências, Pinheiro (2020) analisa poetisas cujos textos apontam para uma liberdade e autonomia do corpo feminino, seja através do desejo, da vaidade, da consciência do eu feminino, da dança. Exemplificando a análise, trazemos o excerto:

A fome que te tenho, descontrolada
de te ter, o de te possuir,
o meu corpo, fogo ardendo, queimando,
torna-se num imenso doloroso, num profundo,
os meus olhos vagueiam, olho-te,
o meu pensamento voa, os lábios incham,
a face dói,
a língua, esculpida na tua, toca-te, engole-te,
o meu corpo procura-te para o arrepiar
do sangue fervendo,
esta fome insaciável,
o leve,
o leve deste papel onde agora te sinto
sem o peso que é isso
(SULTUANE, 2002, p. 29).

Saboreias no meu corpo o gosto do amor,
nos meus mamilos dou-te o gosto do morango
carnudo,
no meu ventre o gosto de abacaxi,
nas minhas coxas, nessas, dou-te mangas verdes,
vens buscar na minha boca o açúcar,
para aprisionares e mordiscares a tua fruta,
nesse banquete inesquecível
(SULTUANE, 2009, p.17).

Esta noite dormi perdida, entregue nos teus
braços,
saciada e exausta,
deitei-me de ventre para baixo, nua,
deitada por cima de ti,
embriagada pelo teu cheiro, o calor do teu
corpo,
as tuas entranhas, o teu abdómen,
as tuas mãos, nas minhas costas,
o teu abraço guardando-me
profundamente,

para que não fugisse,
 para que não quebrasse o nosso laço de cumplicidade,
 adormecido estavas entregue a mim,
 longe de tudo e de todos,
 queria chamar-te
 para que me possuísse
 novamente,
 mas o teu sono era tão profundo,
 em paz, que fiquei ali,
 somente a contemplar-te
 como podias ser meu,
 sem estares ali, mas mesmo assim,
 fazendo parte deste meu sonho desperto.
 (SULTUANE, 2006, p.11).

Vanessa Riambau (2020) explora o poema de Sónia Sultuane trazendo à luz o erótico contido nos versos:

A produção lírica de Sónia Sultuane, publicada desde o começo dos anos 2000, inaugura a temática erótica de autoria feminina em Moçambique. Podemos perceber que a poeta encarna o corpo erotizado, em uma lírica de volúpia e sedução. No primeiro poema, existe a manifestação do desejo sexual, sentido de formas ensório-corporal tão fortemente expressa que provoca até mesmo sofrimento pela ausência do objeto de desejo: “o meu corpo, fogo ardendo, queimando, /torna-se num imenso doloroso, num profundo, /os meus olhos vagueiam, olho-te, /o meu pensamento voa, /os lábios incham, a face dói [...]”.

Neste poema, podemos observar verbos que expressam o forte desejo sexual em progressão, como os gerúndios “ardendo” e “queimando”; a seguir, são reveladas as consequências físicas danão satisfação deste desejo, a partir de verbos como “inchar” e “doer”. A fim de suplantar o meramente carnal, a imaginação do eu-lírico também é intensificada (“o meu pensamento voa”); entretanto, ao final, a vontade carnal não satisfeita converte-se em dor, como confirma o verso “torna-se num imenso doloroso” (PINHEIRO, 2020, p.303-304).

A contemporaneidade revela um corpo que pode ser experimentado, analisado, retextualizado e, sobretudo, livre. Tratar o corpo como objeto é reduzi-lo àquilo que se pode moldar, ser utilitário e/ou descartável conforme o desejo de quem o possui, daquele que é (ou se considera) seu dono. Logo, a presença dessa temática na obra contemporânea moçambicana não deixa de ser um novo grito de liberdade, já que busca desobjetificar o corpo e entendê-lo como algo que nos leva a compreensão da maneira pela qual o homem

socializa. Conforme Lima (2013) o corpo biológico pode ser prisioneiro do corpo social, quando o tornamos submisso e objeto, tornando-o uma espécie de mercadoria a qual podemos consumir e controlar. O corpo natural é negligenciado em detrimento a algo que precisa ser reinventado, conforme a necessidade e imposição do mercado. Se observada essa nova relação com o corpo expressa por Sónia Sultuane, percebe-se uma movimentação em direção a um corpo cuja significação possa estar ligada também a valores e trajetória pessoal, trazendo marcas de afeto e desejo que agora podem inscrever-se e serem traduzidas na poesia, afastando-se das práticas de mercantilização como as já denunciadas em *Balada de amor ao vento* (CHIZIANE, 1990) ou *Niketché* (CHIZIANE, 2004).

Em algum momento da teorização acerca da literatura moçambicana houve quem decretasse a *morte* da mesma, questionando se haveria produção literária quando passado o período imediato pós-independência e os desdobramentos sobre os quais obras tratavam, ocupando-se, sobretudo, da temática da luta contra a colônia portuguesa e conflito civil interno. Atenta a esse questionamento, sobre a produção ou não de literatura nos anos pós 2010, especificamente, Sara Jona Laisse (2020), teórica moçambicana, faz um detalhado levantamento acerca de nomes e obras de autores do período compreendido entre 2010 e 2020. O artigo publicado em *Dos percursos pelas Áfricas: a literatura de Moçambique* (2020) organizado pelos professores da UFPB Vanessa Rimbaud Pinheiro e Sávio Freitas merece atenta leitura. Denominado *Rastos e Rostos da Última Década – 2010/2020* o texto elucida a metodologia utilizada para selecionar os autores para formar o que Laisse (2020, p.224) chama de “cartografia da produção literária”. Engendrando conceitos advindos da Sociologia da Leitura e da História da Literatura, a autora colige 291 obras, encontrando 181 autores, sendo 49 escritoras e 132 escritores. Conforme Sara Jona Laisse, o recenseamento abrangeu livros de distintas editoras:

O conjunto das obras rastreadas foi publicado por editoras nacionais e estrangeiras, nomeadamente: Alcance, Brinduka, Selo Jovem, Indico, Escola Portuguesa de Moçambique, Xidjumba, Oleba, Fundza, Fundação Fernando Leite Couto, TDM e FUNDAC (estas duas últimas, que não sendo editoras, publicaram obras resultantes dos seus concursos Literários), Cavalo do Mar, EthalePublishing, Ndjira

(actualmente integrada no Grupo Leya), MOLIJU, Literatas, AEMO, JV, Kuvaninga, Plural, Chil, Kuvaninga -Cartão d'Arte e Imagem Real; Kwandika, Kapulana, Chiado, Letras, Mwishini, CEMD, Labirinto de Letras, INCM, PAWA, Texto Editores, Editorial Novembro e EMIJOMO (LAISSE,2020,p.228).

Para além do levantamento de autoria, Laisse busca refletir acerca do conjunto formado pelas obras e traz um arcabouço de nomes de teóricos moçambicanos que pesquisaram sobre as obras dos referidos autores citados enquadrando teoricamente o período abarcado e explanando as inovações estéticas do conjunto de autores. A saber, Sara categoriza alguns conjuntos de nomes como escritores de: Romance Histórico, obras Infanto-juvenis, Romance Policial, Romance Autoficcional, Poesia Biográfica e Ficção Jornalística.

Conforme Laisse (2020) Ungulani Ba Ka Khosa era quem mais produzia livros de Romance Histórico. A ele, neste período, somou-se Paulina Chiziane, com as obras *O Alegre Canto da Perdiz* e *As Andorinhas*; Aurélio Furdela, com a sua obra *Saga d'Ouro*; Adelino Timóteo, com *Apocalipse dos Predadores* e *Os Oitos Maridos de dona Luíza Michaela da Cruz*; Mia Couto, com *Mulheres de Cinza*, *A Espada e a Azagaia* e *O Bebedor de Horizontes* e João P. B. Coelho, com *O Olho de Hertzog*.

No que tange às obras infantis, houve, segundo Laisse (2020), significativo aumento na produção, cujo mapeamento apontou como autores (acompanhados de seus ilustradores): Adelino Timóteo e Silva Dunduro; Alexandre Dunduro e Orlando Mondlane; Benjamin João e Carmen Muianga; Carlos Santos; Celso Cossa e Alberto Correia; Celso Cossa e Luís Cardoso; Cristiana Pereira; Ivânea Mudanisse/"Dama do Bling"; Fátima Langa; Hélder Faife e Mauro Manhiça; Marcelo Panguana e Luís Cardoso; Margarida Abrantes; Mauro Brito e Bárbara Marques; Mia Couto e Malangatana; Pedro Pereira Lopes e Filipa Pontes; Pedro Pereira Lopes e Luís Cardoso; Pedro Pereira Lopes e Walter Zand; Rogério Manjate e Celestino Mudaulane; Rogério Manjate e Ivone Ralha; Sara Rosário; Sónia Sultuane; Tatiana Pinto; Tatiana Pinto e Tomás Muchanga; Ungulani ba ka Khosa e Américo Manave.

Destaca-se também o Romance Policial, gênero até então pouco usual na literatura moçambicana, observando-se autoria de: Lucílio Manjate, em *A Legítima dor da dona Sebastiana* e *Rabhia*, Pedro Pereira Lopes, através da

obra *Mundo Grave*, e Virgília Ferrão, com *O Inspector Xindzimila*. O Romance autoficcional surge com Cri Essência, *Em Busca do Mar Certo*, Álvaro Carmo Vaz, *Um Rapaz Tranquilo – Memórias Imaginadas*, e João Paulo Borges Coelho, *Ponta Gêa*. A Poesia Biográfica tem como representante Álvaro Taruma, em *Para uma Cartografia da Noite*. Seguindo as “inovações”, conforme Laisse (2020), destaca-se a Ficção Jornalística de Bento Baloi, intitulada *Recados da Alma*.

Sara Jona Laisse reflete que alguns escritores produziram o que se pode chamar literatura engajada, em uma perspectiva do que denomina “Artivismo” (LAISSE, 2020, p.5), mencionando: Sangare Okapi, *Os Poros da Concha*; Adelino Timóteo, *Nação Pária*; Japone Arijuane, *Ferramentas para Desmontar a noite*; Hélder Faife, *Pandza*; *Contos de Fuga e Poemas em Sacos Vazios que Ficam de pé*; Álvaro Taruma, *Para uma Cartografia da Noite*; Eduardo White, *O Libreto da Miséria*; Dany Wambirre, *A Adubada Fecundidade e outros Contos*; Eduardo Quive, *Lágrimas da Vida, Sorriso da Morte*; Sérgio Raimundo/“Poeta Militar”, *Avental de um Poeta Doméstico*; Paulina Chiziane (quase toda a sua obra); Clemente Bata, *Retratos de um Instante e outras Coisas*.

Escrevendo na perspectiva da chamada Arte pela arte, Laisse (2020) cita Léo Cote; Nelson Lineu; Hélder Faife; Amosse Mucavele; Andes Chivangue; Tânia Tomé, Emmy Xys; Sónia Sultuane, Ana Mafalda Leite; Rogério Manjate e Hirondina Joshua, autores esses em sua maioria do campo da poesia.

Não nos deteremos à análise detalhada de obras ou autores literários neste trabalho, mas buscamos demonstrar a existência e pluralidade de vozes literárias moçambicanas, refutando a idéia de que existem poucos nomes a serem explorados e/ou que existiu um hiato nas publicações em algum momento depois da independência.

No estudo da literatura moçambicana, extensivo aos demais países dos CINCO, uma das maiores dificuldades é encontrar referências relativas a aspectos de periodização da literatura produzida nesses países. Sendo assim, buscamos contruibuir trazendo para este espaço de reflexão algumas propostas relativas à sistematização dos períodos literários, visando que sejam

aqui compreendidas como resultado advindo do entendimento da necessidade do estabelecimento de novos padrões.

2.4 Propostas de periodização literária moçambicana

O estudo da literatura na África – como um todo – e dos CINCO, enquanto conjunto ou sistemas literários independentes, revelaram a necessidade da adoção de novos aparatos conceituais. Também os pressupostos epistemológicos – aqui compreendidos enquanto interações que fazem parte da pesquisa e o contexto em que o pesquisador se insere e a partir do qual opera suas investigações – denotaram a necessidade da adoção de novos padrões. Conforme Ana Mafalda Leite “Moçambique possui um cânone em formação mais do que um cânone formado (...) e a ausência de uma história da literatura moçambicana prejudica a formação desse cânone” (LEITE, in PINHEIRO, 2019, p.130).

Destarte, torna-se necessário conhecer e difundir as propostas delineadas por alguns teóricos estudiosos da área. O professor brasileiro Manoel Souza e Silva, em sua tese orientada por Maria Aparecida Santilli, na USP, denominada *Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique*, defendida em 1990 e publicada em formato de livro em 1996, defende proposta de periodização da literatura moçambicana tendo como pressuposto categorias anteriores de classificação dos períodos desenvolvidas por Fanon, Mário Pinto de Andrade e Orlando Mendes. Silva divide a produção poética em:

a) “O Eco Rebelde”. Busca dos nexos existentes entre o projeto de ocupação colonial – ocupação física – e aquilo que se conhece como assimilacionismo e suas relações com a poesia produzida pelos colonizados.

b) “Negros de Todo o Mundo, o que é Isto?!” Rastreamento de algumas coordenadas gerais do Movimento da Negritude, sua constituição e concretização nas ex-colônias portuguesas e, especificamente, em Moçambique.

c) “A Pátria Parida”. Exame das contradições e da série de polêmicas que envolvem o conceito de literatura nacional no contexto da colonização.

d) “Da Polana à Mafalala”. Tentativa de exame da formação/consolidação da poesia moçambicana, tomando por base poetas – nem sempre bafejados pela unanimidade – que concorrem para a afirmação e independência, ao nível literário, de Moçambique.

e) “O Troco da Troca”. Leitura da poesia produzida na situação de guerra e guerrilha, tentando estabelecer sua vinculação com as coordenadas políticas da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), com os mecanismos de expropriação dos meios de expressão do colonizador e sua utilização contra a opressão colonial, sua rebeldia radical na ruptura com a visão colonialista e, mais que tudo, procurando expor sua profunda ligação com o homem, a terra e a natureza de Moçambique. (SILVA, 1996, p.24-25 apud SILVAa 2010, p.43)

A partir de um levantamento histórico, Manoel busca evidenciar a consolidação da poesia moçambicana orientada pela relação entre colonizado e colônia. Cabe salientar, no entanto, que o autor estabelece parâmetros de periodização observando apenas a poesia.

Ao longo do nosso trabalho, buscamos trazer um inventário de teóricos brasileiros, portugueses e moçambicanos que se dedicaram à pesquisa acerca dos CINCO e da literatura moçambicana. Mais de um crítico ocupou-se da tarefa de pensar a historiografia de Moçambique. Logo, propostas de Manuel Ferreira (1987), Fátima Mendonça (1988), Manoel de Souza e Silva (1996), Pires Laranjeira (1995; 2001), Francisco Noa (2002) e Borges Coelho (2009) dão conta de discutir e problematizar fases da história da literatura moçambicana. Também Mário Pinto de Andrade, Orlando Mendes e Frantz Fanon, conforme Ana Claudia Silva (2010), buscaram sistematizar referências. Segundo a autora: “Afora a obra de Pires Laranjeira, em que a história social aparece permeada com critérios estéticos; nas demais, as tentativas de periodização estão fortemente marcadas pela história nacional (SILVA, 2010, p.54).

A seguir, reproduzimos a tabela ilustrativa elaborada por Ana Cláudia Silva (2010), na qual outras propostas de periodização aparecem ilustradas:

Manuel Ferrelra	Fátima Mendonça	Frantz Fanon	Mário Pinto de Andrade	Orlando Mendes	Manoel de Souza e Silva	Pires Laranjeira (1995a)	Pires Laranjeira (2001)
<i>Descobertas e expansão</i>						<i>Incipiência</i> (poemas esparsos)	<i>Baixo Romantismo</i>
<i>Literatura colonial</i>	1925 (publicação de <i>O livro da dor</i> , de J. Albasini) a 1945/47	<i>Assimilação</i>		<i>Repressão cultural e resistência</i> (lit. de assimilação)	<i>"O Eco Rebelde"</i> (assimilacionismo)	<i>Prelúdio</i> (1925 a 1945)	<i>Negro-Realismo</i>
<i>Literatura de sentimento nacional</i>	1945/47 (rebeldia contra o sistema colonial) a 1964	<i>Constatação</i> (Negritude)	<i>Negritude</i>	<i>Nacionalismo e literatura</i> (1940-1950)	<i>"Negros de Todo o Mundo, o que é Isto?!"</i> (Negritude)	<i>Formação</i> (1945/48 – fim da II Guerra Mundial e Negritude – a 1963)	<i>Regionalismo africano</i> (1901-1941) <i>Casticismo</i> (1942-1960)
<i>Literatura de consciência nacional</i>			<i>Particularização</i> (poemas incidem mais na realidade social do país)	<i>Literatura de protesto</i> (1960-1970) <i>Literatura de confrontação</i> (poesia urbana dos anos 70 do séc. XX)	<i>"A Pátria Parida"</i> (nacionalismo na literatura) <i>"Da Polana à Mafalala"</i> (consolidação da poesia moçambicana)		
	1964 (início da campanha da Frelimo) a 1975 (Independência)	<i>Combate</i>	<i>Combate</i>	<i>Literatura de ruptura</i> (literatura de combate)	<i>"O Troco da Troca"</i> (poesia vinculada à ideologia da Frelimo)	<i>Desenvolvimento</i> (1964 a 1975)	<i>Resistência</i> (1961-1974)
				<i>Literatura em liberdade</i> (pós-independência)		<i>Consolidação</i> (1975 a 1992/93 – publicação de <i>T. sonâmbula</i>)	<i>Contemporaneidade</i> (1975-1988)

Tabela 1: Fases da história da literatura moçambicana (SILVA, 2010, p.55).

Pensamos ser pertinente adicionar às propostas vislumbradas na sistematização descrita as considerações de Francisco Noa (2002) que pesquisando sobre a literatura colonial a classifica enquanto “*exótica, doutrinária e cosmopolita*” (NOA, 2002, p.76). Ademais, da mesa forma, merece destaque Borges Coelho (2009) quando assinala a existência de três momentos na história da literatura moçambicana: *a construção do nacionalismo; socialismo real e erosão; procura de uma nova modernidade* (COELHO, 2009, p.61-65). Acreditamos serem ambos teóricos referência significativa da crítica endógena contemporânea, pois possuem sólida trajetória na pesquisa em/sobre Moçambique.

Isto posto, nosso próximo capítulo fará um inventário da teorização que envolve a literatura produzida nos CINCO englobando Portugal, Brasil e Moçambique enquanto alicerces balizadores das discussões. Buscamos relatar como a crítica se reinventa, mas também encontra resistência à mudança.

3. Aportes teóricos da literatura africana

Para que se possa compreender os caminhos da teorização e o amadurecimento das discussões, apresentamos as formulações postuladas pelos portugueses no âmbito inicial da crítica e a reverberação/modificação, no Brasil, destes pilares teóricos. Ademais, traçamos um breve histórico da consolidação da intelectualidade moçambicana e o surgimento de universidades que fomentam os estudos da literatura africana.

3.1 Início da teorização: Portugal

As primeiras antologias de textos africanos em língua portuguesa surgem como coletâneas de poesias publicadas em Lisboa pela CEI (Casa dos Estudantes do Império). Afirmo Inocência Mata (2013) que a publicação, denominada inicialmente de *Mensagem-Boletim da Casa dos Estudantes do Império*, transforma-se em revista e é publicada entre 1948 e 1964, sendo assumidamente um veículo de contestação. O projeto era formado por intelectuais da metrópole e da colônia, de forma coletiva, e os textos nele publicados são considerados fundacionais dos sistemas literários africanos, cabendo ressaltar que de seis antologias de textos quatro são prefaciadas por um português –Alfredo Margarido –, o qual também editou e colaborou na seleção dos textos.

Somado a isso, Amândio César publica um livro intitulado *Parágrafos de literatura ultramarina* (1967) no qual a qualidade dos textos de autores moçambicanos insipientes como Glória Sant’Anna, Orlando Mendes, Sebastião Alba, Fernando Couto e Rui Knopfli será exaltada. A obra de Amândio foi considerada um incentivo aos autores principiantes e entendida como divulgação da literatura colonial, o que desagradou o governo português que recusava a existência Moçambique enquanto país e tampouco reconhecia a existência de uma literatura moçambicana. Conforme Spinuzza (2013), as manifestações críticas em Portugal acerca da literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa irão referir-se a essas produções enquanto “literatura ultramarina”. Essa denominação advém do fato de que em 1951, de acordo com NEWITT (1997), a Constituição Portuguesa será objeto de uma

revisão e o termo colônia será substituído por província ultramarina, visando ratificar que os territórios africanos e Portugal constituem um único país indivisível. *Literatura ultramarina* seria a expressão corrente utilizada pelos portugueses para dar conta dos textos publicados além-mar no período colonial.

À época, como alude Ana Cândia da Silva (2010), alguns autores hoje considerados consagrados, como Luís Bernardo Honwana, eram ironizados pela crítica colonial. Rodrigues Junior em 1966 versará sobre *Nós matamos o cão tinoso!* publicada por Honwana em 1964, como uma obra escrita por um autor jovem demais, carente de vivências, capaz de mostrar apenas um ponto de vista, e sugere ainda que textos como “*As mãos dos pretos*” (1964), conto que integra o livro, jamais deveriam ter sido escritos e publicados. Essa era a perspectiva da maior parte da crítica portuguesa sobre a literatura produzida nas colônias, acreditando que a África retratada pelos autores nas obras ficcionais não era condizente com a realidade e que os mesmos não poderiam ser reconhecidos como porta voz dos países já que não apresentavam qualidade nos seus escritos, fosse estética ou de conteúdo valorativo e significativo.

No entanto, Manuel Ferreira, escritor, crítico e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o qual residiu por muito tempo em Cabo Verde, casando-se com a escritora caboverdiana Orlanda Amarílis e convivendo com grupos intelectuais do país, manifesta-se, de forma pioneira, como pesquisador da Literatura produzida nas colônias e organiza as antologias *No reino de Caliban*, publicadas em três volumes (1975, 1976, 1996). Além disso, cria em 1974, na universidade em que atuava, a disciplina *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Conforme Pires Laranjeira:

A constituição do objeto instituído, num primeiro tempo (anos 70 e 80), como “literaturas africanas de expressão portuguesa”, passando-se, depois, a outras denominações grupais ou (mais) individualizadas, foi indissociável do enquadramento legislativo do Estado português, institucionalizando-se no ensino superior, primeiro localizadamente em Lisboa, na FLUL, e, depois, com a criação, na licenciatura de Estudos Portugueses, nas Faculdades de Letras, das chamadas “cadeiras” (disciplinas), com a designação de “Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa”, pelo decreto-lei n.º 53 de 1978, do Ministro Sottomayor Cardia. Essa constituição do objeto implicou, portanto, uma sistematicidade no ensino superior, ou seja, o

aparecimento de profissionais da matéria: docentes, investigadores, críticos(LARANJEIRA, 2023, p.19).

A designação *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* nomeará o livro de Manuel Ferreira publicado em 1987, uma revolução em termos teóricos, se analisado que o tratamento destinado ao estudo da literatura produzida nas colônias era considerá-la como apêndice da literatura portuguesa. A obra de Ferreira foi o primeiro livro a sistematizar e analisar criticamente a produção literária de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. O professor da Universidade de Lisboa propõe reformular a teoria e segmentar a literatura, até então compreendida e nomeada como *literatura ultramarina*, em dois outros campos de denominação: *literatura colonial* e *literaturas africanas de expressão portuguesa*:

É fundamental reter essa divisão como princípio metodológico e recorte epistemológico essencial. São, na verdade, duas literaturas distintas. A primeira, a literatura colonial, pelo fato de vincular ao enunciado do universo narrativo ou poético essencialmente o homem europeu, numa perspectiva eurocêntrica. No texto da literatura colonial, por décadas exaltada, o homem negro aparece como que por acidente, por vezes visto paternalisticamente, o que, quando acontece, já é um avanço, porque a norma é sua marginalização ou coisificação.

O branco é elevado à categoria de herói mítico, de desbravador das terras inóspitas, o portador de uma cultura superior. Ele é, no texto literário e no pensamento de quem o redige e organiza, o habitante privilegiado e soberano, o prolongamento da pátria e o mítico semeador de utopias. Nele reside o ânimo e a consciência da posse da terra e das gentes e, com algumas exceções, a assunção do predestinado redentor com dom imperial (FERREIRA, 1987, p.11).

Em contraponto ao que define como literatura colonial, Manuel Ferreira entenderá que as literaturas africanas são o oposto da colonial, visto que nelas o universo africano apresenta a perspectiva vista de dentro, ausente de uma visão exótica ou folclórica. Na africana, os textos caracterizavam-se por apresentar um solidário tratamento literário ao negro e o sujeito enunciator revela-se moldado organicamente, representando especificidades, valorizando o universo africano, em contraste com o sujeito colonial que busca prolongar e representar a realidade colonial.

Assim, passa a ser a obra do autor referência para cursos universitários, já que o livro traz um apanhado de nomes de autores dos cinco

países a que dedica o estudo, inventariando a obra dos mesmos e elucidando através de trechos literários pontuais reflexões. Em *O discurso no percurso africano I* (1989b) irá propor a observação de quatro momentos fundamentais da escrita africana, sobretudo da poesia. O primeiro, trata do escritor em estado de alienação cultural, não havendo particularidades temáticas ou culturais; o segundo, já alude à autoria inicial manifestação da percepção da realidade; o terceiro caracteriza-se pela consciência dos poetas da sua condição de colonizado, quando a prática da escrita se consolida no país, convergindo para o quarto momento, a independência nacional e individualidade do escritor africano, produzindo temas que discutem identidade.

Para além disso, o viés da análise desenvolvida por Manuel Ferreira é positiva em relação às produções literárias que abarca, ou seja, de dentro do sistema universitário português, expressa-se a valoração através da crítica e tal enunciação foi de fundamental importância para o reconhecimento internacional da literatura produzida nas colônias africanas. Ferreira também foi editor da revista *África*⁷, que, conforme LARANJEIRA (1995, p.126) fora “a melhor revista do gênero publicada em Portugal e uma das melhores do mundo”, contando com 14 edições entre os anos de 1976-1981, publicando inúmeras reflexões teóricas sobre as literaturas africanas em português além de poemas inéditos e edições temáticas, como número dedicado a Agostinho Neto.

Acompanhando a evolução das pesquisas nas universidades portuguesas, nos anais do *I Encontro de professores de literaturas africanas de língua portuguesa: repensando a africanidade*, realizado em 1991, em Niterói, Luis Kandjimbo (1991, p.112) traz o dado de que até 1989 foram defendidas 11 teses de mestrado e 5 teses de doutoramento nas seis universidades portuguesas que lecionavam a disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. As faculdades que se seguiram a de Lisboa foram: Faculdade de Letras de Coimbra (79/80), Universidade de Évora (75/76), Universidade Nova de Lisboa (81/82), Universidade do Porto (76/77) e Universidade Católica (80/81).

⁷Pode-se ler exemplar disponível em: <https://pt.scribd.com/document/583069713/Africa-Literatura-Arte-e-Cultura-Manuel-Ferreira-Z-lib-org#>, acesso em: jun 2023.

Outro nome teórico a ser destacado é Alfredo Margarido. Nascido em Portugal, o crítico, poeta e artista plástico é enviado nos anos 50 para as colônias africanas a serviço do governo português. Porém, ao denunciar as barbáries do regime, quando instaurada a ditadura, seu retorno ao país é vetado. Casa-se com Maria Manuela Margarido, uma poetisa santomense, a qual também se dedicava a causa do combate anticolonialista, e que foi presa pela PIDE em 1962. Em 1964, ambos se exilam em Paris, onde se integram aos movimentos de esquerda. Dada a história do seu ativismo contra o colonialismo, Alfredo Margarido só retorna a Portugal após 1974, quando o levante popular e militar denominado Revolução dos Cravos acaba com o salazarismo português e restabelece o regime democrático, inexistente desde 1926. Enquanto professor, Margarido lecionou em várias universidades francesas (Paris, Vincennes, Amiens)⁸. No Brasil, integrou o corpo docente da USP, UNICAMP, UFRJ e UFPB. Posteriormente, retorna para Portugal atuando em Lisboa. O autor contribuiu com a discussão ao publicar *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa* (1980) em que defende a denominação *Literatura das nações africanas de língua portuguesa* para designar os CINCO.

Alfredo Margarido (1987) afirma que a recuperação da autonomia cultural antecipava e confirmava a recuperação da autonomia política. Ou seja, buscando uma expressão própria, subvertendo o discurso do colonizador para que se pudessem compreender outras versões da história, além da oficial, haveria também mudança no cenário político, visto que a luta pela independência primaria por um pensamento baseado na resignificação do que é ser africano. Logo, o projeto não é só cultural e literário, mas também político e compromissado com referentes históricos.

Também Salvato Trigo figura na lista de autores que discutem teoricamente a literatura produzida nos CINCO enfatizando em suas obras e falas a importância do comparativismo e de se conhecer os textos produzidos na fase colonial. Segundo Trigo (1987, p.147) “há, pois, que ler essa literatura não com um sentido permanente de destruição, de terrorismo leitoral, que só

⁸ Mais detalhes da biografia do autor disponível em:
https://cedae.iel.unicamp.br/fundos/Fundo_AM.pdf e
<https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/96125/95347>, acesso em: jun 2023.

denotam insegurança e intolerância do leitor/crítico, tão contrárias ao espírito científico, mas com um sentido de pesquisa e de aprendizagem”. Logo, afirma:

A literatura colonial caracteriza-se justamente pelo facto de os seus cultores não abdicarem da sua identidade, das referências culturais e civilizacionais dos seus países, embora tentem mostrar-se integrados no meio e na sociedade nova de que fazem parte. Isto é, a literatura colonial pretender ser, fundamentalmente, um hino de louvor à civilização colonizadora, à metrópole e à nação do colono, cujos actos de heroicidade e de aventureirismo, de humanidade e de estoicismo são, quase sempre, enquadrados por uma visão maniqueísta da vida e do mundo envolvente (TRIGO, 1987, p.144-145).

Ainda sobre a temática, adverte:

Hoje, infelizmente, as nossas histórias literárias e os nossos programas ainda não concedem à literatura colonial o lugar que ela merece, deixando, assim, o público estudantil e leitor privado do contacto com obras valiosas não só do ponto de vista documental, mas também ético-estético, concorde-se ou não com o seu conteúdo (TRIGO, 1986, p.135).

Salvato Trigo, entre outras discussões, irá discorrer sobre a influência da literatura brasileira na construção da literatura angolana⁹ e dedicará pesquisa à obra de Francisco José Tenreiro, poeta da ilha de São Tomé, cuja coletânea de poemas prefaciou¹⁰. Entre seus textos significativos, estão inclusos: *Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa* (1977), *A poética da geração da <<Mensagem>>* (1979), *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira* (1986), *Literatura colonial/ Literaturas Africanas* (1987) “Prefácio”. *Francisco José Tenreiro. Obra Poética* (1991), *O primitivismo literário de influência brasileira na poesia de Angola* (2000).¹¹ Salvato Trigo foi professor da Universidade do Porto e, posteriormente, fundador e reitor da Universidade Fernando Pessoa. Conforme entrevista concedida a Lara Oliveira (2022, p.1), Trigo, nascido em Ponte e Lima, cidade portuguesa, afirma:

⁹ TRIGO, Salvato. O primitivismo literário de influência brasileira na poesia de Angola in *Brasil 500 anos de Língua Portuguesa: congresso internacional. Rio de Janeiro, RJ, ed. Agora da Ilha* (2000, p.134 -142)

¹⁰ . TRIGO, Salvato. “Prefácio”. *Francisco José Tenreiro. Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

¹¹ Mais desdobramentos e bibliografia do autor podem ser obtidos em: <https://www.ufp.pt/inicio/conhecer-a-ufp/nota-curricular/>, acesso em: jun 2023.

“Exerci, fundamentalmente, a atividade de docente durante mais de 40 anos (...) tive experiência em Angola, ao ter sido diretor de um colégio, e uma experiência na África do Sul onde fui professor”.

Prosseguindo no levantamento dos teóricos portugueses, salientamos o nome de Pires Laranjeira, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 1981. O autor, segundo suas palavras, completou em 2021 “ 50 anos de dedicação à literatura angolana (como crítico e divulgador) e 40 anos dedicado às Cinco literaturas africanas de língua portuguesa (como investigador e professor) ” (LARANJEIRA,2023. p.15). Conforme entrevista concedida ao site LOID (Livre Opinião – Ideias em Debate)¹², Laranjeira atuou como militar do exército português em Angola e iniciou a carreira de crítico literário em 1972 nos jornais de Luanda. Em 1976 publica uma antologia sobre poesia angolana e em 1981 assume a docência em Literaturas Africanas. Em Luanda, relacionou-se com diversos intelectuais e autores locais, como Ruy Duarte de Carvalho, e se envolveu com a temática da luta anticolonial, solicitando a Portugal sua disponibilidade para o status de civil.

José Luís Pires Laranjeira licenciou-se pela FLUP (Porto), cursou mestrado na FLUL (Lisboa) e doutorado na FLUC (Coimbra). O pesquisador teve seu trabalho de mestrado orientado por Manuel Ferreira e sua tese de doutorado (1994), por Carlos Reis, a qual fora publicada sob forma de livro no ano posterior à defesa, intitulado *A Negritude Africana de Língua Portuguesa* (1995). Laranjeira também coordenou o manual *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa* (1995), junto a Inocência Mata e Elsa Rodrigues dos Santos, cabendo destacar na obra a proposta de periodização da literatura moçambicana em que o autor propõe uma divisão da historiografia literária moçambicana em cinco períodos distintos: Incipiência, Prelúdio, Formação, Desenvolvimento e Consolidação, historiografia que, em 2001, no artigo *Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa* (Laranjeira, 2001) iria reformular, sugerindo as fases: Romantismo, Negro-realismo, Nativismo, Folclorismo, Regionalismo, Casticismo, Resistência e Contemporaneidade.

¹²Disponível em: <https://livreopiniao.com/2014/12/08/pires-laranjeira-precisamos-lutar-sempre-todos-em-todo-o-lado-cada-um-segundo-as-suas-possibilidades-e-aptidoes-por-uma-humanidade-melhor/>, acesso em: jun 2023.

Também vale enfatizar o levantamento denominado *Bibliografia Crítica Essencial*, publicado na revista *Discursos* (1995, p.115-134) em que José Luís Pires Laranjeira traça um breve panorama de textos teóricos e autores que considera relevantes para o estudo da literatura dos CINCO, além de elencar as principais revistas publicadas. Através de um texto sucinto, mas elucidativo, as obras são explanadas e tal referencial pode servir de apoio a quem busca os caminhos iniciais da teorização. Recentemente, dado o jubilamento de Pires Laranjeira datado de 2021 pela passagem dos seus 70 anos, uma coletânea de textos acerca da vida e obra do autor, *Em busca a todas as Áfricas do mundo: homenagem a Pires Laranjeira (2023)* foi editada e contou com colaboração de escritores e teóricos de várias nacionalidades. Nela, também o crítico se fez presente através de um artigo, *O conteúdo desse continente: homenagem* (2023, p.15-34) do qual extraímos um excerto que complementa e atualiza sua referenciação:

Esses homens e mulheres têm contribuído para a recepção, crítica e divulgação das Cinco literaturas em Portugal: Alberto Carvalho, Alfredo Margarido, Ana Mafalda Leite, Ana Maria Martinho, Fernanda Cavacas, Francisco Soares, Francisco Topa, Inocência Mata, José Carlos Venâncio, Lola Geraldine Xavier, Manuel Ferreira, Mário António Fernandes de Oliveira, Salvato Trigo.

Refiram-se também os nomes de outros professores e autores, alguns não necessariamente docentes do ensino superior ou sequer no ativo, que têm livros ou artigos constituindo contributos assinaláveis e consideráveis, além de terem defendido em Portugal as suas teses de doutoramento, de seguida publicadas noutros países: Alberto Oliveira Pinto, Ana Lúcia de Sá, Ana Margarida Fonseca, Ana T. Rocha, Antonio de Pádua de Souza e Silva, António Martins, Armindo da Costa Gameiro, Cândido Beirante, Carla Ferreira, Catarina Rodrigues, Celina Martins, Cristina Vieira, Doris Wieser, Elena Brugioni, Elisabeth Ceita Vera Cruz, Elsa Rodrigues dos Santos, Eugénio Lisboa, Fabrice Schurmans, Inês Nascimento Rodrigues, Jessica Falconi, Joana Passos, Leonel Cosme, Margarida Calafate Ribeiro, Margarida Fernandes, Maria-Benedita Basto, Maria Cristina Pacheco, Maria de Lurdes Sampaio, Maria do Carmo Mendes, Maria do Céu Bouça Gomes, Maria Fernanda Afonso, Maria Luísa Baptista, Maria Manuela Araújo, Maria Rosa da Rocha Valente Sil Monteiro, Sheila Khan, Petar Petrov, Rui Guilherme Gabriel. Somos todos devedores de todos.

Somos os viandantes das literaturas africanas (LARANJEIRA, 2023, p. 30-31).

Logo, é possível observar a quantidade de nomes de teóricos sobre os quais não iremos pontuar a miúdo, mas cujo trabalho buscamos exaltar pinçando a fala do professor Pires Laranjeira, que tece nomes de professores portugueses – e também de outras nacionalidades¹³ – que refletiram sobre a literatura dos CINCO e expandiram a crítica e historiografia lusitana sobre os CINCO para além mar, anunciando novos nuances.

Aliás, salientamos que todos os autores pertencentes ao desenvolvimento da fortuna crítica em Portugal – que foram neste breve inventário aludidos de forma individualizada – tiveram vivência em algum país dos CINCO. Logo, mesmo não possuindo lugar de fala enquanto africanos, percebe-se latente o quesito solidariedade e apoio perante a luta anticolonial. Por essa razão, estendemos aqui para o conjunto de teóricos a concepção aplicada por Hountondji quando discute o campo da filosofia, criticando a etnofilosofia, contudo reconhece que, mesmo externos à filosofia africana, os autores produziram inegavelmente “solidariedade temática ou até mesmo a cumplicidade intelectual” (HOUNTONDJI, 2002 p.7).

Concluimos o percurso sobre o início da teorização acerca da Literatura Africana dos CINCO em Portugal listando autores que, recorrentemente, são citados em trabalhos de pesquisa e que, portanto, merecem ênfase e reconhecimento: Aldónio Gomes, Ana Mafalda Leite¹⁴, Ana

¹³Desde Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto ou Amílcar Cabral, passando por Alexandre Pinheiro Torres, Fernando J. B. Martinho, Ana Mafalda Leite, Inocência Mata, Salvato Trigo, Francisco Soares, Benjamin Abdala Junior, Maria Aparecida Santilli, Laura Padilha, até Michel Laban, Jean-Michel Massa, Gerald Moser ou Russel Hamilton (refiro estes outros nomes com a consciência de que há faltas). No campo africano, além dos já referidos, desde Luís Kandjimbo, ao estudar formas de nativismo, até Francisco Noa, ao pesquisar o relevo da literatura colonial na formação do gosto literário dos escritores moçambicanos, passando pela antropologia do imaginário ancestral de Virgílio Coelho ou pela teorização artística de Adriano Mixinge, pela revisão de alguma filosofia banto ou da poesia de Agostinho Neto, de Pedro Francisco Miguel, praticam-se estudos culturais, da subalternidade e da pós-colonialidade sem conceitos ou imagens deles devedores, devendo referir-se ainda Nataniel Ngomane, Lourenço do Rosário ou Fátima Mendonça (LARANJEIRA, 2023, p.25)

¹⁴Ana Mafalda Leite figura na fortuna crítica portuguesa por tratar-se de professora pertencente ao corpo docente da Universidade de Lisboa, a partir da qual assina a maioria dos seus textos. No entanto, mais adiante, sua perspectiva luso-moçambicana será abordada como tema de reflexão.

Maria Martinho, Carlos Reis, Inocência Mata¹⁵, Fernanda Cavacas, Francisco Topa e Margarida Calafate Ribeiro.

3.2 Percursos dos estudos no Brasil

Tomando como referência os textos coligidos no início do nosso trabalho, quando explanados foram os marcos do ensino da literatura dos CINCO no Brasil, é notório que a USP a partir de Fernando Mourão e Maria Aparecida Santilli, seguidos por Benjamin Abdala Jr, acompanhados simultaneamente pelas docentes Laura Padilha (UFF), Carmen Lucia Tindó Secco (UFRJ), Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC-MG) e Elisalva Madruga Dantas (UFPB) protagonizam um grupo sólido de estudo que dará suporte teórico para que outras coletividades produzam pesquisas e discussões na área. Somamos a eles as relevantes pesquisas e produções de Tânia Celestino de Macêdo (USP), Rita Chaves (USP), Vima Lia de Rossi Martin (USP), Mário Cesar Lugarinho (USP), Rejane Vecchia (USP), Teresa Salgado (UFRJ), Simone Caputo Gomes (UFRJ), Maria do Carmo Sepúlveda Campos (UFF), Silvio Renato Jorge (UFF), Iris Maria da Costa Amâncio (UFF), Norma Sueli Rosa Lima (UERJ), Ângela Vaz Leão (PUC-MG), Terezinha Taborda Moreira (PUC-MG), Jane Tutikian (UFRGS), Manoel de Souza e Silva (UNILAB), Thomas Bonnici (UEM), Simone Pereira Schmidt (UFSC), Elena Brugioni (UNICAMP), Vanessa Riambau Pinheiro (UFPB), Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFPB), Ana Beatriz Matte Braun (UTFPR) e Ricardo Luiz Pedrosa Alves (UEPG).

Situando nosso trabalho a partir da metade sul do Rio Grande do Sul, a partir da compreensão de que os sujeitos, experiências e contextos em que se inserem são importantes dentro da área dos estudos da Literatura dos CINCO, distinguimos à parte os pares que do Sul tecem análise, cujos trabalhos em algum momento da trajetória docente, a partir de publicações e orientações, sobretudo, inclinaram-se para a Literatura Africana, reconhecendo neles o esforço e contribuição para as discussões: Daniel

¹⁵ Também Inocência Mata é destacada enquanto fortuna crítica produzida em Portugal pois é a partir da Universidade de Lisboa que tem partilhado sua teoria. Contudo, retorna seu nome enquanto intelectual advinda de São Tomé e Príncipe em posterior análise neste trabalho.

Conte (FEEVALE), José Luís Giovanoni Fornos (FURG), Alfeu SpareMBERGER (UFPel), Aulus Mandagará Martins (UFPel), Gustavo Henrique Rückert (UFPel) e Ana Lúcia LiberatoTettamanzy (UFRGS). Além disso, digno de nota é o protagonismo da professora Jane Tutikian (UFRGS) na área, cuja produção influencia e norteia os estudos regionalmente, mas também figura e circula no âmbito nacional e internacional da fortuna crítica, destacando também a professora Maria Luíza Remédios (PUC-RS) que já na década de 80 dedicava-se a conhecer autores africanos e fomentar os estudos na área.

Sabemos não ser possível citar todos os estudiosos e obras significativas da produção teórica brasileira. No entanto, destacaremos algumas referências produzidas pelos pesquisadores nacionais cujas obras são recorrentemente citadas, enumerando livros que os mesmos subscrevem figurando enquanto autores e/ou organizadores, cientes de que representam ínfima parte de sua trajetória intelectual.

Nosso inventário inicia-se com referência à Benjamin Abdala Junior. Conforme Maged Gebaly (2009) Abdala entra para o curso de Letras da USP em 1966. Em 1968, já atuava como professor de um colégio estadual, além de participar do grêmio da universidade e publicar textos de cunho político em semanários. Depois do AI5, ato institucional imposto pela ditadura, é preso e fica detido entre os anos de 1969 e 1971. No presídio em que se encontrava, outros estudantes, operários e intelectuais também estavam encarcerados, o que propiciou a conviência e solidariedade entre os presos políticos. Além disso, segundo Gebaly (2009), Maria Aparecida Santilli, sua professora de literatura portuguesa, que lhe enviava livros sobre o neorrealismo português, para que, quando liberto, Abdala fizesse o mestrado sob orientação dela. Em 1971, quando sai da prisão, Benjamin obtém uma bolsa para estudo em Portugal, onde é recebido pelos autores neorrealistas. Quando retorna ao Brasil, é aprovado para ser professor da USP; sua nomeação, no entanto, demora mais de dois anos para ser deferida em virtude de perseguições políticas.

No mestrado, estudou a literatura portuguesa através de uma perspectiva brasileira contemporânea, apontando para uma nova ótica dos

estudos comparados na qual era importante buscar o que existe de brasileiro na cultura portuguesa e reciprocamente:

Benjamin explica que após a crise do capitalismo financeiro, em 2008, o mundo entrou numa etapa de regulação, que vem acompanhada de discursos e práticas que visam à administração da diferença, que é importante para quem quer manter a hegemonia. Neste momento de repactualização, onde a influência dos blocos é notória, faz-se preciso que as diferenças sejam situadas de maneira crítica, em interações produtivas. Mais do que o respeito aos “outros” a convicção de se pode - e é interessante - aprender com esses “outros”. Reciprocidade é o que importa (GEBALY, 2009, p.3).

Refletindo sobre comparatismo literário, em 1989 foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Literatura Comparada e entre os anos de 1992-1994 ocupou o cargo de presidente da ABRALIC. Voltado para a concepção do intelectual sobre a percepção do outro e o reconhecimento das diferenças, Benjamin defende os programas de cooperação solidária Sul-Sul, nos quais se administram essas diferenças compreendendo que existe uma articulação e é possível aprender com a potencialidade e diferença do outro, sobretudo quando se analisa de que forma isso se traduz nos textos literários. Dessa forma, nas relações não existe mais apenas o conceito de Solidariedade, mas de cooperação, a qual cria pontes culturais e trânsitos que são enriquecidos na experiência com o outro.

Partindo dessa perspectiva, Benjamin Abdala Junior é autor de *Literatura, história e política* (1989); *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural* (2002); *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos* (2003); *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas - Portugal* (2007); *Literatura comparada e relações comunitárias, Hoje* (2012); *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas* (2004); *Portos flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos* (2004); *Literatura Comparada e relações comunitárias, hoje* (2012); *Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia* (2014); *Literatura e memória política* (2014).

A supracitada Maria Aparecida Santilli torna-se professora da USP em 1960, instituição com a qual permanece vinculada até o ano de seu falecimento, em 2008. Destacou-se por, no início dos anos 70, abrir uma nova área de estudos: a disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, no

âmbito do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Conforme Abdala Jr (2020, p.16) “estudando temas relacionados a questões de identidade das literaturas de língua portuguesa (em especial, a Portuguesa), Santilli visitou várias universidades norte-americanas proferindo conferências”. Em seguida, no início dos anos 80 esteve em Angola, a convite do governo. Depois, Cabo Verde e Moçambique. Em decorrência das pesquisas sobre as relações entre literatura e história, e distinções teóricas e críticas que ela estabelecia entre ficção e História, suas pesquisas influenciaram muitos outros trabalhos enquanto referência.

Para além da pesquisa, Maria Aparecida Santilli também militava politicamente contra o Salazarismo estabelecido em Portugal, postura que se estende quando da implantação do regime ditatorial no Brasil. No âmbito da universidade portuguesa, teve contato estreito com Manuel Ferreira, que lhe concedeu acesso a sua biblioteca pessoal, propiciando contato com os textos da literatura africana de língua portuguesa. Influenciada por Ferreira e Orlanda Amarílis, Santilli, estudiosa de autores portugueses como Eça de Queiroz, passa também a apreciar autores africanos. Autora de *Estórias Africanas, Histórias e Antologia* (1985); *Africanidade - Esboços Literários* (1985); *Literaturas de Língua Portuguesa - Marcos e Marcas - Cabo Verde* (2007); *paralelas e Tangentes (Entre Literaturas de Língua Portuguesa)* (2003), Maria Aparecida Santilli, atua, conforme Abdala Jr (2020) articulando os campos da política e do conhecimento, enfatizando os países de língua portuguesa. Dessa forma, repactua a política e economia analisando os processos de mundialização, tornando a pesquisa voltada para as necessidades do país, não apenas voltada para si mesma. Assim, contrariava os fluxos hegemônicos e imposições culturais, desenhando um comunitarismo cultural supranacional, de forma crítica, mas otimista.

Somado aos nomes de Santilli e Abdala Jr, destacamos Manoel de Souza e Silva. O teórico foi professor da escola secundária em Moçambique, entre 1978 e 1980, ministrando as disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura Moçambicana. Atuou como professor visitante da UEM entre os anos de 2002 a 2004. A tese de Manoel, orientada por Santilli em 1990, *Do alheio ao*

próprio: a poesia em Moçambique, tece inovadora proposta de periodização da literatura moçambicana analisando a poesia produzida no país.

Significativas também são as reflexões do autor sobre o currículo da universidade brasileira quando redige proposta de implementação das disciplinas de Literaturas brasileira, portuguesa e africana na UNILAB, tópico que discutiremos em capítulo posterior. Souza e Silva tem como destacadas publicações: *Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique* (1996); *A poesia moçambicana: gênese, crise e crítica* (artigo, 1997); *Vozes e Ecos da Negritude: Panorama Visto do Cerrado* (artigo, 2002); *Cecília Meireles e Noémia de Sousa: trocas de olhares* (artigo, 2011).

Ainda no âmbito da USP, evidenciaremos Rita Chaves e Tânia Celestino de Macêdo. Ambas orientadas por Benjamin Abdala Jr, Rita e Tânia são nomes que se sobressaem no que diz respeito à massa crítica produzida no Brasil acerca da literatura dos CINCO.

Rita Chaves, conforme David & Paulino (2008), graduou-se em Letras pela Universidade Federal Fluminense em 1978 no Rio de Janeiro. Ainda na graduação, teve influência da Profa. Dra. Vilma Arêas que lhe apresentou as literaturas africanas de língua portuguesa. Chaves defendeu seu mestrado em 1984 na UFF e em 1993 doutorou-se em Letras pela USP com a tese: *A formação do romance angolano: entre intenções e gestos*. A docente possui dois estágios de pós-doutorado na Universidade Eduardo Mondlane, onde atuou como professora visitante entre os anos de 2008 e 2010, e também foi professora visitante na Yale University, entre os anos de 1996 e 1997.

Muitas são as obras produzidas e/ou editadas por Rita Chaves. Entre elas, destacamos: *A formação do romance angolano* (1999); *Angola e Moçambique: o lugar das diferenças nas identidades em processo* (2001); *Brasil/África: como se o mar fosse mentira* (2003); *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico* (2003); *Angola e Moçambique - experiência colonial e territórios literários* (2005); *Boaventura Cardoso a escrita em processo* (2005); *Brasil/África: como se o mar fosse mentira* (2006); *Marcas da diferença* (2006); *Literaturas de língua portuguesa - Marcos e Marcas - Angola* (2007); *A kindá e a misanga - Encontros Brasileiros com a Literatura Angolana* (2007); *Portanto...Pepetela* (2009); *Contos africanos de língua*

portuguesa (2009); *Mia Couto: o desejo de contar e de inventar* (2010); *Passagens para o Índico - Encontros brasileiros com a Literatura Moçambicana* (2012); *Mia Couto um convite à diferença* (2013); *Narrating the post colonial nation* (2014); *Diálogos com Ruy Duarte de Carvalho* (2019); *Geografias literárias em língua portuguesa no século XXI* (2021); *Áfricas, Literatura e Contemporaneidade - Memória, imaginário e narrativa: trânsitos* (2022); *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários* (2022).

Com intensa produção acadêmica, inúmeros livros escritos e participação em eventos como palestrante, autora, arguidora, Rita Chaves sempre traz frescor à área através de seus questionamentos, temas de reflexão e constante troca com os países dos CINCO enquanto representante da academia brasileira.

Encerramos o breve delineamento do núcleo da USP, cientes da impossibilidade de sermos mais abrangentes, com a produção de Tânia Celestino de Macêdo. Desde a dissertação de mestrado, com a pesquisa *Da Inconfidência à Revolução (trajetória do trabalho artístico de José Luandino Vieira)*, Tânia volta seu olhar para Angola, tema que aprofunda através da tese de doutoramento intitulada *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade (imagens de Luanda na literatura angolana contemporânea)*, ambas sob tutela de Benjamin Abdala Jr.

Macedo aposentou-se pela UNESP (Campus de Assis) e atualmente é professora titular da USP, onde leciona Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, sendo também vice-diretora do Centro de Estudos Africanos e Secretária-Geral do Instituto Casa das Áfricas. A docente atua na área de Letras, com ênfase em Estudos Comparados de Literaturas de Línguas Portuguesa, possuindo mais de um estágio de pós-doutoramento na Universidade de Lisboa. Tânia ministrou disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Literaturas de Língua Portuguesa da UAN – Universidade Agostinho Neto, em Luanda – Angola, e, segundo Mantolvani (2010), publicou artigos e capítulos de livros em diversos países como Portugal, Angola, Moçambique, Bélgica e Brasil, sempre tendo como compromisso as relações que entrelaçam literatura e igualdade racial. Algumas das obras escritas e/ou organizadas por Tânia Macedo são: *Angola e Brasil: estudos comparados*

(2002), *Portanto... Pepetela* (2002), *Brasil/África. Como se o mar fosse mentira* (2003), *Literaturas em movimento. Hibridismo cultural e exercício crítico* (2003), *II Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (2005), *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa* (2006), *Literaturas de língua portuguesa - Marcos e Marcas – Moçambique* (2007), *A Kinda e a Misanga - Encontros brasileiros sobre a literatura angolana* (2007), *Mia Couto: o desejo de contar e de inventar* (2010), *Mia Couto, um convite à diferença* (2013) e *Literatura e outras artes, Construção da memória em Angola e Moçambique* (2017).

Colaborando na composição de uma bibliografia expressiva para os estudos das literaturas africanas de língua portuguesa, Tânia Celestino de Macêdo denota, desde as primeiras publicações que envolvem referências ao ensino da literatura dos CINCO no Brasil, preocupação e afiada percepção acerca dos rumos da docência na área, assim como dos desdobramentos teóricos que a implementação de tais estudos nas universidades tensionou.

Para deslocar-nos do núcleo da USP, que pioneiras discussões articulou, mantendo desde então constância nas produções acadêmicas, delineando sólida trajetória e alcançando notória projeção, elegemos pontuais docentes vinculados a UFF, UFRJ, UFRGS, UFPB e PUC-MG por perceber que tais instituições são pólos de produção do conhecimento na área de estudo da literatura dos CINCO e que os professores citados representam – através de sua obra e carreira docente – o mais fiel retrato do que se pode compreender enquanto conceito de Resistência, revelando um esforço contínuo para concretização e longevidade de núcleos de ensino das literaturas africanas.

Incontornável referência, Laura Cavalcanti Padilha, professora emérita da Universidade Federal Fluminense, é uma das maiores pesquisadoras sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. A docente graduou-se em Letras pela Universidade do Brasil (1959), cursou o mestrado em Letras na Universidade Federal Fluminense (1978), doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988) e o pós-doutorado na Universidade de São Paulo (2006). Ao longo de sua trajetória acadêmica, Padilha produziu inúmeros ensaios críticos sobre a obra de diversos escritores africanos e marcou a

historiografia crítica das Literaturas Africanas sobretudo no Brasil, em Portugal e nos CINCO.

A trajetória da autora é marcada pela produção de uma teoria que abarca estudos sobre oralidade, identidade, colonialismo e pós-colonialismo, relacionando a crítica à história e à política, analisando de que forma permeiam o fazer literário e as obras. Laura Padilha dedicou-se ao estudo de autores portugueses, como Eça de Queiroz, autor cuja obra analisara no mestrado. No entanto, a partir da década de 80, já na pesquisa do doutorado, demonstrou atenção singular à literatura africana. Sua tese originou o livro *Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX* (1995/2007), obra premiada e que, ainda hoje, é uma das principais referências para a pesquisa na área. Em *Entre voz e letra* (2007) Laura Padilha pondera que é possível encontrar na literatura angolana – análise essa que cremos hoje poder estender-se a outras literaturas dos CINCO – textos que pertencem a um entrelugar, situados entre o oral e o escrito, que ficam “em um ponto de confluência signífica em que se dá o encontro da magia da voz com a artesanaria da letra” (PADILHA, 2007, p. 31). Teóricos como Edward Said, Makhily Gassama, Homi Bhabha, Linda Hutcheon e Walter Benjamin norteiam as reflexões.

No ano de 2002 é publicado “*Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*”, obra de Laura Padilha prefaciada por Inocência Mata, composta por ensaios que versam sobre a ficção angolana pós-1975; opera conceitos como tradição e ruptura; desterritorialização, exílio, corpo africano e feminino. Tais teorias são basilares na análise que faz das obras de autores como Mia Couto, Helder Macedo, Boaventura Cardoso, Pepetela, Paula Tavares e Alda Lara. Logo, observados os temas, se percebe quão abrangente e profundo é o interesse de Padilha pela literatura dos CINCO. Também são publicações da autora *Mário Pinto de Andrade: um intelectual na política* (2001); *A mulher em África - Vozes de uma margem sempre presente* (2007); *Lendo Angola* (2008); *De Guerras e Violências: palavra, corpo, imagem* (2011).

Padilha e seu compromisso com a pesquisa nesta área enriqueceram imensamente nosso entendimento das vozes, histórias e perspectivas que

emanam do continente africano. Laura foi voz que desafiou estereótipos e preconceitos que, por muito tempo, obscureceram o estudo das obras literárias dos CINCO e abraçou a diversidade que delas advinha.

Ademais, ainda no eixo do Rio de Janeiro, Carmen Lucia Tindó Secco é outra importante referência teórica no estudo das Literaturas Africanas. Professora titular de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, cursou doutorado nessa instituição (1992) e pós-doutorado na Universidade Federal Fluminense, com estágio na Universidade Politécnica de Moçambique (2009-2010), sob supervisão de Laura Padilha.

Tindó Secco é autora/editora de vários textos relevantes, entre eles: *A magia das Letras Africanas: Angola e Moçambique* (2003/2021); *Pensando África: literatura, arte, cultura e ensino* (2010); *África, escritas literárias* (2010); *África & Brasil: Letras em Laços - volume 2* (2010); *Luís Carlos Patraquim: Antologia Poética* (2011); *Vozes e Rostos Femininos de Moçambique* (2013); *A Poesia Africana de Autoria Feminina* (2019); *Nação e Narrativa Pós-Colonial III- Literatura e Cinema Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe* (2018); *Pensando o cinema moçambicano* (2018); *CineGrafias moçambicanas* (2019); *CineGrafias Angolanas: Memórias & Reflexões* (2022) ; *Afrolic: literatura, desigualdade, ensino vol. 1,2,3* (2022), dentre outros.

Em *A magia das Letras Africanas: Angola e Moçambique* (2003/2021) múltiplos ensaios dão conta de discutir autores como Manuel Rui, Luandino Vieira, Pepetela, Agostinho Neto, Mia Couto, Chiziane, Rui Knopfli, Ba Ka Khosa, Craveirinha, Noémia de Sousa, entre outros. Intertextos, mitos, memória, história/ficção, alegorias, melancolia e transgressões são alguns dos motes que guiam as análises de prosa e poesia que integram a obra de Secco.

Além disso, o cinema nos CINCO também tem sido foco de interesse da autora. *Pensando o cinema moçambicano* (2018) é uma coletânea de ensaios que analisa filmes e obras literárias de Moçambique, livro que nasce do evento intitulado “Encontro com Luís Carlos Patraquim”, durante a III Mostra de Cinema Africano, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Cabe ressaltar que o cinema é bastante popular nos países dos CINCO, alcançando público que, muitas vezes, a literatura não consegue abarcar dada a condição da falta de letramento. Logo,

compreender de que forma as produções cinematográficas são construídas ajuda a ressignificar a função de tais narrativas enquanto colaboradoras no processo de (re)construção do imagético africano, o qual fora construído projetando para além da África um continente retratado através de recortes que denotam guerras, calamidades, fome e pobreza em detrimento de saberes e vivências outras que também se fazem presentes e que poderiam moldar um olhar exógeno que reconhece nela riquezas, impérios e tecnologias.

Para além de São Paulo e Rio de Janeiro, Minas Gerais também é núcleo destacável no que tange aos estudos dos CINCO. UFMG e PUC-Minas são universidades que abrigaram autores que colaboraram nas pesquisas sobre a literatura africana. Destacamos Maria Nazareth Soares Fonseca, graduada em Letras na UFMG na década de 60, mestre pela mesma instituição em 1980 e Doutora em Literatura Comparada pela UFMG, com cursos de atualização e estágio sanduíche na Université de La Sorbonne Nouvelle, Paris (1992). Professora da UFMG – (1976 – 1994.) e docente do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Minas (1995-2018) coordenou inúmeras coletâneas e foi autora de/em diversos livros: *Brasil afro-brasileiro* (2000); *Poéticas afro-brasileiras* (2003); *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos* (2008), *Mia Couto: espaços ficcionais* (2008), *África: dinâmicas culturais e literárias* (2012). Ainda é co-organizadora da coletânea *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica* (2011) e *Literaturas africanas de língua portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos* (2015).

No livro *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos* (2008) a autora traz diversos ensaios que versam sobre as Literaturas africanas de língua portuguesa, sobretudo a produzida em Angola, Moçambique e Cabo Verde. Dialogando com autores como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, a teórica compara nomes que foram influência para escritores africanos e traz à tona um passado colonial que aproxima Brasil e África. Os textos produzidos por Nazareth Fonseca abordam conceitos como negritude, culturas híbridas, identidades, migrações, diáspora, cultura africana e se ancoram em teorias de

Bhabha, Césaire, Stuart Hall e Said, entre outros. Os projetos literários das literaturas produzidas nos CINCO e a forma como se deu a construção da nacionalidade nesses espaços são objeto da escrita da autora que visita as obras de Luandino Vieira, Ruy Duarte de Cavalho, Paula Tavares, Agualusa, Virgílio de Lemos, José Craveirinha, Mia Couto e João Paulo Borges Coelho analisando e interpretando prosa e poesia através de uma perspectiva comparatista.

Ampliando dentro do Brasil a implementação do estudo das literaturas africanas, Elisalva Madruga Dantas é uma das responsáveis por assinar textos que colocam a região nordeste no mapa teórico da fortuna crítica. Graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 1976), já na sua pesquisa de mestrado, na UFRJ (concluída em 1982) a docente irá abordar aspectos comparativos entre José Lins do Rego e Luandino Vieira. Doutora pela USP com a tese intitulada *Nas Trilhas da Descoberta: a repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana* (1995), orientada por Benjamin Abdala, Elisalva dedica-se a estudar as relações entre a literatura produzida no Brasil e, sobretudo, Angola.

Também são de autoria da teórica: *Literaturas de Língua Portuguesa Poemas* (2002); *Interpenetrações do Brasil Encontros e Desencontros* (2002); *Textos poéticos africanos de língua portuguesa e afro-brasileiros* (2007). Com poemas coligidos da literatura dos CINCO, *Textos poéticos africanos de língua portuguesa e afro-brasileiros* (2007) traz um apanhado de autores representativos da poesia nesses países: Ermelinda Pereira Xavier (Angola), Mia Couto (Moçambique), Amílcar Cabral (Guiné-Bissau), Manuela Margarido (São Tomé e Príncipe) e Manuel Lopes (Cabo Verde), Conceição Evaristo (Brasil), entre outros tantos.

Através de artigos e ensaios presentes nas coletâneas sobre o tema da literatura dos CINCO, a professora Elisalva Madruga Dantas colaborou para que a área se fortalecesse por meio da abrangência dos seus textos e certamente despertou o interesse de seus pares dentro da UFPB assim como de outras universidades da Paraíba e também de outros estados nordestinos. Na atualidade, inúmeros são os pesquisadores altamente qualificados que

compõem o quadro da universidade dedicando-se à pesquisa na área das literaturas africanas mantendo vivo o protagonismo da IES.

Concluindo nosso breve recorte sobre alguns dos autores da fortuna crítica brasileira, evidenciamos Jane Fraga Tutikian. Formada e pós-graduada pela UFRGS, no doutorado, sob orientação de Tania Maria Franco Carvalhal, Jane defende a tese *Inquietos Olhares: A construção do processo de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis* (1998). Trazendo a narrativa das obras da caboverdiana Orlanda Amarílis e da portuguesa Lídia Jorge, Tutikian analisa a formação de um discurso nacionalista que estabelece relações universalistas e particulares, individuais e coletivas, e que buscam evidenciar identidades próprias através dessas ambivalências.

Pós doutoura pela PUC-RS, docente da UFRGS, também exerceu o cargo de vice-reitora e de pró-reitora de coordenação acadêmica, além de ser autora de inúmeros livros literários, os quais receberam diversos prêmios, entre eles, o Jabuti. O percurso teórico de Jane Tutikian tem como marca indelével a dedicação ao conhecimento e divulgação da literatura africana, sobretudo na região sul do país. A promoção desse campo de estudo tornou Jane presença requisitada em inúmeros eventos, trabalhos, entrevistas, coletâneas e bancas que aludem à literatura dos CINCO. De autoria/organização da teórica, podemos citar: *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa: Helder Macedo, José Saramago, Orlanda Amarílis* (1999); *Velhas Identidades Novas: O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa* (2000); *Palavra Nação* (2000) (org); *A debilidade do humanismo (a narrativa portuguesa e o século XXI)* (ensaio, 2018).

Eleita patrona da 57ª Feira do Livro de Porto Alegre, em 2011, a influência de Jane Tutikian transcende os limites da academia, promovendo a literatura como suporte da diversidade cultural para além dos muros da universidade. Há ainda de destacar-se a generosidade de Tutikian, sempre disposta a trocas teóricas, debates fundamentados, além da delicadeza perceptível em sua presença e diálogo, seja com os pares, seja com os estudantes.

Analisado, portanto, o itinerário dos pioneiros na efetivação do estudo

das Literaturas Africanas no Brasil, passados 40 anos dos primeiros cursos, as dificuldades ressaltadas por todos os teóricos aqui citados anteriormente não foram superadas. Percebe-se que existiu um amplo movimento para o fomento do estudo da temática, sobretudo nos cursos de pós-graduação em Letras, mas ainda representamos uma área que necessita constantemente discutir, ressignificar e reivindicar espaço dentro da academia. Inegável é a qualidade das pesquisas e textos produzidos, os quais elevaram o patamar de discussão ao ponto tornar-se perceptível a equiparação crítica brasileira à lusitana, quiçá ocupando, na atualidade, o protagonismo antes português.

Ao longo do tempo, a discussão nas universidades brasileiras sobre a literatura dos CINCO é certamente muito maior do que havia no período pré-independência desses territórios. Entretanto, mesmo que se busque ancoragem na teoria pós-colonial, se multipliquem e enriqueçam as investigações incluindo os estudos culturais, o que predomina nas análises teóricas brasileiras ainda são as referências exógenas à África. Trataremos mais profundamente do tema no capítulo 5, quando esmiuçadas as ementas das disciplinas ministradas no Brasil. Por esse motivo, julgamos pertinente colaborar, através deste estudo, voltando nosso olhar para a crítica já existente e consolidada em Moçambique e em outros países dos CINCO. Assim, nosso próximo tópico trata de especificar como se implementa o ensino universitário moçambicano e, a partir dele, amplia-se o leque de intelectuais nacionais que representam uma intrínseca crítica.

3.3 Trajetória da fortuna crítica em Moçambique

Conforme Bordieu (1983) existem nas sociedades distintos campos: intelectual, cultural, artístico, literário, econômico, filosófico, psicanalítico, etc., todos com suas regras e lógicas de funcionamento distintos. Todavia, possuem em comum o fato de que em todos eles existem posições de dominados e dominantes, e disputas de relações de poder que opõem forças segundo o capital simbólico, econômico e cultural de agentes e instituições que os integram. Os campos disputam internamente e externamente, entre si,

buscando legitimar (conservar) ou subverter os valores vigentes. Cada campo possui seu próprio capital, não sendo necessariamente dinheiro em determinado campo. Na psicanálise, por exemplo, o capital cultural e simbólico são aqueles predominantes, não devendo ser o enfoque o capital econômico de agentes e instituições.

Logo, a disputa por representação atravessa os mais distintos campos. Bordieu (1983) destaca que o poder em disputa no campo cultural é pela legitimidade, autoridade, autenticidade e pelo domínio dos sentidos, dos signos e das interpretações. Por isso, ter uma identidade legitimada, possuir intelectuais em posição de destaque e integrar espaços de discussão política são fatores essenciais para uma agenda pautada em inserir os negros como sujeitos que possam reverter o papel do negro enquanto excluído.

Assim, iniciamos o reconhecimento da intelectualidade presente em Moçambique atentando para o fato de que a literatura do país nasce através da publicação dos autores em jornais locais. Logo, os periódicos possuem expressiva importância na trajetória e constituição do sistema literário, tradição essa que julgamos ainda pertinente quando Sara Laisse (2020, p.229) nos traz, em seu levantamento nomes de autores contemporâneos moçambicanos, uma nominata segmentada e descrita enquanto crítica jornalística responsável por analisar algumas das obras por ela aventadas. A saber: Japone Arijuan, Pedro Pereira Lopes, Leonel Matusse, Eduardo Quive, Elton Pila, Marcelo Panguana e José dos Remédios¹⁶.

Conforme Hohfeldt (2010) o principal jornal moçambicano é o Notícias¹⁷, o mais antigo e de maior circulação. Data de 15 de abril de 1926 sua primeira edição. Outros periódicos contemporâneos são: O país¹⁸, Savana¹⁹, Diário de Moçambique²⁰, publicações impressas e com versão online, que trazem cadernos de cultura ou artigos refletindo sobre crítica

¹⁶ José dos Remédios é jornalista e ensaísta, tendo ensaios publicados na imprensa nacional e no Brasil. Atua colaborando na organização de festivais e feiras do livro em Moçambique. O crítico é apresentador de um programa na STV, canal aberto, intitulado "Artes e Letras" no qual entrevista os autores e artistas locais, fortificando a ideia de sistema literário, já que no país o jornal e a televisão possuem um impacto muito maior sobre o público leitor do que a universidade.

¹⁷ Disponível em: <https://www.jornalnoticias.co.mz/>, acesso em: junho 2023.

¹⁸ Disponível em: <http://opais.sapo.mz/>, acesso em: junho 2023.

¹⁹ Disponível em: <https://www.jornal.savana.co.mz/>, acesso em: junho 2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.dn.pt/tag/mocambique.html>, acesso em: junho 2023.

literária, como é o caso do texto de Antônio Frades (2018) sobre Fátima Mendonça²¹, em que utiliza o espaço do jornal para exaltar a fortuna crítica produzida pela autora.

Os meios de comunicação seguem servindo como fonte de denúncia e importante origem de informação sobre as atualidades. Exemplos de jornais publicados em 2023 nos situam acerca da complexa realidade vigente em Moçambique:

Moçambique está entre os 20 países com o maior défice de acesso à energia no mundo, com cerca de 22 dos 30 milhões de habitantes sem electricidade, indica a Organização das Nações Unidas (ONU) no Relatório do Progresso Energético de 2023.

“Moçambique tem 22 milhões de pessoas sem luz”, refere a organização, citada pela Lusa, acrescentando que a “falta de acesso à electricidade deve persistir sem investimento em fontes renováveis”.

Moçambique, com cerca de 30 milhões de habitantes, segundo o último censo populacional, faz parte dos países com maior défice de acesso à energia junto de Angola, com cerca de 18 milhões de pessoas sem luz, de acordo com as Nações Unidas²² (2023).

Também atual, a notícia sobre a FRELIMO se lê na capa do jornal Savana²³: “Edil da Beira acusa governo da FRELIMO de congelar fundos para municípios da oposição”. Datada de 28 de abril de 2023, relata que um representante político, figura denominada edil, acusa o partido político da situação de reter verbas de municípios considerados divergentes.

Tal conjuntura estrutural, política e econômica nos ajudam a compreender o contexto em que se inserem as Universidades do país. O ensino universitário tem como marco a data de 21 de agosto de 1962, com um decreto que designa a criação do que então se denominou *Estudos Gerais Universitários de Moçambique*. Conforme o site oficial da UEM, em 1968 a instituição obtém a categoria de Universidade, passando a ser designada por Universidade de Lourenço Marques. Em 1º de maio de 1976, Samora Machel, então presidente, atribui à faculdade o nome *Eduardo Mondlane*, em

²¹Disponível em: <https://opais.co.mz/fatima-mendonca/>, acesso em: junho 2023.

²²Disponível em: <https://jornalnoticias.co.mz/nacional/mocambique-entre-os-20-paises-com-maior-defice-de-acesso-a-energia/>, acesso em: jun 2023.

²³Disponível em: <https://24.sapo.pt/jornais/lusofonia/4009/2023-04-28#&gid=1&pid=11>, acesso em: jun 2023.

homenagem a Eduardo Chivambo Mondlane, primeiro presidente da FRELIMO, assassinado em virtude do seu ativismo na luta pela independência.

Francisco Noa (2005) assinala que a faculdade Eduardo Mondlane adotava inicialmente uma perspectiva utilitária de ensino, baseada na ideologia dominante vigente. A disciplina Marxismo-Leninismo era transversal a todos os cursos e se ressaltava que “a carreira e a vocação individuais deveriam subordinar-se ao interesse nacional” (NOA, 2015, p.115). Conforme Noa (2015), a segunda universidade só surgiria em 1985, a Universidade Pedagógica, e seguiu-se a ela a fundação do Instituto de Relações Internacionais (1986), contando então o país com três universidades públicas. Somente em 1995 surgiram as primeiras universidades privadas. Destaca Noa que no ano de 2000 é lançado o *Plano Estratégico de Ensino Superior em Moçambique 2000-2010*, documento em que o Estado definia políticas e estratégias a serem adotadas. Entre os pressupostos, estavam: “expansão do acesso ao ensino superior; melhoria da qualidade e relevância do ensino e da investigação; (...) promoção da equidade social e de gênero; democracia, independência intelectual e liberdade acadêmica” (NOA, 2015, p.119).

De fato, ocorre a expansão do ensino superior, conforme Noa:

Um fato é inegável, por evidente tem a ver com o crescimento exponencial de instituições de ensino superior, e sua respectiva população, no país. Tanto é que em 35 anos, portanto desde 1975, passou-se de uma única instituição de ensino superior, a Universidade Eduardo Mondlane, com cerca de 2.433 estudantes, para 38 IES, com mais de 100.000 estudantes em 2010. Apenas nos últimos cinco anos, o crescimento foi na ordem dos 260%, quando se passou de 14 IES, em 2004, para as referidas 38 (NOA, 2015, p.121).

De acordo com o último censo publicizado pela UEM, com dados de 2018, a universidade integrava um total de 39391 estudantes, sendo esses 35596 na licenciatura, 3644 no mestrado e 151 no doutorado. Além disso, abarcava 1669 professores moçambicanos e 48 professores estrangeiros. Compreende-se que, notadamente, é uma instituição de grandes dimensões, cujos docentes e colaboradores, na atualidade, desfrutam de prestígio internacional. Exemplo disso é Francisco Noa, teórico moçambicano, que ministrava na instituição a disciplina de Literatura Moçambicana e que, posteriormente, assumiu o cargo de reitor da UniLúrio no período de 2015-

2020. Noa tem uma série de obras publicadas acerca da Literatura dos CINCO, sobretudo, a moçambicana. Ressaltam-se os estudos contidos no livro *Império, mito e miopia. Moçambique como Invenção Literária*, lançado em 2002 pela editora Caminho, em Portugal, e em 2015 pela editora Kapulana, no Brasil, em que o autor destaca a importância de reconhecer a literatura produzida no período colonial em Moçambique como dotada de qualidades e significativa enquanto documentação histórica, já que seu status é de rejeição e desconhecimento, sobretudo dos portugueses, público para o qual, inicialmente, fora destinada. Essa literatura colonial, conforme NOA (2002, p.20) “mais produziu e circulou entre 1930-1974”, podendo ser enquadrada no conceito de *contraliteratura*, já que a instituição literária metropolitana era alheia a sua recepção, aproximando-a, dessa forma, de uma literatura marginal.

Como já anteriormente mencionado, a crítica endógena é valorosa sobretudo pela experiência que pode aliar aos conceitos teóricos, resignificando-os. Logo, trazemos o relato pessoal de Francisco Noa que, por ocasião de uma conferência na PUC do RJ, em 2017, concede entrevista ao jornal “O Globo”, revelando a seguinte perspectiva:

A dominação investe muito no discurso. No tempo colonial, não se usava a palavra “africano” ou “moçambicano”. Todos éramos “portugueses”. No ensino primário, pouco sabíamos sobre a realidade de Moçambique. Quando eu tinha nove anos, um dia, no intervalo de uma aula, alguém disse que um europeu e um africano estavam brigando. Fui correndo ver, porque queria saber o que era um africano! E era uma pessoa igualzinha a mim. Eu não sabia o que queria dizer ser um africano (NOA,2017).

O testemunho de Noa sobre a imposição de uma identidade portuguesa para os africanos em detrimento à africanidade nos revela o esforço necessário de um nativo para deslocar-se dessa posição de assujeitamento, caminho percorrido pelo teórico. Cumpre saber que muito do que hoje se conhece sobre aspectos teóricos moçambicanos advém da obra do autor. *Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo* (2015) e *Uns e outros na literatura moçambicana- ensaios* (2017) são coletâneas de textos de intervenções críticas originais e bem fundamentadas.

Outras obras destacáveis do autor são: *Literatura Moçambicana: Memória e Conflito* (1997), *A Escrita infinita* (1998) e *Noémia de Sousa, a metafísica do grito* (2020), contando o escritor com livros lançados em Moçambique, Brasil e Portugal, editados e reeditados.

Conforme Inocência Mata (2007) houve reação à idéia de que seria necessário “um pensamento teórico africano próprio, endógeno, conducente à elaboração de um instrumental teórico próprio que desse conta da especificidade da estética literária africana” (MATA, 2007, p.51), sob alegação de que tal fato só demonstraria que o literário africano é diferente, o que poderia, segundo concepção de alguns teóricos, fragilizar o sistema literário africano. Todavia, cada vez mais se percebe a relevância de análises cuja perspectiva seja endógena:

A minha convicção, portanto, sobretudo como professora de literaturas africanas e depois como crítica, é a de que é, sim, necessário apresentar caminhos alternativos diferentes daqueles que me eram exclusivamente propostos (e que continuam, em certos aspectos, a ser propostos na academia), tentando sempre reconstruir, não obstante, lugares teóricos e metodológicos de coexistência literária. Porque –e parafraseio Edward Said – o crítico (Said fala de intelectual) “tem de ser uma espécie de memória alternativa, que exponha seu próprio discurso alternativo, que não permita que a consciência ignore a realidade ou fique adormecida” (Said, 2003: 40) – é por isso oportuna a ideia de que fazem parte do grupo do “empresariado da memória”... Aliás, nessa “interlocução” entre Said e Nkosi, este diria que, devido à experiência colonial, o intelectual africano, ou homem de letras, é um duplo voyer que opera em função do escritor que olha para dentro a partir de fora (1977:40)... (MATA, 2007, p.57).

Assim, o papel do crítico expondo um discurso alternativo e ocupando papel de sujeito detentor de uma memória que reconstrói é essencial para que se opere uma nova visão sobre o arcabouço teórico, exigindo dos textos referências locais. Logo, destacamos o nome da crítica Sara Jona Laisse, atualmente professora da Universidade Católica de Moçambique, graduada na Universidade Eduardo Mondlane em linguística, mestre pela PUC-MG e doutora pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova (2015). Perceba-se a formação acadêmica moçambicana, brasileira e portuguesa presente no percurso de Sara Laisse. Aqui, salientamos a importância de teóricos como Laisse, Noa e Fátima Mendonça que, conforme nossa ótica, optam por permanecer em instituições de ensino moçambicanas. Notório é o

fortalecimento das discussões no país a partir da fortuna crítica produzida por moçambicanos que fazem o conhecimento circular entre os seus. Não resta dúvida de que dialogam com os demais pares mundo afora, ministram cursos em diversos países e proferem falas em congressos internacionais. No entanto, carregam consigo suas instituições, divulgam o saber e o nome de espaços edificadas em solo africano, tão saqueado em suas riquezas, inclusa a intelectual. Se difícil foi o caminho português e brasileiro para que as discussões sobre a literatura africana produzida nos CINCO se estabelecesse enquanto área de conhecimento digna de debate e pesquisa, árduo também é inaugurar tradição escrita em um país cuja prevalência e relevância da informação é oral, no qual o idioma português é língua oficial, não veicular.

Retomando a explanação sobre Sara Jona Laisse, destacamos os artigos *Entre o ÍNDICO e o Atlântico: ensaios sobre literatura e outros textos* (2013), *Identidades e fragmentação: estórias de uma História* (2018), *Mulheres em trânsito: a escrita poética feminina em Moçambique* (2019), *Rastos e Rostos da Última Década – 2010/2020* (2020)²⁴e *Surge et Ambula: a interculturalidade no corpus literário obrigatório no Ensino Secundário Geral entre 2004 e 2011*²⁵(2015). Pode-se acompanhar a movimentação dos grupos intelectuais e revistas publicadas em Moçambique, além do panorama cultural e editorial vigente, através da escrita de Laisse:

Em Jona (2013) enunciamos uma série de actividades de índole cultural dinamizada por jovens filiados na AEMO e fora dela. Todas estas actividades contribuíram para a divulgação da literatura e para a formação de novos escritores. Enumeramos alguns grupos de Maputo: a Brigada Literária João Dias, em 1986; *Revista Literária Forja*, em 1987, a criação da *Revista literária Xiphefo* em Inhambane, em 1987; os *Mshos* culturais, 1995; Movimento e *Revista Oásis*, 1995. Em Xai-Xai, o Núcleo literário e *Revista literária Xitende*, 1996. A produção de literatura em línguas moçambicanas do Norte de Moçambique, actividade estimulada pela Associação Progresso, em 1991.

Os anos 2000 caracterizam-se também pela retoma de saraus culturais que para além de produzirem revistas literárias e promoverem a dinamização cultural, através de palestras, feiras ou declamação de poesia, serviram para a formação de novos escritores. Relativamente a esta questão vale a pena destacar que dedicaram-se à dinamização cultural, o GRAAL-Moçambique, no ano

²⁴Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/813>, acesso em: jun 2023.

²⁵ Disponível em <https://run.unl.pt/handle/10362/16237>, acesso em jun.2023.

2000; o Círculo de Leitores, em 2002; o programa televisivo de literatura *Letra Viva*, realizado pelo Instituto Superior Politécnico e Universitário (ISPU), actual Universidade Politécnica e a Televisão de Moçambique (TVM), em 2004; um outro programa similar é, também, realizado pela Rádio Moçambique⁵⁷, o *Lavradores da Palavra*, em finais de 2006; a União Nacional de Escritores (UNE), em 2003; o NELO, em 2005; o MOLIJU, em 2005; *Arrabenta Xithokoselo*, em 2006. (Jona: 2013). Outros movimentos literários dignos de menção são o Clube de Escritores, Poetas e Amigos do Niassa (CEPAN) do Niassa, 2005; o Movimento *Kuphaluxa*, produtor da revista literária, surgido em 2009; e Associação *Kulembada Beira*, produtora da *Revista Soletas*, 2014 (LAISSE, 2020, p.232-233).

Os grupos oriundos da cidade de Xai-Xai formam a revista *Xitende* em 1996, buscando reconhecimento e visibilidade da literatura produzida no interior do país, buscando a descentralização da reflexão para além da capital e centros urbanos maiores. Os escritores Andes Chivangue e Midó Dorés pertencem a essa coletividade. Conforme Vanessa Riambau Pinheiro (2021), aliado ao fato de ser no Sul a capital do país, o Norte era reduto de resistência da RENAMO, o que colaborava na falta de prestígio da região após a tomada de poder da FRELIMO. As representações norte/sul ocupam parte da discussão endógena assim como a pretensa “*morte da literatura*” tema levantado por Midó e Chivangue em meados de 2003. No período pós-independência, alguns autores acusavam a AEMO de privilegiar determinado escopo e fragilizar demais representações, não abrindo espaço em suas agendas de discussão e publicação para que novos escritores pudessem ser conhecidos, o que, supostamente, fazia com que se pensasse não haver o surgimento de novos nomes na literatura nacional, dúvida que pairava advinda também da crítica internacional. Discutindo o cenário de produção literária e a ausência de produções, Chivangue explica:

(...) O que acontece é que quando nós, eu e o Midó, aparecemos com o debate da “morte” da literatura moçambicana, tínhamos o objectivo de alertar a sociedade sobre esta realidade, daí que realizámos um discurso aparentemente polémico para chamar a atenção sobre o cenário que se estava a instalar a partir dessa altura”. Em entrevista a Safira Chirindza (2015), Midó das Dorés complementa: “Foi a aversão à mediocridade que estava instalada na literatura moçambicana nos finais da década 90 e início dos anos 2000. Já não se escrevia. Escritores de renome na praça acabavam 3 a 4 anos sem lançar obras nenhuma.” Foi também esse sentido que Midó das Dorés quis dar naquele texto provocatório em que proclamava “a morte da literatura” moçambicana, era uma ironia ao juízo dos mais velhos

segundo o qual depois deles só o dilúvio...(PINHEIRO,2021, p.266-267).

Buscando discutir e amenizar tal ausência, Lucílio Manjate, escritor e crítico literário moçambicano, coorganiza, junto ao poeta Sangare Okapi, *Antologia inédita: outras vozes de Moçambique* (2015), com textos produzidos entre 2003 e 2013 de autoria de diversos autores nacionais. A obra é publicada pela AEMO em 2015, ano em que Manjate também escreve ensaio em *Literatura moçambicana – da ameaça do esquecimento à urgência do resgate* (2015). Lucílio Manjate é professor da Universidade Eduardo Mondlane, onde fez graduação em Linguística e Literatura e também em Filosofia. Coorganizou outras coletâneas como *Esperança e certeza 2* (2008) e *Era Uma Vez...* (2009). Dentre as obras literárias do autor estão: *Manifesto* (2006), *Os Silêncios do Narrador* (2010), *O Contador de Palavras* (2012), *A Legítima Dor da Dona Sebastião* (2013), *O Jovem Caçador e a Velha Dentuça* (2016), *Rabha* (2017), *A Triste História de Barcolino, o homem que não sabia morrer* (2017). Publicado no Brasil pela editora Kapulana, Manjate também conta com edições em solo moçambicano e português, sendo ganhador dos prêmios *Revelação Telecomunicações de Moçambique* (2006), pela obra *Manifesto*; *Prêmio 10 de Novembro* (2008), pela obra *Os Silêncios do Narrador* e *1º Prêmio Literário Eduardo Costley-White* (2016), pela obra *Rabha*.

Aliás, interessante ressaltar que há uma tradição de concursos e prêmios literários em Moçambique, entre os quais podemos citar, conforme o portal Catalogus²⁶ (2023), redigido e editado por Eduardo Quive, Mélio Tinga e Marcela Matimbe:

– *Prêmio 10 de Novembro*, atribuído ao melhor romance original do ano pelo município de Maputo, do qual já foram vencedores Mbate Pedro, Lucilio Manjate, Virgília Ferrão, João Paulo Borges Coelho, Leo Cote, Francisco Noa, Adelino Timóteo e Hélder Faife;

– *Prêmio Literário José Craveirinha*, iniciativa da AEMO a partir de 2003, considerado a maior láurea literária de Moçambique, com prêmios de até

²⁶Disponível em: <https://catalogus.co.mz/premios-e-concursos-literarios-em-mocambique>, acesso em:jun 2023.

25 mil dólares; abarcando inicialmente livros e, a partir de 2009, premiando carreiras literárias – Mia Couto foi o último vencedor, em 2022;

– *Prêmio Literário Fernando Leite Couto*, instituído em 2017 em memória do poeta e jornalista Fernando Leite Couto, promove e premia jovens escritores moçambicanos de poesia e da prosa, os quais além do prêmio em dinheiro também recebem como reconhecimento a publicação da obra pela fundação. A fundação fora criada em 2015, por Mia Couto, em homenagem a seu pai, com intuito de difundir e publicar autores locais.

Outros tantos prêmios, aqui não citados, são atribuídos no país. No entanto, convém lembrar o texto de Noa (2002) no qual o autor pondera que os concursos e prêmios literários englobando a literatura colonial organizados por Portugal eram balizados por intrínseca motivação político ideológica, sendo assim as premiações que supostamente serviriam para endossar a produção literária escrita em solo moçambicano acabavam por ter efeito contrário, visto que, muitas vezes, não vislumbravam nos textos a qualidade pressuposta para tal distinção e acabavam por apenas fazer menções de honra ou, ocasionalmente, não atribuindo o prêmio a ninguém, o que gerava maior descrédito para tal literatura, efeito contrário ao inicialmente aventado. Por isso, cabe reiterar a legitimação do reconhecimento endógeno e a importância da manutenção dos concursos e premiações enquanto espaços de visibilidade e, também, fomentadores de discussão.

De acordo com Gilberto Matusse (2015) o debate sobre a literatura moçambicana no exterior, antes da independência, versava sobre a possibilidade da existência ou não dessa literatura enquanto sistema autônomo e a legitimação ainda aparece no ensino do país sob a ótica da crítica externa, assim como os livros que são lançados primeiramente no estrangeiro e, a posteriori, no país. UngulaniBa Ka Khosa (2019) corrobora com essa visão quando comenta a cadeia do livro em Moçambique:

Porque nós saímos de uma situação em que o Estado era praticamente o dono em termos de produção, distribuição, comercialização do livro. Eu trabalho nesta instituição, que é o Instituto do Livro e do Disco, mas para uma outra situação em que se dá ao privado a autonomia de produzir. Na área do livro, quer dizer, quando se abriu isso, emergiram – nós neste momento podemos dizer que estamos à ordem de 33 ou 35 editoras – dessas 35, provavelmente, no mercado não chega uma dúzia. Agora, qual é o

problema? O problema é na cadeia do livro. Não tem distribuidoras neste país. Ninguém ainda se aventurou a ter uma cadeia de distribuição de livro ou de qualquer outro produto cultural. Um texto que é lançado pode demorar 3 meses para chegar ao ponto mais norte do país. Por outro lado, em termos de produção, para o exterior, muito pouco, não há nenhum valor disponibilizado para tal, e isto é muito por conta do autor e muito por conta da descoberta exterior ao que se faz aqui (BA KA KHOSA in PINHEIRO, 2019, p.126).

A dificuldade do mercado editorial é fator de entrave importante na construção da crítica endógena, já que as barreiras para a circulação dos livros tanto literários enquanto de fortuna crítica dificultam o fortalecimento da intelectualidade, sobretudo a negra.

Substanciando nosso aparato intelectual moçambicano, trazemos o nome de Fátima Mendonça. Nascida em Moçambique, é no país que a autora atua como docente na Universidade Eduardo Mondlane entre os anos de 1977 até 2004, quando da sua aposentadoria. Conforme Antonio Frades (2018)²⁷, Fátima ministrou as mais diversas disciplinas: Literatura Moçambicana, Literatura Comparada, Literaturas Africanas Comparadas, Retórica e Poética, Literatura da África Austral e Outras Artes. Professora convidada em várias universidades internacionais, entre Brasil, Portugal, França, Espanha, Fátima Mendonça tem vasta obra publicada sobre a Literatura dos CINCO. Convém *ressaltar Literatura moçambicana: a história e as escritas* (1988), quando busca desenvolver a historiografia moçambicana através de três períodos de formação: 1925-1945-47; 1945/47-1964 e 1964-1975. Sob forma de ensaio, publicou *Literatura moçambicana – as dobras da escrita* (2012), *Rui de Noronha: meus versos* (2006), *Antologia da nova poesia moçambicana* (coautoria, 1993), *Literatura moçambicana – a história e as escritas* (1989), coorganizou também a obra *Sangue negro* (2001), de Noémia de Sousa e o livro póstumo *Poemas eróticos* (2004), de José Craveirinha, e é coautora de *João Albasini e as luzes de Nwandzengele* (2014) e ensaísta em *Panorama (muito geral) da ficção narrativa moçambicana contemporânea* (2020). Em 2016, recebeu o *Prêmio de Literatura José Craveirinha*. Membro da AEMO, associação da qual fez parte do quadro de direção, é também

²⁷Disponível em: <https://opais.co.mz/fatima-mendonca/>, acesso em ju.2023.

pesquisadora integrada ao CLEPUL (Centro de Culturas e Literaturas lusófonas e europeias da Universidade de Lisboa).

A autora compreende que “Moçambique enfrenta um momento literário muito fértil, mas é preciso investir na internacionalização dos autores” (MENDONÇA, 2023, p.1). Em palestra proferida na Fundação Fernando Leite Couto a autora afirma:

Se ficamos só à espera das edições dos livros, fica um hiato entre o momento em que a pessoa começa a escrever e o momento em que realmente edita um livro. Esse hiato, quanto a mim, é preenchido pelas revistas. Os prémios também cumprem o seu papel, mas a divulgação tem de ser através da imprensa. E isso eu acho que falta, acho que falta espaço para divulgação (MENDONÇA, 2023, p.1).

Corroborando com a ótica dos demais teóricos sobre a circulação dos livros e importância dos prêmios e revistas, Fátima Mendonça (2020) atenta aos rumos da produção contemporânea, assinala:

Com efeito, o que tem ocorrido desde o início da década de 2000 é que a ficção narrativa moçambicana se orienta significativamente para a tematização de fatos históricos mais recentes integrados no imaginário nacional (guerra civil, campos de reeducação e Operação Produção), com representações disfóricas do espaço coletivo e individual. (MENDONÇA, 2020, p.71)

Vários outros são os nomes a quem poderíamos dedicar atenção na atualidade da produção teórica moçambicana. Citando docentes da UEM, temos Teresa Manjate, doutora em Licenciatura Oral e Tradicional pela Universidade Nova Lisboa, pesquisadora dedicada aos estudos dos provérbios e textos orais, atuando na pesquisa, coletando e catalogando literaturas orais. Também Almiro Lobo é destaque, tendo como obras *A Escrita do Real* (1999), *Leituras Ensaídas* (2013), *Moçambique em Textos Portugueses do Século XVIII* (2013), *Literatura: Neutra ou Engajada* (2014), e *O Berlinde com Eusébio lá dentro* (2016); outra referência é Nataniel Ngomane, cujos estudos e falas tem sido em prol da valorização das línguas nacionais em contextos formais e instituições públicas do país. Afirma o autor:

(...) eu não sou, necessariamente, um indivíduo de “expressão portuguesa”. Recuso ser chamado de lusófono. Não sou lusófono, mesmo porque a minha matriz fundamental é bantu. Falo *citswha*, que é a minha língua materna; falo *copi*, que é a língua da minha mãe; falo *xironga*, que é a língua através da qual mês socializei, a língua da minha infância; e tenho a língua portuguesa, que aprendi aos 7 anos, porque tinha que entrar para a escola. Não sou lusófono. Em termos culturais, o meu ideal de casamento, de morte, de convívio, de riso, é um ideal não necessariamente português, mas necessariamente bantu. “Lusofonia”, “expressão portuguesa”... são adjectivos que não têm nada a ver comigo (NGOMANE, 2011, p.4).

Destaque ainda merecem as obras de Lourenço do Rosário e Nelson Sauté. Lourenço do Rosário, teórico moçambicano, atuou como docente em Moçambique e Portugal. No Brasil, foi professor visitante na PUC-MG, além de supervisionar as teses de pós-doutorado de Rita Chaves e Laura Padilha, na USP e UFF. Rosário publica *A narrativa africana de expressão oral (transcrita em português)* (1989), *O conto moçambicano - Da Oralidade à Escrita* (1994), *Singularidades - Estudos africanos* (1996), *Contos moçambicanos do Vale do Zambeze* (2001), *Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura* (2010). Nelson Saúte, escritor e crítico moçambicano, organizou várias coletâneas de textos cujo intento era dar visibilidade à literatura moçambicana: *Antologia da Nova Poesia Moçambicana: 1975-1988*, organizado com Fátima Mendonça (1989), *A Ilha de Moçambique pela voz dos poetas*, em parceria com Antônio Sopa (1992) e *As Mãos dos Pretos* (2001), antologia de contos moçambicanos cujo título remete a um dos textos fundamentais da literatura de Moçambique, escrito por Luís Bernardo Honwana. Além disso, escreveu para a revista *Tempo* e em diversos jornais, assinando também inúmeros textos literários. Na atualidade, Sauté trabalha como editor na editora moçambicana Marimbique e é curador no Museu dos Caminhos de Ferro de Moçambique.

Nossa preocupação, neste capítulo, foi a de endossar a presença da intelectualidade já consolidada em Moçambique, reconhecendo nela a legitimidade e autoridade da interpretação. Admitimos a incompletude da nominata, contudo desejamos que as referências aqui explanadas possam ser relevantes a quem se dedica aos estudos da literatura moçambicana ou dos CINCO, sobretudo àqueles que buscam fortuna crítica local e desconhecem referências moçambicanas. Em outro momento deste trabalho, expandiremos nossa análise a outros nomes, atentando para a intelectualidade negra africana

de um modo geral, visando assim ampliar o leque de possibilidades de leituras ancoradas em crítica endógena.

4. Consolidação dos estudos da Literatura Africana

Conforme se pôde verificar ao longo das discussões dos capítulos 2 e 3, já existe em Moçambique a consolidação de uma literatura que superou distintos obstáculos, como o de ser reconhecida enquanto literatura independente, possuir diversidade de autores e gêneros, apresentar qualidade estética e temática, articular temas locais, transnacionais e fronteiriços. Avoluma-se o repertório de autores literários e críticos acadêmicos no país e proliferam espaços de discussão nos quais a literatura é objeto de interesse. Logo, do que carece Moçambique – e os outros países dos CINCO – para que se valide de forma mais abrangente a legitimação endógena? Buscamos aqui discorrer sobre a teoria e seu valor simbólico, assim como o mercado e suas implicações, almejando compreender qual o papel da Universidade nessas relações.

4.1 Cânone, Valor e Universidade

Formação da literatura, cânone e poder possuem intrínseca vinculação. Estabelecer um cânone é, no caso de literatura pós-colonial, motivar uma “unidade nacional”, criar a consciência de que a literatura é um espaço de construção do imaginário, reivindicação, representatividade. Abrir espaço para o debate literário é, portanto, instaurar também o debate político. O adjetivo *literário* comumente é relacionado a termos que buscam categorizar a literatura: gênero, estilo, concurso, autores, valor. O valor literário de uma obra é, em geral, legitimado se existe por trás dessa valoração o embasamento de uma teoria. Dessa forma, a universidade, associações, academias – através dos sujeitos que as compõem – atuam como instâncias balizadoras dentro do processo de legitimação de uma obra. No entanto, esse *valor* literário pode ser compreendido, inclusive, por parâmetros distintos: valor simbólico e valor monetário. O primeiro, intrinsecamente ligado à teoria. O segundo, regido pelas leis do mercado. Contudo, ambas as acepções não são excludentes, ou deixam de estar imbricadas.

4.1.1 Valor simbólico: aspectos teóricos

A teoria tem sido o instrumento utilizado para reafirmar ou interrogar a tradição. E ela própria, teoria, é alvo de constante controvérsia justamente pela manutenção do aspecto que privilegia dicotomias. Conforme afirma Bellei (2017), o universo teórico divide-se entre o que é considerado alta Teoria, com T maiúsculo, distinta da “mera” teoria. A Teoria traz consigo um conjunto de pressupostos que diminui a importância do texto literário enquanto sublinha os aspectos teóricos acadêmicos. O autor cita a obra organizada por Daphne Patai e Will H. Corral, *Theory's Empire* (2005) e destaca que o que é entendido como Teoria é a produção de uma gama de autores representantes de espaços de discussão que trazem visões parciais acerca das definições que defendem e, ainda, posturas que pouca perspectiva dialógica possibilitam:

Boa parte das contribuições da antologia considera a Teoria como uma força perversamente produzida no ambiente fechado e degradado da academia contemporânea que tem como objetivo desenvolver discursos pouco racionais e voltados para o enfraquecimento do senso comum, da inteligibilidade textual e da objetividade. No limite, é responsável não apenas pelo declínio da cultura e da literatura, mas, até mesmo, pela derrocada da moral, dos costumes e do humanismo. Nessa perspectiva, o que subjaz aos discursos da desconstrução, do marxismo, do feminismo e do materialismo cultural, entre outros (por vezes caracterizados como escolas do ressentimento), é, precisamente, enfatizar a dessacralização dos clássicos canonizados (BELLEI, 2017, p.54).

Bellei afirma que a ascensão de uma Teoria na segunda metade do século XX propiciou que houvesse uma visão negativa sobre a mesma, visto que o texto literário fora preterido em favor de análises teóricas que acabaram por desvalorizar a obra em si. Logo, a potência do texto, de seus discursos, o dito – e também o que não se quis escrever – categorizado pelo autor como “Os escritores do não” (BELLEI, 2017, p.67), passam a não ser o principal caminho de leitura da obra. O conceito teórico de literatura enquanto sinônimo de representação, para Bellei (2017), também é questionável, visto que emerge a pergunta: qual representação? A representação que atende ao que preconiza a Teoria, aquela que se julga portadora de uma verdade absoluta, tradicional, que foge ao senso comum, e não prioriza o texto literário?

Porém, se excluído o viés da representação, qual outro caminho de análise a percorrer? Como vislumbrar espaços que não sejam disputas de representação? Afinal, somos conduzidos pela noção de cânone, de obras que são “regularmente estudadas nas escolas e universidades e consideradas como formadoras da nossa *herança literária*” (CULLER, 1999, p.53). Contestar a representação é, em linhas gerais, ser conduzido pelo olhar que reconhece a presença do cânone. Caso contrário, onde buscar a contestação? Em que espaço desejar que a representação aconteça? Afinal, para contestarmos o cânone, precisamos partir do pressuposto de que ele existe, é perene e objeto de disputa.

Nessa linha de pensamento, William Marx tece uma série de reflexões em seu livro intitulado *Ódio à literatura: uma história da antiliteratura* (2019). O autor trabalha com o conceito de *antiliteratura* como um discurso que existe tão e somente porque existe literatura. Para que haja um discurso que se oponha à literatura, é preciso que reconheçamos, portanto, a literatura como existente e, para além disso, como algo importante, digno de ser contestado: “Se a antiliteratura é o sintoma de uma luta pelo poder, a ausência de luta a torna supérflua” (MARX, 2019, p. 67).

William Marx pondera acerca da importância da literatura de outrora, a ponto de que emergissem uma série de teóricos empenhados em contestar o papel desempenhado por ela. Nessa esteira, Marx (2019) traz quatro intenções da literatura que denomina litígios: *autoridade*, a disputa da literatura com outras áreas do conhecimento, detendo, inclusive, o poder para contestá-las; *verdade*, a falta de compromisso da literatura com a categoria “verdade”, quando vista sob a ótica da ciência; *moralidade*, sendo característica intrínseca do literário o rompimento com os padrões morais impostos pela sociedade; e *sociedade*, entendendo os autores como sujeitos que não precisam ter um lugar definido, ou necessariamente ser porta voz de outrem.

Fica claro que as obras que se colocam como distantes da Tradição são mais facilmente contestadas, como é o caso da Literatura Africana dos CINCO. Essa Tradição atrelada à Teoria é o que motiva uma literatura de Resistência, a que vai gerar, utilizando um termo do próprio Marx, escândalo. Se a literatura pode ser uma área de conhecimento tão plural, tão propulsora

de distintas óticas e verdades, esse é o motivo pelo qual precisa ser atacada, censurada, refutada. Todavia, esse também é o motivo que faz com que ainda exista a manutenção e valoração do cânone e de espaços avaliadores e legitimadores do mesmo, como a Universidade. Relembramos aqui a dificuldade uníssona relatada por teóricos brasileiros e portugueses quando em suas instituições buscavam implementar núcleos de estudos da literatura africana, cujas obras não se aproximavam dos padrões canônicos.

A ideia de cânone ancora-se em uma visão eurocêntrica, milenar, abarcando Teoria e um seleto grupo de autores e obras. Logo, cabe pensar na relação existente entre cânone, valor e como a Universidade faz parte desse processo. Conforme Ginzburg (2004):

O conceito de valor pode ser examinado em articulação com a noção de cânone. O ensino universitário de atribuição de valor não se faz no vazio, mas em meio a um campo de referências historicamente firmadas. Encontramos obras e autores consagrados, enumerados em manuais de história literária. O ensino de literatura do ensino médio, especificamente, com sua articulação com os exames vestibulares, de modo geral reforça uma reverência a valores canônicos assumidos institucionalmente pelos programas dos exames (GINZBURG, 2004, p.98).

Desta forma, é importante sempre investigar o que a Universidade está legitimando enquanto discurso. Assim, Ginzburg elabora observação sobre a emblemática obra *Cânone Ocidental* (1995), de Harold Bloom, e o reducionismo que a adoção de tal obra como aporte teórico nos cursos de graduação (sem a devida contextualização) pode trazer a grupos minoritários como feministas, gays, negros, atribuindo a esses um estatuto de irrelevância. Para Bloom (1995) a autonomia estética é um traço de superioridade e é inerente à obra, cabendo somente ao bom leitor conseguir reconhecê-la. Ou seja, a crítica seria uma atividade elitista e raros leitores, suficientemente bons, estariam aptos a exercerem-na. Bloom afirma que somente o leitor é capaz de atribuir valor a algum livro, não a academia, e enfatiza a ideia de que “a Universidade e a crítica literária não são base para uma educação democrática ou para melhorias na sociedade” (BLOOM apud GINZBURG, 1995, p.107).

Há de reconhecer-se que, de fato, o cânone é composto em sua maioria por escritores brancos, europeus, heterossexuais e mortos. Logo, a partir desse recorte o cânone, manifesta-se como sinônimo de uma perspectiva ocidental e de cultura europeia. De acordo com Schulte-Sasse (1995, p.362) “a literatura contém elementos ideológicos cujo valor semântico continua a ser determinado em parte pelo seu contexto sócio-histórico e psico-histórico”. Assim, a natureza normativa da literatura é perpassada por modelos de comportamentos pelos quais os leitores elaboram as suas próprias experiências e avaliam os personagens e intriga da narrativa segundo suas normas e valores, os quais passam a ser marcadores ideológicos que caracterizam os personagens não enquanto indivíduos, mas como construções ideológicas dignas de pertencerem à grande narrativa (sendo complexas, vastas) ou representantes da literatura popular (menos suscetíveis a variações).

Muito se tem discutido sobre o termo *cânone* poder aplicar-se ou não à literatura dos CINCO. Uma série de fatores leva a esse questionamento: a ocidentalidade do conceito e da teoria implicada; o curto espaço de tempo da produção, sobretudo pós-independência – e o não distanciamento temporal considerável para análise –; a negação africana ao cânone enquanto preditor de gêneros, temáticas e representações; a oralidade presente nos países e a pluralidade de dialetos utilizados como língua veicular.

Ana Maria Mão de Ferro Martinho, em seu livro *Cânones Literários e Educação: os casos angolano e moçambicano* (2001), discute a questão. A autora demonstra de que forma o cânone está presente nas antologias escolares moçambicanas, sendo o recorte fruto de crítica exógena que formou uma “visão oficial do que seria uma melhor leitura” (MARTINHO, 2001, p.437). Assim, conforme a teórica, se estabelece um déficit de circulação dos textos, já que o crivo exógeno das leituras não propicia tal prática. Ana Maria Martinho (2001) compara o que chama de *cânone da crítica* e *cânone educativo*, buscando intersecções e divergências nas nominatas. Em Moçambique, estariam João Dias, Ruy de Noronha, José Craveirinha, Noêmia de Souza, Orlando Albuquerque, Fonseca Amaral, Rui Knopfli (entre outros) em ambas as listas. Já as revistas *Mensagem*, *Itinerário*, *Msaho* e autores como Antonio

Navarro, Grabato Dias, Vitor Evaristo e Vitor Matos só estariam inclusos no cânone da crítica.

O valor simbólico do cânone preconiza autores, leituras, lugares de representação, versões da h/História, e vários são os elementos que convergem na leitura de que a fortuna crítica exógena e as universidades estrangeiras têm ocupado lugar destacado no sistema literário moçambicano. Em entrevista à professora Vanessa Rimbau Pinheiro (2019), o escritor Ungulani Ba Ka Khosa tece considerações sobre esse processo:

Na poesia, somos conhecidos lá fora graças, eu repito, aos professores das universidades. O caso vertente na geração dos poetas dos anos 90 e de 2000 para cá, os professores de literatura do Brasil tiveram um papel fundamental na sistematização dessas gerações que emergiram a partir dos anos 80. Porque os professores e críticos nossos cá adormecem muito com os autores já enraizados, aquele autor que foi convidado para ir a uma Universidade e tal; muitos deles sentem-se ou disseram que já se sentiram envergonhados em muitos destes convites, porque quando chegam lá encontram outro professor que faz análise de um poeta que ele nunca teve oportunidade de ler um livro (BA KA KHOSA in PINHEIRO, 2019, p. 126).

Árduo é construir capital simbólico e crítica endógena se o acesso ao principal aporte, o livro, é negado. Portanto, o mercado e as condições materiais também exercem papel determinante para que um sistema de crítica africana em língua portuguesa exista e se consolide.

4.1.2 Valor monetário: o mercado e suas repercussões

Frederic Jameson no texto intitulado *Pós-modernismo e sociedade de consumo* (2016) discute o que é pós-modernismo. Para contextualização, o período moderno teve início entre os anos 30 e 40, enquanto o pós-moderno surge nos anos 60. O teórico relaciona o conceito a distintas áreas da arte como poesia, pintura e arquitetura e indica que existem duas correntes do que se pode pensar como pós-modernismo: aquela que se quer subversiva, confrontando o modernismo, que choca e busca desfazer o cânone e outra, que leva em conta a cultura de massa, visando abolir a fronteira entre o popular e o entendido como “alta cultura”. Seria essa segunda corrente assustadora

para a academia, a qual possui a tendência de preservar-se do que é compreendido como cultura de massa ou popular.

Com o surgimento do capitalismo moderno, assoma um novo mercado, uma sociedade de consumo mais dinâmica e rápida do que a anterior. A linguagem individual passa a não ser mais tão importante como era no modernismo. O viés de originalidade na expressão, incomparabilidade, estilo pessoal e particular deixa de ser mote no pós-modernismo quando se admite a individualidade como “coisa do passado”. Assim, inovar talvez não seja mais possível e a arte estaria aprisionada ao passado. Compreende-se o passado manifesto como nostalgia e estereótipos bem marcados determinariam estilos de época e maneiras de nos enxergarmos enquanto sociedade de um tempo transcorrido, agora refletido no presente. Logo, seríamos eternamente incapazes de atingir o papel designado historicamente a nós através das representações. Assim, a sociedade de consumo embasa-se em uma visão de passado que passa a nortear sua visão de mundo e é incapaz de construir uma nova história, ancorando-se no passado e lá ficando enquanto construção de pensamento.

A impossibilidade de mover-se, criar novos estilos e sair da relação cíclica do passado no presente, conceitua, conforme JAMESON (1997, p.52) a “*esquizofrenia*”, *que surge como sensação de algo atemporal*, em que o sujeito permanece em um presente constante, perpétuo, uma experiência de materialidade isolada, desconecta e descontínua, não sendo assim capaz de reconhecer-se enquanto sujeito possuidor de identidade. As experiências passam para um viés de irreabilidade, em que as sensações obtidas buscam refletir desespero, frustração. A forma reflete esse conteúdo desconexo, inexato. Surgem as fragmentações, sobreposições, a arte quer-se atemporal, irreal e, de alguma forma, traduz sensações não agradáveis.

O punk rock e material incluindo sexo implícito seriam formas de arte agressivas e cada vez mais consumidas pela sociedade, comercializados como mercadorias e perdendo, inclusive, seu caráter de arte subversiva. O que passa a ser institucionalizado, encontrando espaço em universidades e escolas, é destituído do potencial de revolução que busca provocar.

Constitui-se em nossa época uma sociedade com hábitos de consumo caracterizados pelo aceleração das mudanças e nelahá um *padrão* de indivíduo. A história, segundo Jameson (1997) perde o seu sentido, não preserva o passado e vive-se um constante presente que é mutante, fragmentando com o tempo sendo uma série de presentes perpétuos. A modernidade teria cumprido seu papel de crítica à sociedade, e a pós-modernidade estaria em um papel de reforçar a lógica do capitalismo, produzindo uma sociedade de consumo que pouca resistência apresenta.

As relações de temporalidade, legitimidade, fragmentação e identidade aparecem delineadas muito claramente nas obras literárias moçambicanas. Ao longo dos primeiros capítulos apresentamos de que forma a literatura em Moçambique, estendida a reflexão para os CINCO, a partir de um processo de reconhecimento do papel de colonizado, de afirmação de uma identidade, de subversão de temas e posicionamentos de assujeitamento, reflete um passado histórico e busca novas formas de representações, distintas maneiras de narrar, denotando pluralidade de vozes e trazendo o testemunho daqueles que não pertencem à História *oficial*. Se o ensino universitário no país começa com viés socialista, não conseguirá o país, nem a literatura, na contemporaneidade, esquivar-se do capitalismo e suas formas/ lógica de consumo.

Como já aludido, o mercado consumidor moçambicano de livros é diminuto. O contexto de circulação e cadeia de produção não são favorecidos. Então, que estratégias podem-se adotar, e até que ponto seriam eficazes, para que o consumo ocorra para além do mercado externo? Como não depender tão e somente da legitimação exógena? De que forma resistir ao capitalismo e à incorporação do assujeitamento do indivíduo *padrão* através de um pensamento, discurso e experiência africana?

Primeiramente, cabe pensar que, conforme Lourenço do Rosário (2010), em solo africano a política e o discurso político se sobrepuseram à reflexão cultural. Logo, os nomes mundialmente mais citados da África não foram só pensadores, mas pertenceram a grupos políticos, como Leopold Senghor, e, dessa forma, encontraram eco e difusão dos seus discursos. Conforme o autor, aqueles que se ocuparam das funções de antropólogos, historiadores e sociólogos não conseguiram apresentar ideias que

reverberassem a ponto de possuir impacto continental. Portanto, lógico seria inferir que é premente que a intelectualidade precisa ocupar os espaços políticos.

Outra pauta significativa para o fortalecimento do ensino moçambicano e suas instituições nacionais, segundo o teórico, seria criar uma “plataforma aglutinadora” (ROSÁRIO, 2010, p.102) que possa caracterizar as instituições moçambicanas enquanto pertencentes a um conjunto que tenha como propósito definir estratégias para o setor de modo que se possa criar uma agenda nacional através dos seus programas.

O professor moçambicano acredita que existem circuitos de articulação cuja estrutura permite que as universidades contribuam com o seu saber para melhor apreciação das obras que circulam no mercado. Porém, enfatiza que as editoras e os meios de comunicação têm se encarregado de eles próprios tecerem suas apreciações críticas, sobretudo levando em conta o que o público pretende e espera. Por essa razão, as antologias africanas, por exemplo, já não têm mais espaço junto ao público leitor que seguiu o que era esperado enquanto recepção: os rumos do mercado:

O aparecimento dessas literaturas junto ao grande público já não é da responsabilidade das universidades. Quanto a nós, trata-se de um fenômeno editorial perfeitamente normal. Os autores mais divulgados hoje são aqueles que produzem obras com padrões que agradam os leitores no circuito comercial, onde os instrumentos de aferição são completamente diversos daqueles que a academia utiliza, podendo considerar-se como casos paradigmáticos os de Pepetela e Mia Couto (ROSÁRIO, 2010, p.162).

Corroborando com a tese de Lourenço do Rosário, Iris Maria da Costa Amâncio em *Best Sellers, Worst Sellers: reflexões sobre literaturas, autorias negro-africanas de língua portuguesa e mercado editorial brasileiro* (2021) contribui com estudo acerca do panorama das publicações de autores africanos que escrevem em língua portuguesa no Brasil. O primeiro aspecto destacado por Amâncio é de que o conceito cunhado por Benjamin Abdala Jr de *macrossistema literário* (1989) articula a Literatura dos CINCO de modo a fazer com que fossem referenciadas enquanto um bloco coeso de produção literária, sob a ótica de que a lusofonia as aproximava. Iris contesta tal

perspectiva alegando que, de certa forma, as literaturas acabam por ter sua cadeia literária individual desconsiderada. Assim, torna-se, posteriori, mais difícil o ensino particularizado de cada uma das literaturas, assim como a discussão de questões pertinentes a elas ou ao mercado, tais como: qual literatura ensinar ou qual literatura editar. No entanto, a autora reconhece a importância da teoria difundida por Abdala Jr como abordagem da fase inicial da teorização, já recusando o eurocentrismo, colonialismo e silenciamentos. Ocorre que pelo o fato de possuírem pretensa coesão, os textos da literatura dos CINCO passam a circular em coletâneas de forma aglutinada e Amâncio (2021) faz a leitura de que tal prática favorece o entendimento de uma África estereotipada, exótica no imaginário coletivo do leitor, fato do qual o mercado aproveita-se para assim cunhar os nomes que irá publicar. Se a África exótica escrita por brancos atende à lógica mercadológica, fomenta-se demanda de um público cuja interpretação tem sido “historicamente racista em relação ao Continente Africano” (AMÂNCIO, 2021, p.58).

Iris Amâncio (2021) evidencia a relação da circulação literária no Brasil, a qual articula a crítica literária e o mercado editorial, que, conforme alega a teórica, tem privilegiado a publicação de africanos que são autores homens e brancos, em detrimento de autorias negras, dificultando a cristalização de olhares e representações não hierárquicas ou subalternas. Para fins de exemplificação, Iris traz o estudo de Stéphanie Paes Rodrigues, *África editada no Brasil: edições brasileiras de línguas e literaturas africanas* (2013), o qual abarca um levantamento de obras literárias publicadas no Brasil datadas entre os anos de 1940 e 2013. Os países englobados na pesquisa são Angola, África do Sul, Moçambique, Cabo Verde, Egito, Zimbábue, Nigéria e Argélia. Delimitando os dados apresentados por Rodrigues para a área de estudo do nosso interesse, os CINCO, têm-se que entre edições e reedições, os números totais de publicação são: Angola (96 títulos); Moçambique (42), Cabo Verde (13). A pesquisa Stéphanie (apud AMÂNCIO, p.63) analisa adiante os autores que tiveram mais de dez livros editados no Brasil, destacando o dado de que todos eles eram romancistas. Reproduzimos a nominata dos autores: Mia Couto (28 obras), José Eduardo Agualusa (21), Pepetela (10) e Ondjaki (10). Com base nessa lista, Amâncio tece uma série

de questionamentos que sugerem “uma possível relação existente entre literatura, edição, mercado editorial e pertencimento étnico-racial e de gênero dos autores” (AMÂNCIO, 2021, p.63). Assim, indaga:

O pertencimento racial e de gênero do autor, nos processos de formação da nação, seria um fator histórico-social determinante do qual resultariam escolhas estético políticas diferenciadas, que teriam maior ou menor índice de recepção por parte do público leitor brasileiro? Ou seja, as representações literárias de escritores (homens) angolanos e moçambicanos brancos interessam mais ao leitor brasileiro do que aquelas produzidas por escritores negros (homens e mulheres) de Angola e Moçambique? Por quê? (AMÂNCIO, 2021, p.64).

Dado o tempo transcorrido do corpus analisado, sabe-se que se somaram a esses escritores outros tantos nomes, já elencados quando esmiuçada fora a lista elaborada por Sara Jona Laisse (2020). Notório o trabalho protagonizado no Brasil pela editora Kapulana, cujo catálogo de obras engloba diversos africanos inéditos ou esgotados no nosso país. Também cabe ressaltar que, a partir do sucesso de autores como Mia Couto, abre-se janela no mercado e no ensino universitário para o consumo e pesquisa sobre as obras produzidas nos CINCO.

A Editorial Caminho, uma das maiores editoras em Portugal, projetou internacionalmente o nome do autor, o qual, no Brasil, foi publicado também pela Nova Fronteira e, atualmente, integra a Companhia das Letras, editora protagonista no mercado brasileiro. Em Portugal, segundo João Cosme (2007), Mia Couto tornou-se o segundo autor mais vendido da Caminho, ultrapassado apenas por José Saramago. O fato de Mia Couto publicar em Portugal incentivou outros escritores a percorrerem o mesmo caminho mercadológico, fazendo com que muitos autores africanos fossem publicados apenas fora de seus países. Lamentando a prática, segundo Cosme (2007), Mia Couto abre sua própria editora em Moçambique – em parceria com a Caminho – a Ndjira (agora pertencente ao grupo Leya, que engloba a Caminho). A partir de então, Couto passa a publicar primeiro em Moçambique e depois em Portugal.

O mercado editorial também é responsável por privilegiar e hierarquizar gêneros. No caso de Mia Couto, autor que estreia com a publicação de poesias e, em seguida, passa a escrever contos, a pressão de sua editora portuguesa para que escrevesse romances era bastante acentuada. O escritor furtava-se

da tarefa alegando serem os contos “o gênero literário que melhor transpunha a oralidade das histórias e da mitologia para a forma escrita” (COSME, 2007, p.113). No entanto, sabemos que, em 1992, Mia Couto lança *Terra Sonâmbula*, romance laureado em vários prêmios e aclamado pelo público e crítica. Na esteira desse, Couto lança muitos outros títulos do gênero.

Sobre o setor mercantil eleger autores para promover e publicar, Marcelo Panguana manifesta-se afirmando “nem consigo publicar aqui em Moçambique” (PANGUANA in PINHEIRO, 2019, p.77). O escritor versava em entrevista sobre o fato de não ser publicado internacionalmente, quiçá no seu país, denotando algumas motivações que, segundo ele, ocorrem:

(...) só publicam aqui as pessoas que tem um nome, que tem um tio ou um padrinho que é dono de alguma empresa, qualquer ministro que onde consegue tirar algumas coisas para publicar. Fora disso é um bocado complicado, agora estou a imaginar o problema que tem os escritores jovens, escritores que querem se afirmar e não tem nome, o empresariado não aposta em coisas desconhecidas. E a literatura moçambicana ressent-se disso, que faz com que sobreviva sempre dos mesmos nomes, do Mia Couto, Ungulani, Paulina Chiziane, e tem nomes aqui; do meu ponto de vista, eu acho que a nível do PALOP, é uma opinião muito pessoal, penso que Moçambique neste momento está a produzir uma das melhores literaturas, o que pode acontecer é que nós não temos capacidade para tornar visível essa qualidade (PANGUANA in PINHEIRO 2019, p.77).

Em Moçambique as maiores editoras são Alcance e Ndjira. Também AEMO e a Fundação Fernando Leite Couto publicam autores locais. Laisse (2020) cita outras tantas como: Brinduka, Selo Jovem, Indico, Escola Portuguesa de Moçambique, Xidjumba, Oleba, Fundza, Cavalo do Mar, MOLIJU, Literatas, JV, Kuvaninga, Plural, Chil, Kuvaninga, Cartão d'Arte, Imagem Real; Kwandika, Kapulana, Chiado, Letras, Mwishini, CEMD, Labirinto de Letras, INCM, PAWA, Texto Editores, Editorial Novembro e EMIJOMO.

Ainda assim, a realidade denota, como afirma o escritor moçambicano Suleiman Cassamo, que até escritores já reconhecidos não obtém espaço no mercado interno: “Infelizmente, minhas obras são esgotadas aqui no mercado. Sou um escritor sem livro” (CASSAMO in PINHEIRO, 2020, p. 100)

Para que se tenha ideia do custo dos livros em Moçambique, pode-se tomar como referência o site oficial da editora Alcance: *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*, de Luís Bernardo Honwana custa 600 Meticais (US\$9,40); *João*

Albasini e as Luzes de Nwanzengele, de César Braga Pinto e Fátima Mendonça, 850 Meticais (US\$ 13,30) e *Crônicas dum Insubmisso: vol I*, de Helder Martins, 1200 Meticais (US\$18,80). O salário mínimo, para termos de comparação, aprovado em 2024 no setor da pesca, uma das atividades base do país, é 4941 Meticais (US\$77,39)

O panorama para acesso a obras moçambicanas no Brasil, há pouco tempo, também era labiríntico. Abre-se parêntese aqui para recordar que, quando do primeiro estudo da autora dessa tese sobre a obra de Mia Couto, 2008-2010, os caminhos para adquirir bibliografia eram via Portugal. Vários dos livros que serviram – e servem – de arcabouço teórico das nossas pesquisas foram importados pela livraria portuguesa Wook, de forma online. Portanto, o trajeto para acesso aos teóricos moçambicanos – como Lourenço do Rosário – ou determinadas obras literárias, de Paulina Chiziane e Mia Couto, eram por intermédio de Portugal. Valores cobrados em euro, através de cartão de crédito internacional, e tempo grande de envio dificultavam mais ainda o processo. Alentadores eram os encontros, como os da AFROLIC (Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos), que viabilizavam presença de editoras que publicavam fortuna crítica específica sobre o tema.

Os critérios intrínsecos – subjetividade, experiência, lugar de fala – e também os externos – acesso, mercado, validação – relativos ao campo de estudo determinam as condições para a produção da fortuna crítica e também acabam por determinar o que se lê e quem se lê. Logo, os valores simbólicos e valores monetários se entrecruzam. O discurso universitário que avaliza as obras canônicas não se furta à discussão do lugar de onde se lê. As identidades e projetos circunscritos nesse meio implicam na avaliação do que se cristaliza ou não enquanto cânone. Portanto, nosso papel enquanto pesquisadores é conhecer de que forma esses processos de legitimação acontecem e favorecer um cenário em que se possa repensar constantemente o normativo.

4.2 A literatura africana e a necessidade de novos padrões

Assume-se que para além de repensar em aspectos relativos ao cânone não se pode deixar de discutir as epistemologias negras. O paradigma afrocêntrico é importante para que se compreenda e incentive uma crítica endógena. Estimular o reconhecimento da intelectualidade negra é também essencial às universidades. Molefi Kete Asante (2009) é quem propõem o paradigma da afrocentricidade: “a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos, atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 2009, p. 93). Logo, busca compreender os fenômenos a partir da identidade dos sujeitos, não se guiando por conceitos biológicos de raça, por exemplo. Assim, a afrocentricidade preconiza que os lugares de fala sejam ocupados por quem vivencia a experiência.

Cada vez mais essa forma de interpretar é compreendida enquanto caminho de legitimação. Kabengele Munanga (1990, p.113) afirma que “ser negro é ser excluído”. Em uma sociedade na qual tiveram sua cultura expropriada, lugares herdados, um passado construído sobre a regência do desempenho do papel de escravo, como os negros poderiam formar sua identidade e unidade baseando-se na pigmentação da pele? De que forma, inclusos em um país propagador de um projeto de embranquecimento, sustentado por uma ideologia de democracia racial, se forja uma negritude coletiva?

A popularização de um estereótipo negativo do negro torna-se uma pressão psicológica, fazendo-o, muitas vezes, familiarizar-se com esse retrato contra ele forjado, levando-o a interiorizar uma postura subalterna e alienar-se. Conforme Munanga (1990), quando isso ocorre, sobra apenas uma alternativa ao negro: eliminar a diferença e assemelhar-se ao branco, trocando a pele física, cultural e intelectual. No entanto, mesmo que se esforce, já que não foi integrado ao mundo dos brancos, ele não consegue assimilá-lo. Logo, essa constatação gera revolta e o faz perceber que é necessário romper com o sistema escravocrata colonial, retomar a si, crer que é sujeito de uma história e

civilização que lhes foram negadas e cujos valores culturais, físicos, morais e intelectuais precisam ser recuperados. A essa retomada, Kabengele denomina “negritude”. Tal conceito nascido em Paris, em meios intelectuais negros, na década de trinta, será encontrado no Brasil através de rupturas como as de Zumbi dos Palmares, que acreditava na construção de uma República inspirada em valores políticos negro-africanos, manifestando uma legitimidade histórica, em que negros reagem à agressão branca, criando um movimento ideológico político pautado na libertação dos negros e em uma luta antirracista, que pode, inclusive, ser intitulada como autodefesa.

Gramsci tenciona dois tipos de intelectualidade: a orgânica e a tradicional. O intelectual orgânico representa os interesses das classes dominantes, já o tradicional, as outras classes da sociedade. Além disso, para o teórico, um intelectual não está necessariamente vinculado a uma formação acadêmica específica, mas a uma ação social.

A hegemonia cultural defendida por Gramsci (2001) é baseada no poder de persuasão, de convencimento, contrastando com um conceito de dominação através da força. Para que uma classe, ou grupo social, torne-se dominante e dirigente (politicamente) é preciso que haja um trabalho de consenso da sociedade civil. Mais que violência, o poder dentro da sociedade é o processo de construção de uma hegemonia que é alvo de disputa, pois através dela o Estado governa, com base nas suas diretrizes. Gramsci compreende que a transformação da sociedade é lenta e sugere revoluções passivas como forma de reestruturar essas hegemonias embasadas em uma nova ideologia.

A revolução pacífica é uma forma de revolução que não promove uma ruptura, uma fratura, contudo, vai reelaborando, através dos intelectuais, o pensamento para que nasça uma hegemonia advinda da classe dominada que pretende ser dominante. Em geral, as massas são quem se adaptam às exigências econômicas e culturais da classe dominante. Entretanto, é preciso formar intelectuais que possam agir e estar direcionando o Estado guiados por outra construção hegemônica. Recorde-se que para Gramsci (2001) um intelectual não é, necessariamente, a figura de um erudito. Ele amplia o conceito de intelectualidade abarcando que um líder popular, por exemplo,

pode ser um intelectual. A princípio, todo mundo seria intelectual, entretanto, nem todos assumem uma função intelectual (de ação) dentro da sociedade. A ideia principal é tentar criar um novo ator político, que possa intervir e modificar o processo histórico enquanto dirigente.

Utilizar a intelectualidade como forma de instrumentalizar a defesa contra o racismo é fomentar a criação de espaços e estruturas de representação. Conforme Gramsci (2001), os intelectuais têm um importante papel no processo da hegemonia cultural pelo poder político, visto que são eles que fazem a ligação entre a “superestrutura”, uma base ideológica (política, moral, religião, arte, ideias, direito, crenças) – e a “infraestrutura” (as relações materiais de produção). O intelectual é aquele que media o poder sustentado por uma base material econômica - e a ideologia que essa base possui - e aqueles que estão fora dessa base, todavia sendo os que produzem para esse poder e são afetados por essa ideologia. Sendo assim, é papel do intelectual organizar e formar um senso crítico que possa questionar o poder instituído.

Nesse contexto de ressignificar a intelectualidade, o papel da universidade e da crítica por ela elaborada é fundamental. Em um polo de produção restrito, segundo Sapiro (apud VILAR, 2018, p.55) a seleção das obras é regida por critérios intelectuais. Porém, à medida que se torna um grande polo de produção, os critérios erigidos são os de rentabilidade. Direcionando nosso olhar para Moçambique, conforme aludido em vários momentos anteriores desse trabalho, a fortuna crítica moçambicana é, predominantemente, exógena. Tal massa crítica é produzida, sobretudo, no Brasil e em Portugal, sendo influenciada também por políticas de mercado editorial. Assim, o circuito das obras literárias passa a ser legitimado por um discurso crítico acadêmico e/ou midiático de países mais representativos em termos de lusofonia. Corroborando com essas reflexões, o escritor e historiador moçambicano João Paulo Borges Coelho afirma:

(...) da condição de quem se dedica à escrita literária em língua portuguesa num espaço africano periférico: o facto da divulgação dos livros ser mais forte em locais outros que aqueles que são escritos. (...) é inegável que o tom da crítica canónica se estabelece em espaços exteriores aos nossos países, nomeadamente no eixo Portugal-Brasil (os dois centros gravitacionais da língua portuguesa), o que quer dizer que a escrita e a crítica ocupam loci não coincidentes (COELHO, 2012, p.193 e 201).

Quando falamos em academia, entendida aqui enquanto Universidade é importante ressaltar que esse espaço é composto, majoritariamente, por sujeitos com perfis alinhados ao cânone. Ainda hoje, o espaço de discussão universitário privilegia autores e obras canônicas, deixando à margem a literatura que advém de perspectivas e estéticas diferentes.

Retomando as discussões supracitadas, Daphne Patai e Will H. Corral, *Theory's Empire* (2005), como não pensar que existe na universidade a reprodução do que se entende como alta Teoria. Na obra, os autores trazem a reflexão de que somos reféns das filiações teóricas e que não sabemos outras maneiras de analisar as obras que não sejam à luz de um conjunto pré-determinado de teorias. No entanto, quando escolhemos este ou aquele conjunto de teóricos, que representam determinadas teorias, e ratificamos aquelas ideias, não fazemos o necessário contraponto de rebeldia em relação às mesmas. Repetimos teorias, refutamos teorias, criamos teorias, deixando de lado um dos aspectos fundamentais: nossos próprios modelos conceituais. E isso é bem mais complexo analisar, visto ser um exercício de autorreferente.

Boaventura de Sousa Santos (2007) sugere que as grandes teorias utilizadas para os estudos das ciências sociais levam em conta apenas a teoria produzida em países localizados no norte do globo e que tais teorias não servem para analisar o sul, a violência e apropriação pela qual ele foi marcado em oposição à regulação e emancipação do norte. Sendo assim, os territórios coloniais não são vistos como relevantes o suficiente para estarem além de um universo dicotômico verdadeiro/falso e o conhecimento por eles produzidos é tido como inexistente.

As ausências acabam por descartar as experiências sociais e produzem um presente menos complexo do que de fato é. Boaventura (2009) demonstra que os teóricos modernos ajudaram a determinar o que era o mundo colonial enquanto estado de natureza e sua característica de ser visto como incapaz de organizar instituições da sociedade civil. Logo, a modernidade tornou invisível essa parte do mundo que estava em um suposto estado de natureza baseando-se apenas na experiência da metrópole, apontando um futuro único, hegemônico e universal para as colônias. E esse período, conforme o autor,

“estende-se para os pensamentos e práticas modernas ocidentais” (SANTOS, 2009, p.28).

A partir do conceito cunhado por Boaventura Santos, Sueli Carneiro (2005) conceitua o epistemicídio, ou seja, o sequestro do uso de epistemologias produzidas nas periferias globais:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação do acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto por que não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente. Como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc (CARNEIRO, 2005, p 97).

Se anulado o entendimento de que se é capaz de produzir intelectualidade dentro de uma sociedade, outrossim anulam-se formas de poder existir dentro da mesma. Assim, diante de uma perspectiva colonial e racial, julga-se somente merecedor de legitimação o discurso da metrópole ou dos seus avalizados. Em seus estudos, Sueli Carneiro (2005) irá comprovar que a racionalidade foi atribuída a pensadores ocidentais e eles delimitaram a possibilidade de grupos de produzirem conhecimento e compreendê-lo. Dessa forma, a intelectualidade se impôs afirmando que alguns grupos seriam incapazes de produzir de forma inata cultura e civilização, em contraposição àqueles que constituíam a epistemologia ocidental, que definiria parâmetros balizadores de cultura, racismo e colonialismo. A autora demonstra de que forma isso aconteceu no Brasil desde as missões jesuíticas, passando pela abolição da escravidão e chegando à modernidade. Na modernidade, o sucateamento das instituições públicas de ensino e a seleção de quem pode nelas ingressar, seria a continuidade da manutenção de um sistema de hierarquia social, em que a educação formal fora pensada para uma elite social, política e econômica e utilizada como instrumento para reproduzir e

internalizar paradigmas naturalizados de superioridade de algumas classes sociais e raças. Logo, compreender que a população negra encontra dificuldades para o acesso ao ensino superior, para a permanência e êxito nesse espaço educacional é essencial para esta tese. A ausência da representação negra discente e docente é também espelhada no apagamento teórico.

Verificada a necessidade de reavaliação dos padrões, surge na teoria a necessidade de repensar trajetórias e/ou sistematizar percursos. Logo, trazemos ao foco duas questões sobre as quais já discorremos: a periodização da literatura moçambicana (área ainda carente de referências, dado o curto período de afastamento histórico) e as nomenclaturas atribuídas à literatura dos CINCO, expressões que foram sendo modificadas ao longo do tempo de forma que pudessem melhor (re) expressar os padrões de referência que foram sendo alterados conforme as reflexões teóricas incidiam sobre as terminologias.

4.2.1 Nomenclaturas e expressões ideológicas

Já na introdução deste trabalho aludimos a dificuldade em atribuir nome ao conjunto formado pela Literatura Africana escrita em Língua Portuguesa. Na fortuna crítica escrita sobre os CINCO, muitos são os textos que discutem as nomenclaturas e, sobretudo, questões ideológicas inclusas da escolha ou refuta de determinada expressão.

Acompanhando o desenvolvimento das pesquisas e a constante necessidade de atualização de terminologias, nomenclaturas e suas respectivas implicações ideológicas, elaboramos um quadro que agrega denominações utilizadas pelos autores para designar o conjunto da obra dos CINCO. As obras que serviram de referência são reconhecidas e citadas por vários outros teóricos, enfatizamos, no entanto, que não necessariamente foram esses críticos os responsáveis individualmente pela nomenclatura a qual seu nome está atrelado, mas externalizam através de seus títulos a opção pela expressão utilizada.

Autor	Nomenclatura	Referência
Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro	Poesia Negra de Expressão Portuguesa	ANDRADE, Mário Pinto & TENREIRO, Francisco José. <i>Cadernos de Poesia: Poesia Negra de Expressão Portuguesa</i> . Lisboa, Sociedade de expansão cultural, 1953.
Amândio César	Literatura Ultramarina	CÊSAR, Amâncio. <i>Parágrafos de literatura ultramarina</i> . Lisboa. Sociedade expansão cultural, 1967.
Manuel Ferreira	Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa	FERREIRA, Manuel. <i>Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa</i> II. Instituto de Cultura Portuguesa, Lisboa, 1977
Alfredo Margarido	Literatura das Nações Africanas de Língua Portuguesa	MARGARIDO, Alfredo. <i>Estudos sobre as Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa</i> . Lisboa. A regra do Jogo, 1980.
Russel Hamilton	Literaturas da África Lusófona	HAMILTON, Russel. <i>Voices from Empire</i> , Minneapolis, University of Minnesota Press, 1975.
Inocência Mata	Literatura Africana em Língua Portuguesa	MATA, Inocência. <i>Pelos trilhos da Literatura Africana em Língua Portuguesa</i> Braga, Portugal: Cadernos do Povo, 1992
Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas	Literatura Africana de Língua Portuguesa	GOMES, Aldónio & CAVACAS, Fernanda. <i>Dicionário de Autores de Língua Portuguesa</i> . Lisboa, Ed. Caminho, 1997.
Russel Hamilton	Literatura dos PALOP	HAMILTON, Russel. <i>A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial</i> . Via Atlântica n.3. São Paulo, 1999.
Inocência Mata	Literatura dos CINCO	MATA Inocência. <i>Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África</i> . 1616: Anuário de Literatura Comparada, Salamanca, Espanha, v. 3, 2013.

Tabela 2: Nomenclaturas e expressões ideológicas utilizadas para designação do conjunto de obras literárias produzida nos CINCO.

Não entraremos na seara da discussão sobre língua/linguagem ou exaustivamente discutiremos o percurso da mudança de perspectiva sobre os termos utilizados para as definições, contudo interessa-nos ressaltar a necessidade das reflexões e a mudança de parâmetros. Entre o uso inicial da expressão “*Manifestações de Literatura Ultramarina*” e “*Literatura dos CINCO*” há um intenso trabalho de mudança de marco teórico denotado pela modificação de epistemologias e paradigmas históricos, sociais e políticos. Se consenso é que não cabem mais termos como literatura de “expressão

portuguesa”, dúvida ainda resta se a nomenclatura por nós adotada nesta tese, Literatura dos CINCO, irá cristalizar-se. Cabe ainda a ressalva de que em reflexões teóricas a denominação, enquanto conjunto das cinco literaturas africanas de língua portuguesa é pertinente. No entanto, nomeando uma disciplina universitária, por exemplo, pouco ou nada comunicaria, pois não informa quais os CINCO formadores do conjunto. Justificativas não faltam para defesa de várias nomenclaturas e expressões, sobretudo àqueles teóricos que julgam o termo *Lusofonia* pertinente enquanto aglutinador de uma comunidade de escrita em língua portuguesa sob o pretexto de que literaturas anglófonas ou francófonas, em dado momento, beneficiaram-se da pretensa unidade que formavam através da denominação. Porém, nossa tendência é concordar com Nataniel Ngomane (2011) quando pelo adjetivo lusófono não se sente representado, particularmente se pretendemos adotar perspectivas endógenas.

Importante ressaltar que mesmo já existindo fases distintas historiográficas bem delineadas por diversos teóricos, um conjunto robusto de autores e obras literárias e uma intelectualidade acadêmica já reconhecida internacionalmente, a consolidação do sistema literário moçambicano, entendida pela ótica proposta por Antônio Cândido, alicerçada em autor, obra e público, ainda é considerada em formação. Conforme Fátima Mendonça (2023), respondendo questionamento de Ana Beatriz Matte Braun, vislumbramos a seguinte percepção:

Ana Beatriz Matte Braun – Considerando o pouco tempo de existência do campo literário moçambicano, seria possível afirmar algo como a consolidação de um sistema literário moçambicano (pensando aqui na tríade proposta por Antonio Candido, entre autores, obras e público)? O que resulta hoje de uma leitura sincrônica e diacrônica do campo literário moçambicano?

Fátima Mendonça – Sistema plenamente constituído, penso que não. Nos moldes de Antonio Candido seria um sistema que está em formação, embora se possam divisar já, de modo diacrônico, algumas linhas de força a partir do surgimento das primeiras manifestações literárias. Desde a independência, com as rupturas políticas, ideológicas e de toda ordem que a independência veio a produzir, a literatura passou a ser outra coisa, e, portanto, há aí uma passagem de algo que poderia ser visto como manifestações literárias que se assumia como moçambicana, mas que ainda estavam em um contexto muito específico, o colonial. Com a independência dá-se um salto qualitativo e nós começamos a assistir, quer do ponto de vista do debate público, a algo que podemos definir como sistema, mas que penso estar em formação. Se pensarmos do ponto de vista do

cânone moçambicano, muita coisa pode vir a mudar. Até os anos 2000, havia um determinado percurso que a literatura estava a seguir. Nos últimos vinte anos, esse percurso teve um salto em termos de edição, de contato entre escritores, havendo toda uma dinâmica nova nas duas últimas décadas que nos leva agora a ter que pensar melhor para onde é que está a ir a literatura moçambicana (MENDONÇA in ALVES & BRAUN, 2023, p 51-52).

As relações entre a universidade e literatura, descrevendo o espaço que as instituições ocupam dentro da consolidação desse sistema literário em formação, foram o mote da nossa reflexão. Seja através do impulso à leitura de obras literárias; da legitimação da produção através de pesquisas, publicações e surgimento de centros de estudos e revistas; da influência e participação em mercado editorial, a universidade representa um papel relevante quando difunde a produção dos CINCO.

O constante repensar dos rumos da literatura, como sugere Fátima Mendonça (2023), é necessário para a revisitação do cânone e seus parâmetros. Logo, ocuparemos-nos de dar a conhecer quais concepções teóricas e referências bibliográficas o Brasil tem proporcionado aos estudantes de Letras através da análise da seleção de referências presentes nas ementas das disciplinas ministradas sobre os CINCO nas instituições brasileiras.

5. As Universidades e a abordagem teórica da Literatura Africana

Buscando colaborar para a compreensão sobre o trabalho desenvolvido no ensino da literatura africana nas universidades brasileiras, selecionamos como recorte dez IES que possuem trajetória consolidada na área de pesquisa acerca da literatura dos CINCO. Para isso, coligimos textos de teóricos que representaram as universidades através da sua produção em coletâneas ao longo de vários anos. Após, mapeamos as disciplinas que compunham o currículo dessas universidades que abarcavam o ensino da literatura moçambicana e/ou africana, delimitamos os textos e teóricos recorrentes e sublinhamos a crítica de qual país prevalece quando observados os textos teóricos presentes nos planos de ensino. Também os livros literários e autores mais citados foram objeto da nossa atenção, denotando qual configuração prevalece enquanto seleção de corpus nas IES brasileiras do nosso recorte.

5.1 Metodologia

Ao longo dos anos, acompanhando os eventos que envolvem estudiosos da temática da Literatura dos CINCO, as publicações de livros impressos e/ou virtuais, os grupos de pesquisa das instituições, pode-se dizer que, empiricamente, é possível delinear quais são as universidades que mais se dedicam à pesquisa da temática. Afinal, essas se destacam no cenário das discussões no âmbito nacional e internacional. Contudo, o empírico não se mostra como a metodologia mais adequada para nossa pesquisa, já que distintos são os parâmetros e percepções de cada sujeito. Portanto, buscamos algo que fosse factual e verificável.

A ideia embrionária desse trabalho era utilizar como fonte de pesquisa a base de dados da CAPES. Dessa forma, analisaríamos o currículo dos cursos de graduação das instituições que maior fortuna crítica tivessem produzido acerca da literatura africana e que, a nosso ver, poderiam servir de referência para as demais universidades brasileiras, já que a produção de trabalhos acerca da temática indicaria que nela existe pesquisa e fomento às discussões relacionadas à específica literatura. No entanto, muitas foram as

variáveis que nos fizeram perceber que tais dados não serviriam ao nosso propósito de análise.

O primeiro termo que utilizamos para busca no banco de dados da CAPES foi *literatura africana* (sem aspas). A quantidade de trabalhos apresentada nos resultados obtidos pela pesquisa foi bastante significativa. Porém, tais trabalhos englobavam pesquisas relacionadas a muitos autores cuja temática africana estava presente na obra tangencialmente ou apenas para fins de comparação. Entre os estudos observamos análises sobre Machado de Assis, José de Alencar, Clarice Lispector e, assim sendo, não corroboravam com o universo de pesquisa por nós pretendido. Tais resultados demonstraram a complexidade do uso do termo *africano* e tudo que pode ser compreendido, correlacionado ou categorizado a partir desse léxico.

Nosso próximo passo consistiu em inserir aspas na expressão “literatura africana”. Nesse sentido, o termo, de fato, restringiu-se com mais proximidade aos estudos elaborados sobre os CINCO. Contudo, muita fortuna crítica acerca de outros autores e países africanos, que não os de língua portuguesa, fizeram-se presente nos resultados. Inúmeros trabalhos versando sobre os nigerianos Chimamanda Ngozi Adiche, Chinua Achebe, Wole Soyinka e até Achille Mbembe, filósofo camaronês, nominata essa que destoava do nosso corpus de análise.

Optamos, a seguir, por refinar a mesma busca anterior categorizando-a por instituição. Encontramos 51 instituições enquanto quantitativo, tendo a grande maioria delas um ou dois estudos relacionados ao campo da literatura africana. As universidades com maior expressividade foram: USP (8), PUC-MG (6), UFRGS (6), UEPB (5), UFCG (5), UFPB (5), UFSC (4), UFPE (4), PUC – RS (3), UFCE (3), UFJF (3), UFRN (3) e UNESP (3). Pôde-se perceber que essa seleção contempla universidades cuja produção acadêmica é mais recente, contrapondo nosso objetivo inicial de selecionar IES cujo percurso denotasse a consolidação dos estudos na área.

Logo, passamos a buscar outra forma de selecionar as universidades para nossa pesquisa. Listas de ranqueamento de instituições tampouco colaboravam, pois traziam faculdades cujo ensino da literatura africana de língua portuguesa não se fazia presente há muito e/ou excluía aquelas cuja

tradição de pesquisa se manteve ao longo dos anos, o que era nosso objetivo maior. Pensando nessa variável, “a manutenção da discussão” e ainda o fomento aos estudos e eventos, ocorreu-nos recorrer às coletâneas de textos advindos dos encontros de professores de literaturas africanas no Brasil, certos de que ali teríamos a voz de teóricos que se dedicaram a tais pesquisas desde o início dos estudos no país.

A partir daí, pensando na perspectiva de que inicialmente os textos poderiam ser escritos sempre pelo mesmo conjunto de teóricos, decidimos examinar coletâneas que obedecessem ao critério de serem publicadas por diferentes editoras, organizadores, IES e possuírem textos de vários autores. Com suporte de obras impressas e online, a partir essencialmente dos livros da nossa biblioteca pessoal, delimitamos as seguintes referências:

Livro	Ano	Organização	Editora
Contatos e Ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa	2003	Ângela Vaz Leão	Editora PucMinas
Literaturas em Movimento: hibridismo cultural e exercício crítico	2003	Rita Chaves e Tania Macêdo	Editora Arte & Ciências
Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa	2006	Rita Chaves e Tânia Macêdo	Editora Alameda
A kinda e a Misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana.	2007	Rita Chaves, Tania Macêdo e Rejane Vecchia	Editora Cultura acadêmica e Ed. Nzila
África & Brasil: letras em laços vol.2	2010	Carmen Tindó Secco, Maria do Carmo Sepúlveda e Maria Teresa Salgado	Editora Yendis
Pensando África: literatura, arte, cultura e ensino	2010	Carmen Tindó Secco, Maria Teresa Salgado, Silvio Renato Jorge	Fundação Biblioteca Nacional
Palavra Nação	2012	Jane Fraga Tutikian e Daniel Conte	Ed. UFRGS
Revista estudos literários nº 5: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	2015	José Pires Laranjeira	Universidade de Coimbra
Literatura e Memória Política: Angola. Brasil. Moçambique. Portugal	2015	Benjamin Abdala e Rejane Vecchia	Ateliê Editorial
Utopias comuns em múltiplas fronteiras: ensaios sobre literaturas africanas de língua portuguesa	2017	Renata Flavia da Silva	Eduff

Tabela 3: Coletâneas utilizadas como referência para delimitar as IES da pesquisa

Assim, inventariamos os autores que compunham tais obras, em ordem cronológica de publicação. Dessa forma, percebe-se que muitos são os teóricos e instituições representados através dos textos nos livros selecionados. Nossa pesquisa apontou 92 autores distintos, representantes de 32 instituições diferentes. Tais nomes, que publicaram em coletâneas datadas entre 2003 e 2017, representam para nós a circunscrição das universidades que se mantiveram presentes no fomento à pesquisa e discussão da literatura dos CINCO. Pode-se vislumbrar a referência da totalidade dos teóricos brasileiros, acompanhados da instituição informada quando da autoria dos textos, cujos nomes integram as coletâneas selecionadas para análise, no anexo B.

Logo, relacionando as instituições ao número de vezes em que foram representadas nominalmente através de algum autor, o qual à época vinculava-se à instituição através do seu trabalho docente ou enquanto colaborador /estudante em grupo de pesquisa ou programa de pós-graduação, conseguimos delimitar as universidades do nosso estudo, conforme segue:

Instituição	Referências de autoria
USP	45
UFRJ	19
UFF	18
PUC MG	11
UFMG	9
UFRGS	6
UFPB	5
UFJF	5
UFBA	5
UNICAMP	3
UERJ	2
UFG	2
UFSC	2
UFSCAR	2
UFSCAR	2
UNB	2
FURG	1
PUC RJ	1
PUC RS	1
PUC SP	1
UEL	1
UEPB	1
UFCE	1
UFPA	1
UFSM	1

UFVJM	1
UNEMAT	1
UNESP	1
UNIRITTER	1
UNIGRANRIO	1
UNIR	1
UNISUAM	1

Tabela 4: Instituições e número de referências relacionadas à autoria

Também foi possível verificar quais pesquisadores destacaram-se publicando em mais de uma obra dentre as dez selecionadas para nossa pesquisa:

Autor	Nº de recorrência nas coletâneas selecionadas	IES
Benjamin Abdala Júnior	8	USP
Laura Cavalcante Padilha	8	UFF
Carmem Lucia Tindó Secco	7	UFRJ
Elisalva Madruga Dantas	5	UFPB
Tania Macêdo	5	USP
Maria Nazareth Soares da Fonseca	4	PUC MG
Rita Chaves	4	USP
Jane Tutikian	3	UFRGS
Mário Cesar Lugarinho	3	USP
Rejane Vecchia	3	USP
Silvio Renato Jorge	3	UFF
Vima Lia de Rossi Martin	3	USP

Tabela 5: Autores e número de recorrência de autoria nas coletâneas selecionadas para o estudo

Relevante evidenciar teóricos como Benjamin Abdala Júnior e Laura Cavalcante Padilha, professores da USP e da UFF, os quais publicaram em oito das dez coletâneas selecionadas. Como citado anteriormente nesse estudo, ambos são precursores das pesquisas e ensino de literatura africana no Brasil. Também Carmem Lúcia Tindó Secco e Elisalva Madruga Dantas, Tânia Macedo, Rita Chaves, Maria Nazareth Soares da Fonseca e Jane Tutikian são presença constante em vários textos que compõem o corpus analisado, endossando a escolha que fizemos, em capítulo anterior, de identificá-las enquanto referência dentro da produção teórica brasileira.

5.1.1 Instituições norteadoras

Com o subsídio das coletâneas publicadas ao longo de vários anos validando uma lista de autores e universidades que se mantiveram ativos nas investigações e publicações, o que era nosso objetivo principal ao buscar traçar uma matriz de referência de IES, acreditamos que o resultado desse diagnóstico elucidou um conjunto que representa espaços em que o estudo sobre a literatura dos CINCO fez-se de forma sistemática, longitudinal e contundente. Pensamos coincidir esse recorte ao que percebemos serem os centros de pesquisa não só pioneiros em relação às discussões, mas ainda referência contemporânea de debates. Assim, seguem as IES que utilizaremos como instituições norteadoras para análise:

Instituição
USP
UFRJ
UFF
PUC MG
UFMG
UFRGS
UFPB
UFJF
UFBA
UNICAMP

Tabela 6: Instituições norteadoras do estudo

Enfatizamos que nossa apreciação não objetiva ser crítica para colegas, departamentos ou universidades expondo ou desqualificando trabalho de pesquisa e docência, apenas visamos apontar lacunas, caso existam, e perspectivas no ensino da literatura africana através da identificação da crítica que vem sendo utilizada na graduação em Letras para formar professores de língua portuguesa e literatura, fortuna crítica essa que deve sempre ser alvo de reflexão. Assim, optamos por renomear as IES identificando-as pelas letras A, B, C, D, E, F, G, H, I, J. Para definir tal ordem, utilizamos a plataforma Sorteador²⁸, a qual atribuiu a cada instituição uma letra diferente de forma aleatória.

²⁸<https://sorteador.com.br/>

Isto posto, a próxima etapa da pesquisa constituiu-se em buscar nos sites das instituições norteadoras os PPCs (Projeto Pedagógico de Curso), documento que fundamenta as ações de gestão acadêmica, pedagógica e administrativa dos cursos de graduação, assim como as práticas adotadas nos processos de ensino-aprendizagem. Muitos desses projetos já contêm em si os fluxogramas dos cursos e alguns até as ementas das disciplinas. Adiante, buscamos verificar se havia no currículo do curso de Letras, inicialmente Licenciatura em Letras- Hab. Português-Literaturas, alguma disciplina que remetesse ao ensino da Literatura Moçambicana ou dos CINCO. Logo, elencamos critérios para que fosse possível balizar a pesquisa:

- ✓ Selecionar os planos de ensino mais atuais disponíveis nos sites das universidades, programas de graduação e/ou plataformas virtuais de aprendizagem;
- ✓ Restringir a cinco disciplinas por universidade, no máximo, enfatizando primeiramente as que se dedicam ao ensino da literatura moçambicana, posteriormente às demais literaturas dos CINCO e, em seguida, as que tratam de metodologias de ensino, pesquisa e didática específicas;
- ✓ Enviar e-mail aos docentes responsáveis pelas disciplinas e aos colegiados de curso caso não fossem encontrados os dados necessários para pesquisa, como ementas, conteúdo programático e bibliografias, solicitando os documentos para o prosseguimento do estudo;
- ✓ Pesquisar se a IES mantém programa de pós-graduação em Letras e possui docente responsável por orientar trabalhos na área de pesquisa relacionada à literatura dos CINCO;
- ✓ Observar elementos como: nome da disciplina, créditos, carga horária, natureza, semestre, presença ou ausência de pré-requisitos, cursos e habilitações para as quais a disciplina é ofertada, assim como ano de referência do plano de ensino.

Assim sendo, sistematizamos os dados encontrados para análise.

5.2 Resultados e discussão: os planos de ensino, bibliografias e suas implicações

Neste momento do nosso trabalho, nos dedicamos a analisar os planos de ensino e as bibliografias teóricas e literárias adotadas nos cursos de Letras selecionados pelo nosso recorte. Esse é um aspecto fundamental, pois os planos e fortuna crítica contidas nele definem a estrutura e conteúdo que serão trabalhados junto aos alunos. Tais escolhas têm implicações diretas no desenvolvimento do pensamento crítico e na formação do conhecimento dos estudantes, futuros professores de Literatura. Logo, exploraremos os resultados obtidos a partir da nossa tabulação articulando-os aos pressupostos teóricos anteriormente discutidos.

5.2.1 Aspectos gerais

Com base nos planos de curso das cadeiras, PPCs e sites das IES do nosso estudo, elaboramos o seguinte quadro com as principais informações acerca das disciplinas que contemplam o ensino da literatura dos CINCO e/ou a literatura moçambicana. O quadro fora composto, respectivamente: pelo nome da Instituição de Ensino Superior (IES); nomenclatura da(s) disciplina(s); créditos relativos a mesma; carga horária; natureza (optativa ou obrigatória); semestre de oferta; pré-requisitos e observações; ano do plano utilizado para análise e presença ou não de docente orientador em Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL).

IES	Disciplina	Créd	Carga horária	Natureza	Sem	Pré-requisito/ observações	Ano plano	Orient. em PPGL
A	Estudos temáticos de outras literaturas de língua portuguesa: percursos da lírica nos países africanos de língua portuguesa	4	60h	OP	5	-	2023	S
B	Poesia Africana em Língua Portuguesa	4	60h	OB	5	-	2022	S
B	Ficção Africana em Língua Portuguesa	4	60h	OB	6	-	2022	S
B	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa A	4	60h	OP	6	-	2022	S
B	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa B	4	60h	OP	6	-	2022	S
C	Estudos Comparados de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa	4	60h	OB	6	-	2023	S
C	Ensino de Literaturas Lusófonas	4	60h	OB	7	-	2023	S
D	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa II	3	60h	OP/EL	4	-	2017	S
D	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa IV	3	60h	OP/EL	6	-	2019	S
D	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa V	3	60h	OP Livre	7	-	2023	S
D	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa VI	3	60h	OP Livre	8	-	2023	S
E	Estudos Literários: textos fundamentais das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	4	80h	OB	7	-	2023	S
F	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa I	4	60h	OB	6	-	2023	S
F	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa II	4	60h	OB	7	-	2023	S
G	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	4	60h	OP	0	-	2021	S
H	Tópicos XV: Textos em Prosa de Ficção IV	2	30h	OB	4	Tópicos em Pesquisa XLVI: Historiografia Literária III (concomitante)	2023	S
H	Tópicos em Pesquisa XLVI: Historiografia Literária III	2	30h	OB	4	Tópicos XV: Textos em Prosa de Ficção IV (concomitante)	2023	S
H	Investigação em Estudos Literários	8	120h	EL	3	-	2023	S

	I, II, III							
H	Tópicos em Pesquisa I: Teoria Literária I	2	30h	OB	7	Tópicos Especiais em Prosa de Ficção II (concomitante)	2023	S
H	Tópicos Especiais em Prosa de Ficção II	2	30h	OB	7	Tópicos em Pesquisa I: Teoria Literária I (concomitante)	2023	S
I	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e o Cânone Ocidental	4	68h	OP	5	A literatura portuguesa e o imaginário brasileiro; Introdução aos estudos literários	2023	S
I	Narrativas Africanas de Língua Portuguesa	4	68h	OP	5	A literatura portuguesa e o imaginário brasileiro; Introdução aos estudos literários	2023	S
I	Crítica Literária e Cultura Africana e Africanista	4	68h	OP	5	A literatura portuguesa e o imaginário brasileiro; Introdução aos estudos literários	2023	S
I	Poesia Africana em Língua Portuguesa	4	68h	OP	5	A literatura portuguesa e o imaginário brasileiro; Introdução aos estudos literários	2023	S
J	Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	4	60h	EL /ALT	5	Literatura Portuguesa III	2023	S

Tabela 7: IES, Nomenclatura das disciplinas, créditos, carga horária, natureza, semestre de oferta, pré-requisitos e/ou observações, ano do plano de ensino, oferta de orientação no PPGL.

Inicialmente, verificamos que apenas uma universidade oferece a disciplina de literatura moçambicana em separado das demais. Sob o nome de **Literatura Africana de Língua Portuguesa II** (anexo C), a matéria versa sobre obras literárias de Craveirinha, Lília Momplé, Luis Bernardo Honwana, Manuel Ferreira, Mia Couto, Nelson Saúte, Paulinha Chiziane, Rui Knopfli e Ungulani Ba Ka Khosa. Ana Mafalda Leite, Pires Laranjeira, Alfredo Margarido, Rita Chaves, Teresa Salgado, Carmen Tindó Secco, Michel Laban e Patrick Chabal estão entre as referências teóricas.

Ademais, constatamos quão diversas são as nomenclaturas das disciplinas ofertadas que contemplam o ensino da literatura dos CINCO. Ao todo, verificamos 25 cadeiras, dentre as dez universidades selecionadas, que

possuem em seus planos o estudo da literatura africana e seus aportes teóricos. Tais disciplinas apresentam-se nomeadas como: Estudos temáticos de outras literaturas de língua portuguesa: percursos da lírica nos países africanos de língua portuguesa; Poesia Africana em Língua Portuguesa; Ficção Africana em Língua Portuguesa; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa A; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa B; Estudos Comparados de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa; Ensino de Literaturas Lusófonas; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa II; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa IV; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa V; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa VI; Estudos Literários: textos fundamentais das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa I; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa II; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Tópicos XV: Textos em Prosa de Ficção IV; Tópicos em Pesquisa XLVI: Historiografia Literária III; Investigação em Estudos Literários I ,II,III; Tópicos em Pesquisa I: Teoria Literária I; Tópicos Especiais em Prosa de Ficção II; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e o Cânone Ocidental; Narrativas Africanas de Língua Portuguesa; Crítica Literária e Cultura Africana e Africanista; Poesia Africana em Língua Portuguesa; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Verifica-se, portanto, que a nomenclatura mais amplamente adotada é **Literatura Africana de Língua Portuguesa**, presente em 11 das 25 denominações. Logo, não há mais predileção por intitular o estudo da literatura dos CINCO como literaturas de *expressão portuguesa*, termo adotado por Manuel Ferreira (1977). Tampouco encontramos designações como *literatura ultramarina*, Amandio César (1967), de *Nações Africanas de língua portuguesa*, Alfredo Margarido (1980) ou *PALOP*, Russel Hamilton (1990). Há, no entanto, ainda a presença da nomenclatura *Literaturas Lusófonas*, disciplina cujo teor é, neste específico caso, o ensino de tópicos relacionados a metodologias e ensino de literatura, em que há desdobramentos para a discussão do conceito de cânone e de literatura. A nosso ver, concordando com Ngomane (2011), o termo lusófono carrega consigo uma conotação negativa de domínio colonial de uns sobre os outros, como se o termo eternizasse uma dominação lusitana

sobre as demais regiões. Assim sendo, julgamos pertinente repensar a adequação da nomenclatura.

A presença, nas denominações, de termos como “estudos comparados” de literaturas africanas em língua portuguesa, nos revela o quanto o viés comparativista ainda é significativo dentro do estudo da literatura dos CINCO. Adiante, será possível evidenciar, com a pormenorização das ementas, que a ênfase dessa disciplina específica é o panorama das africanas e o processo de transformação desses sistemas literários. Logo, convém lembrar que as investigações iniciais sobre a literatura africana nascem em programas de pós-graduação que abrigavam linhas de pesquisa de estudos comparados. Vários são os textos em que Benjamin Abdala Jr tecerá análises e explanará tal abordagem – *Literatura comparada e relações comunitárias, Hoje* (2012), *Estudos comparados: teoria, crítica e metodologia* (2014) – e, como já verificado anteriormente, Abdala é teoria dorsal dos estudos africanos no país, visto não só a quantidade de publicações do autor, mas sobretudo a referência do seu nome nas demais pesquisas. Destarte, não causa estranheza a manutenção do comparativismo enquanto metodologia.

A observação da segmentação entre prosa e poesia em disciplinas distintas também nos chamou atenção, visto que a divisão de gêneros favorece aprofundamento teórico específico em um campo no qual a prática é agrupar as CINCO literaturas, processo que dificulta conhecer mais detalhadamente os escritores de cada país. O estudo e análise de autores e obras a partir das características de cada universo literário em questão colabora no entendimento da relevância literária dentro do contexto histórico e cultural ao qual pertencem e também projeta tais autores em cenários internacionais.

Outro ponto do qual nosso estudo ocupou-se foi identificar a natureza das disciplinas. Apenas seis entre as dez universidades analisadas possuem em seu currículo a obrigatoriedade do ensino da literatura africana de língua portuguesa. Ou seja, se compreendemos que tais universidades são referência na área, que apresentam programas de pós-graduação com pesquisa e orientação específica na literatura dos CINCO, figuram como pioneiras no estudo e se mantiveram ativas nas discussões e publicações, ancorando também eventos e encontros cujo tema aglutinador é a literatura africana de

língua portuguesa, cabe inferir, portanto, que se essas universidades não apresentam em sua totalidade o ensino obrigatório da literatura africana em seus currículos, quiçá as demais universidades brasileiras. Pesquisando outras faculdades, além das selecionadas, e seus planos de curso, constatamos que não existe o ensino obrigatório da literatura dos CINCO no currículo universitário da grande maioria dos cursos de Letras no Brasil. /Voltamos a enfatizar que as universidades utilizadas em nosso recorte possuem tradição no debate sobre o tema. Logo, se nessas instituições de referência a disciplina de literatura africana também aparece enquanto disciplina optativa na grade curricular, é de se esperar que nas demais IES ela inexista inclusive enquanto disciplina optativa, visto ausência do fomento nessa área de pesquisa.

Analisando os cursos de Letras em geral, consegue-se identificar em algumas universidades disciplinas integradas ao currículo que ofertam panoramas da literatura africana. Muitas delas, aliás, atreladas ainda ao estudo da literatura portuguesa. Vislumbramos que, na maioria das universidades, o currículo é composto por quatro ou cinco disciplinas de literatura brasileira, nomeadas, geralmente, como Literatura Brasileira I, II, III, IV e V. Paralelo aos estudos da literatura brasileira são ofertadas como obrigatórias em torno de quatro disciplinas de literatura portuguesa, geralmente denominadas Literatura Portuguesa I, II, III e IV. No entanto, o outro tripé que sustenta a Literatura de Língua Portuguesa – a Africana – não aparece enquanto área de conhecimento. Na quase totalidade dos cursos brasileiros de Letras sequer uma disciplina de literatura africana é ofertada em separado da literatura portuguesa. Quando a oferta acontece, em geral é sob a prerrogativa de panorama, englobando as CINCO literaturas aglutinadas, com ênfase nas literaturas moçambicana, angolana e, esporadicamente, caboverdiana.

Retornando à análise do nosso conjunto de universidades selecionadas, nas seis universidades em que a disciplina de Literatura Africana é ofertada de forma obrigatória no curso de Letras/Português ocorre, em geral, a obrigatoriedade da mesma nos cursos de dupla habilitação como Inglês, Espanhol, Francês e Italiano. Já para outras habilitações como Árabe, Russo, Japonês, Libras, Hebraico, Grego e Alemão, a disciplina é optativa. Também encontramos a oferta optativa para outras licenciaturas, como História e

Pedagogia. Usualmente, a carga horária, tanto das disciplinas obrigatórias, eletivas ou optativas, é em torno de 60h, convertidas em 4 créditos. Essa carga horária, na maior parte das universidades, é teórica. Somente em uma universidade encontramos no PPC a ênfase na possibilidade de o estágio obrigatório ser desenvolvido especificamente no ensino de Literaturas Africanas.

Em relação aos pré-requisitos, em geral a orientação da maior parte dos documentos é de que não haja estabelecimento dos mesmos. Quando eles estiveram presentes nos currículos, as disciplinas que anteriormente deveriam ser cursadas eram relacionadas à Literatura Portuguesa ou a Estudos Literários. Verificamos também proposta em que duas disciplinas deveriam ser cursadas de forma concomitante, na qual uma cadeira que versava sobre obras literárias era atrelada à outra, composta por enfoque prioritariamente teórico.

Outro aspecto a ser ressaltado é o delineamento das disciplinas realizado pelo professor responsável. *Textos em Prosa de Ficção, Historiografia Literária, Investigação em Estudos Literários e Tópicos em Pesquisa I: Teoria Literária I* poderiam converter-se em análise de corpus que abordasse outras referências literárias e teóricas. No entanto, dadas as características do ministrante, foram pensadas para ser vetor de discussão da literatura dos CINCO. Cremos ser esse um ponto chave no ensino da literatura africana no país: o interesse de um docente específico dentro da instituição. Facilmente identifica-se nas IES quem são os professores responsáveis por ministrar disciplinas de literatura africana.

Considerável também notar que, na maioria das vezes, é a partir do quinto semestre do curso de Letras que o aluno terá a possibilidade de cursar disciplinas de literatura africana. Tardamente, a nosso ver. O eventual interesse pela área e leitura de obras literárias, participação em grupos de pesquisa, são facilitados quanto antes for facultado o contato com a disciplina.

Assim, após análise inicial, passamos ao inventário da composição dessas disciplinas. Extraímos dos planos de curso as nomenclaturas, ementas, conteúdos programáticos e bibliografias. Mantivemos em nossos arquivos pessoais todas as demais informações, como objetivos, carga horária, metodologia, assim como os PPCs das IES analisadas. Adaptamos as

informações que julgamos mais pertinentes através da elaboração dos quadros constantes no anexo C. Nesses quadros, é possível visualizar a composição de cada disciplina de forma pormenorizada, o que acreditamos acrescentar muito a quem busca referências de conteúdo ou textos teóricos e literários a serem trabalhados em disciplinas de literatura africana de língua portuguesa.

5.2.2 Bibliografia teórica

Mapeando as referências que compõem os planos de ensino das 25 disciplinas selecionadas na pesquisa encontramos a totalidade de 476 textos. Optamos por classificá-los nas seguintes subdivisões de nacionalidade: brasileiros, portugueses, dos CINCO, africanos (exclusos os países pertencentes aos CINCO), e outros. A autoria brasileira caracterizou-se por autores brasileiros e autores de outras nacionalidades cujos textos foram publicados majoritariamente no Brasil e/ou publicados a partir de Instituições de brasileiras. Como categoria “africanas” compreendeu-se textos que são de outros países do continente além de dos CINCO. Categorizado como “outros” são obras indianas, norte-americanas, alemãs, francesas, russas, etc, cujos autores não pertencem a nenhuma das outras nacionalidades particularizadas.

Logo, o resultado obtido expô-se da seguinte forma:

Textos teóricos que compõem as ementas das disciplinas analisadas:

Nacionalidade	Nº vezes citado	Porcentagem sobre a totalidade de referências
Textos brasileiros	240	50,4%
Textos dos CINCO	64	13,4%
Textos portugueses	51	10,7%
Textos africanos	39	8,2%
Outros	82	17,3%

Tabela 8: Nacionalidade da crítica utilizada nas disciplinas que versam sobre a literatura dos CINCO

Percebe-se, portanto, que o ensino universitário brasileiro tem, prioritariamente, como base fundamental o uso de textos escritos por autores brasileiros como pressuposto teórico para o ensino da literatura africana de

língua portuguesa. Sendo assim, cabe retomar a reflexão de Inocência Mata (2011) quando se refere a uma *neocolonidade*. Há um aspecto bastante relevante que é discutido por MATA que aponta que “a África que o Brasil conhece é a que a ex-metrópole quer que se conheça – não é necessariamente a que os africanos consideram mais importante” (MATA, 2019, p.730). Neste argumento, Mata referia-se às publicações do mercado editorial brasileiro que apenas reproduz autores já consagrados pelo selo de grandes grupos editoriais lusitanos, havendo pouco espaço para um contradiscurso o qual buscaria outras vozes africanas enaltecendo as subjetividades marginalizadas.

Sabe-se que os países africanos ainda sofrem com práticas coloniais que apenas adotaram nova roupagem e que reproduzem no continente comportamentos e ideologias dos ex-opressores por parte daqueles que ascenderam na escala social. Logo, tem-se um neocolonialismo, que, mascarado, ainda “aterroriza os países do Terceiro mundo em pleno século XX” (SANTIAGO, 1978, p.15). O diálogo entre a tradição e a modernidade africanas no contexto pós-colonial tem versado sobre a utopia pré-independência e o sentimento distópico dos dias atuais, marcados pela ameaça neocolonial, capitalista e globalizadora. Assim, cabe refletir se substituir a teoria portuguesa utilizada para o ensino da literatura africana por uma teoria brasileira para o ensino da mesma é, de alguma forma, inscrever a literatura dos CINCO em um ciclo no qual apenas substitui-se o opressor.

Há de se cuidar para que tal literatura não se torne um “produto exótico”, objeto de deleite apenas externo, e que não haja na teoria utilizada para ensinar na universidade a presença de um neocolonialismo que visa substituir o controle colonial. Segundo Ella Shohat e Robert Stam (2006) o terceiro mundo ainda está sob a égide do “neocolonialismo” assistido, ou seja, “uma conjuntura na qual o controle político e militar deu lugar a formas de controle abstratas, indiretas, em geral de natureza econômica, que dependem de uma forte aliança entre o capital estrangeiro e as elites locais” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 42). Se o discurso sobre a África ainda prevalecer com raízes neocoloniais, dificilmente haverá espaço para reflexões endógenas. Portanto, não é o caso de deslegitimar as produções teóricas brasileiras, mas pensar que

o espaço primordial das reflexões sempre pertenceu às ideias etnocêntricas, o que remete à superioridade de uma cultura em detrimento de outra. Por conseguinte, à teoria brasileira cabe o papel de realçar uma lógica de construção de saberes que privilegie “repertórios culturais e de corpora ‘exemplares’, em que se fundam teorias, constituídos por textos culturais africanos” (MATA 2014, p.1). Assim, conforme MATA (2014) as construções culturais africanas e experiências dos colonizados não serão desconsideradas ou apenas rotuladas como “saber local”, que continuamente são desconsiderados pela tradição filosófica ocidental em detrimento a um conhecimento estabelecido a partir das visões coloniais que excluem os subalternos.

Por também tratar-se de país periférico, subdesenvolvido, de terceiro mundo, por certo que existe na teoria brasileira um viés epistemológico sul-sul, em que o sul, conforme Boaventura Santos (2019) não é o sul de natureza geográfica, porém a metáfora de um local não dominado pelo saber do norte, de matriz eurocêntrica, um sul que denuncia a supressão dos saberes e contextos de países subalternos através de uma teoria que revele esse conhecimento e experiências sociais.

Por conseguinte, cabe analisar quais são os autores que mais se destacam dentro da bibliografia brasileira coletada e compreender o enquadramento teórico de seus trabalhos. Os 240 textos brasileiros representam metade da bibliografia indicada. Compilamos os autores mais citados e os textos individuais mais referenciados:

Autor	Nº vezes referenciado	Texto mais citado
Rita Chaves	21	CHAVES, Rita. <i>Angola e Moçambique</i> . Experiência Colonial e Territórios Literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
Carmen Lúcia Tindó Secco	12	SECCO, Carmen Lucia Tindó. <i>A Magia das letras africanas</i> . Rio: ABE Graph, 2003.
Laura Padilha	10	PADILHA, Laura Cavalcante. <i>Novos pactos, outras ficções: ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras</i> . Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002.
Tânia Macedo	10	MACEDO, Tania. <i>Angola/ Brasil: Estudos comparados de literatura</i> . São Paulo: Arte e Ciência / Via Atlântica, 2003.
Maria Nazareth Soares Fonseca	9	FONSECA, Maria Nazareth Soares. <i>Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos</i> . Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.
Benjamin Abdala	7	ABDALA Jr., Benjamin. <i>Literatura, história e política</i> . SP: Ática, 1989.
Maria Aparecida Santilli	6	SANTILLI, Maria Aparecida. <i>Africanidade</i> . São Paulo: Ática, 1985.

Tabela 9: Autores teóricos brasileiros mais citados e textos individuais mais referenciados

A relação entre memória e história é a temática da maioria dos textos aludidos, assim como aspectos que discorrem sobre identidade (negritude, africanidade) e colonialismo. Assim, compreende-se que existe preocupação em esgrimir qual memória é representada, de qual ancoragem histórica advém e se a voz dos subalternos se faz presente. Discutir a identidade nos induz ao pensamento de que existe o reconhecimento de que esses países possuem identidade própria, legitimada, sistemas literários imbuídos de características que particularizam os textos produzidos e os situam dentro de determinada raiz cultural. Ainda que exógena, a teoria brasileira não se furta a examinar as matrizes da exploração colonial e traduz-se como aliada às discussões dos países que também foram espoliados pela mesma metrópole que aqui implementou a escravidão.

Analisando o corpus de textos mais citados, testemunha-se que o comparativismo é a metodologia mais utilizada, privilegiando Angola e Moçambique. No entanto, também são estabelecidas comparações luso-afro-brasileiras. A presença de autores precursores nos estudos da literatura africana de língua portuguesa no Brasil é bem marcada, Benjamin Abdala Jr, Maria Aparecida Santilli e Laura Padilha ainda são referências das mais

utilizadas, acompanhados de autoras como Rita Chaves e Tânia Macedo. Caso a concepção intelectual de Abdala, voltada para a cooperação solidária Sul-Sul, seja, de fato, a concepção adotada no trabalho com os textos literários, o viés das análises conceituais brasileiras privilegia a troca, os trânsitos, as experiências.

Se a crítica brasileira predomina enquanto teoria utilizada e constatamos a tendência comparatista e pós-colonial, cabe refletir, também, de que forma esse conceito de pós-colonial é compreendido e aplicado nos textos literários. Em entrevista concedida a Ricardo Pedrosa, no canal do Youtube denominado *Outro Livro: conversas literárias*, Elena Brugioni (2023)²⁹ aponta algumas das teorias sobre as quais discorre no seu livro *Literaturas Africanas Comparadas* (2019) no qual a autora sugere que a literatura africana faz a crítica revisitar os conceitos e repensar paradigmas críticos para que se possa atualizar as análises textuais. Logo, Brugioni (2023) inicia suas reflexões relatando que a leitura do nacionalismo literário utilizado para ler as literaturas periféricas não é o mesmo adotado quando aplicado às literaturas hegemônicas. Sendo assim, é necessário pensar o texto a partir de outros problemas que não só o nacional, mas de uma forma transversal que abarque outras perspectivas, ainda que não se deixe de contextualizar autor e obra. As identidades que não correspondem necessariamente a um discurso de identidade nacional, como é o caso do Índico como aglutinador, por exemplo, traz várias vertentes que se cruzam e precisam ser mais exploradas, resgatadas, pois são, muitas vezes, silenciadas. Nesse caso, emerge um novo paradigma comparatista no qual são analisados outros problemas, outros tópicos mais abrangentes.

Segundo Elena Brugioni (2019) os contrapontos da obra de muitos autores pós-coloniais precisam ser trazidos à luz, como no caso de Said, retraindo a teoria pois já existem muitos desdobramentos. Outro ponto de discussão elencado pela autora é o do gênero romance histórico. A teórica afirma que existe na literatura africana uma sobreposição entre romance e romance histórico, em que quase sempre o romance é histórico. Portanto, tal

²⁹ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LThPbDw6PbM>
Acesso em: 30/09/23

literatura revisiona o gênero pois os critérios que pautam a discussão nas africanas não são os mesmos utilizados pela literatura europeia.

No diálogo proposto com Brugioni, Ricardo Pedrosa (2023) atenta para o fato de que a crítica no Brasil é pautada por uma ideia mais formativa, culturalista, baseada em autores como Antônio Cândido, logo a recepção da teoria pós-colonial tem sua perspectiva diminuída. O autor discorre que mesmo o campo Marxista possui uma abordagem mais política e menos epistemológica, o que culmina em uma teorização que movimenta apenas parte do que pode ser explorado a partir da teoria pós-colonial.

Refletindo sobre a recepção brasileira acadêmica aos estudos pós-coloniais, Brugioni (2023) relata que o Brasil fora um dos países pioneiros nos estudos pela via da literatura comparada. Autores como Spivak e Stuart Hall foram traduzidos quase que imediatamente do original, estabelecendo assim um diálogo muito instantâneo. No entanto, a recepção institucional consolidada acontece de uma forma mais reduzida, já que não existem, por exemplo, concursos para uma disciplina de teoria pós-colonial, como acontece em outros países como EUA, Inglaterra, África do Sul e, mais recentemente, França. Embora existam no Brasil muitos teóricos que tratem de forma profunda o tema, Elena alega que existe interesse pela reflexão, porém ela é enfraquecida na institucionalização, o que é essencial para a consolidação de qualquer teoria.

Outro aspecto que Elena Brugioni (2023) pontua é de que forma o pós-colonial é aplicado às literaturas. A compreensão de que o pós-colonial se aplica às literaturas que decorrem de uma colonização, segundo a autora, é equivocada, alegando que o maior abalo causado pela crítica pós-colonial foi no campo dos estudos literários culturais das literaturas europeias, já que foi preciso compreender que a literatura francesa ou inglesa não existiriam sem o império.

O entendimento de que a literatura dos CINCO é pós-colonial porque esses países surgem após um processo de dominação colonial é, segundo Brugioni, um equívoco porque fundamentalmente o que a crítica pós-colonial traz é a centralização da experiência colonial para se pensar o que vem depois. No entanto, esse depois não é necessariamente da ordem da cronologia pois

existem conteúdos de reflexão pós-colonial em literaturas escritas muito antes da independência. Sendo assim, é uma questão ancorada em resistência, oposição, afirmação e resposta a um conjunto de práticas de dominação colonial e não relativa apenas a um marco cronológico da história.

Logo, a teoria, como expõem Elena Brugioni (2023) às vezes rotula uma obra literária mas não é utilizada necessariamente em uma discussão epistemológica. O que o pós-colonial propicia do ponto de vista metodológico, da epistemologia literária, é não só relacionar a obra com as tradições (presentes ou não), ou influências, mas sim assessorar na compreensão de como o texto literário ajuda a pensar as questões do que fazer com o arquivo colonial a partir do momento que a nação política conquista sua independência, verificando como essa vivência, essa história, tradição, repertório, pode ser ressignificado, reconstruído através de diversas abordagens como a perspectiva de Homi Bhabha, que se apoia na desconstrução, ou de Spivak que repensa os estudos marxistas.

Assim, a singularidade da literatura dos CINCO recria o olhar teórico sobre diversos aspectos e carecendo sempre de novos paradigmas, às vezes próprios, o que nos fez buscar compreender, através de reflexões propiciadas por teóricos como Brugioni, algumas novas vias de acesso ao comparativismo e teoria pós-colonial, já que são as teorias mais utilizadas nos planos de curso das IES e também nas análises literárias e pesquisas de graduação e pós-graduação.

Observado então mais um conjunto que compõem nossa análise, abaixo seguem listadas as autorias dos teóricos dos CINCO.

Autor	Nº vezes referenciado	Texto mais citado
Ana Mafalda Leite	19	LEITE, Ana Mafalda. <i>Literaturas africanas e formulações pós-coloniais</i> . Lisboa: Edições Colibri, 2003.
Inocência Mata	17	MATA, Inocência. <i>A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões</i> . Luanda: Editorial Nzila, 2007.
Mário Pinto de Andrade (Angola)	5	ANDRADE, Mário Pinto de. <i>Antologia temática da poesia africana</i> . Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1975.
Fátima Mendonça (Moçambique)	4	MENDONÇA, Fátima. <i>Literatura moçambicana: a história e as escritas</i> . Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.
Francisco Noa (Moçambique)	3	NOA, Francisco ³⁰ . <i>Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária</i> . Lisboa: Editorial Caminho, 2002; <i>Uns e outros na literatura moçambicana</i> . São Paulo: Kapulana, 2017; <i>A Escrita Infinita</i> . Maputo: Livraria Universitária, 1998.

Tabela 10 Autores teóricos dos CINCO mais citados e textos individuais mais referenciados

Há nesta seleção algo que revela a predileção brasileira no recorte de teoria selecionada por uma, como aponta NOA, autorreferenciando-se, “formação cultural tributária da colonização, mas que está entre duas margens” (NOA in ALVES & BRAUN, 2023, p 45). Assim, seriam elas uma margem originária, de matriz africana e substrato cultural originário; e outra de valores ocidentais, guiados por uma língua colonial, ainda que africanizada. Logo, têm-se sujeitos de referências múltiplas, transversais, evidenciando o quão complexo e profundo pode ser o colonialismo.

Assim sendo, observamos o nome de duas professoras que ministram aulas em universidades de Portugal, mas possuem relação intrínseca com outros países africanos: Ana Mafalda Leite e Inocência Mata, as quais optamos, por critérios epistemológicos e de natureza das suas produções, enquadrar enquanto teóricas dos CINCO.

Ana Mafalda Leite, teórica, poetisa, autodeclara-se luso-moçambicana. Nascida em Portugal, mas criada em Moçambique até os 20 anos, em entrevista concedida à Vanessa Pinheiro (2017), Ana Mafalda afirma:

³⁰ Não houve uma obra mais citada, logo reproduzimos as três referências distintas.

Bom, eu sou um caso de alguém que surge do processo histórico na tradição da colônia para a pós-colônia. Digamos que começo a escrever mais ou menos em simultâneo à primeira geração pós-colonial, que é a geração da Charrua. Eu publico meu primeiro livro em 1984, mas em Portugal. No entanto, toda a minha formação foi, desde de tenra idade, em Moçambique, e culturalmente me identifico com Moçambique, cultural e literariamente. Mas não posso, até por razões da ordem de nascimento e de passaporte civil, negar a minha ascendência portuguesa. E honestamente para não dizerem que faço um uso indivíduo duma pertença, eu julgo-me pertencente a duas culturas, e a dois países, de certa maneira. Um em que eu nasci, e outro em que cresci, que me formou, que é Moçambique. A literatura com que eu me identifico e na qual eu me situo afetivamente e literariamente, e em termo de testemunho de passagem, é moçambicana (LEITE in PINHEIRO, 2019, p.37).

Professora da universidade de Lisboa, onde cursou mestrado e doutorado sob orientação de Salvato Trigo tecendo pesquisas sobre modalização épica na literatura africana (dissertação) e linguagem poética de José Craveirinha (tese), Ana Mafalda Leite é, notoriamente, uma das autoras mais referenciadas quando se trata de teoria sobre a literatura dos CINCO. Relevantes são suas contribuições quando reflete sobre o estudo das literaturas advindas do *Índico*, apontando novas visões que ampliaram horizonte sobre como proceder em relação a uma análise teórica diferente sobre tais produções, já que era necessário reconhecer influências gastronômicas, sociais e linguísticas de países vizinhos como a Índia, por exemplo. O Atlântico e suas margens oportunizam outras mundivisões. Também relevantes análises sobre a ausência de representação do Norte em detrimento as do Sul são parte das inquietações incitadas por Leite.

Se analisada a obra mais referenciada de Ana Mafalda, *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais* (2003), constata-se que é composta por vários ensaios que versam sobre discutir o conceito de pós-colonial e utilizam como referência romances de autores moçambicanos como Ungulani, Chiziane e Mia Couto e de angolanos como Pepetela e Fernando Fonseca Santos. Ademais, a poesia também se faz presente nas análises sobre os moçambicanos Luis Carlos Patraquim, Eduardo White, Virgílio de Lemos, Armando Artur, Guita Júnior, Filimone Meigos, autores que encontram na poesia uma forma de criar uma Moçambique imaginária que colabora na formação da nação.

Voltando nossa atenção para Inocência Mata, temos mais um exemplo de docente cujo trânsito entre os CINCO oportuniza um papel diferenciado dentro da crítica. Nascida em São Tomé e Príncipe, cursa os estudos primários e secundários no país de nascimento e também em Angola. Mata é doutora em Letras pela Universidade de Lisboa, universidade na qual atua como docente, e tendo obtido pós-doutorado em Estudos Pós-coloniais pela Universidade de Califórnia, Berkeley. Entre os anos de 2014 e 2018 foi professora na Universidade de Macau (China), sendo vice-diretora do departamento de português da Universidade de Macau e coordenadora do programa de doutoramento.

Conforme Rodrigues (2020), Inocência Mata demonstra através da sua postura crítica a diversidade advinda da sua própria trajetória pessoal e origem:

Desde seu nascimento santomense, traz consigo o estigma da travessia que se consolidou com suas origens ancestrais angolanas, brasileiras, ciganas e são-tomenses. Desta pluralidade de raízes resultou uma atitude crítica sempre inquieta que se preocupa e destaca pela importância da diversidade e das identidades no campo dos estudos literários. Inocência Mata nasceu na ilha do Príncipe, de onde saiu sendo muito pequenina, ainda bebê e só já adulta foi conhecer a sua terra natal (...) os seus quatro avós paternos e maternos eram de diferentes origens. O seu avô era angolano de origem cigana, a sua avó são-tomense, outra avó do Príncipe, um avô também do Príncipe, com raízes do Nordeste brasileiro. De maneira que ela foi de certa forma o resultado de tudo isto. E o seu percurso talvez corresponda a essa essência migratória da sua família (RODRIGUES, 2020, p.5)

Na universidade, Mata foi aluna de Manuel Ferreira e Mário Pinto de Andrade, autores cuja teoria e postura, segundo Rodrigues, influenciaram a autora. Também relativo ao pós-colonial é a titulação do texto mais referenciado da autora pelo recorte dos docentes brasileiros, dada a amostra da nossa pesquisa. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões* (2007), publicada pela Nzila em coedição Brasil-Angola, versa sobre o papel do crítico e da necessidade de subverter-se a ideia de que a legitimação da literatura africana ainda deva depender de instâncias europeias.

A escrita de Inocência Mata é atravessada por um tom bastante incisivo. Textos construídos a partir de inúmeras referências ancoradas em obras literárias, autores teóricos de diversas áreas do conhecimento e um viés que privilegia a observação do vivenciado e experienciado tornam a obra da

autora tão engenhosa que tarefa complexa é a refutação a seus argumentos. Sob o pós-colonial, afirma:

Tem de lembrar, por outro lado, a teoria pós-colonial que nem os países africanos são todos igualmente pós-coloniais – por exemplo, não são sistema de quase desaparecimento das culturas pré-existentes ao colonialismo, isto é, das línguas e culturas autóctones, como na América Latina, cujas culturas foram suplantadas pelas do colonizador, que reprovou os espaços conquistados nalgum dos quais com a substituição quase total de sociedades de diferentes formações socioculturais e diversos agenciamentos étnicos e políticos; nem serão igualmente pós-coloniais países como Angola e Nigéria; tampouco partilham da mesma pós-colonialidade países como Moçambique e São Tomé e Príncipe, mesmo com o mesmo colonizador... E por causa dessas diferenças é preciso que na sua avaliação o crítico se proponha a negociar, teoricamente, as relações de semelhança e diferença, de rupturas e continuidades operadas no período pós-independência, a fim de não operar, acriticamente, a transferência de teorias explicativas de uma situação histórica para espaços outros, apenas pela sua “proximidade afectiva” ou “conveniência ideológica” (MATA, 2007,p.32-33)

Através do referido excerto pode-se observar a postura adotada por Mata acerca do que considera ser o papel do crítico. É possível perceber que o olhar da teórica adota a perspectiva também a partir dos países da América Latina, privilegiando a relação Sul-Sul para adoção de termos comparativos, sublinhando que a tarefa da crítica é compreender as distinções de colonização assim como das pós-colonialidades advindas do processo. Situando o crítico como também um escritor, Mata (2007) reconhece que sobre ele incidem condicionamentos históricos inconscientes e que é necessária atitude corajosa para conciliar postura ética ante conveniências teóricas, sobretudo em sociedades ainda precárias em termos étnicos-culturais. Assim, a reconstrução dos lugares teóricos e metodológicos a partir de critérios endógenos é a grande defesa de Inocência Mata.

Necessário é refletir sobre a dificuldade de categorizar autores/obras. Qualquer categorização tende a ser, em algum momento, equivocada ou injusta. Reconhecemos a africanidade da obra de Inocência Mata e Ana Mafalda Leite ainda que sejam vinculadas a universidades portuguesas. No entanto, tranquiliza-nos mais uma vez a perspectiva de NOA quando se revela sujeito inscrito em duas margens.

Observando os autores e obras portugueses mais citados pelas disciplinas analisadas pelo nosso recorte, obtemos o seguinte quadro:

Autor	Nº vezes referenciado	Texto mais citado
Manuel Ferreira	21	FERREIRA, Manuel. <i>Literaturas Africanas de expressão portuguesa</i> . São Paulo: Ática, 1987.
Pires Laranjeira	10	LARANJEIRA, Pires. <i>Literaturas africanas de expressão portuguesa</i> . Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
Alfredo Margarido	6	MARGARIDO, Alfredo. <i>Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa</i> . Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

Tabela 11 Autores teóricos portugueses mais citados e textos individuais mais referenciados

Manuel Ferreira, que sistematizou os primeiros estudos de literatura africana, sob a denominação de *Literatura africana de expressão portuguesa* (1987), é referência incontornável. Logo, é o autor cuja referência será a mais acentuada, seguido de dois professores, cujos nomes e trajetórias já exploramos anteriormente, os quais debruçam-se sobre a historiografia e construção de profícua crítica.

Voltamos aqui a refletir sobre o inicial papel de Angola no protagonismo dos CINCO. Note-se que a referência mais citada é angolana, Mário Pinto de Andrade. No início da teorização brasileira, estreitas eram as relações do Brasil com Angola. Dessa forma, a maioria das pesquisas, publicações e eventos utilizavam enquanto subsídio obras de autores angolanos como objeto de estudo. Pensamos que alguns fatores contribuíram para tal prática:

- a facilidade proporcionada pelo Atlântico enquanto rota, já que desde a época da escravidão as relações comerciais entre os países utilizaram-se desse favorecimento geográfico para expansão do tráfico negreiro, por exemplo, adotando acentuada prática comercial entre os países. Sabe-se que, conforme Abdala (2008), o tratado de reconhecimento da independência brasileira por parte de Portugal previa que o Brasil não aceitasse proposição de anexação de nenhuma colônia portuguesa, visto que havia tal idealização em Angola, visando a manutenção da prática de negociação escravocrata, o que contrariava os interesses dos ingleses, mediadores do tratado em 1825, e da própria metrópole;

- a fundação da União de Escritores Angolanos (UEA) datada de 1975, instituição que financiava bolsas de pesquisa para professores brasileiros em

solo angolano e fomentava as discussões e trânsito intelectual entre os países proporcionando a vinda de escritores a encontros universitários no Brasil – como o caso do I Encontro de professores de Literaturas africanas de língua portuguesa, *Repensando a Africanidade*, ocorrido em 1991, em Niterói, RJ, que contou com a presença de 15 escritores angolanos, 2 moçambicanos, 1 caboverdiano e 1 saotomense. A título de comparação, a AEMO (Associação Escritores Moçambicanos) foi inaugurada dez anos depois;

- a coedição de obras entre Angola e Brasil, prática adotada em acordos bilaterais, como anuncia o trabalho de Maria Teresa Rabelo Rafael (2019), em que analisa que entre os anos de 2000 e 2015 50% das obras publicadas em coedição foram entre Angola-Portugal, 17% entre Portugal-Brasil-Angola, 16% Portugal-Brasil e 17% Camarões-França (RAFAEL, 2019, p. 88).

- a circulação de coleções de textos literários de literatura africana de língua portuguesa que privilegiaram a seleção de autores angolanos, como a já referida *Autores Africanos* (1979-1991), da editora Ática, em que 11 das 27 obras eram assinadas por autores angolanos.

Sendo assim, influenciadas por esses fatores, o início das pesquisas no Brasil abrangeu prioritariamente sobre Angola. No entanto, como já discutido, a partir de 2008 os trabalhos acadêmicos mudam o direcionamento da pesquisa brasileira revelando um cenário em Moçambique toma a dianteira através, sobretudo, da análise das obras de Mia Couto.

Interessante salientar um dado trazido por Ricardo Pedrosa (2021), que analisa o fato de que a maioria das obras produzidas pela crítica brasileira versa sobre os mesmos temas. Ou seja, quando estudada a obra de Mia Couto, por exemplo, os conceitos e temáticas abordados são quase sempre recorrentes o que, segundo o autor, denota a falta de leitura acerca da fortuna anteriormente produzida.

Para além de verificar quais foram os autores portugueses referenciados enquanto crítica, os brasileiros e os pertencentes aos CINCO, também criamos a categoria intitulada “textos africanos”. Logo, percebe-se que são, em sua maioria, autores relacionados ao universo da filosofia.

Autor	Nº vezes referenciado	Texto mais citado
Frantz Fanon (filósofo martinicano)	12	FANON, Frantz. <i>Pele negra, máscaras brancas</i> . Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
Achille Mbembe (filósofo camaronês)	6	MBEMBE, Achille (2001) " <i>As formas Africanas de Auto-Inscrição</i> ", <i>Estudos Afro-Asiáticos</i> , 2001, pp. 171-209 [2001]
Amadou Hampaté Bâ (historiador malinês)	4	HAMPATÉ BÂ, Amadou. <i>A tradição viva</i> . In: KIZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. (*)
Aimé Césaire (ativista político e ensaísta martinicano)	3	CÉSAIRE, Aimé. <i>Discurso sobre o colonialismo</i> . Tradução de Noémia de Sousa. 1.ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.
Valentin Mudimbe (filósofo congolês)	3	MUDIMBE, Valentin. <i>A invenção da África. Gnose, filosofia e ordem do conhecimento</i> . Tradução de Ana Medeiros. Mangualde (Portugal); Luanda (Angola): Edições Pedagogo; Edições Mulemba / Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2013.

Tabela 12: Autores teóricos africanos mais citados e textos individuais mais referenciados

A configuração da tabela acima demonstra que existe na universidade brasileira a disposição em utilizar a referência africana, no entanto o pensamento selecionado é mais generalista, abarcando uma África bastante ampla que abriga conceitos de africanos colonizados por ingleses, franceses, havendo rara citação de pensadores dessa área pertencentes aos CINCO, como o filósofo angolano Luís Kandjimbo, citado em dois planos de curso, dentre os 25 selecionados, sendo eles pertencentes a mesma universidade.

5.2.3 Bibliografia Literária

Tão importante quanto conhecer a teoria que ampara o ensino da literatura dos CINCO na universidade brasileira é saber quais autores se fazem presente enquanto referência. Para tanto, conseguimos extrair dos planos de ensino analisados uma nominata de escritores e textos sugeridos enquanto leitura. Logo, separamos a autoria por país e verificamos quais obras literárias

específicas eram citadas, além de atentar-nos para a menção do autor de forma mais generalizada, sem a vinculação a alguma de suas obras individuais. Para acesso às obras literárias mais referenciadas e a completude da nominata dos autores, indicamos o Apêndice A, o qual abrange esses dados trazendo o nome dos autores, nacionalidade, texto citado e gênero ao qual o texto pertence.

Através dessa dinâmica pudemos encontrar um total de 168 referências a autores e suas obras. O somatório foi composto da seguinte forma:

País	Citação de obras específicas	Citações gerais³¹	Total de referências
Moçambique	41	33	74
Angola	36	18	54
Cabo Verde	7	13	20
São Tomé e Príncipe	6	5	11
Guiné-Bissau	5	4	9
			Total: 168 textos

Tabela 13: Bibliografia literária contida nos planos

Se analisados os autores Moçambicanos, encontramos como mais citados: José Craveirinha (10), Mia Couto (9), Luís Bernardo Honwana (8), Noémia de Souza (5), Paulina Chiziane (5), Luís Carlos Patraquim (5), Ungulani Ba Ka Khosa (4), Borges Coelho (4), Rui Knopfli (4), Lília Momplé (3) e Rui Nogar (3). Sobre as obras literárias, referenciadas são as coletâneas *Karingana ua Karingana* (1982), sobre os poemas de José Craveirinha, e *Sangue Negro* (2016) de Noémia de Souza. No gênero contos, *Nós matamos o cão tinhoso* (2008) de Honwana, é o mais citado. *Ualalapi* de Ungulani Ba Ka Khosa, é o romance que se repete mais vezes. Não há nas obras de Mia Couto a ampla predileção pela escolha de um livro específico. Aparecem citadas 6 referências compostas por crônicas, contos e romance. Repete-se o livro *Estórias abensonhadas* (1996/2012) e o único romance citado é *Terra*

³¹ citação de autor sem vinculação a alguma obra determinada.

sonâmbula (2007). Ainda contos do *Fio das missangas* (2019) e de *Cada homem é uma raça* (2013) compõem a nominata, indicando a inclinação para o trabalho de autoria do autor enquanto contista.

Paulina Chiziane também tem pulverizada a autoria entre romance e contos, sendo referenciados os romances *Balada de amor ao vento* (2003), *Niketche* (2004) e o conto *Maundlane – o criador*, presente na obra *As andorinhas* (2013). Já Borges Coelho tem como objeto de análise o romance *Rainhas de Noite* (2013).

Os poemas de Luís Carlos Patraquim, Rui Nogar e Rui Knopfli são trazidos através de coletâneas e Lilia Momplé aparece com a referência a seu livro de contos intitulado *Ninguém matou Suhura* (1988).

Assim, compreendemos que há o trabalho com todas as fases que compõem a literatura moçambicana. Simões (2011) apontava Rui Knopfli, Rui Nogar, José Craveirinha e Noémia de Souza como moçambicanos que confrontam poesia moçambicana e experiências literárias europeias. Logo, são eles representantes da primeira fase da literatura, em que a moçambicanidade está a aflorar através do texto literário.

Ainda *Nós matamos o cão tinhoso* (2008), editado no país ainda na pré-independência, é a escrita em transição, que culminará na produção literária que emerge após 1975. Os representantes da geração *Charrua*, Dutra (2010), que mudam a discursividade da então denominada *literatura de combate*, como Ungulani Ba Ka Khosa e Luís Carlos Patraquim, também estão entre as referências encontradas na nossa análise. Ademais, Borges Coelho, Mia Couto e Paulina Chiziane completam o quadro como representantes da contemporaneidade.

Não podemos deixar de destacar que observando o romance mais citado *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa, acabamos por perceber que o trabalho com essa obra diverge das leis do mercado. Nesse caso, o valor mercadológico não fora aplicado como lógica para a escolha da maioria dos textos elencados. Evidencia-se que Luís Bernardo Honwana é ponto fora da curva quando analisados os dados trazidos por Iris Amâncio (2021) que evidenciam a a circulação literária no Brasil que privilegia publicação de

africanos homens e brancos em detrimento de autorias negras. Logicamente que tal premissa aplica-se à Mia Couto, segundo autor mais citado e o de maior circulação no mercado, mas percebemos outras influências movimentando, em paralelo, a crítica, atentando para a necessidade do estabelecimento de novos padrões.

Além dos já citados, apareceram ainda compondo a nominata de moçambicanos os autores: Armando Artur, Eduardo White, Guita Jr, Mbate Pedro, Nelson Sauté, Orlando Mendes, Rui Noronha, Sebastião Alba, Sérgio Raimundo (Poeta Militar) e Virgílio de Lemos.

Para fins de comparação e para que possamos vislumbrar uma perspectiva endógena, já que é nossa defesa tal adoção, trazemos aqui a matriz da disciplina de Literatura Moçambicana II, que compõem o currículo do curso de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, matéria na qual os alunos analisam obras de escritores moçambicanos com base em textos literários. Os temas e autores abordados são:

1. Os primórdios da Literatura Moçambicana: João Albasini e Rui de Noronha
2. Sistema literário moçambicano: afirmação e consagração: Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui Knopfli, João Dias, Luís Bernardo Honwana, Orlando Mendes
3. O projecto da Poesia engajada: Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, Armando Guebuza, Mutimati Bernabé Joao, Rui Nogar
4. Escrita universalista (A revista “Caliban”) versus escrita paroquial (colecção poesia de combate)
5. Da liberdade subjectiva à escrita de intervenção social: Eduardo White, Heliodoro Baptista, José Craveirinha, Mia Couto, Ungulani baka Khosa, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane, Adelino Timóteo, Nelson Saúte ... (FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE. PPP, 2012).

Notamos que outros nomes surgem que não os englobados no nosso recorte dos programas das IES brasileiras: João Albasini, João Dias, Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, Armando Guebuza, Mutimati Bernabé João, Heliodoro Baptista, Suleiman Cassamo e Adelino Timóteo. Portanto, registre-se que em solo moçambicano já inclusos estão tais nomes como referências para estudo. Logo, interessante atentar-nos também para tal nominata.

Nesta mesma específica disciplina, Literatura Moçambicana II, vale ressaltar o aparato teórico referenciado, todo ele de autoria africana, ou seja,

adotando os paradigmas da Afrocentricidade de Asante (2009). As obras referenciadas são: *Origens do Nacionalismo africano* (1997), de Mário Pinto de ANDRADE; *A Construção da Imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani ba ka Khosa* (1993), de Gilberto MATUSSE; *Literatura Moçambicana: a história e as escritas* (1988), de Fátima MENDONÇA; e *Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária* (2002), de Francisco NOA.

Também cabe refletir sobre o currículo do curso de Letras aplicado na Universidade Eduardo Mondlane o qual traz como componentes curriculares: duas disciplinas de literatura moçambicana (I e II); uma de literatura brasileira; uma de literatura portuguesa e uma de literaturas africanas de língua portuguesa. Logo, analisando tal estrutura curricular nota-se uma equidade muito maior no ensino superior moçambicano entre todas as literaturas que integram as literaturas de língua portuguesa do que no ensino universitário brasileiro.

Abarca a disciplina de Literatura Brasileira da Universidade Eduardo Mondlane os seguintes tópicos: O romantismo Alencariano: *Iracema* - contraponto e afirmação da brasilidade; O movimento Realista; O modernismo de 22: Antes e Depois; O Modernismo de 30 e antecedentes (Revolução Social); Modernidade poética; Actualidade e Visualização de filmes.

Ademais, Literatura Moçambicana em Língua Bantu e Literatura Oral I e II também compõem o currículo, entre tantas outras disciplinas, revelando acentuada preocupação com a literatura oral produzida também em língua veicular (não oficial).

Debruçando-nos sobre os textos literários que integram os planos das IES brasileiras advindos dos outros países dos CINCO, não nos deteremos a pormenorizar mais profundamente a nominata visto que não desenvolvemos aspectos pontuais sobre o sistema literário desses países. No entanto, trazemos o mapeamento dos autores que recorrentemente foram citados colaborando no entendimento de que existe a presença das CINCO literaturas e, de certa maneira, hierarquização.

Os autores angolanos mais citados foram: Luandino Vieira (6); Pepetela (5), Paula Tavares (5), João Melo (4), Agostinho Neto (3), Arnaldo Santos (3), Uanhenga Xitu (3) e Manuel Rui (3).

O acesso à obra de Luandino Vieira é dado via de regra pelos contos, sendo Luuanda (2004) o livro mais citado. O outro contista evidenciado é João Melo, através de quatro obras diferentes. Já o romance mais referenciado (duas menções) é *Geração da Utopia* (1992), de Pepetela, cujo teor é a desilusão pós-independência angolana haja visto os conflitos civis internos e a denúncia da corrupção instaurada em algumas instâncias no país. Paula Tavares ocupa lugar de destaque através da poesia, assim como Agostinho Neto.

Chamou-nos atenção a não recorrência de nomes bastante presentes no mercado editorial brasileiro como José Eduardo Agualusa (1) e Ondjaki (1), assim como de autores cuja obra é objeto de interesse de muitos textos de fortuna crítica no Brasil, como Boaventura Cardoso (1) e Ruy Duarte de Carvalho (1).

Cabo Verde subverteu os dados na medida em que as citações em geral superaram as citações de obras específicas, o que não ocorreu nos outros países. Os autores citados mais de uma vez foram: Corsino Fortes (3), Manuel Ferreira (2) e Germano de Almeida (2). São as outras referências: Fernando Monteiro, Jorge Barbosa, Onésimo Ferreira, Ovídio Martins, Amílcar Cabral, Armênio Vieira, Baltazar Lopes, Diná Salústio. José Francisco Tenreiro, Manuel Lopes, Orlanda Amarílis e Vera Duarte.

São Tomé e Príncipe teve na sua representação acentuada presença da poesia através de Conceição Lima (6) e Francisco José Tenreiro (3). Outro nome evidenciado é de Caetano Costa Alegre, também escritor do mesmo gênero. A distinção aponta para o nome de Sum Marky³², um dos pseudônimos utilizados por José Ferreira Marques, autor de narrativas.

³² Interessante artigo escrito por Inocência Mata analisando a biografia e obra de Sum Marky pode ser lido em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr/literafricas/sao-tome-e-principe/1758-inocencia-mata-sum-marky-um-escritor-intervalar> Acesso em: 29/09/23

Por fim, Guiné-Bissau integrou as ementas das disciplinas através de textos literários de gêneros variados: peça teatral, poesia, romance e conto. Abdulai Sila (4) é o autor mais citado, seguido por Odete Costa Semedo (3).

A totalidade do conjunto das obras literárias contidas nas ementas analisadas surpreende por não evidenciar uma obra específica sendo trabalhada de forma recorrente, como se poderia imaginar dado o acesso mais facilitado pela publicação de alguns autores no Brasil. Não há evidência dessa predileção em relação a nenhuma obra literária dentre os mais diversos gêneros.

Acerca dos gêneros, quando citadas obras específicas, da totalidade de 95 referências, 38 referem-se a contos e 38 a poesias. O romance ocupa terceiro lugar, com 16 citações ao gênero. Crônicas ocupam o quarto lugar com duas inserções e apenas uma peça teatral é evidenciada. Logo, o lugar de destaque e evidência preconizado pela Teoria, Daphne Patai & Corral (2005), ao romance enquanto gênero “maior” também é posto à prova quando se trata do estudo da literatura dos CINCO.

Nosso propósito é contribuir para o questionamento da construção de saberes por isso a importância de elucidar quais referências teóricas prevalecem nos estudos acadêmicos, assim como sobre quais textos literários as análises versam. Reconhecer as ausências e evidenciá-las, para que se possa refletir sobre a relevância dessas lacunas fora nosso intuito. Isto posto, passemos ao reconhecimento da existência de variadas alternativas de abordagem curricular assim como a apreciação de alguns teóricos como representantes da revitalização da África como território intelectual.

6. Propostas curriculares inovadoras e perspectivas endógenas de teóricos africanos

Visando trazer pressupostos que possam colaborar no repensar relativo ao que tange o ensino universitário da literatura dos CINCO, elencamos modelos que podem favorecer o ensino da literatura africana de língua portuguesa a partir de diferentes formas de estruturação do currículo, o que, a nosso ver, interfere diretamente na abordagem e seleção teórica e literária dos textos.

6.1 Propostas curriculares inovadoras

Não somente a teoria precisa reinventar-se, mas também a estrutura do currículo necessita ser constantemente repensada para dar conta da demanda de profissionais atualizados que estejam instrumentalizados para dar conta de fazer a leitura do mundo contemporâneo. Logo, examinaremos exemplos de novos paradigmas de ensino e aprendizagem que inovam seja através das suas motivações ou desafios a que se propõem. Objetivamos que sejam tais propostas mote para reflexão sobre como os cursos podem reinventar-se para atender às demandas de uma sociedade em constante evolução, sobretudo na área do estudo dos CINCO.

6.1.1 UNILAB

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira é uma universidade pública localizada no interior do Ceará criada em 2010. A missão da UNILAB é formar por meio do intercâmbio cultural, educacional e científico “permeada pela perspectiva deconsolidação acadêmica no contexto da regionalização e internacionalização da educação superior e, atrelada a uma política de cooperação sul-sul, especificamente com os países africanos de língua portuguesa e Timor Leste (Sousa & Silva, 2021, p.258). A UNILAB enfrentou desafios desde a implementação, visto que se estabeleceu em um

local onde não era evidente uma universidade de perspectiva afrocentrada (ASANTE,2009). O projeto da universidade nasce com intuito de cooperação entre os países da CPLP³³ (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) visando que pudesse haver intercâmbio entre os países através do envio e recepção de alunos, efetivando o processo de cooperação Sul-Sul entre Brasil e África enquanto prática universitária:

Segundo informações publicizadas no site da UNILAB, no ano de 2019, a matrícula ativa nos cursos de graduação na modalidade presencial totalizava 4.619 estudantes, dos quais 3.463 brasileiros e 1.156 internacionais, o que representa aproximadamente 25% do total. Já em relação aos cursos de pós-graduação, no segundo período letivo de 2019, os cursos de mestrado possuíam uma matrícula de 178 estudantes, dentre eles 165 brasileiros e 13 (7%) internacionais, enquanto os cursos de especialização em funcionamento contavam com 138 brasileiros e 2 internacionais, perfazendo 140 estudantes com matrícula ativa (SOUSA & SILVA,2021, p.265).

Embora a meta da universidade fosse compor o universo discente de 50% de alunos estrangeiros, a consolidação efetivou-se em torno de 25% na graduação, visto que os países responsáveis pelo envio dos alunos não conseguiram custear a manutenção dos mesmos no Brasil, ficando muitas vezes ao encargo da UNILAB cooptar bolsas e projetos de fomento.

No entanto, significativa é a contribuição da universidade em termos de proposta educacional e pedagógica. A disciplina de didática ministrada nos cursos de graduação da IES tem como foco uma pedagogia afrocentrada que leva em conta reconhecer os valores civilizatórios trazidos pelos estudantes dos países que fazem parte da comunidade acadêmica, combatendo o eurocentrismo e o apagamento das contribuições africanas para a humanidade.

No curso de pedagogia, alguns dos componentes obrigatórios do currículo são: Fundamentos sócio históricos e filosóficos das Religiões de matriz africana no Brasil; Didática nos países da Integração; Fundamentos da Gestão Educacional nos países da integração UNILAB; Antropologia e

³³A CPLP foi criada em 1989, com o propósito de construção de uma identidade supranacional a partir da Língua Portuguesa. Além de Portugal, fazem parte desse grupo nações que, ao longo de sua história, foram colonizados pelo antigo Império Português como Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, fundadores da CPLP. O asiático Timor Leste aderiu à comunidade em 2002 e a Guiné Equatorial em 2014.

Sociologia da Educação nos Países da Integração UNILAB; Educação, gênero e sexualidade nos países da integração UNILAB; Ensino da Etno-matemática; Alfabetização, letramento e bilinguismo nos países da integração.

Ainda no campo dos aparatos teóricos utilizados para o ensino na UNILAB, ressaltamos o aporte da *Pretagogia*. Referencial teórico-metodológico criado pela Prof^a Dr^a. Sandra Petit, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC) a Pretagogia surge a partir do trabalho de professores, ativistas do movimento negro e intelectuais ligados direta ou indiretamente ao Núcleo de Estudo das Africanidades Cearenses (NACE), um Núcleo de Estudo Afro-brasileiro, vinculado à Faculdade de Educação da UFC. Aglutinando pesquisas, práticas pedagógicas, eventos e um coletivo de pessoas, pretende-se enquanto referencial para ensino da História e da Cultura africana e dos afrodescendentes. A partir de um evento composto por acadêmicos da pós-graduação e griots³⁴, as experiências pedagógicas relatadas pelos mestres da oralidade nortearam as discussões que fundamentaram as bases e princípios da Pretagogia:

1) o autoconhecer-se afrodescendente assumindo as raízes africanas na nossa constituição como pessoa; 2) a apropriação da ancestralidade africana, em respeito ao aprendizado transmitido pelos mais velhos, os antepassados e aos mortos; 3) a religiosidade de matriz africana como fundamento da cultura brasileira, forma de perceber a realidade a partir dos ritos dessas religiões, percepções que estão impregnadas no imaginário coletivo do povo brasileiro em forma de força vital ou axé; 4) o reconhecimento da sacralidade como elemento e princípio de todos os saberes das culturas de matriz africana, levando o desenvolvimento da espiritualidade e, conseqüentemente, ao respeito para com a natureza; 5) o corpo como fonte primeira de conhecimento e produtor de saberes; 6) a tradição oral como a maneira privilegiada de apropriação e de produção do conhecimento, por meio da oralidade, da experiência e da vibração dos seres na natureza; 6) a circularidade na relação entre os seres, os tempos e as coisas, a exemplo da *ethos ubuntu*, afirmando a relação comunitária que deve permanecer viva entre todos nós e em todos os espaços; 7) a noção de território como uma complexa rede de relações transversalizadas pelo tempo, a natureza e os seres pelo princípio da sacralidade; 8) o lugar social historicamente atribuído ao negro afetado pelo racismo estrutural (PETIT, 2015 apud ALCÂNTARA & MEIJER, 2021, p.276) .

³⁴ *Griot* é a denominação aos contadores de histórias da África. São considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Através de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. (LOPES, 2019, p.3)

Voltando nosso olhar para o curso de Letras da UNILAB, após compreender um pouco da proposta transversal da universidade, encontraremos como idealizador do currículo o professor Manoel de Souza e Silva. O docente, pesquisador da área das literaturas africanas, relata de forma testemunhal, descrito na dissertação de mestrado de Weigma Silva (2016), sua experiência como professor no ensino universitário. Manoel declara que fazia parte do grupo da pós-graduação da IES a qual era vinculado e que, após assumir por alguns anos cargo administrativo na universidade, no retorno às atividades docentes, foi desligado da pós-graduação. Silva afirma que tal fato deveu-se às políticas de produtividade instauradas no país. Logo, frustrado, fica sabendo por um colega da UFBA sobre o projeto de fundação da UNILAB, que envolvia também professores africanos com os quais já tinha identificação e convívio por ter residido em Moçambique, e assim candidata-se à vaga. Manoel é selecionado para integrar o corpo docente da UNILAB e, conforme testemunho autobiográfico, ressignifica sua carreira docente.

Quando adere ao projeto da UNILAB, Silva analisa os programas do curso de Letras e conclui que são apenas recortes de disciplinas já existentes nos cursos de graduação brasileira. Assim, propõem que se reorganize o currículo de forma que de fato contemplem a proposta da universidade: o trânsito de saberes entre os países da lusofonia. Surge, dessa forma, uma estrutura na qual se vislumbra a preocupação em equacionar o trabalho com a língua e literatura incluindo reflexão e referencial também africano, para além do brasileiro e português.

Não discorreremos sobre a área da língua, cuja análise seria igualmente interessante, visto que a oralidade trabalhada a partir de aspectos africanos orienta várias perspectivas inovadoras para pensar a linguística e elementos de sintaxe. Tampouco nos deteremos às disciplinas do campo da didática (*Didática nos Países da Integração*) ou educação (*Política Educacional e Organização da Educação nos Países da Integração*), que incorporam em seus planos as diferenças entre os espaços lusófonos. Nosso olhar privilegia a área de literatura do curso de Letras- língua portuguesa instaurado no Câmpus

dos Malês³⁵. Assim, elencamos as disciplinas obrigatórias e optativas do curso para que se possa vislumbrar uma perspectiva ampliada do trabalho com a literatura de língua portuguesa produzida no Brasil, em Portugal e nos CINCO.

Disciplinas obrigatórias: ³⁶

Literaturas em Língua Portuguesa medievalismo, período clássico e as novas literaturas: A literatura de dois mundos em Portugal: medievalismo e classicismo. As literaturas de fundação e o período colonial nos países de língua portuguesa: séculos XVI, XVII e XVIII.

Literaturas em Língua Portuguesa: nacionalismo literário e resistência: A produção literária da primeira metade do século XIX nos países de língua portuguesa. Figurações literárias do índio e construções do imaginário nacional; abolicionismo e resistência.

Literatura Afro-brasileira: Os afrodescendentes e os contextos ideológicos do final do século XIX à contemporaneidade. A literatura afro-brasileira. Os Cadernos Negros.

Literaturas em Língua Portuguesa: Realismo literário e produção finissecular: O Realismo literário. A produção literária das últimas décadas do século XIX nos países de língua portuguesa.

Literaturas em Língua Portuguesa: o Modernismo: A literatura modernista em língua portuguesa: Orfismo e Presencismo. A Semana de Arte Moderna. A poesia da segunda geração do modernismo brasileiro.

Literaturas em Língua Portuguesa: diálogos na ficção e na poesia da primeira metade do século XX: O Neorrealismo em Portugal; o romance da segunda geração modernista brasileira. Baianidade e africanidade. A influência da literatura brasileira na poesia e na ficção africana de língua portuguesa. Literatura anticolonialista na África.

Literaturas em Língua Portuguesa: a literatura contemporânea: A produção literária da segunda metade do século XX. A literatura

³⁵ O Câmpus dos Malês foi inaugurado em 2013 e fica na cidade de São Francisco do Conde, no Recôncavo Baiano, disto 67km de Salvador.

³⁶ Estrutura completa do curso e bibliografia das disciplinas disponível em: <https://letrasmale.unilab.edu.br/ensino/estrutura-do-curso/>

contemporânea nos países de língua portuguesa: intertextualidades e rupturas canônicas.

Outras disciplinas que fazem parte das optativas do curso de Letras da UNILAB³⁷ apontam para temas bastante relevantes de discussão como: *Literatura em língua portuguesa em contextos autoritários*, abordando a literatura brasileira no contexto da ditadura, a portuguesa durante o Salazarismo e a dos CINCO relacionada aos processos de luta pela independência; *Tópicos especiais em Literatura Ibero-Afro-Americana*, cujo recorte engloba aspectos relativos à discussão sobre as relações comunitárias e literárias no âmbito ibero-afro-americano, trazendo diálogos entre literaturas produzidas na Península Ibérica, África lusófona, América Hispânica e Brasil; e *Literatura e estudos culturais*, cujo prisma são os estudos culturais e contexto sociocultural da década de 1960, enfatizando a militância e crítica epistemológica, as reconfigurações dos estudos literários a partir dos estudos culturais e os processos representacionais e identitários considerando-se questões de raça/etnia, gênero, classe e nacionalidade. Além dessas, *Tópicos especiais em literatura africana* abrange o estudo de autores e obras das literaturas africanas.

Ponderando sobre as disciplinas ofertadas na IES, pode-se concluir que formam um conjunto que propicia a inserção do ensino da literatura dos CINCO pois preconiza que sejam inseridos textos advindos desses sistemas literários. Observando o delineamento das ementas, percebe-se que de fato o paradigma da Afrocentricidade de Asante (2009) serviu como parâmetro. No entanto, apontamos que, observando os planos de curso, percebe-se que o conjunto de referências carece de bibliografias endógenas africanas, constatando-se também na UNILAB há o predomínio de teorias brasileira. Logicamente que haveríamos de pensar qual teoria. Logo, aferimos que se baseia em nominata afinada ao pensamento decolonial. Ainda assim, bem-vindas seriam referências mais plurais.

³⁷ Ementário completo e bibliografia das disciplinas disponível em: <https://letrasmales.unilab.edu.br/ensino/estrutura-do-curso/ementas-optativas-de-estudos-literarios/> Acesso em: 10/09/2023

A hipótese de que a UNILAB é um projeto específico, destinado a um público singular, pode fazer-nos avaliar que tal proposta não é tangível de ser replicada no currículo da maioria das IES brasileiras. Somos capazes de antecipar, com algum pessimismo, hipotéticos argumentos para a não adoção de uma matriz assim concebida. Contudo, outras universidades já adotam propostas de ensino organizadas de forma a não mais segmentar as literaturas em brasileira, portuguesa e africana.

6.1.2 UFPB

Observado Projeto Político Pedagógico de Curso da graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba³⁸, pôde-se vislumbrar uma matriz em que o ensino da literatura é edificado através de disciplinas como *Literatura I - Viagem, natureza e novo mundo*, na qual o estudo da literatura de Língua Portuguesa é realizado a partir de autores antigos e/ou contemporâneos com ênfase no debate sobre os diálogos e as diferenças entre culturas, considerando-se a expansão europeia na América e na África, as “Visões do Paraíso” e seus antagonismos. Logo, é possível abarcar textos em língua portuguesa de diferentes nacionalidades utilizando como mote a literatura de viagem, mas incluindo na análise as distintas visões culturais³⁹.

Mesma hipótese de trabalho estende-se às demais disciplinas que compõem o currículo:

Literatura II - Campo, sertão e cidade: A representação do espaço geográfico e social nas literaturas de Língua Portuguesa. A narrativa e a tomada de consciência realista nos séculos XIX e XX. A nova ordem social. Regionalismos e vida rural. Modernidade e vida urbana. Leitura, análise e interpretação de textos literários.

Literatura III - Identidades e etnias: A identidade e a representação das etnias nas literaturas de Língua Portuguesa. Questões étnicas e a literatura de imigrantes. Índios, brancos e negros na cultura brasileira. Modernismo e multiculturalismo. A questão da nacionalidade luso-afro-brasileira. As literaturas nacionais e regionais. Leitura, análise e interpretação de textos literários.

Literatura IV - Gêneros e minorias: Abordagem da Literatura sob a perspectiva dos estudos de gênero, articulados com as dimensões de

³⁸ Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ccl/contents/documentos%20antigos/ppc_letras-portugues-2019.pdf

³⁹ Cabe salientar que tal proposta, aprovada em 2019, ainda está sendo implementada na universidade e os alunos optando pela migração, ou não, do currículo anterior. Logo, nossa análise que abarca a UFPB ancora-se no plano de ensino obtido em 2021 o qual se vincula à antiga estrutura curricular.

classe, etnia e sexualidade. Gênero, sexualidade e poder nas literaturas de Língua Portuguesa. Pornografia e erotismo: territorialidades e fronteiras simbólicas. A literatura de minorias frente à dominância canônica das literaturas. Leitura, análise e interpretação de textos literários.

Literatura V - História e nacionalidade: Estudo das relações entre história e nacionalidade nas literaturas de Língua Portuguesa em perspectiva sincrônica. Reflexão sobre o conceito de alteridade, num enfoque crítico do diálogo entre história e ficção. Leitura, análise e interpretação de textos literários.

Literatura VI - Política e movimentos sociais: Relações entre literatura e história política nas literaturas de Língua Portuguesa. Os movimentos sociais nas narrativas produzidas nos séculos XIX, XX e XXI. Leitura, análise e interpretação de textos literários.

Literatura VII - Memória e subjetividade: Auto-representação e subjetividade nas literaturas de Língua Portuguesa. Literatura e expressão da subjetividade. Memória e escritas do eu. O diário, a autobiografia e o confessionalismo nas literaturas de Língua Portuguesa. Leitura, análise e interpretação de textos literários. (2019, PPC Curso de Letras UFPB)

Logo, a adoção dessa estrutura curricular abre a possibilidade para articulação dos textos produzidos nos CINCO junto aos brasileiros e portugueses. Perpassa as ementas das disciplinas a preconização do ensino de “literaturas de Língua Portuguesa”, sempre dando margem à interpretação de que sejam oriundas de quaisquer países de língua portuguesa cuja literatura trabalhe a temática proposta enquanto recorte.

Importante salientar que a universidade possui dois grupos de pesquisa vinculados ao CNPq: o MOZA (Moçambique e Africanidades), liderado pelo professor Sávio Roberto Fonseca de Freitas, e o GeÁfricas, sob tutela da docente Vanessa Riambau Pinheiro. Os professores Sávio e Vanessa possuem intensa e qualificada produção acadêmica, além de trânsito constante com os países africanos, possibilitando acesso a muitas obras e escritores dos CINCO através de entrevistas, palestras, *lives*, editoração e publicação de inúmeros textos individuais e coletâneas sobre as literaturas africanas. Muito do que se desenha enquanto análise da contemporaneidade dos CINCO é trazida à luz através de tais referências. Ademais, o Programa de pós-graduação em Letras da universidade conta com uma linha de pesquisa em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros que acolhe investigações de mestrado, doutorado e pós-doutorado.

6.2 Revitalizar a África como território intelectual: perspectivas endógenas de teóricos africanos

Na construção de argumentos do campo histórico-filosófico, pôde-se perceber que faziam parte das referências mais utilizadas nos cursos de Letras selecionados no nosso corpus os textos de Frantz Fanon (filósofo martinicano), Achille Mbembe (filósofo camaronês), Amadou Hampaté Bâ (historiador malinês), Aimé Césaire (ativista político martinicano) e Valentin Mudimbe (filósofo congolês).

Buscando resumir a teoria proposta a partir desse delineamento, exploraremos brevemente tais autores. Iniciamos por Frantz Fanon, cuja obra enfatiza que as estruturas sociais coloniais atravessam os sujeitos colonizados e sua subjetividade. Sendo assim, a mudança dependeria de uma transformação das estruturas da sociedade, de forma radical, ainda que fazendo uso de práticas violentas, se preciso for. Conforme Fanon qualquer projeto nacional que não se pautasse pelo enfrentamento do racismo não se sustenta. Contudo, pensar a discriminação racial apenas sob a perspectiva identitária também não garante sucesso, pois é preciso a compreensão de que superar o racismo está intrinsecamente ligado a descolonizar, sobretudo, a mente. O racismo transcenderia as relações individuais, sendo, portanto, uma construção também da sociedade. Logo, a desconstrução de hierarquias é essencial para que se transcenda o paradigma racista e não se busque somente a reversão. Segundo o autor, o contato com a Europa moldou o aprenizado de que existem diferenças entre negros e brancos, porém utilizando o branco como referência e forjando, inclusive, uma ideologia do que é ser negro. Fanon também criticou os governos de nações africanas recém independentes como extensão da dominação, analisando que depois de tomarem o poder da colônia deixaram de ouvir e dialogar com o povo.

Já Achille Mbembe relacionará o conceito de negro a uma existência subalterna advinda, principalmente, de duas criações européias: o capitalismo e a democracia liberal. Logo, cunha a *necropolítica*, teoria em que a morte é compreendida como arma de dominação, mas também de resistência. No texto mais referenciado pelos planos, *As Formas Africanas de Auto-Inscrição*

(2002) Mbembe analisa as formas como se tentou construir e representar a identidade africana a partir de um discurso nativista ou instrumentalista da África e de seu povo. Sendo assim, o autor busca interpretar criticamente o que foi lido enquanto pan-africanismo e os reflexos de um suposto consenso em que há o perigo da busca de uma alteridade africana sem a devida reflexão das especificidades culturais, geográficas e políticas da África. Discutindo alteridade e identidade, Achille também opera conceitos como nativismo, pertencimento, tradição, civilidade, similaridade e poder. A forma que a África se inscreve e se vê na história, sob qual ótica; o reconhecimento de uma “espetacularização do sofrimento” e “estado de guerra” compreendido enquanto uma forma local de reinvocar a tradição, são algumas das reflexões propostas por Mbembe (2002).

Explorando a figura de Amadou Hampâté Bâ, historiador malinês, é possível reconhecer uma teoria que foca, sobretudo, no estudo das tradições orais africanas. Ponderando a idade e a transmissão oral como fontes de sabedoria, é atribuída a Amadou a afirmação: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” (s/d). Estudioso da civilização africana, da transcrição das línguas do continente e das tradições orais, Hampâté Bâ também escreve sobre o diálogo inter-religioso, como no livro ficcional *Jésus vu par un musulman*⁴⁰ (1976), através do qual incita reflexões sobre trânsitos entre as religiões e enaltece a tolerância. Colaborador da UNESCO como articulista na obra *História Geral da África* no volume I, justamente o volume da coleção que trata de metodologias e epistemes específicas para darem conta de análises mais contextualizadas em solo africano, Hampâté Bâ escreve *A tradição viva*⁴¹ (2010, p.167-212), texto que versa sobre memória, griots e a complexidade de se manter viva a tradição oral na África moderna, seja pela ruptura da tradição ou em virtude de consequências de eventos como a guerra.

Outro nome destacado na bibliografia foi Aimé Césaire, um filósofo, escritor e ativista político natural da Martinica que, junto com o senegalês Léopold Senghor, desenvolveu o conceito de Negritude. Na concepção de Aimé Césaire, Negritude é o ato de assumir-se negro e ser consciente de uma

⁴⁰ *Jesus visto por um muçulmano*, tradução da autora.

identidade, história e cultura específica. Conforme Berndt (1988), Césaire definiu a negritude em três aspectos: identidade, fidelidade e solidariedade. A identidade consiste em ter orgulho da condição racial; a fidelidade é a relação de vínculo indelével com a herança cultural africana e a solidariedade é o sentimento que une, involuntariamente, todos negros, independente da localização geográfica, solidariedade esta que preconiza a preservação de uma identidade comum. A concepção de que existe um vínculo cultural compartilhado por negros africanos e seus descendentes, onde quer que estejam, é conceito amplamente contestado posteriormente. No entanto, o objetivo de Césaire era que houvesse uma reelaboração das heranças culturais africanas, logo, o primeiro passo seria reconhecer-se negro para que assim fosse possível recuperar história e cultura. Denunciando os problemas trazidos pela colonização e defendendo que a autoafirmação dos negros era a resposta contra a opressão européia, Aimé adjetivava a Europa como “indefensável” no que tangia ao processo de dominação colonial. No texto *Discurso sobre o colonialismo* (1978, p.51), Césaire afirma: “uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas inerentes ao seu próprio funcionamento é uma civilização decadente (...) e, por isso mesmo a Europa é indefensável”.

Cabe ressaltar que essa noção de uma comunidade advinda da partilha de problemas comuns, como o preconceito racial, também guiou outros movimentos como o Pan-africanismo, cujas discussões já existiam no final do século XIX, anteriores ao conceito de Negritude cunhado por Césaire. A consciência de uma origem comum entre os negros do Caribe e os negros dos Estados Unidos levaram Marcus Garvey, jamaicano, e William Du Bois, norte americano, a idealizarem o movimento pan-africano. O objetivo inicial era fomentar a independência dos países da África e criar uma unidade entre eles, além de discutir os problemas locais dos EUA e Caribe. A partir de 1900, diversos congressos pan-africanos foram organizados e participaram deles líderes e intelectuais americanos, europeus e africanos.

Encerrando a elucidação que contempla os pensadores africanos mais recorrentemente citados pela fortuna crítica exposta nos planos de curso das IES selecionadas para o nosso estudo, foquemo-nos em Valentin-Yves Mudimbe. Filósofo congolês, o autor é um crítico do movimento da Negritude.

Conforme Mudimbe, os intelectuais que promoveram tais reflexões também tinham uma concepção influenciada por uma episteme ocidental da África. Logo, as reflexões de Mudimbe atentam-se muito ao fato da pluralidade africana e de haver reiteradamente a tentativa de unificar-se a África como sendo algo homogêneo.

Conforme Mattos (2021) Valentim Mudimbe nasce na província de Katanga, atual República Democrática do Congo, e cresce entre aldeões e missionários cristãos coloniais. Com os pais católicos, foi enviado da sua aldeia suáli para um mosteiro beneditino, aos 9 anos, para ser seminarista em Ruanda. Dessa forma, aprende vários idiomas e torna-se um linguista. Já adulto, decepçiona-se com a postura da igreja diante de alguns massacres, deixando assim a vida de seminarista para já, aos 32 anos, ser professor universitário. Sendo assim, devido às experiências vividas, Mudimbe declara-se um sujeito fruto da situação colonial, em que se mesclam influências africanas e européias, desenhando um percurso translocal, o qual está presente na sua formulação teórica. Com doutorado cursado na Bélgica, atuação acadêmica em países africanos, americanos e europeus, Mudimbe valoriza questionamentos que singular e o universal. Segundo Mattos (2021):

Nessa que é uma de suas obras mais conhecidas (*A Invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*), publicada em 1988, Mudimbe apresenta a idéia de África como uma invenção epistemológica na área das ciências sociais, defendendo que o conhecimento sobre o continente seria um conhecimento estritamente controlado por procedimentos específicos elaborados por europeus, que ele denomina *gnose*.

Já no primeiro capítulo analisa como os saberes sobre o continente africano foram sendo criados, principalmente a partir do século XVIII, com as representações feitas por viajantes exploradores europeus. De acordo com o autor, essas imagens revelam um etnocentrismo epistemológico e ideológico que são inseparáveis e complementares. Esses dois aspectos se fundem no discurso do poder e do conhecimento da experiência colonizadora. Nesse contexto, a antropologia terá um papel fundamental sendo sua criação ligada intrinsecamente à epistemológica ocidental (MATTOS, 2001, p.66-67).

Assim, o conhecimento da Literatura dos CINCO, e a temática por ela denunciada, nos leva a perceber que a África que a maioria de nós conhece é produto de uma visão ocidental. Ancorada em referências de historiadores não africanos, muitos dos feitos do povo do continente não ocupou lugar de destaque na formação do conhecimento de maneira a reconhecermos que a

África é espaço de produção de conhecimento e não apenas objeto de análise. A seleção dos pensadores que compõem a fortuna crítica dos planos do corpus das IES selecionadas em nosso trabalho revela que há preocupação, por parte da academia, em apresentar a teoria que é produzida no continente africano. No entanto, as referências ancoram-se muito mais em autores da área da história/antropologia/filosofia do que, majoritariamente, naqueles que se ocupam da análise do texto literário ou das epistemes. Enfatizamos que isso não aponta para o fato de que essas referências inexistam, em alguma medida, em um ou outro plano de ensino, contudo, a ausência em torno desses nomes é muito mais denotada, por isso reveladora. Assim, buscaremos contribuir trazendo para o foco tal nominata.

Principiando nossa incursão por autores que renovam paradigmas que visam distintas epistemes, retomemos Molefi Asante (2009), que cunhou a Afrocentricidade, e que afirma ser a história da *África uma busca pela harmonia eterna*, título do seu mais recente livro publicado no Brasil, em 2023. Na obra, Asante assegura que o povo africano está buscando, de forma significativa, recentrar suas próprias narrativas. Além disso, Molefi Asante é conhecido por sua teoria sobre a "comunicação afrocentrada". Ele argumenta que a forma como as pessoas se comunicam é profundamente influenciada por suas experiências culturais e históricas. A comunicação afrocentrada enfatiza a importância da linguagem e da expressão cultural como ferramentas para a construção da identidade e da autoestima. Asante acredita que, ao adotar uma abordagem afrocentrada na comunicação, as pessoas podem fortalecer sua conexão com suas raízes africanas e promover uma maior compreensão e respeito mútuo entre diferentes grupos culturais.

Outra teoria importante em que Molefi Asante ancora sua produção intelectual advém, conforme Lopes (2021) do "Maat". Maat é um conceito central na filosofia egípcia antiga que se refere à ordem, equilíbrio e justiça. Asante argumenta que Maat deve ser um princípio orientador nas vidas das pessoas de ascendência africana e que a busca pela justiça e equilíbrio deve ser central para a luta por igualdade e justiça social. Além disso, Molefi Asante também tem explorado questões relacionadas à educação afrocentrada, enfatizando a importância de um currículo que reflita a diversidade cultural e

histórica do continente africano e da diáspora africana, acreditando que a educação afrocentrada pode desempenhar um papel crucial na capacitação das comunidades negras e na promoção do empoderamento.

Também no campo da episteme, Oyèrónkẹ Oyěwùmí, socióloga nigeriana, argumenta, através de suas pesquisas, que os papéis de gênero atribuídos na interpretação de textos da crítica ocidental são, muitas vezes, equivocados. Publicado no Brasil com o título *A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero* (OYĚWÙMÍ, 2021), a obra traz o resultado da tese de doutorado da autora em que, analisando a cultura iorubá, tece afirmação de que os papéis sociais e hierarquias no seu país não são constructos do gênero, mas sim relativos à experiência, à idade. De acordo com Oyèrónkẹ, a expansão da Europa e a hegemonia cultural euro-americana impactaram a construção das categorias raciais e de gênero de diversas formas. Uma delas foi a racialização do conhecimento, que estabeleceu a Europa como fonte de conhecimento e os europeus como conhecedores, o que reforçou a ideia de superioridade cultural e intelectual dos europeus em relação a outros povos. Além disso, a construção do conceito de gênero foi influenciada pela hegemonia cultural euro-americana, o que resultou em uma visão universalista e essencialista das diferenças entre homens e mulheres, que não considerava as diferenças culturais e históricas entre as sociedades. Essa visão universalista e essencialista acabou por naturalizar as desigualdades de gênero e reforçar a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens. Assim, Oyěwùmí busca reconstruir conceitos apagados pela colonização (no caso da Nigéria, inglesa) e problematiza de que forma o gênero é viés de teorização construído a partir de sociedades que não valoraram essa diferenciação africana para atribuir posição de prestígio, projetando assim na teorização as organizações sociais ocidentais, o que tem sido o usual olhar da crítica para as leituras, muitas vezes, equivocadas.

Nos deslocando para a área das linguagens, podemos notabilizar Ngugi wa Thiong'o. O escritor e professor queniano acredita que a definição de Literatura Africana se baseia em uma literatura escrita por africanos em uma língua africana. Logo, afirma que a literatura escrita por africanos nas línguas

européias é chamada Literatura Africana Eurófona: “Até agora, ela está dividida em três ramos principais: anglófona, francófona e lusófona. Chamar a *Literatura Eurófona* pelo nome *Literatura Africana* é um caso evidente de “Usurpação de Identidade Literária” (THIONG’O, 2018, p.263-264). *Decolonising the Mind*⁴² uma série de ensaios reunidos e publicados em 1986, produzidos após a prisão e exílio do escritor, é uma obra em que Thiong’o alega que é necessário que os africanos rompam com o imperialismo e neocolonialismo que incide sobre a África. Uma das formas sugeridas pelo autor é de que intelectuais e escritores do continente se reencontrem com suas culturas e passem a produzir textos em línguas nativas, recontrando assim uma cultura autóctone, pré-colonial, ainda inalterada pelos colonialistas que desprezaram e buscaram apagar essas manifestações.

Ngugi defende uma descolonização linguística, amparado na própria experiência de criação literária. Os primeiros romances do autor foram escritos em inglês e foram proibidos no Quênia por serem considerados subversivos, fato que determinou sua detenção, de forma arbitrária, em 1978. Já à época, Thiongo manifestava o desejo de escrever em sua língua materna, Gikuyu, o que operou ainda na década de 70. Na atualidade, defende seu projeto de escrita:

A língua é um direito humano. O verdadeiro desafio é o da comunicação intercomunitária. No caso da Costa do Marfim, vocês têm o “francês”. É apenas um fato. No entanto, as 62 línguas têm todas o direito de existir. Cada criança nesse país deve falar pelo menos duas línguas: sua língua materna e, em seguida o francês, língua do poder. Mas, ela deve ser incentivada a aprender uma outra língua Africana, de outra comunidade presente no país. Se alguns livros e materiais forem escritos numa dessas 62 línguas, podem e devem ser traduzidos para o máximo possível de línguas marfinenses, e incluindo o francês. Não sei se você ouviu falar do projeto de tradução Jalada. Procure no Google Jalada Translation 01. Minha estória, Ituika ria Murungaru/ A Revolução Vertical, originalmente escrita em Gikuyu, minha língua materna, foi traduzida para 40 línguas africanas, 6 línguas europeias, 6 línguas asiáticas, e 2 línguas do Médio oriente, totalizando 54. Jalada está mostrando claramente o caminho para nosso futuro (THIONG’O, 2018, p.265-266).

Enquanto docente universitário, Ngugi organizou um programa em que o Departamento de Língua Inglesa fosse abolido e substituído por um

⁴² *Descolonizando a mente*, tradução da autora. Obra ainda sem publicação em português.

Departamento de Literatura e Língua Africanas, na Universidade de Nairobi, relativizando as fontes literárias européias e insistindo sobre a tradição oral – ou oratura – como raiz primordial para os estudos da língua e literatura. No Brasil, o livro do autor *Sonhos em tempo de guerra* foi publicado pelo clube de leitura TAG em agosto de 2021, sob curadoria de Jeferson Tenório. Na obra, uma narrativa autobiográfica, Thiong’o descreve seu percurso desde o desejo, quase impossível, de entrar em uma escola até a trajetória de docente universitário.

Somam-se ao debate advindo de intelectuais/escritores, os nigerianos Wole Soyinka e Chimamanda Adichie. Na atualidade, conforme Nascimento & Filho (2020), esses nomes também fazem parte dos teóricos que criticam a ideia difundida a partir dos movimentos do Pan-africanismo e da Negritude de que existe uma solidariedade ancestral em África baseada em uma identidade cultural pré-colonial. O problema levantado é que tal identidade tende a ser idealizada e reduz o continente de forma que haja uma tendência errônea em relação à existência de uma homogeneização. Logo, Chimamanda defende que haja o reconhecimento dessa diversidade e a partir daí uma unidade, tema que desenvolve a partir de suas obras literárias, como *Meio Sol Amarelo* (2006) em que é posta, através das reflexões das personagens, a ideia de que a criação da identidade negra também é uma criação branca, quando moldada enquanto uniforme e uníssona.

Já Soyinka atenta para o fato de que a *romantização* da raça negra gera uma visão acrítica e artificial dos africanos, havendo assim uma espécie de condescendência que não é benéfica, pois coloca o africano no papel de primitivo, desprovido de intelectualidade. Ativista político contra as ditaduras nigerianas, o autor denunciou os sistemas internos de dominação, fossem eles coloniais ou estabelecidos no período pós-independência. Wole teve como espaço de educação formal as escolas que utilizavam o inglês enquanto idioma e as epistemologias ocidentais. No entanto, por ser pertencente a uma região de forte presença da cultura iorubá, a sabedoria, mitologia e ensinamentos ancestrais se fazem presentes o que, articulado com sua trajetória educacional, faz Soyinka construir um projeto literário e crítico no qual se percebe as marcas do hibridismo cultural. Conforme Nascimento & Filho (2020), Wole Soyinka tece

discussões de alta elaboração intelectual com intuito de compreender manifestações estéticas e políticas contemporâneas a partir de aspectos culturais e paradigmas africanos e recusa a ideia de que a contribuição africana possa se dar através de folclore ou arte tradicional vinculadas ao passado. Assim, o teórico atualiza as epistemologias iorubás trazendo-as para o presente relacionando-as com outros conhecimentos africanos e também ocidentais. Cabe ressaltar que Soyinka foi o primeiro negro – e africano – a receber o Nobel de Literatura, em 1986.

Muito timidamente, e atrelando seu papel ao de organizador de coletâneas, não enquanto figura de autoridade teórica, aparece a menção à Mário Pinto de Andrade, ativista político e ensaísta angolano, um dos fundadores do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) nos planos de ensino das universidades brasileiras que analisamos. Logo, achamos importante destacar o nome do autor e elucidar alguns aspectos da sua biografia.

Mário Pinto de Andrade, aos 20 anos, parte de Angola e vai estudar em Lisboa, onde junto a Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Francisco José Tenreiro, cria o Centro de Estudos Africanos. É de autoria de Andrade a obra *Origens do Nacionalismo Angolano* (1961) e também *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, o qual organizou com Francisco José Tenreiro em 1953.

Após longos períodos de exílio fora de Angola, em 1974, no país de nascença, em meados da independência, é obrigado a fugir devido a perseguições políticas. Encontrando abrigo na Guiné-Bissau, atuou como secretário da cultura e afastou-se de sua terra natal. Mário Pinto de Andrade foi agraciado com título de cidadão honorário de todas as ex-colônias portuguesas africanas dado o protagonismo da sua figura na organização da primeira coletânea que abarcava os textos africanos.

Analisados outros angolanos, enalteçamos Uanhengua Xitu e Pepetela, autores que também possuem textos teóricos que podem compor fortuna crítica acerca do campo antropológico e estético. No livro *Intelectuais das Áfricas* (2020) organizado por Silvio de Almeida Carvalho Filho e Washington Nascimento, pode-se conhecer uma breve biografia sobre Uanhengua Xitu e

Pepetela, assim como relacionar várias das suas produções literárias a atividades políticas e intelectuais, o que reforça o papel de ambos dentro do campo da teoria.

No entanto, conforme Nazir Can (2023), a massa crítica moçambicana é a que mais se destaca no continente africano de língua portuguesa quando o quesito é produção de fortuna crítica. Conforme o autor:

Moçambique apesar das dificuldades atravessadas pelo país ao longo da história, apesar da estrutura armadilhosa que foi deixada pelo colonialismo também, e do número absolutamente assustador de analfabetos que foram deixados pelo sistema colonial, é impressionante observar que, diferentemente de outros contextos africanos, Moçambique tem uma escola de crítica literária absolutamente fascinante. Do ponto de vista da quantidade e da qualidade, Moçambique se destaca no continente africano. Todos nós conhecemos e lidamos com aquilo que o Francisco Noa, o Gilberto Matusse e tantíssimos outros pesquisadores escrevem. Isso não ocorre em outros contextos, e é uma pergunta que poderíamos fazer, sobre qual o motivo disso ter ocorrido no país. O que diferencia essa presença crítica em Moçambique, de Angola ou de Cabo Verde, por exemplo? Apesar da literatura angolana se ter consolidado e ter um caminho mais antigo, se pensarmos no romance, por exemplo, temos em Angola um contexto mais antigo. No entanto, do ponto de vista crítico, encontramos uma série de pesquisadores moçambicanos que nos oferecem e ofereceram instrumentos ao longo dos anos. Essa noção de campo literário parte da consciência da fragilidade da instituição literária moçambicana, mas ela se apegando sobretudo ao elemento da representação propriamente dita. Eu parto da metáfora do campo literário para entender a diversidade interna daquele ambiente e o modo como cada um dos autores ocupa uma posição nesse jogo. Nós temos um autor que se destaca internacionalmente, Mia Couto, que seria a estrela do time, e temos outros jogadores, seguindo a metáfora do campo, que ocupam outras posições, também importantes, mas de menor visibilidade, e que obviamente têm objetivos e modos de atuação diferentes daqueles que se convertem em porta-vozes da literatura moçambicana no mundo de uma maneira mais rápida. Por isso acontece de nós termos um romancista que é o mais aclamado do mundo e que talvez não seja o grande romancista do país (CAN, 2023, p.82-84).

Muito se pode depreender das afirmações feitas por Nazir. De fato há em Moçambique autores como Noa que se ocupam da literatura nacional enquanto objeto de estudo. Tal como apontamos no capítulo 3, quando abordamos a trajetória da teoria em Moçambique, outros nomes já alcançam projeção nacional e internacional, como Lourenço do Rosário, Fátima Mendonça, Sara Jona Laisse, Gilberto Matusse além de tantos outros autores literários que tecem fundamentada crítica, como Ungulani Ba Ka Khosa. Ainda se tem, conforme Laisse (2020), autores responsáveis por uma crítica

jornalística como Pedro Pereira Lopes, Leonel Matusse, Eduardo Quive, Japone Arijuan, Elton Pila, Marcelo Panguana e José dos Remédios.

Quando observamos as disciplinas que compunham o currículo do curso de Letras na Universidade Eduardo Mondlane, buscamos também conhecer o que se produzia enquanto crítica através dos trabalhos oriundos do programa de pós-graduação em Letras e Ciências Sociais da faculdade. Na área da Letras, o curso ofertado é Doutorado em Linguística⁴³, tendo a duração de seis semestres, com cobrança de mensalidade. Sendo assim, as teses que encontramos abrigadas no site da IES versavam, em sua grande maioria, acerca de aspectos linguísticos. Portanto, compreende-se que se não há pesquisa sistematizada sobre Literatura na maior universidade do país, já que no mestrado também não há linhas específicas relacionadas à literatura, mais difícil torna-se encontrar fortuna crítica endógena para que possa ser mais amplamente difundida. Atentemos para o fato de que nos referimos ao país que, conforme CAN (2023), mais massa crítica produz. Logo, o que esperar dos demais países dos CINCO? As ausências são visíveis.

Quando da construção da coleção da UNESCO intitulada *História Geral da África*, iniciada em 1964, composta por oito volumes, totalizando quase dez mil páginas, acervo que visou contar a história da África sob a perspectiva africana, muitos foram os autores convidados a compor o conselho editorial e assinar a autoria dos textos. No entanto, constata-se que os teóricos presentes são, quase sem exceção, oriundos de ex colônias anglófonas e francófonas. Existe marcadamente uma lacuna referente à produção em língua portuguesa, o que acarreta um pensar delineado sobre uma África ancorada em outros idiomas e seus reflexos nos países colonizados que não os CINCO. De fato, ainda são esparsos os nomes a serem referenciados. Por isso, supomos ser significativo indicar alguns nomes que já possuem determinado prestígio – além dos indicados no capítulo 3– para que também se façam mais presentes dentro das referências teóricas. São eles: os moçambicanos Elísio Macamo, sociólogo, José Castiano e Severino Ngoenha, filósofos; o angolano Luís Kandjimbo, crítico literário e ensaísta, e o guineense Amílcar Cabral, ativista e líder político.

⁴³ <https://www.flcs.uem.mz/index.php/cursos/candidatura-posgraduacao-2024>

Elísio Macamo nasceu e cresceu em Moçambique. Com formação básica no país, completa os estudos universitários na Inglaterra, onde fez mestrado em Sociologia. Na Alemanha, formou-se doutor e atuou como tradutor no serviço diplomático moçambicano. A experiência de viver em uma nação pós-colonial em conflito teve um impacto significativo em seu trabalho acadêmico posterior, assim como as vivências em solo estrangeiro. O sociólogo foi professor na Suíça e na Alemanha, onde vive.

Um dos principais conceitos de Elísio Macamo é a ideia de que as teorias sociológicas eurocêntricas muitas vezes falham em capturar a complexidade das sociedades africanas. O autor argumenta que as abordagens tradicionais frequentemente ignoram a rica história cultural e a diversidade de perspectivas no continente africano, enfatizando que é necessária uma abordagem intercultural que reconheça e valorize as diferentes vozes e realidades em África.

Alguns dos trabalhos mais significativos de Macamo incluem *Um País Cheio de Soluções* (2009), no qual explora as dinâmicas políticas e sociais pós-independência em seu país de origem, e *E se a África não existisse?*⁴⁴ (MACAMO, 2014) texto no qual afirma que a globalização pode criar um processo que normaliza o real e silencia outros mundos possíveis, o que pode afetar a produção de conhecimento sobre a África pois ocorre aplicação de esquemas conceituais pouco apropriados para realidades sociais que resistem às categorias analíticas que são subjacentes a esses esquemas. Logo, o resultado de tais práticas pode levar à disseminação de conceitos e teorias que não são adequados para a compreensão da realidade social africana. São livros do autor, ainda sem tradução em língua portuguesa, *Was Ist Afrika?* (1999)⁴⁵ e *Negotiating modernity: Africa's ambivalent experience* (2005)⁴⁶.

No campo da filosofia, o autor moçambicano mais proeminente é Severino Ngoenha. O teórico nasceu em Maputo, possui graduação em Teologia e Doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana em Roma.

⁴⁴Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/viewFile/8649448/16003>
Acesso em 20 ago 2023.

⁴⁵ *O que é a África*, obra escrita em alemão, ainda sem versão portuguesa.

⁴⁶ *Negociando a modernidade: a experiência ambivalente na África*, versão em inglês.

Em 2010, passou a integrar a Universidade Pedagógica de Moçambique. Na atualidade, é reitor da Universidade Técnica de Moçambique. Ngoenha também foi professor associado de outras instituições, como Universidade de Lausanne, na Suíça, e suas pesquisas situam-se na área de antropologia, pensamento africano, filosofia da educação e interculturalidade.

Entre as obras do autor estão *Filosofia Africana: das independências às liberdades* (2019), livro em que versa sobre história e etnicidade, etnologia, filosofia política, conceito de personalidade africana, etno-filosofia, futuro e utopia. Outro referenciado livro é *Manifesto por uma terceira via* (2019), escrito junto a José Castiano, também filósofo moçambicano, no qual discutem que depois de uma Primeira Via, marcada pela busca de justiça social, mas com pouca liberdade, Moçambique vive atualmente uma Segunda Via, que apresenta liberdade, porém, conforme os autores, sem justiça social. Logo, caberia uma Terceira Via, alternativa que englobaria a justiça da Primeira, aliada à liberdade da Segunda. Logo, a proposta para a Terceira Via é que seja alicerçada na historicidade e em nova estruturação do Estado, rearticulando particularidades de natureza étnica, racial, cultural e religiosa. Segundo os autores, a Primeira Via, socialista, era pautada pela necessidade de unidade, através da qual a justiça social e igualdade eram a bandeira do que se constituiu enquanto República Popular de Moçambique; a Segunda Via, ancorada na constituição do país de 1990 propiciou um liberalismo econômico, no entanto deixou de lado os valores defendidos na independência. Portanto, equacionar as vias, conforme Ngoenha & Castiano (2019) é um esforço necessário.

A obra de Ngoenha, *Lomuku* (2019), conceito traduzido como “desmame”, trata dos problemas da sociedade civil atual e levanta um debate sobre o contemporâneo e os resquícios da colonialidade, assim como prevê uma nova postura epistemológica:

Na verdade, as independências não nos emanciparam dessa dimensão “cultural da corrupção”(…) O estado sai horizontal e contratualista da Europa e chega a África piramidal e colônia. Aceitando este Estado piramidal, mesmo depois da Independência, nós expulsamos o colono e a colonização, mas não expulsamos a pedra angular que permitia, hierarquicamente, a exploração do homem de baixo pelo homem de cima. Então, quando tiramos de cima o colonizador, substituindo-o pelo negro ou pelo africano, sobretudo quando os líderes foram substituídos por usurpadores (Ngugi Wa Thiongo), os desvios e a corrupção aparecem como um simples detalhe. (...)

A teoria latino-americana chama a isto colonialidade, que não deve ser confundido nem com o colonialismo, nem com o neocolonialismo. São as sequelas que o colonialismo, saindo, deixa, através do seu sistema político, jurídico e de administração que lhe dá continuidade. Contra a colonialidade, Walter Mignolo postula a necessidade de uma desobediência epistêmica; eu sugiro a ideia de Lomuku. A ideia da desobediência apesar de ser um dissenso comporta em si a ideia de um comando, de uma ordem que é dada. Se há ordem, alguém deu essa ordem, alguém tem ou arroga-se o direito de dar ordens, de falar em primeiro lugar. (...) No Lomuku o processo de desmame é natural, está na ordem das coisas, ele não comporta nenhuma relação de hierarquia, de força. Ao contrário, (...) é por amor que tem que deixar seu filho ir à autonomia. É nesse processo de inter-autonomia que a nova relação vai se estabelecer. (...) O Lomuku é um desmame epistemológico (NGOENHA, 2019, p.642).

Relevante conhecer as obras de Severino Ngoenha e suas inovadoras proposições. Cabe também ressaltar que os três títulos por nós citados, *Filosofia Africana: das independências às liberdades* (2019), *Manifesto por uma terceira via* (2019) e *Lomuku* (2019) possuem acesso livre pela plataforma do Kindle, leitor de livros digitais, quando da assinatura da versão Kindle unlimited. Ou seja, nota-se a facilidade de acesso à obra se compararmos aos processos de importação do livro físico.

Voltando nosso olhar aos angolanos, observemos a produção de Luís Kandjimbo, pseudônimo literário adotado por Luís Domingos Francisco. Nascido em Benguela, o crítico literário e ensaísta tece reflexões sobre muitos tópicos relacionados ao sistema literário angolano, autores e tantos outros desdobramentos. No texto *A literatura angolana, formação de um cânone literário mínimo de língua portuguesa e as estratégias da sua difusão e ensino* (2001), o autor problematiza que o ensino da literatura angolana não foi sistematizado. Kandjimbo revela que na universidade mais importante de Angola, Agostinho Neto, o modelo do curso de Letras era o modelo do curso de Portugal. Após 1974 é que foi criada a disciplina Literatura Angolana e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. No entanto, pondera que o

caminho crítico adotado é o da crítica ocidental. Para o literato, se defende a teoria de uma angolanidade mas inexistem estudos sistemáticos universitários e as teorias produzidas são de críticos portugueses para leitores portugueses, adotando conceitos como criouliidade ou negritude cunhados de forma exógena.

O crítico angolano também afirma que o conceito de cânone é ocidental e que não se podem excluir os textos orais e os escritos em língua nacional, deixando-os à margem da legitimação. Logo, propõem: “dever-se-á operar com um conceito de literatura angolana que congloba os três segmentos, nomeadamente: a literatura oral angolana, literatura escrita em línguas endófonas e literatura angolana escrita em língua portuguesa” (KANDJIMBO,2011, p.6).

Para o autor é preciso uma vigilância epistemológica obedecendo ao conhecimento da realidade dos países e só um processo de descolonização cultural e reconhecimento do pluralismo poderia evitar a escolha de um cânone totalitário, já que não existe uma estratégia eficaz e material de divulgação das obras literárias e críticas do país tanto internamente quanto a nível internacional.

Entre suas publicações mais significativas, destacam-se *Ensaio e Crítica* (1997), *ensaios*, *Estrada da Secura* (1998), poesia, *O Notívago e Outras Estórias de um Benguelense* (2000), contos, *De Vagares a Vestígios* (2000), poesia, e *Ideogramas de Nganji* (2003), ensaios. A atividade jornalística e a vasta produção de ensaios críticos também é tarefa da qual se ocupa o escritor, que transita por vários gêneros textuais.

Encerrando nossa contribuição sobre autores africanos de língua portuguesas cujo apagamento fora notado na sistematização do estudo da literatura dos CINCO no âmbito universitário brasileiro enquanto intelectuais, aludimos Amílcar Cabral, uma das referências mais decisivas no percurso da descolonização africana. O líder político da Guiné-Bissau, nascido no país, mas filho de dois caboverdianos, conforme Baqueiro (2020), fora peça chave no processo de articulação dos países de língua portuguesa de forma a criar um ambiente propício para as independências, criando convergências que ameaçavam o projeto colonial português. Fundador do Partido Africano da

Independência da Guiné e Cabo Verde, também conhecido pela sigla PAIGC, Cabral liderou o movimento que organizou a luta pela independência da Guiné Portuguesa (Guiné-Bissau) e de Cabo Verde.

Segundo Oliveira (2019) uma das principais preocupações do ativista era buscar compreender a natureza do poder político. Para Cabral, a libertação total do colonialismo passaria por uma reflexão não apenas das colônias portuguesas, mas também dos novos estados africanos. Logo, a natureza do poder político pode ser entendida como a forma como o poder é exercido e organizado em uma sociedade, incluindo as relações de poder entre diferentes grupos e instituições, bem como as ideologias e valores que sustentam essas relações. Assim, a reflexão sobre a natureza do poder político é importante para a construção de diferentes instrumentos de ação e para a elaboração de opções de desenvolvimento livre de imperialismos.

Conforme Fábio Baqueiro (2020) as marcas discursivas de Amílcar Cabral são importante elemento a ser analisado e constituem uma técnica que implica na sua teoria, quando analisados suas falas e escrita. Seriam, a priori, técnicas bastante marcadas como o uso constante de expressões no plural, como “nossos povos”, “nossos países”, “nossas populações”, visando sensibilizar guineenses e caboverdianos a mobilizarem-se juntos e formarem determinada unidade. Outra técnica importante adotada teria sido buscar uma abordagem regional, realizando um mapeamento que ajudaria a compreender o público para quem o discurso se dirigia e a orientação política e ideológica deste, já que havia uma multiplicidade étnica, religiosa e muitos chefes tribais tradicionais eram a favor da colonização portuguesa. Dessa forma, era necessário conhecer as regionalidades e aceitação ou não da presença do PAIGC e das ideias que defendiam. Amílcar Cabral percebia que era necessário um trabalho de aguçar o pertencimento étnico de forma a que houvesse um reforço identitário que colaborasse na manutenção da legitimidade dos dirigentes das classes africanas, os líderes tribais com os quais os portugueses geralmente lidavam. Mantendo vivas algumas tradições, mais difícil seria a tarefa colonial de impingir uma dominação indireta através dos chefes das tribos. Assim, de forma dicotômica ao mesmo tempo em que buscava diluir algumas fronteiras entre regiões e etnias, para que houvesse

maior unidade, Cabral também apontava as especificidades que tornavam os povos mais resistentes à dominação portuguesa.

Outros tantos nomes poderiam ser citados como valorosa contribuição para elucidar questões sobre como o pensamento africano difere do pensamento ocidental. Textos como *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura* (APPIAH, 1997); ou *How not to compare African thought with Western thought*⁴⁷ (WIREDU, 1984), somados ainda à proposta neo-animista⁴⁸ de Ruy Duarte de Carvalho, nos fazem compreender a importância cada vez maior de dar a conhecer aos alunos das licenciaturas em Letras as referências particularizadas do continente africano e, sobretudo, dos CINCO, já que repensar conceitos, métodos, teorias, epistemes a partir de uma visão endógena tem sido proposição de muitos dos intelectuais africanos.

7. Aspectos conclusivos

Não se pode negar que a implementação da lei 10.639/2003 – modificada posteriormente pela lei 11.645/2008 – reverbera de alguma forma no ensino da literatura dos CINCO nas universidades brasileiras já que, conforme Ricardo Pedrosa (2021), existe a verificação de um número expressivo de trabalhos de pesquisa na área, o que demonstra consolidação das investigações. Ocorre também, à época, uma conjuntura política que favorece o aumento de bolsas de estudo, o que reverbera nos programas de pós-graduação e produção intelectual. Por conseguinte, sabemos que, segundo Abdala, é a partir da pós-graduação alicerçada nos estudos comparados, que era a proposta vigente, que o ensino da literatura dos CINCO é fortalecido e encontra espaço dentro das IES brasileiras, logo, uma pós-graduação atuante fomenta a criação de disciplinas nas graduações em Letras.

⁴⁷ *Como não se deve comparar o pensamento africano com o ocidental*, tradução da autora.

⁴⁸ A proposta neo-animista de Ruy Duarte de Carvalho, pretende reformular o termo "animismo" em bases críticas, restaurando o conceito, de matriz antropológica e africana, para assimilar diferentes maneiras de lidar com a alteridade. Essa compreensão reformulada do animismo configura o ponto de partida conceitual para uma releitura do que a expansão ocidental tem produzido sobre o "outro", ou seja, sobre a alteridade ocidental (FISCHGOLD & PINHEIRO, 2018).

Em nossa pesquisa, também converge com o período imediatamente pós-datação da lei um maior quantitativo de textos brasileiros que serviram de fortuna crítica para os cursos de graduação. Dentre as 240 referências de autoria brasileira, 124 pertencem ao período compreendido entre os anos 2000 e 2009, ou seja, podemos concluir que nossa massa crítica possui uma datação bastante marcada, provavelmente influenciada pela lei 10.639/2003.

Acerca do pioneirismo dos estudos no Brasil, assomam-se os relatos de que a USP agregou docentes, escritores e pesquisadores que construíram caminhos teóricos capazes de consolidar um núcleo que exerceu influência para que o trabalho com a literatura dos CINCO fosse reconhecido enquanto área do conhecimento a ser analisada na sua singularidade, e não somente enquanto anexo de uma literatura portuguesa. Não só, mas como operantes protagonistas, o grupo da USP constituído a partir de Maria Aparecida Santilli, Benjamin Abdala Júnior, acompanhado simultaneamente por Laura Padilha (UFF), Carmen Lucia Tindó Secco (UFRJ), Maria Nazareth Soares Fonseca (PUC-MG) e Elisalva Madruga Dantas (UFPB) protagonizam suporte teórico para que outras coletividades produzam discussões e aparato teórico nas universidades brasileiras.

Versando ainda sobre o início dos estudos que englobavam a literatura dos CINCO, distinguimos discussões que revelaram uma variedade de denominações para referir-se a tal área do conhecimento. Designações essas que nominavam a literatura enquanto: literatura de expressão portuguesa, literatura ultramarina, literatura africana de expressão portuguesa, literatura lusófona, literatura africana em língua portuguesa, literatura africana de língua portuguesa, literatura dos PALOP e literatura dos CINCO. Atualizando terminologias as reflexões teóricas evidenciavam as implicações ideológicas e a necessidade constante da área de adoção de novos parâmetros para os estudos.

O primeiro conceito a ser interrogado pela literatura dos CINCO é o de cânone. Ana Maria Mão de Ferro Martinho (2001) revelou-nos distintos fatores levam a esse questionamento, como a ocidentalidade do conceito e da teoria implicada, além do curto espaço de tempo da produção, sobretudo pós-independência – e o não distanciamento temporal considerável para análise.

Também a negação africana ao cânone enquanto preditor de gêneros, temáticas e representações estará presente nas considerações de Martinho, além da oralidade tão premente nos países africanos e a pluralidade de dialetos utilizados como língua veicular.

Sendo assim, temos uma literatura que subverte teorias. As relações de temporalidade, legitimidade, fragmentação e identidade aparecem delineadas muito claramente nas obras literárias dos países dos CINCO. A partir de um processo de reconhecimento do papel de colonizado, de afirmação de uma identidade, de subversão de temas, as obras irão refletir o passado histórico narrado por outras vozes que buscam novas formas de representações através da pluralidade de vozes que traz o testemunho daqueles que não pertencem à História *oficial*.

Desta forma, os critérios intrínsecos – subjetividade, experiência, lugar de fala – e também os externos – acesso, mercado, validação – nos demonstraram que os valores simbólicos e valores monetários se entrecruzam. Portanto, o discurso universitário que avaliza as obras canônicas também é peça chave para a validação da literatura africana de língua portuguesa. Muitos foram os testemunhos – Ba Ka Khosa (2019), Coelho (2012) – que atribuíram a legitimação da literatura de seus países à crítica exógena. Os fatores que contribuem para esse cenário englobam desde o contexto de circulação dos livros, mercado até as condições materiais. Além disso, é necessário ressignificar a intelectualidade repensando o papel das hegemonias culturais e políticas. Logo, conforme Mata (2007) os caminhos da crítica precisam ser alternativos aos já propostos pela academia buscando reconstruir lugares teóricos e metodológicos, assim como o papel do crítico. Assim, o ideal a se buscar é a experiência e repertórios culturais africanos fundidos à teoria através do olhar endógeno.

Nosso estudo constatou que, no Brasil, a literatura dos CINCO é ensinada à luz da teoria produzida pelos pesquisadores brasileiros. Analisando as referências de textos teóricos sugeridos por 25 disciplinas das dez principais instituições universitárias norteadoras da área no país, encontramos um total de 476 referências. Dessas, 240 entradas (50,4%) eram de textos brasileiros, seguidas por 64 referências (13,4%) alusivas a teóricos pertencentes aos

CINCO e 51 textos (10,7%) escritos por portugueses. Ou seja, ensinamos a literatura africana de língua portuguesa, prioritariamente, sob a ótica brasileira. Na atualidade, não podemos atribuir tais dados à dificuldade acentuada de circulação dos livros, visto que o acesso aos textos através de revistas eletrônicas ou e-books facilita o trânsito da produção intelectual. Sendo assim, nos coube interrogar de que forma a teoria brasileira apresenta-se.

Múltiplos fatores chamaram nossa atenção. O primeiro deles é de que o comparativismo ainda é a metodologia mais utilizada, privilegiando Angola e Moçambique para estabelecer comparações entre textos. Porém, também são estabelecidas comparações luso-afro-brasileiras. Observando a nominata dos teóricos mais referenciados, encontramos os precursores nos estudos da literatura africana de língua portuguesa no Brasil, Benjamin Abdala Jr, Maria Aparecida Santilli e Laura Padilha são referências mais utilizadas, acompanhados de autoras como Rita Chaves e Tânia Macedo.

Acreditamos que sendo o Brasil um país periférico e ex colônia portuguesa, a concepção intelectual Boa Ventura Santos (2019), voltada para a cooperação solidária Sul-Sul, seja, de fato, a concepção adotada pela maioria dos teóricos no trabalho com os textos literários, tecendo análises conceituais que privilegiam a troca, trânsitos e experiências.

A relação entre memória e história é a temática da maioria dos textos aludidos pelos programas das universidades brasileiras, assim como aspectos que discorrem sobre identidade (negritude, africanidade) e colonialismo. Dessa forma, verifica-se que existe preocupação em revelar qual memória é representada e de qual ancoragem histórica advém, englobando ou não a voz dos subalternos. Consideramos que, ainda que exógena, a teoria brasileira abarca a reflexão sobre a exploração colonial e trata os temas advindos dela pelo viés da solidariedade, da aliança.

De acordo com Pedrosa (2021), versando sobre as pesquisas na área dos CINCO, há a ressalva de que os estudos muito se repetem. Salutar pensar então que, se a teoria brasileira constantemente é espelhada, e ela é a maior representante, dentro do nosso corpus – entendida como balizadora das discussões – talvez a inserção da crítica e conceitos endógenos pudesse trazer-nos destoaantes perspectivas de análise e referência. Se o capital

simbólico se deslocar do conjunto Teoria, como definem Patai & Corral (2005), trazendo visões que não sejam tão parciais e que pouca dialogia proporcionam, os representantes da “teoria” inaugurariam outros espaços de discussão, fazendo-nos ainda não incorrer no errôneo caminho que seria a neocolonialidade.

Outro dado que se apresenta bastante significativo é que o segundo conjunto de textos críticos é formado por autores dos CINCO. Isso demonstra que, apesar de autorreferenciar-se, já existe nas instituições brasileiras a compreensão de que é necessário ouvir a voz do sujeito. O conjunto de textos da crítica portuguesa, que outrora era o único existente para os estudos, já não é mais o norteador das reflexões. Um ganho bastante relevante, a nosso ver.

Pormenorizando nosso estudo e atendo-nos às disciplinas, verificamos que a nomenclatura mais utilizada é Literatura africana de língua portuguesa, presente enquanto título em onze das vinte e cinco denominações reveladas pela pesquisa. Ademais, apenas uma universidade apresentou disciplina de literatura moçambicana separada das demais, o que sinaliza o quão distante ainda estamos da utopia de poder contemplar no currículo das universidades brasileiras os sistemas literários de forma independente. No entanto, o fator que mais nos chamou atenção foi o fato da obrigatoriedade da disciplina estar presente em apenas seis das dez universidades pesquisadas. Como o critério utilizado para o crivo das IES fora a consolidação da universidade dentro da área do estudo da literatura dos CINCO, possuindo trajetória consolidada e longitudinal, surpreendeu-nos o fato de que não a disciplina que trata da literatura africana não fosse obrigatória em todas as instituições referenciadas. A contemporaneidade tem demonstrado que currículos de universidades mais jovens tem propiciado maior discussão sobre a inserção das literaturas africanas como conteúdo obrigatório no currículo, pelo arejamento das instituições. No entanto, se observarmos os PPCs da maioria dos cursos de Letras brasileiros, em geral, perceberemos que inexistem uma disciplina que verse sobre a literatura dos CINCO. Quando presente, a matéria abrange a literatura produzida nos CINCO países, privilegiando o estudo sobre Moçambique, Angola e Cabo Verde.

Outro ponto a ser destacado é a mudança de protagonismo dos estudos no Brasil sobre a literatura angolana e moçambicana. Inicialmente, os textos literários sobre os quais versavam a maioria dos trabalhos teóricos eram advindos da literatura angolana. Há, no entanto, a partir de 2008, conforme Pedrosa (2021) uma mudança de eixo, privilegiando pesquisas que referenciam Moçambique. Tal fato, acreditamos, está atrelado ao sucesso da recepção das obras de Mia Couto no mercado brasileiro. Contudo, o autor revelou-se como forma de acesso a outros literatos oriundos do seu país. Nosso estudo debruçou-se também sobre as escolhas literárias trazidas nos planos de curso e a seleção expressou que entre as 168 referências de obras literárias, 74 delas eram moçambicanas, seguidas por 54 referências angolanas, 20 caboverdianas, 11 santomenses e 9 guineenses. Se o recorte recair apenas sobre os autores moçambicanos, José Craveirinha fora o nome mais citado, seguido por Mia Couto e Luís Bernardo Honwana. Todavia, os contos e romances mais citados pela academia não são de autoria de Mia Couto, e sim de Honwana e Ungulani Ba Ka Khosa, respectivamente. Também não encontramos repetição de romances no trabalho com a obra de Mia Couto, não havendo predileção por nenhum livro fosse de romance, poesia ou contos. Mais um fator insperado foi o gênero das obras que revelou destaque acentuado aos contos e poesias em detrimento ao gênero mais conceituado pelo cânone, o romance. Muitas das nossas conclusões parciais e pormenorizadas sobre a bibliografia teórica e literária encontrada nos planos de curso das graduações pode ser encontrada no capítulo em que tecemos nossa análise dos resultados. O fato de estabelecer um enfoque sobre Moçambique nos ajudou a compreender todo o caminho percorrido por um sistema literário desde o seu estado mais embrionário até a formação de uma massa crítica endógena, reconhecida e qualificada, como observado nas pesquisas de Nazir Can (2023). Sabemos haver distinção e peculiaridades entre os sistemas dos CINCO, contudo conhecer mais profundamente características daquele que ocupa na atualidade o protagonismo das pesquisas no Brasil nos ajuda a compreender os fenômenos literários através de uma exemplificação com ancoragem mais factual.

Acerca do ensino da literatura dos CINCO dentro das instituições, o fato mais relevante por nós constatado é de que o ensino dessas literaturas é, na maioria das instituições, pautado pelo interesse de um docente específico dentro da universidade. Facilmente identificamos nas IES os professores responsáveis por ministrar disciplinas de literatura africana. Também reconhecemos neles a busca constante por espaços de representação, sendo vozes que, na maioria das vezes, ecoam solitárias. Ainda assim, diante de entraves que cruzam variáveis como ausência de prestígio, recepção e reconhecimento, tais educadores permanecem na certeza da importância de manter e ampliar os horizontes conquistados. Talvez esse seja o motivo pelo qual todos os docentes para os quais enviamos e-mails – solicitando os planos de curso que contivessem as ementas e bibliografias – tenham nos respondido e enviado o material solicitado. Isso denota a importância que esses professores atribuem às pesquisas e o quão comprometidos se mostram em colaborar para que cada vez mais tenhamos subsídios que amparem nossas práticas.

Reconhecemos que nem sempre o que é descrito nos planos de ensino é aquilo que, de fato, é trabalhado. Sabemos que, por vezes, o mínimo é registrado e referências outras são abarcadas e que pode, nesta pesquisa, a informalidade ter impacto sobre os dados, assim como fatores burocráticos e de normatização como o fato das obras precisarem constar na biblioteca ou então o tempo que um PPC demora para ser aprovado e publicado como norteador. Por esses motivos, reconhecemos tais práticas como entraves.

Porém, o maior entrave encontrado em nossa pesquisa revelou-se quando ocupamo-nos do levantamento de referências sobre o tema e constatamos que estudo sobre qual crítica é discutida dentro dos cursos universitários é temática pouco recorrente no campo das análises acadêmicas. Não encontramos trabalhos que pudessem servir como referência metodológica para o enfoque que pretendíamos abordar, durante longo tempo a construção dessa metodologia foi nossa principal preocupação. Posto que o intuito era verificar os planos de curso de universidades que se mantiveram ativas nas investigações e publicações ao longo de vários anos, o conjunto

formador dessas IES precisava refletir referências consolidadas, contundentes e longitudinais. Logo, estabelecer o recorte para nossas análises foi desafiador.

Esta pesquisa nos permitiu dialogar com muitos colegas da área, o que propiciou riqueza de diálogos e trocas extremamente profícuas. Nossa apreciação não objetivou ser crítica para colegas, departamentos ou universidades, expondo ou desqualificando trabalho de pesquisa e docência, apenas visamos apontar lacunas, e perspectivas distintas no ensino da literatura africana de língua portuguesa, buscando evidenciar alternativas em relação a epistemologias adotadas, currículos diferentes e sugestão de nomes pertencentes à teoria endógena, quando em nossa pesquisa verificamos o apagamento desses referentes. Esperamos muitas outras oportunidades de fazer-nos presentes em discussões cuja pauta contemple a literatura dos CINCO, com o desejo de que sejamos fortes, resilientes e cada vez espalhemos mais “folhas tenras” brindando o caminho daqueles que foram tronco e semente.

Referências

ABDALA JR, Benjamin. *Cida Santilli, a cidadã e suas inclinações para o desenho de horizontes comunitários* in Maria Aparecida Santilli: textos e contextos em língua portuguesa.

Disponível em:

https://brasilafrika.fflch.usp.br/sites/brasilafrika.fflch.usp.br/files/inline-files/Livro_Santilli_NAP_Brasil_Africa_USP_Final_compressed_0.pdf

Acesso em: ago 2023

AMÂNCIO, I. M. C. . Best sellers, worst sellers: reflexões sobre literaturas, autorias negro-africanas de Língua Portuguesa e mercado editorial brasileiro. In: Maria Anória de Jesus Oliveira; Maria Rita Santiago. (Org.). LITERATURAS AFRO-BRASILEIRA E AFRICANAS: produção, ensino e possibilidades. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2020, v. 1, p. 53-80.

ASANTE, Molefi Kete. *A Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar*. In: NASCIMENTO, E. L. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo negro, p. 93-127, 2009.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *Valor literário depois da Teoria:Derrida, Agamben e os Escritores do Não*.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2017n24p53/pdf>

Acesso em: set 2022

BERND, Zilá. *O que é Negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. Lei 10.639/2003. Brasília, DF: Presidência da República, [2003].

Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Alterar%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias.Acesso em: 12 jan. 2023

BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual*. Buenos Aires: Folios, 1983.

BRUGIONI, E. . *Literaturas Africanas Comparadas. Paradigmas críticos e representações em contraponto*. 1. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2019.

_____.Elena Brugioni entrevista in Molduras: entrevistas sobre as literaturas africanas. BRAUN, Ana Beatriz Matte & PEDROSA, Ricardo. Ponta Grossa: Lambrequim,2023

CAN,Nazir. *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio*. Kapulana,São Paulo,SP,2020.

_____.Nazir Ahmed Can entrevista in Molduras: entrevistas sobre as literaturas africanas. BRAUN, Ana Beatriz Matte & PEDROSA, Ricardo. Ponta Grossa: Lambrequim,2023

CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2005 [tese de doutorado]

COELHO, João Paulo Borges. *E depois de Caliban? A história e os caminhos da literatura no Moçambique contemporâneo*. In: (orgs.) GALVES,

Charlotte; GARMES, Helder, RIBEIRO, Fernando. *África -Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Ed.Unicamp, 2009.

_____. *Lugares da escrita, lugares da crítica*. In BRUGIONI, Elena (org) *Itinierâncias: percursos e representações da pós-colonialidade*. Portugal: Húmus, 2012.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DAVID, Débora & PAULINO, Mara. *Rita Chaves: marinheira de muitas viagens* in Revista Crioula, nº4, Nov 2008.

DUTRA, Robson Lacerda. *Ungulani Ba Ka Khosa, ou quando a inteligência se torna inimiga do poder*. In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo (Org.). *África & Brasil: letras em laços*. São Paulo: Yendis, 2010. v. 2. p. 369-384.

FERREIRA, Manoel. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *50 escritores africanos*. Lisboa: Plátano, 1989.

_____. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989b.

FISCHGOLD, CHRISTIAN & PINHEIRO, Vanessa Rimbau. *Apontamentos sobre alteridade e autoctonia na filosofia africana: a proposta neo-animista de Ruy Duarte de Carvalho*. Abril – NEPA / UFF, 2018, (pp.123-134)

Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29969>

Acesso em: out 2023

FONSECA, Nazaré ; MOREIRA, Terezinha Taborda. *Panoramas das literaturas africanas de língua portuguesa*. Cad. Cespuc de Pesq, Belo Horizonte, nº16, p.13-69, 2007.

FRADES, Antônio. *Fátima Mendonça*, 2018.

Disponível em:

<https://opais.co.mz/fatima-mendonca/>

Acesso em: jun 2023

GEBALY, Maged. *Literatura e política numa letra só: Benjamin Abdala Junior, em perfil*. Revista Crioula nº6, Nov 2009.

GINZBURG, Jaime. *Cânone e valor estético em uma teoria autoritária da literatura*. In: Revista de Letras. São Paulo: 2004, (pp.97-111).

Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/243/242>>

Acesso em: set. 2020

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, volume I*. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Cadernos do cárcere, volume II*. Edição e tradução Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HOHLFELDT, Antonio; GRABAUSKA, Fernanda. *Pioneiros da imprensa em Moçambique: João Albasini e seu irmão*. In: São Paulo: ECA/USP. 7º Encontro Nacional da SBPJor, 2010.

Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/255/254> >

Acesso em: 23 nov. 2021

JAMESON, Fredric.. *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.

LAISSE, Sara Jona. *Rastos e Rostos da Última Década – 2010/2020 in PINHEIRO, Vanessa Rimbau e FREITAS, Savio (orgs). Dos percursos pelas Áfricas: a literatura de Moçambique*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

Disponível em:

<<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/bo-ok/813>>

Acesso em: mar 2022

LARANJEIRA. Pires *Moçambique: periodização* in Literaturas africanas de língua portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1995a. p. 309-319.

_____. *Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa*. Revista de Filología Románica, n. II, 2001. Anexos, p. 185-205. 2001.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/277128271_Mia_Couto_e_as_literaturas_africanas_de_lingua_portuguesa

Acesso em: set 2021.

_____. *Revista estudos literários nº 5: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

Disponível em:

https://impactum-journals.uc.pt/rel/issue/view/2183-847X_5

Acesso em: nov 2022.

_____. *O conteúdo desse continente: homenagem In Topa, Francisco; Wieser, Doris (org) Em busca de todas as áfricas do mundo: homenagem a Pires Laranjeira*. Porto: Cátedra Agostinho Neto., 2023.

Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/148334>

Acesso em: jun 2023

LEITE, Ana Mafalda. *Breve história, tópicos e questões sobre o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa*. 2010

Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/14089/12412>

Acesso em: jan. 2023

LIMA, Marisa Mello de. *Do corpo sob o olhar de Bordieu ao corpo contemporâneo*. 2013.

Disponível em:

<<http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/view/5746>>

Acesso em: jan. 2019

LIMA, Norma Sueli Rosa. *Itinerário do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil Caderno Seminal Digital*, nº 29, v. 29, 2018

LOPES, Jahan. *Estudo sobre os griots e griotes africanos: a ressalva da tradição na modernidade*.

Disponível em:

<<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/semanageounicamp/article/view/3430/3295> >

Acesso em: jan. 2023

MAMA, Amina. *Amina Mama: sobre feminismos africanos*
http://www.editora.pucrio.br/media/09_PUC_amefricanas_MIOLO_fz.pdf

f

MANTOLVANI, Rosangela Manhas. *Literaturas e igualdade racial: o compromisso de Tania Macêdo* in Revista Crioula nº8, Nov 2010.

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. *Cânones literários e educação: os casos angolano e moçambicano*: Lisboa: FCG, 2001.

MATA, Inocência. *A Literatura Africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Editorial Nzila, Luanda, 2007

_____. *Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África*. 1616: Anuário de Literatura Comparada, Salamanca, Espanha, v. 3, p. 107–122, 2013.

Disponível em:

<<https://gredos.usal.es/handle/10366/133576>>

Acesso em: 15 jan. 2023.

_____. *Claudia Amorim entrevista Inocência Mata*. in: Matruga, Rio de Janeiro, v.26, n.48, p.724-735, set./dez. 2019

MARX, William. *Ódio à Literatura: uma história da antiliteratura*. Tradução Humberto Pereira da Silva. - 1. ed. - Jundiaí [SP]: Paco Editorial, 2019.

MENDONÇA, Fátima. *Para uma periodização da literatura moçambicana*. In: *Literatura moçambicana: a história e as escritas*. Maputo: Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane, 1988. p. 33-45.

_____. *“Literaturas Emergentes, Identidade e Cânone”*. In: RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Moçambique: das palavras escritas*. Afrontamento: Lisboa, 2008, pp. 19-33.

_____. *Poetas do Índico – 35 anos de escrita*. Revista *Mulemba*. Setor de Literaturas Africanas da F.Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, nº 4, pp. 16-37, Julho 2011.

Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba/article/view/4863/16269>

Acesso em: mar 2022

_____. *Panorama (muito geral) da ficção narrativa moçambicana contemporânea* (p. 56-95) in QUEIROZ, Mirna (org) *Travessias Imaginárias: literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva*. 2020, São Paulo, SP, edições SESC.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades*, 1990

Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217>

Acesso em: 02 set. 2021.

_____. *Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão*. (2012, pp.11-30)

<https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/102605/100877>

NGOMANE, Nataniel e FORTUNA, Cláudio. “*Não sou lusófono, porque a minha matriz fundamental é bantu*”, Revista Angolana de Sociologia, 7 | 2011, 151-164.

NOA, Francisco. *Tendências da actual ficção moçambicana* In: <Estudos de literaturas africanas : cinco povos, cinco nações> / / org. Pires Laranjeira, Maria João Simões, Lola Geraldine Xavier. - Coimbra : Novo Imbondeiro : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2005. - p. 283-288

_____. *As falas das vozes desocultas: a literatura como restituição*. In: África - Brasil: caminhos da língua portuguesa. (orgs.) GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 (p.85-100).

_____. *Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo*. São Paulo: editora Kapulana, 2012.

_____. *Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios*. São Paulo: editora Kapulana, 2017.

_____. *Entrevista* in ALEXANDRINO, Renato, 2017

Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/conte-algo-que-nao-sei/francisco-noa-professor-escriptor-literatura-mocambicana-foi-resposta-dominacao-22208218>

Acesso em: jun 2023.

NEWITT, Malyn. *História de Moçambique*. Trad.: Lucília Rodrigues e Maria Georgina Segurado. Mem Martins (Sintra): Europa-América, 1997.

PADILHA, Laura Cavalcanti (org) *I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Repensando a Africanidade*. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995

_____. *O Ensino e a Crítica das Literaturas Africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento* in Revista Magistro, vol 1,n1,UNIGRANRIO,2010.

PATAI, Daphne; CORRAL, Will (Org). *Theory's Empire: Na Anthology of Dissent*. New York: Columbia University Press, 2005.

PATRAQUIM, Luis Carlos. *Ilha de Moçambique como se fosse o Aleph*. In: Literatura e Lusofonia 2016: anais do VI encontro de escritores de língua portuguesa, 2017 (pp. 102-112).

Disponível

em:

<https://issuu.com/catarinaamarodacostacml/docs/v_encontro_de_escritores_2016_issuu>

Acesso em: jan. 2019

PEDROSA, Ricardo. *Recepção acadêmica brasileira às literaturas africanas* in Literaturas africanas: perspectivas e desafios no século XXI. org BANO, Issaka Maïssara & DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. São Paulo: e-manuscrito, 2021

PINHEIRO, Vanessa Riambau. *Entre Áfricas e Ocidente: A formação do cânone literário em Moçambique*. 1. ed. Maputo: Alcance, 2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Curso de Letras. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, Moçambique, 2012.

ROCHA, Ilídio. *A imprensa de Moçambique*. História e catálogo (1854-1975). Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000.

ROSÁRIO, Lourenço do. *Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia das saberes." In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009, p 23-72.

Secco, C. L. T. R. (2003). O "entre-lugar" do ensaio no contexto literário africano de língua portuguesa. *Scripta*, 7(13), 272-285.

Disponível em

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12520>

Acesso em: jun. 2023

SCHULTE-SASSE, Jochen. *A avaliação em Literatura*, Tradução de Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. In: *Teoria literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Dom Quixote, 1995 (pp.352-375).

SILVA, Ana Cláudia da. *A autointertextualidade na obra ficcional de Mia Couto: história, crítica e análise*: Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2010.

SILVA, Weigma M. *Momentos formadores na narrativa autobiográfica de um professor de literaturas africanas*. In: Dernival Venâncio Ramos Junior; Márcio Araújo de Melo. (Org.). *O ensino de literatura africana: textos, sujeitos e práticas*. 1ªed. Palmas: EDUFT - Editora da Universidade Federal do Tocantins, 2018, v. I, p. 115-146.

SIMÕES, Manuel. *Evento da literatura moçambicana*, 2011

Disponível em:

<https://estrolabio.blogs.sapo.pt/894183.html>

Acesso em: jan. 2021

Soares, Eliane Veras. *Literatura, pensamento social e movimento de mulheres: um mosaico moçambicano* / Eliane Veras Soares, Remo Mutzenberg. – Recife: Ed. UFPE, 2019. (Série Brasil & África. Coleção Pesquisas)

_____. *Literatura e estruturas de sentimento: fluxos entre Brasil e África*. Revista Sociedade e Estado – Volume 26, Número 2, Maio/Agosto (2011, pp.95-112)

SPINUZZA, Giulia Spinuzza. *O cânone poético em construção na literatura moçambicana*. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 8, pp. 83 - 97 . jan./ jul. 2013

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/334481610_O_CANONE_POETICO_EM_CONSTRUCAO_NA_LITERATURA_MOCAMBICANA>

Acesso em: nov 2021

THIONG'O, Ngugi wa. *Entrevista com Ngugi wa Thiongo*. Cad. Trad., Florianópolis, v. 38, nº 1, p. 261-268, jan-abr, 2018.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ct/a/bRKd99CWNQ9x6fB8yQd4YGz/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso em: fev 2023

TRIGO, Salvato. *Introdução à literatura angolana de expressão portuguesa*. Porto: Brasília, 1977.

_____. *A poética da geração da <<Mensagem>>*. Porto: Brasília, 1979

_____. *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa: Vega, 1986. p.135

_____. *Literatura colonial/ Literaturas Africanas* in *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987 (p 139-157).

_____. *"Prefácio"*. Francisco José Tenreiro. *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

_____. *O primitivismo literário de influência brasileira na poesia de Angola* in *Brasil 500 anos de Língua Portuguesa: congresso internacional*. Rio de Janeiro, RJ, ed. Ágora da Ilha (2000, p.134 -142)

_____. in OLIVEIRA, Lara. *"Quando se tem uma paixão pelas pessoas, tem que se ter uma paixão pela educação"*. Entrevista concedida em 24/10/ 2022.

Disponível em:

<<https://audiencia.pt/quando-se-tem-uma-paixao-pelas-pessoas-tem-que-se-ter-uma-paixao-pela-educacao/>

Acesso em: jun 2023

ZAMPARONI, Valdemir. *Entre Narros & Mulungos: Colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques c. 1890- c.1940*. São Paulo, USP, Tese de doutorado. 1998.

ANEXOS

ANEXO A:

Mapeamento da fortuna crítica utilizada para construção do recorte das IES

Autor	Instituição
Maria Nazareth Soares da Fonseca	PUC MG
Terezinha Taborda	PUC MG
Maura Eustaquio de Oliveira	PUC MG
José de Souza Miguel Lopes	PUC SP
Florentina Souza	UFBA
Laura Cavalcante Padilha	UFF
Antônio Hildebrando	UFMG
Elisalva Madruga Dantas	UFPB
Maria Teresa Salgado	UFRJ
Carmem Lucia Tindó Secco	UFRJ
Simone Caputo	UFRJ
Tania Macêdo	USP
Benjamin Abdala Júnior	USP
Rita Chaves	USP
Inocência Mata	Universidade de Lisboa
Francis Uteza	Université Paul-Valéry
Russel G. Hamilton	Vanderbilt University
Lourenço do Rosário	Universidade Eduardo Mondlane

PUC MG	3
PUC SP	1
UFBA	1
UFF	1
UFMG	1
UFPB	1
UFRJ	3
USP	3
Total de Artigos	18
Autores brasileiros	14

Tabela 14: Coletânea 1: LEÃO, Ângela Vaz. (org.). *Contatos e ressonâncias: Literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Pucminas, 2003.

Autor	Instituição
Maria Nazareth Soares da Fonseca	PUC MG
Maria Luiza Scher Pereira	UFJF
Marli Fantini Scarpelli	UFMG
Luis Alberto Brandão Santos	UFMG
Maria Esther Maciel	UFMG
Elisalva Madruga Dantas	UFPB
Rubens Pereira dos Santos	UNESP
Diva Barbaro Domato	USP
Nadia Battella Gotlib	USP
Benjamin Abdala Júnior	USP
Horácio Costa	USP
Maria dos Prazeres Mendes	USP
Helder Garmes	USP
Rita Chaves	USP
Tania Macêdo	USP

PUC MG	1
UFJF	1
UFMG	3
UFPB	1
UNESP	1
USP	8
Total de Artigos	15
Autores brasileiros	15

Tabela 15: Coletânea 2: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (Orgs). *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

Autor	Instituição
Luís Bernardo Honwana	Escritor moçambicano
Maria Nazareth Soares da Fonseca	PUC-MG
Florentina Souza e Silva	UFBA
Roberto Pontes	UFCE
Laura Cavalcante Padilha	UFF
EnilceAlbegaria Rocha	UFJF
Edimilson de Almeida Pereira	UFMG
Eduardo de Assis Duarte	UFMG
Eliana Lourenço de Lima Reis	UFMG
Marli Fantini Scarpelli	UFMG
Elisalva Madruga Dantas	UFPB
Carmem Lucia Tindó Secco	UFRJ
Simone Caputo Gomes	UFRJ
Selma Alves Pantoja	UNB
Vilma Arêas	UNICAMP
Ana Mafalda Leite	Universidade de Coimbra
Francisco Soares	Universidade Agostinho Neto
Nelson Pestana	Universidade Católica de Angola
Aldónio Gomes	Universidade de Aveiro
Fernanda Cavacas	Universidade de Aveiro
Inocência Mata	Universidade de Lisboa
Armando Jorge Lopes	Universidade Eduardo Mondlane
Francisco Noa	Universidade Eduardo Mondlane
Almiro Lobo	Universidade Eduardo Mondlane
Michel Laban	Universidade Sorbonne
Rita Chaves	USP
Saete de Almeida Cara	USP
Tania Macêdo	USP
Vima Lia de Rossi Martin	USP
Benjamin Abdala Júnior	USP

PUC MG	1
UFBA	1
UFCE	1
UFF	1
UFJF	1
UFMG	4
UFPB	1
UFRJ	2
UNB	1
UNICAMP	1
USP	5
Total de Artigos	30
Autores brasileiros	19

Tabela 16: Coletânea 3:CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (Orgs). *Marcas da diferença: As literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

Autor	Instituição
Audemaro Taranto Goulart	PUC MG
Iris Maria da Costa Amancio	PUC MG
Maria Nazareth Soares da Fonseca	PUC MG
Maria Luiza Remedios	PUC RS
Virginia Maria Gonçalves	UEL
Maria de Fátima Maia Ribeiro	UFBA
Laura Cavalcante Padilha	UFF
Silvio Renato Jorge	UFF
Marilucia Mendes Ramos	UFG
Maria Luiza Scher Pereira	UFJF
Prisca de Almeida Pereira	UFJF
Liliane Batista Barros	UFPA
Elisalva Madruga Dantas	UFPB
Carmem Lucia Tindó Secco	UFRJ
Marina Ruivo	UNIR
Benilde Justo Caniato	USP
Benjamin Abdala Júnior	USP
Fabiana Carelli Marquezini	USP
Fernando Augusto Albuquerque Mourão	USP
Maria Aparecida Santilli	USP
Maria Elena Ortega Assumpção	USP
Mário Cesar Lugarinho	USP
Rejane Vecchia	USP
Rita Chaves	USP
Tania Macêdo	USP
Vima Lia de Rossi Martin	USP
Vera Lucia de Oliveira	Università Del Salento

PUC MG	3
PUC RS	1
UEL	1
UFBA	1
UFF	2
UFG	1
UFJF	2
UFPA	1
UFPB	1
UFRJ	1
UNIR	1
USP	11
Total de Artigos	27
Autores brasileiros	26

Tabela 17: Coletânea 4: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane (Orgs.)
A kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nzila, 2007.

Autor	Instituição
Iris Maria da Costa Amancio	PUC MG
Samantha Simões Braga	PUC MG
Maria de Fátima Maia Ribeiro	UFBA
Cláudia Fabiana Cardoso	UFF
Otávio Henrique Meloni	UFF
Renata Flavia da Silva	UFF
Roberta Guimarães Franco	UFF
Prisca de Almeida Pereira	UFJF
Maria Zilda Ferreira Cury	UFMG
Terezinha Taborda Moreira	PUC MG
Jane Tutikian	UFRGS
Cíntia Machado Campos Almeida	UFRJ
Moema Parente Augel	UFRJ
Olimpia Maria dos Santos	UFRJ
Rosicler Ferraz de Melo	UFRJ

Vanessa Ribeiro Teixeira	UFRJ
Simone Pereira Schmidt	UFSC
Jorge Vicente Valentim	UFSCAR
Diego Ferreira Marques	UNICAMP
Robson Lacerda Dutra	UNIGRANRIO
Érica Antunes Pereira	USP
Laura Antunes Costa	USP
Marilúcia Mendes Ramos	USP
Rejane Vecchia	USP

Tabela 18: Coletânea 5: SECCO, Carmen Lúcia Tindó, SEPÚLVEDA, Maria do Carmo, SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. Volume 2. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2010.

PUC MG	3
UFBA	1
UFF	4
UFJF	1
UFMG	1
UFRGS	1
UFRJ	5
UFSC	1
UFSCAR	1
UNICAMP	1
UNIGRANRIO	1
USP	4
Total de Artigos	24
Autores brasileiros	24

Autor	Instituição
Jacques Arlindo dos Santos	Escritor angolano
Martinho da Vila	Compositor e intérprete brasileiro
Alberto da Costa e Silva	Embaixador e escritor brasileiro
Boaventura Cardoso	Escritor angolano
José Luandino Vieira	Escritor angolano
Jorge Macedo	Escritor angolano
Manuel Rui	Escritor angolano
Fernando Costa Andrade	Escritor angolano
João Melo	Escritor angolano
Zetho Cunha Gonçalves	Escritor angolano
Abreu Paxé	Escritor angolano
Conceição Cristóvão	Escritor angolano
Fragata de Moraes	Escritor angolano
Ondjaki	Escritor angolano
Adriano Botelho de Vasconcelos	Escritor angolano
Luis Kandjimbo	Escritor filósofo angolano Universidade Óscar Ribas
Luis Carlos Patraquim	Escritor moçambicano
Vera Duarte	Escritora caboverdiana
Maria Conceição Lima	Escritora são-tomense
Paula Tavares	Escritora angolana
Maria Odete Soares da Costa Semedo	Escritora Guineense
Ana Mafalda Leite	Escritora moçambicana Universidade de Lisboa
Muniz Sodré	Fundação Biblioteca Nacional
Silvio Renato Jorge	UFF
Laura Cavalcante Padilha	UFF
Carmem Lucia Tindó Secco	UFRJ
Jorge Fernandes da Silveira	UFRJ
Maria Teresa Salgado	UFRJ

Cleonice da Motta Berardinelli	UFRJ	UFF	2
Inocência Mata	Universidade de Coimbra	UFRJ	4
Pires Laranjeira	Universidade de Lisboa	USP	3
Russel G. Hamilton	Universidade Vanderbilt	Total de Artigos	36
Lourenço Rosário	Universidade Eduardo Mondlane	Autores brasileiros	12
Fernando Augusto Albuquerque Mourão	USP		
Maria Aparecida Santilli	USP		
Benjamin Abdala Júnior	USP		

Tabela 19: Coletânea 6: SECCO, Carmen Lucia Tindó, SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Sílvia Renato (orgs.) *Pensando África: literatura, arte, cultura e ensino*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

Autor	Instituição		
José Luis Giovanoni Fornos	FURG	FURG	1
Flavio Garcia de Almeida	UERJ	UERJ	1
Laura Cavalcante Padilha	UFF	UFF	1
Daniel Conte	UFRGS	UFRGS	3
Regina Zilberman	UFRGS	UFRJ	1
Jane Tutikian	UFRGS	UFVJM	1
Carmem Lucia Tindó Secco	UFRJ	UNB	1
Gustavo Henrique Rückert	UFVJM	UNEMAT	1
Edvaldo Bergamo	UNB	UNI RITTER	1
Agnaldo Rodrigues da Silva	UNEMAT	USP	1
Regina da Costa Silveira	UNI RITTER	Total de Artigos	12
Benjamin Abdala Júnior	USP	Autores brasileiros	12

Tabela 20: Coletânea 7: TUTIKIAN, Jane; CONTE, Daniel (orgs.) *Palavra nação*. Porto Alegre: UFRGS, 2012

Autor	Instituição
Inês Nascimento Rodrigues	Universidade de Coimbra
Solange Luís	Instituto Superior de Ciências da Educação Lubango
Miguel Filipe Mochila	Universidade de Évora
Luciana Morais da Silva	UERJ
Laura Cavalcante Padilha	UFF
Daviane Moreira e Silva	UFG
Elisalva Madruga Dantas	UFPB
Carmen Lucia Tindó Secco	UFRJ
Letícia Villela L. Da Costa	UFRJ
Jorge Valentim	UFSCAR
Elena Brugioni	UNICAMP
Inocência Mata	Universidade de Coimbra
Rui Guilherme Silva	Universidade de Coimbra
Ana Mafalda Leite	Universidade de Coimbra
Pires Laranjeira	Universidade de Lisboa
Ana Belén García Benito	Universidad de Extremadura
Rui Guilherme Silva	Universidade de Coimbra
Maria Aparecida Ribeiro	Universidade de Coimbra
Maria do Rosário da Cunha Duarte	Universidade de Coimbra
MajdaBojic	Universidade de Zagreb
Francisco Topa	Universidade do Porto
Fátima Mendonça	Universidade Eduardo Mondlane
Rosilda Alves Bezerra	Universidade Estadual da Paraíba
Luís Kandjimbo	Universidade Gregório Semedo
Mário César Lugarinho	USP

UERJ	1
UFF	1
UFG	1
UFPB	1
UFRJ	1
UFSCAR	1
UNICAMP	1
USP	1
UEPB	1
Total de Artigos	25
Autores brasileiros	9

Tabela 21: Coletânea 8: LARANJEIRA, Pires (org). *Revista estudos literários nº 5: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015

Autor	Instituição
Laura Cavalcante Padilha	UFF
Regina Zilberman	UFRGS
Rosângela Sarteschi	USP
Tania Macêdo	USP
Benjamin Abdala Junior	USP
Eneida Leal Cunha	UFBA
Fabiana Carelli	USP
José Nicolau Gregorin	USP
Rejane Vecchia Rocha e Silva	USP
Roberto Vecchi	Universitadi Bologna
Isabel Pires de Lima	Universidade do Porto
Jane Tutikian	UFRGS
Margarida Calafate Ribeiro	Universidade de Coimbra
Pedro Brum Santos	UFSC
Vima Lia Martin	USP

USP	7
UFSC	1
UFRGS	2
UFF	1
UFBA	1
Total de Artigos	15
Autores brasileiros	12

Tabela 22: L Coletânea 9: ABDALA Jr, Benjamin ;VECCHIA, Rejane. *Literatura e Memória Política: Angola. Brasil. Moçambique. Portugal*. Cotia, SP, Ateliê editorial,2015.

Autor	Instituição
Alexandre Montauray Baptista Coutinho	PUC RJ
Laura Cavalcante Padilha	UFF
Otávio Henrique Meloni	UFF
Silvio Renato Jorge	UFF
Roberta Guimarães Franco	UFF
Renata Flavia da Silva	UFF
Carmem Lucia Tindó Secco	UFRJ
Simone Pereira Schmidt	UFSC
Maria Geralda de Miranda	UNISUAM
Inocência Mata	Universidade de Coimbra
Benjamin Abdala Júnior	USP
Mário César Lugarinho	USP

PUC RJ	1
UFF	5
UFRJ	1
UFSC	1
UNISUAM	1
USP	2
Total de Artigos	12
Autores brasileiros	11

Tabela 23: Coletânea 10: SILVA, Renata Flavia. *Utopias comuns em múltiplas fronteiras: ensaios sobre literaturas africanas de língua portuguesa*. Niterói, RJ, Eduff,2017

ANEXO B:

Lista completa de autores brasileiros e IES presentes na fortuna crítica das coletâneas selecionadas

Autor	Instituição
Aginaldo Rodrigues da Silva	UNEMAT
Alexandre Montauray Baptista Coutinho	PUC RJ
Antônio Hildebrando	UFMG
Audemaro Taranto Goulart	PUC MG
Benilde Justo Caniato	USP
Benjamin Abdala Júnior	USP
Carmem Lucia Tindó Secco	UFRJ
Cíntia Machado Campos Almeida	UFRJ
Cláudia Fabiana Cardoso	UFF
Cleonice da Motta Berardinelli	UFRJ
Daniel Conte	UFRGS
Daviane Moreira e Silva	UFG
Diego Ferreira Marques	UNICAMP
Diva Barbaro Domato	USP
Edimilson de Almeida Pereira	UFMG
Eduardo de Assis Duarte	UFMG
Edvaldo Bergamo	UNB
Elena Brugioni	UNICAMP
Eliana Lourenço de Lima Reis	UFMG
Elisalva Madruga Dantas	UFPA
Eneida Leal Cunha	UFBA
Enilce Albegaria Rocha	UFJF
Érica Antunes Pereira	USP
Fabiana Carelli Marquezini	USP
Fernando Augusto Albuquerque Mourão	USP
Flavio Garcia de Almeida	UERJ
Florentina Souza e Silva	UFBA
Gustavo Henrique Rückert	UFVJM
Helder Garmes	USP
Horácio Costa	USP
Iris Maria da Costa Amancio	PUC MG
Jane Tutikian	UFRGS
Jorge Fernandes da Silveira	UFRJ
Jorge Vicente Valentim	UFSCAR
José de Souza Miguel Lopes	PUC SP
José Luis Giovanoni Fornos	FURG
José Nicolau Gregorin	USP
Laura Antunes Costa	USP
Laura Cavalcante Padilha	UFF
Letícia Villela L. Da Costa	UFRJ
Liliane Batista Barros	UFPA
Luciana Moraes da Silva	UERJ
Luis Alberto Brandão Santos	UFMG
Maria Aparecida Santilli	USP
Maria de Fátima Maia Ribeiro	UFBA
Maria dos Prazeres Mendes	USP
Maria Elena Ortega Assumpção	USP
Maria Esther Maciel	UFMG
Maria Geralda de Miranda	UNISUAM

Maria Luiza Remedios	PUC RS
Maria Luiza Scher Pereira	UFJF
Maria Nazareth Soares da Fonseca	PUC MG
Maria Teresa Salgado	UFRJ
Maria Zilda Ferreira Cury	UFMG
Marilucia Mendes Ramos	USP
Marilucia Mendes Ramos	UFGO
Marina Ruivo	UNIR
Mário Cesar Lugarinho	USP
Marli Fantini Scarpelli	UFMG
Maura Eustaquio de Oliveira	PUC MG
Moema Parente Augel	UFRJ
Nadia Battella Gotlib	USP
Olimpia Maria dos Santos	UFRJ
Otávio Henrique Meloni	UFF
Pedro Brum Santos	UFMS
Prisca de Almeida Pereira	UFJF
Regina da Costa Silveira	UNI RITTER
Regina Zilberman	UFRGS
Rejane Vecchia	USP
Renata Flavia da Silva	UFF
Renata Flavia da Silva	UFF
Rita Chaves	USP
Roberta Guimarães Franco	UFF
Roberto Pontes	UFCE
Robson Lacerda Dutra	UNIGRANRIO
Rosângela Sarteschi	USP
Rosicler Ferraz de Melo	UFRJ
Rosilda Alves Bezerra	UEPB
Rubens Pereira dos Santos	UNESP
Salette de Almeida Cara	USP
Samantha Simões Braga	PUC MG
Selma Alves Pantoja	UNB
Silvio Renato Jorge	UFF
Simone Caputo Gomes	UFRJ
Simone Pereira Schmidt	UFSC
Tania Macêdo	USP
Terezinha Tabora Moreira	PUC MG
Vanessa Ribeiro Teixeira	UFRJ
Vilma Arêas	UNICAMP
Vima Lia de Rossi Martin	USP
Virginia Maria Gonçalves	UEL

Tabela 24: Lista de autores brasileiros e instituições elaborada a partir de textos inseridos em coletâneas entre os anos de 2003 e 2017

ANEXO C:

Planos de curso das disciplinas das Universidades selecionadas para análise

Disciplina: Universidade A
ESTUDOS TEMÁTICOS DE OUTRAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: PERCURSOS DA LÍRICA NOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Ementa
<p>Análise de poemas de autores e autoras africanos e africanas situados nos países de língua oficial portuguesa na África com a finalidade de explorar questões de ordem cultural, estética e ideológica. O corpus do curso inclui autores e autoras que construíram e constroem sua obra dos anos 1940, quando começa a se acirrar a luta anticolonialista nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), à atualidade.</p>
Conteúdo programático
<ol style="list-style-type: none"> 1. Rui de Noronha, José Craveirinha, Rui Nogar, Rui Knopli e Noémia de Sousa; 2. Agostinho Neto, Víriato da Cruz, Antonio Jacinto, Arlindo Barbeitos e Paula Tavares; 3. Jorge Barbosa, Francisco José Tenreiro, Amílcar Cabral, Corsino Fortes e Alda do Espírito Santo; 4. Luis Carlos Patraquim, Lopito Feijó, Abreu Paxé, Mbate Pedro e Conceição Lima.
Bibliografia
<p>APA, Livia; BARBEITOS, Arlindo; DASKALOS, Maria Alexandre (2013). Poesia africana de língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.</p> <p>BARBEITOS, A. (2004). <i>Angola, Angolê, Angolema</i>. Luanda, Maianga.</p> <p>CRAVEIRINHA, J. (2011). <i>Antologia poética</i>. Organização de Ana Mafalda Leite. Belo Horizonte, Editora UFMG.</p> <p>FERREIRA, M. (1975). <i>No reino de Caibam: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa</i>. Lisboa, Seara Nova.</p> <p>FORTES, C. (2010). <i>A cabeça calva de Deus</i>. Organização de Floriano Martins. São Paulo, Escrituras.</p> <p>LIMA C. (2012). <i>A dolorosa raiz do mexendo</i>. São Paulo, Geração Editorial.</p> <p>PATRAQUIM, L. C. (2011). <i>Antologia poética</i>. Organização de Carmen Lúcia Tindó Secco. Belo Horizonte, Editora UFMG.</p> <p>KNOPLI, R. (2011). <i>Antologia poética</i>. Organização de Eugênio Lisboa. Belo Horizonte, Editora UFMG.</p> <p>SECCO, C. L. T. (2014). <i>Afeto & poesia: ensaios e entrevistas – Angola e Moçambique</i>. Rio de Janeiro, Oficina Raquel.</p> <p>SOARES, F. (2019). <i>Antologia lírica angolana: roteiro mínimo</i>. Campinas, Unicamp.</p> <p>SOUZA, N. (2016). <i>Sangue negro</i>. São Paulo, Kapulana</p>

Disciplina: Universidade B
POESIA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA
Ementa
<p>Fundamentos da cultura africana. Negritude e Renascimento Negro. Linhas mestras da poesia africana em língua portuguesa: o período colonial e o pós-colonial. Ênfase nos seguintes aspectos: oralidade, plurilinguismo, processos poéticos emergentes, relações entre poesia e história, entre tradição e modernidade. As utopias libertárias e as certezas revolucionárias. O desencanto e as incertezas pós-independência. Prática de interpretação e análise de poemas.</p>
Conteúdo programático
<p>A disciplina dará uma visão panorâmica da poesia de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, levando em consideração os seguintes aspectos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A colonização lusitana na África e as origens das letras africanas. 2. O Renascimento Negro, o Movimento da Negritude, a Reafricanização, o Lusotropicalismo, o Modernismo brasileiro de 22 e 30 e suas ressonâncias nas literaturas africanas em língua portuguesa. 3. A procura da identidade: as literaturas da “angolanidade”, da “moçambicanidade”, da “caboverdianidade”. 4. As utopias libertárias e a literatura de combate. 5. A independência e a literatura de reconstrução nacional. O plurilinguismo, o bilinguismo, a afirmação dos valores autenticamente africanos. 6. A década de 70 e os processos literários emergentes na poesia. 7. O desencanto das utopias revolucionárias e as novas gerações poéticas. <p>Poetas Selecionados</p> <ul style="list-style-type: none"> - De ANGOLA: Antonio Jacinto, Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Manuel Rui, Costa Andrade, David Mestre, Ruy Duarte de Carvalho, Arlindo Barbeitos, João Melo, José Luís Mendonça, Paula Tavares, João Maimona - De CABO VERDE: Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Oswaldo Alcântara (pseudônimo, na poesia, de Baltazar Lopes), Corsino Fortes, Arménio Vieira, Vera Duarte, José Luís Hopffer Almada, João Vário. - De MOÇAMBIQUE: Noémia de Souza, José Craveirinha, Virgílio de Lemos, Rui Knopfli, Luís Carlos Patraquim, Eduardo White, Armando Artur, Guita Jr. - De SÃO TOMÉ e PRÍNCIPE: Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo, Conceição Lima - Da GUINÉ-BISSAU: Vasco Cabral, Hélder Proença, Odete Semedo, Tony Tcheca
Bibliografia
<p>ABDALA Jr., Benjamin. <i>Literatura, história e política</i>. São Paulo: Ática, 1989.</p> <p>ANDRADE, Mário Pinto de. <i>Antologia temática da poesia africana</i>. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1975.</p> <p>ANTOLOGIA poética da Guiné-Bissau. Lisboa: Inquérito, 1990.</p> <p>ARAÚJO, Cremilda Medina. <i>Sonha Mamana África</i>. São Paulo: Ed. Epopeia, 1987.</p> <p>ERVEDOSA, Carlos. <i>Roteiro da literatura angolana</i>. Luanda: UEA, 1983.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>No reino de Caliban</i>. 3. ed. Porto: Plátano, 1977.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>50 poetas africanos</i>. Lisboa: Ed. Plátano, 1989.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>Literaturas africanas de expressão portuguesa</i>. São Paulo: Ática, 1987.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>O discurso no percurso I</i>. Lisboa: Plátano, 1989.</p> <p>FANON, Frantz. <i>Os condenados da terra</i>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.</p> <p>FANON, Frantz. <i>Pele negra, máscaras brancas</i>. Porto: Paisagem, 1975.</p> <p>GOMES, Simone Caputo. <i>Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe</i>. Praia: Instituto Cabo-verdiano do Disco e do Livro, 1993.</p> <p>HAMILTON, Russel. <i>Literatura africana, literatura necessária</i>. Lisboa: Ed.70, 1981 e 1983.</p> <p>LABAN, Michel. <i>Encontro com escritores (Cabo Verde e Angola)</i>. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1989.</p> <p>LARANJEIRA, Pires. <i>Literaturas africanas de expressão portuguesa</i>. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.</p>

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MATA, Inocência. *Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa*. Ponte Vedra /Braga: Cadernos do Povo, 1992.

MENDONÇA, Fátima. *Literatura moçambicana: a história e as escritas*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.

ALMADA, José Luís Hopffer Almada (Org.). *Mirabilis*. De veias ao sol (Antologia dos novíssimos poetas caboverdianos). Lisboa: Caminho e Instituto Caboverdiano do Livro, 1991.

MOSER, Gerald; FERREIRA, Manuel. *Bibliografia das literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: IN-CM, 1983.

MOURALIS, Bernard. *As contraliteraturas*. Coimbra: Almedina, 1982.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

NEVES, João Alves. *Poetas e contistas africanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

NOBRE, Maria da Conceição. *Antologia de poesias angolanas*. Nova Lisboa: Serviços Culturais, 1957.

RIAÚZOVA, Helena. *Dez anos de literatura angolana*. Lisboa: Edições 70, 1987.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985.

SARTRE, Jean-Paul. Orphénoir. In: SENGHOR, L.S. *Antologie de la nouvelle poésienègre ET malgache de langue française*. Paris: PUF, 1948.

SAUTE, Nelson. *Antologia da novíssima poesia moçambicana*. Maputo: AEMO, 1993.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Guia Bibliográfico das literaturas africanas de língua portuguesa em Bibliotecas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/UERJ, 1996.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Antologia da poesia africana no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. São Paulo: Atlântica, 2000.

Disciplina: Universidade B
FICÇÃO AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA
Ementa
<p>Introdução à cultura africana. O imaginário mítico africano. O griot e a contação de histórias. Linhas mestras da ficção africana em língua portuguesa: o período colonial e o pós-colonial.</p> <p>Ênfase nos seguintes aspectos: oralidade, processos narrativos inovadores, tensão entre tradição e modernidade, relações entre literatura e história. Prática de análise textual de contos e romances.</p>
Conteúdo programático
<p>A disciplina dará uma visão abrangente e panorâmica da ficção de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, levando em consideração os seguintes aspectos e autores:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O colonialismo em África e as origens das letras africanas 2. O Regionalismo brasileiro de 30, o neo-realismo e suas ressonâncias nas literaturas africanas de língua portuguesa 3. A procura da identidade: contos e romances da “angolanidade”, da “moçambicanidade”, da “cabo-verdianidade” 4. A independência e a literatura de reconstrução nacional. A descolonização política, literária e lingüística. O resgate da oratura e das tradições, o plurilingüismo, o bilingüismo, a afirmação dos valores autenticamente africanos. 5. A década de 70 e os processos literários inovadores na ficção. 6. O desencanto das utopias revolucionárias e as narrativas pós-independência <p>Autores selecionados</p> <p>- De ANGOLA: Assis Júnior, Castro Soromenho, Manuel Rui, Pepetela, Luandino Vieira,</p>

UanhengaXitu, Boaventura Cardoso, Arnaldo Santos
 - De CABO VERDE: Manuel Lopes, Baltazar Lopes, Orlanda Amarílis, Manuel Ferreira, Arménio Vieira, Dina Salústio, Germano Almeida
 - De MOÇAMBIQUE: Orlando Mendes, Luís Bernardo Honwana, Mia Couto, Lília Momplé, Paulina Chiziane, Ba Ka Khosa, João Paulo Borges Coelho
 - De SÃO TOMÉ e PRÍNCIPE: Sum Marky
 - Da GUINÉ-BISSAU: Abdulai Sila, Odete Semedo

Bibliografia

ABDALA Jr., Benjamin. Literatura, história e política. SP: Ática, 1989.
 ARAÚJO, Cremilda Medina. Sonha Mamana África. São Paulo: Ed. Epopéia, 1987
 CHAVES, Rita. A formação do romance angolano. São Paulo: Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa/USP, 1999
 ERVEDOSA, Carlos. Roteiro da literatura angolana. Luanda: UEA, 1983.
 FERREIRA, Manuel. Literaturas africanas de expressão portuguesa. São Paulo: Ática, 1987.
 FERREIRA, Manuel. O discurso no percurso I. Lisboa: Plátano, 1989.
 FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio: Civilização Brasileira, 1979.
 FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Porto: Paisagem, 1975.
 FONSECA, Maria Nazareth. Brasil afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
 GOMES, Simone Caputo. Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe. Praia: Instituto Caboverdiano do Disco e do Livro, 1993.
 HAMILTON, Russell. Literatura africana, literatura necessária. Lisboa: Ed. 70, 1983.
 LABAN, Michel. Encontro com escritores. Volumes 1 e 2. Cabo Verde: Fundação Eng. António de Almeida, 1989.
 LABAN, Michel. Encontro com escritores. Volume 1 e 2. Angola: Fundação Eng. António de Almeida, 1989.
 LARANJEIRA, Pires. Literaturas africanas de expressão portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
 LEITE, Ana Mafalda. Formulações pós-coloniais. Maputo: Editora Universitária UEM, 2003.
 MACÊDO, Tânia. Angola e Brasil: estudos comparados. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.
 MARGARIDO, Alfredo. Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
 MATA, Inocência. Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa. Ponte Vedra: Cadernos do Povo, 1992.
 MENDONÇA, Fátima. Literatura moçambicana: a história e as escritas. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1988.
 MOSER, Gerald; FERREIRA, Manuel. Bibliografia das literaturas africanas de expressão portuguesa. Lisboa: INCM, 1983.
 MOURALIS, Bernard. As contra literaturas. Coimbra: Almedina, 1982.
 MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986
 NEVES, João Alves. Poetas e contistas africanos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.
 PADILHA, Laura Cavalcante. Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana pós-50. Niterói: Edições 70, 1987.
 RIAÚZOVA, Helena. Dez anos de literatura angolana. Lisboa: Edições 70, 1987.
 SANTILLI, Maria Aparecida. Africanidade. São Paulo: Ática, 1985.
 SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias africanas. São Paulo: Ática, 1985.
 SECCO, Carmen Lucia Tindó. Guia Bibliográfico das literaturas africanas de língua portuguesa em Bibliotecas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/UERJ, 1996.
 SECCO, Carmen Lucia Tindó. A Magia das letras africanas. Rio: ABE Graph, 2003.
 SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. África & Brasil: Letras em laços. São Paulo: Atlântica, 2000.
 TRIGO, Salvato. Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira. Lisboa: Vega, 1986

Disciplina: Universidade B
LITTERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA A
Ementa
A poesia africana de língua portuguesa do pós-independência em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe: principais poetas. Poesia e História. Releitura crítica da poesia engajada. Bilinguismo, criouliização, africanização da língua portuguesa. Liberdade de expressão e liberdade criadora. Tradição e ruptura. Metapoesia, transgressão e processos poéticos emergentes. Prática de análise textual de poemas.
Conteúdo programático
A disciplina dará uma visão ampla da poesia pós-1975 de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, levando em consideração os seguintes aspectos: 1. Poesia e História. Tradição e Ruptura 2. A euforia dos primeiros anos da independência 3. Releitura crítica da poesia engajada 4. A geração do silêncio: a elaboração estética da linguagem 5. A poética dos anos 1980: metapoesia, transgressão e processos poéticos emergentes 6. A poesia dos anos 1990 e 2000 7. Prática de análise textual de poemas
Bibliografia
ALMADA, José Luís Hopffer (Org.). <i>Mirabilis: de veias ao sol (Antologia dos novíssimos poetas caboverdianos)</i> . Lisboa: Caminho e Instituto Caboverdiano do Livro, 1991. ANDRADE, Mário Pinto de. <i>Antologia temática da poesia africana</i> . Volumes 1 e 2. Lisboa: Sá da Costa, 1975. FERREIRA, Manuel. <i>50 poetas africanos</i> . Lisboa: Plátano, 1989. SARTRE, Jean-Paul. <i>Orphée noir</i> . In: SENGHOR, L. S. (Org.). <i>Antologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française</i> . Paris: PUF, 1948. SAÚTE, Nelson; MENDONÇA, Fátima. <i>Antologia da novíssima poesia moçambicana</i> . Maputo: AEMO, 1993. SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. <i>Antologia poética do mar na poesia africana</i> . Volume 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. TENREIRO, Francisco José; ANDRADE, Mário Pinto de. <i>Poesia negra de expressão portuguesa</i> . Lisboa: Ed. África, 1982 TRIGO, Salvato. <i>A Poética da Geração Mensagem</i> . Porto: Brasília, 1979.

Disciplina: Universidade B
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA B
Ementa
<p>A prosa de ficção da pós-independência em Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Contos e romances produzidos de 1975 até os dias atuais. Ficção e História. A metaficção. A presença do mítico, do animismo africano, da ironia, da paródia, da metalinguagem, da polifonia. A recriação da oratura: processos tradicionais e inovadores de narrar. Prática de análise textual de contos e romances.</p>
Conteúdo programático
<p>A disciplina dará uma visão ampla da ficção pós-independência em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, levando em consideração os seguintes aspectos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os primeiros anos após a independência e a euforia pela liberdade conquistada. 2. A descolonização e a busca de reescrever Angola . 3. A independência e a literatura de reconstrução nacional: o plurilinguismo, o bilinguismo, a procura de valores autenticamente africanos. 4. A afirmação de diferenças e alteridades. A recriação da oralidade na ficção. 5. A presença do mítico, do animismo africano. 6. Processos tradicionais e inovadores de narrar. 7. Ficção e História. A metaficção. 8. Prática de análise textual de contos e romances dos autores mais significativos das literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.
Bibliografia
<p>ANDRADE, Fernando Costa. <i>Literatura angolana</i>. Lisboa: Edições 70, 1980. CHAVES, Rita. <i>A Formação do romance angolano</i>. In: Coleção Via Atlântica. Nº 01. São Paulo: USP, 1999. FERREIRA, Manuel. <i>O discurso no percurso I</i>. Lisboa: Plátano, 1989. LARANJEIRA, Pires. <i>Literaturas africanas de expressão portuguesa</i>. Lisboa: Universidade Aberta, 1995. MARGARIDO, Alfredo. <i>Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa</i>. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980. MATA, Inocência. <i>Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa</i>. Braga: Cadernos do Povo, 1992. NEVES, João Alves. <i>Poetas e contistas africanos</i>. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963. PADILHA, Laura Cavalcante. <i>Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana pós-50</i>. Niterói: EDUF, 1995.</p>

Disciplina: Universidade C	
ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA	
Ementa	
Análise dos processos de formação e transformação das literaturas produzidas em Língua Portuguesa em Angola, Moçambique, São Tomé, Cabo Verde e Guiné Bissau.	
Conteúdo programático	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Contextualização social e política <ol style="list-style-type: none"> 1.1. O império colonial português em África 1.2. Processos da luta anticolonial 2. Literatura e sociedade <ol style="list-style-type: none"> 2.1. Formação do campo literário africano em língua portuguesa: antecedentes 2.2. Literatura, Política e Nacionalidade 3. Panorama das literaturas africanas em língua portuguesa <ol style="list-style-type: none"> 3.1. Angola e Moçambique 3.2. Cabo Verde; Guiné; São Tomé e Príncipe 4. Pós-colonialismo e tendências literárias contemporâneas <ol style="list-style-type: none"> 4.1. Identidade e diferença cultural 4.2. Literatura e novos paradigmas estéticos e sociais 	
Bibliografia	
<p>Obrigatória</p> <p>ABDALA JUNIOR, Benjamin. <i>De vôos e ilhas</i>. São Paulo: Atelié Editorial, 2003</p> <p>CRISTOVÃO, Fernando, Maria de Lurdes Ferraz e Alberto de Carvalho. <i>Nacionalismo e Regionalismo nas Literaturas Lusófonas</i>. Lisboa: Ed. Cosmos, 1997.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa</i>. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Vol. I e II, 1986.</p> <p>FONSECA, Maria Nazareth Soares. <i>Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos</i>. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.</p> <p>HAMILTON, Russel G. <i>Literatura africana: literatura necessária</i>. Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Martins Fontes, 1984.</p> <p>HONWANA, Alcina Manuel. <i>Espíritos vivos, tradições modernas</i>. Maputo: Promedia, 2002.</p> <p>LEITE, Ana Mafalda. <i>Literaturas africanas e formulações pós-coloniais</i>. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 2003</p> <p>MARGARIDO, Alfredo. <i>Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa</i>. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.</p> <p>MATA, Inocência. <i>Literatura Angolana: Silêncios e Falas de Uma Voz Inquieta</i>. Lisboa: Mara Além, 2001.</p> <p>MATUSSE, Gilberto. <i>A Construção da Imagem da Moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungalani Ba Ka Khosa</i>. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1998.</p> <p>NOA, Francisco. <i>A Escrita Infinita</i>. Maputo: Livraria Universitária, 1998.</p> <p>SECCO, Carmen Lúcia Tindó. <i>A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos</i>. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.</p> <p>Complementar</p> <p>AGUESSY, Honorat. "Visões e percepções tradicionais". In: ALPHA I, SOW et al. Introdução à</p>	

cultura africana. Lisboa : Edições 70, 1977.

CALAME-GRIAULE, Geneviève. *Ethnologie et Langage*. Paris: Gallimard, 1965.

CARVALHO, Ruy Duarte de. "Tradições orais, experiência poética e dados da existência". In : PADILHA, Laura. (org.). *Repensando a africanidade*. ANAIS do I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995, p. 69-76.

CHAVES, Rita. "A palavra enraizada de Ana Paula Tavares". In : Revista Via Atlântica, Universidade de São Paulo : São Paulo, n. 4, 2000, p. 158-167.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique. Experiência Colonial e Territórios Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

LEITE, Ana Mafalda. "Empréstimos da oralidade na produção e crítica literárias africanas". In : Oralidades & Escritas nas Literaturas africanas. Lisboa: Edições Colibri, 1998, p. 11-36.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções. Ensaaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PADILHA, Laura Cavalcante. "Como uma segunda pele ou poesia feminina africana, em expansão". In : Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África. Coleção Mulher & Literatura, Vol. III. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002, p.13-20.

PADILHA, Laura Cavalcante. "Paula Tavares e a semeadura das palavras". In : CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda, SALGADO, Maria Teresa. (org.). *África & Brasil : Letras em laços*. São Paulo: Atlântica Editora, 2000, p.287-302

STAMM, Anne. *La parole et un monde. Sagesses africaines*. Paris: Seuil, 1999.

TABORDA, Terezinha. "O intertexto proverbial: a força determinante da experiência enunciada". In: LEÃO, Ângela Vaz. (org.) Contatos e Ressonâncias. Literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2003. p 169-184.

Disciplina: Universidade C
ENSINO DE LITERATURAS LUSÓFONAS
Ementa
Discussão e reflexões acerca do ensino de literatura, dos possíveis caminhos metodológicos do ensino de literatura, dos seus conteúdos e das suas finalidades. Discussão e reflexão dos conceitos de literatura na contemporaneidade. As concepções restritivas dos textos x Concepções expandidas. O lugar do Cânone no ensino da literatura. A formação do leitor literário.
Conteúdo programático
<ol style="list-style-type: none"> 1. Ensinar literatura para quê? 2. Metodologia e finalidades do ensino de literatura 3. Que literatura ensinar? 4. O lugar e a importância do cânone literário 5. A formação do leitor de literatura
Bibliografia
<p>AGUIAR, V. T de & BORDINI, M. da G. <i>Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas</i>. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.</p> <p>ALVES, R. <i>Conversas com quem gosta de ensinar</i>. São Paulo: Cortez, 1993.</p> <p>BAMBERGER, R. <i>Como incentivar o hábito de leitura</i>. São Paulo: Ática, 2000.</p> <p>BARTHES, Roland. <i>Aula</i>. Trad. Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.</p> <p>BIESTA, Gert. <i>Para além da aprendizagem. Educação democrática para um futuro humano</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.</p> <p>CADEMARTORI, Ligia. <i>O professor e a literatura. Para pequenos, médios e grandes</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.</p> <p>CALVINO, Italo. <i>Porque ler os clássicos</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.</p> <p>CHARTIER, Roger. <i>A ordem dos livros</i>. Brasília: Ed. UnB, 1994.</p> <p>COMPAGNON, Antoine. <i>Literatura para quê?</i> Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.</p> <p>DANTAS, J. M de S. <i>Didática da Literatura</i>. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.</p> <p>DALVI, Maria Amélia et AL (org.). <i>Leitura de literatura na escola</i>. São Paulo: Parábola, 2013.</p> <p>ECO, Umberto. <i>Os limites da interpretação</i>. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1995.</p> <p>FRANCHETTI, P. Ensinar literatura para quê? Revista Desenredos, Teresina, n.3: 1-9, 2009.</p> <p>FREIRE, Paulo. <i>A importância do ato de ler: em três artigos que se completam</i>. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.</p> <p>GONÇALVES, Jeosafá Fernandez. <i>Ensino é crítica. A literatura no Ensino Médio</i>. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.</p> <p>JOUE, Vincent. <i>Por que estudar literatura?</i> São Paulo: parábola, 2012.</p> <p>LAJOLO, Marisa. <i>Do mundo da leitura para a leitura do mundo</i>. São Paulo: Ática, 1993.</p> <p>LAJOLO, Marisa. <i>Literatura ontem, hoje e amanhã</i>. São Paulo: Ed. Unesp, 2018.</p> <p>LARROSA, Jorge (org.) <i>Elogio da Escola</i>. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.</p> <p>PERRONE-MOISÉS, Leila. <i>O ensino de literatura</i>. In: NITRINI, S. et AL. <i>Literatura, artes e saberes</i>. São Paulo: Abralic; Hucitec, 2008.</p> <p>PINHEIRO, H. <i>Poesia na sala de aula</i>. Campina Grande: Bagagem, 2007.</p> <p>SILVA, E, T da. <i>Elementos de pedagogia da leitura</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1988.</p> <p>VARRIER, J. <i>Vãs querelas e verdadeiros objetivos do ensino de literatura na França</i>. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.2: 207-213, maio/ago. 2007.</p> <p>ZILBERMAN, Regina. <i>A leitura e o ensino da literatura</i>. São Paulo: Contexto, 1991</p>

Disciplina: Universidade D
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA II
Ementa
O curso pretende apresentar ao aluno o desenvolvimento da literatura nacional moçambicana através da introdução de seus autores e obras mais representativas. Serão observadas suas singularidades e semelhanças com as outras Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.
Conteúdo programático
<p>Obras literárias</p> <p>José Craveirinha: <i>Obra poética</i></p> <p>Lília Momplé: <i>Ninguém matou Suhura</i></p> <p>Luís Bernardo Honwana: <i>Nós matamos o cão tinoso</i></p> <p>Manuel Ferreira: <i>50 poetas africanos</i> (antologia).</p> <p>Mia Couto: <i>Cada homem é uma raça; Cronizando; Terra Sonâmbula</i></p> <p>Nelson Saúte: <i>O rio dos bons sinais</i></p> <p>Paulina Chiziane: <i>Niketché</i></p> <p>Rui Knopfli: <i>Obra poética</i></p> <p>Ungulani Ba Ka Khosa: <i>Ualalapi</i></p>
Bibliografia
<p>ALBUQUERQUE, Orlando de & MOTTA, José Ferraz. <i>História da Literatura em Moçambique</i>. Braga: APPADCM, 1998.</p> <p>CHABAL, Patrick. <i>Vozes Moçambicanas – literatura e nacionalidade</i>. Lisboa: Vega, 1994.</p> <p>CHAVES, Rita. <i>Angola e Moçambique: Experiência colonial e territórios literários</i>. Cotia: Ateliê, 2005.</p> <p>FRY, Peter (org.). <i>Moçambique: ensaios</i>. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001</p> <p>LABAN, Michel. <i>Moçambique: encontro com escritores</i>. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998. 3v.</p> <p>LARANJEIRA, Pires. <i>Literaturas africanas de expressão portuguesa</i>. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.</p> <p>LEITE, Ana M. <i>Oralidades & escritas</i>. Lisboa: Colibri, 1998.</p> <p>MACEDO, Tânia & MAQUEA, Vera. <i>Moçambique (Literaturas de Língua Portuguesa, marcos e marcas)</i>. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.</p> <p>MARGARIDO, Alfredo. <i>Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesas</i>. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.</p> <p>NEWITT, Malyn. <i>História de Moçambique</i>. Lisboa: Europa-América, 1985.</p> <p>PELISSIER, René. <i>História de Moçambique</i>. Lisboa: Estampa, 1987. 2v.</p> <p>SALGADO, Teresa & SEPÚLVEDA, Maria. <i>ÁFRICA & Brasil: letras e laços</i>. 2ªed. São Caetano do Sul: Yends, 2006.</p> <p>SECCO, Carmen Lucia Tindó. <i>A magia das letras africanas</i>. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora/Barroso Produções Editoriais, 2003.</p> <p>VOUARCHEX, François. <i>Littérature du Mozambique</i>. Notre Librairie, 113: 1993.</p>

Disciplina: Universidade D
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA IV
Ementa
Introduzir reflexão acerca de conceitos (colonialismo, pós-colonialismo, identidade, alteridade, exotismo, africanismo, negritudinismo, nacionalismo, pós-colonialismo, classe, raça, etnia e gênero, entre outros) que norteiam a crítica literária da produção nacional dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) através da apresentação e discussão de textos e obras fundamentais da crítica colonial e pós-colonial.
Conteúdo programático
<p>Luandino Vieira, <i>“Estória do ovo e da galinha”</i>; João Melo, <i>“Marginais”</i> Luandino Vieira, <i>“O fato completo de Lucas Matesso”</i>; UanhengaXitu, <i>Mestre Tamoda</i></p> <p>Luandino Vieira, <i>“Estórias de família”</i>; Manuel Rui, <i>Quem me dera ser onda</i>; João Melo, <i>“Tio mi dá só cem”</i></p> <p>Arnaldo Santos, <i>“Bairro operário não tem luz”</i>; L.B. Honwana, <i>“Nós matamos o cão tinoso”</i>.</p> <p>L.B. Honwana, <i>“A mão dos pretos”</i>; J. E. Agualusa, <i>“Os pretos não sabem comer lagosta”</i>;</p> <p>Arnaldo Santos, <i>A menina Vitória</i>; J.E. Agualusa, <i>“O evangelho, segundo a serpente”</i>.</p> <p>Lília Momplé- <i>Ninguém matou Suhura</i></p> <p>Paula Tavares, <i>O sangue da buganvília</i></p> <p>João Melo, <i>A imitação de Sartre e Simone de Beauvoir</i></p> <p>Fernando Monteiro, <i>Na roda do sexo</i></p>
Bibliografia
<p>CHAVES, Rita. <i>Angola e Moçambique - experiência colonial e territórios literários</i>. Cotia: Ateliê, 2005.</p> <p>COSTA, Sérgio. <i>“Muito além da diferença: (im)possibilidades de uma teoria social pós-Colonial”</i>. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 21,(60), fev 2006: 117-134.</p> <p>FANON, Franz. <i>Os condenados da Terra</i>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>O Discurso no Percurso Africano</i>. Lisboa: Plátano, 1989.</p> <p>FIGUEIREDO, Eurídice. (org.). <i>Conceitos de Literatura e Cultura</i>. Juiz de Fora, UFJF, 2005.</p> <p>HALL, Stuart. <i>A identidade cultural na pós-modernidade</i>. 11ªed. DP&A: Rio de Janeiro, 2006.</p> <p>JARA, René & TALENS, Jenaro. <i>“Comparatismo y semiótica de la cultura”</i> In: Eutopias: Teorias/Historia/Discurso, Minneapolis/Valencia, Hiperión, v. III, 1987: 2-3, 5-17.</p> <p>LEITE, Ana Mafalda. <i>Literaturas africanas e formulações pós-coloniais</i>. Lisboa : Colibri, 2003.</p> <p>MATA, Inocência. <i>A Literatura Africana e a Crítica Pós-Colonial: Reconversões</i>. Luanda: Nzila, 2007.</p> <p>MEMMI, Albert. <i>Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador</i>. 3º ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.</p> <p>MENDES, José António Oliveira. <i>“O desafio das Identidades”</i>. In SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). <i>A globalização e as ciências sociais</i>. 2ª ed. Campinas: Cortez, 2002. p. 203-534.</p> <p>MOURALIS, Bernard. <i>As contraliteraturas</i>. Coimbra: Almedina, 1982.</p> <p>SAID, Edward. <i>Cultura e Imperialismo</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.</p> <p>SANTOS, Giselle Rodrigues dos. <i>Subalternidades em perspectiva teórica: pela descolonização dos estudos literários</i>. Salvador: Edufba, 2017.</p> <p>SCOTT, Joan Wallach. <i>“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”</i>. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99</p>

Disciplina: Universidade D
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA V
Ementa
<p>O curso tem como foco o romance produzido em língua portuguesa no continente africano e pretende refletir sobre a sua constituição como um gênero literário relevante em diversos contextos sócio-culturais. As relações entre as matrizes da oralidade e a escrita literária, os vínculos entre a literatura e os projetos de identidade e as perspectivas do gênero na atualidade definem-se como questões centrais nos programas a serem desenvolvidos a partir do sistema literário definido.</p>
Conteúdo programático
<ol style="list-style-type: none"> 1. A emergência das literaturas africanas no contexto colonial; 2. O romance como gênero e seu lugar no sistema literário focalizado; 3. A literatura colonial: objetivos e paradigmas; 4. A construção da ruptura e o projeto de nacionalidade; 5. Tradição oral e estrutura romanesca; 6. Perspectivas do romance em português na África.
Bibliografia
<p>ABDALA JR., Benjamin. <i>Literatura, história, política</i>. São Paulo: Ática, 1989. BENJAMIN, Walter. <i>Obras escolhidas</i>. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1985. CANDIDO, Antonio. <i>A educação pela noite & outros ensaios</i>. São Paulo, Ática, 1987. CANDIDO, Antonio <i>Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos</i>. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. CHAVES, Rita. <i>A formação do romance angolano</i>. São Paulo / Maputo: Via Atlântica/ Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, 1999. CHAVES, Rita. <i>Angola e Moçambique: Experiência colonial e territórios literários</i>. Cotia, Ateliê, 2005. CHAVES, Rita & MACEDO, Tania. <i>Literaturas em movimento. Hibridismo cultural e exercícios críticos</i>. São Paulo: Arte & Ciência /Via Atlântica, 2003. CHAVES, Rita , MACEDO, Tânia e MATA, Inocência. <i>Boaventura Cardoso – a escrita em processo</i>. São Paulo/Luanda: Alameda Editorial/UEA, 2005.</p>

Disciplina: Universidade D	
LITTERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA VI	
Ementa	
<p>O curso pretende focar o gênero lírico nos países africanos de língua portuguesa com base numa seleção das obras de alguns de seus mais expressivos criadores. A importância da poesia e suas especificidades no universo cultural africano estarão no centro das reflexões elaboradas a partir de um repertório variado, composto pela recolha de textos paradigmáticos no processo de formação de cada sistema literário e por manifestações da produção contemporânea.</p>	
Conteúdo programático	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução: a poesia tradicional. 2. Poesia e identidade caboverdiana: Ovídio Martins, Onésimo Silveira e Corsino Fortes. 3. O aprofundamento poético da consciência nacional: Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Antonio Cardoso e Antonio Jacinto. 3.1. Angolanidade e modernidade: Costa Andrade, Arlindo Barbeitos e Rui Duarte de Carvalho. 4. Literatura e moçambicanidade: José Craveirinha e Rui Nogar. 4.1. Manifestações contemporâneas: Luís Carlos Patraquin e Eduardo White. 5. A poesia de autoria feminina: Noémia de Souza, Alda Lara, Paula Tavares, Ana de Santana, Vera Duarte, Conceição Lima. 	
Bibliografia	
<p>ALBA, Sebastião, (<i>A morte dividida</i>, Lisboa, Edições 70, 1982; <i>O ritmo do presságio</i>. Maputo/Lisboa, INLLD/Edições 70, 1981.</p> <p>BARBOSA, Jorge - <i>Arquipélago. Mindelo</i> (Cabo Verde), Ed. Claridade, 1935.</p> <p>BARBEITOS, Arlindo. <i>Angola - Angole - Angolema</i>. Lisboa, Livr. Sá de Costa 1976.</p> <p>CARDOSO, Antonio. <i>Chão de exílio</i>. Lisboa, Africa Ed., 1980.</p> <p>CARVALHO, Rui Duarte de. <i>Lavra</i>. Lisboa: Cotovia, 2005.</p> <p>COSTA ANDRADE - <i>Tempo angolano em Itália</i>. S. Paulo, Ed. Felman-Rego, 1963.</p> <p>ANDRADE, Mário Pinto de. <i>Antologia temática de poesia africana. Na noite grávida de punhais</i>. Lisboa, Sá da Costa, 1976.</p> <p>ANDRADE, Mário Pinto de. <i>Antologia temática de poesia africana. O canto armado</i>. Lisboa, Sá da Costa, 1980.</p> <p>CRAVEIRINHA, José, <i>Xigubo</i>. Lisboa, Ed. 70, 1980.</p> <p>CRAVEIRINHA, José - <i>Karingana ua Karingana</i>. Lisboa, Ed. 70, 1982.</p> <p>CRUZ, Viriato da. <i>Poemas. Luanda</i>, Salvador: Maianga, 2004.</p> <p>FORTES, Corsino. <i>Pão e fonema</i>. /s.1./ Ed. do Autor, /s.d./</p> <p>LARA, Alda. <i>Poemas</i>. Porto, Vertente, 1984 (?)</p> <p>MARTINS, Ovídio. <i>Não vou para Pasárgada</i>. Rotterdam, Ed. Caboverdianidade, 1973.</p> <p>NETTO, Agostinho - <i>Sagrada esperança</i>. Luanda; Salvador: Maianga, 2004</p> <p>NOGAR, Rui. <i>Silêncio escancarado</i>. Maputo/Lisboa, INLLD/Ed. 70, 1982.</p> <p>PATRAQUIM, Luís Carlos. <i>O osso côncavo e outros poemas</i>. Lisboa, Editorial Caminho, 2004.</p> <p>SANTANA, Ana de. <i>Sabores, Odores e sonho</i>. Luanda, U.E.A., 1985.</p> <p>SILVEIRA, Onésimo - <i>Hora grande</i>. Lisboa, Ed. Bailundo, 1962.</p> <p>TAVARES, Paula. <i>Ritos de passagem</i>. Luanda, U.E.A., 1985.</p> <p>TAVARES, Paula. <i>Ex-votos</i>. Lisboa, Editorial Caminho, 2004.</p> <p>Informação sumária</p> <p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin. <i>De vãos e ilhas. Literatura e comunitarismos</i>. Cotia, Ateliê, 2003.</p> <p>CABRAL, Amílcar - "Apontamentos sobre poesia cabo-verdiana", em <i>Obras escolhidas</i>. V. I. Lisboa, Seara Nova, 1978, pp. 25-29.</p> <p>CAVACAS, Fernanda e GOMES, Aldónio. <i>Dicionário de autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa</i>. Lisboa, Caminho, 1997.</p> <p>CHAVES, Rita. <i>Angola e Moçambique: Experiência colonial e territórios literários</i>. Cotia, Ateliê, 2005.</p>	

CHAVES, Rita & MACÊDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.

FERREIRA, Manuel - *Literatura Africanas de Expressão Portuguesa*. 2 vols. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

FERREIRA, Manuel. *No reino de Caliban*. 2 vols. Lisboa, Seara Nova, 1975/1976.

HAMILTON, Russell. *Literatura africana. Literatura necessária*. Lisboa: Edições 70, 1983.

LEÃO, Angela Vaz. (org.) *Contatos e ressonâncias. Literaturas africanas de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte, PUCMINAS, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003.

MACEDO, Tania. *Angola/ Brasil: Estudos comparados de literatura*. São Paulo: Arte e Ciência / Via Atlântica, 2003.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações de língua oficial portuguesa*. Lisboa: A regra do Jogo, 1980.

MENDONÇA, Fátima & SAÚTE, Nelson. *Antologia da nova poesia moçambicana*. Maputo, Associação dos Escritores Moçambicanos, 1993.

OLIVEIRA, José Osório de. *Poesia de Cabo Verde*. Lisboa, Agência Geral das Colônias. 1944.

PADILHA, Laura. *Novos pactos, outras ficções*. Porto Alegre, Editora da PUC-RS, 2002.

SECCO, Carmen Tindó. *A magia das letras africanas*. Rio de Janeiro: ABE Graph, 2003.

Disciplina: Universidade E
ESTUDOS LITERÁRIOS: TEXTOS FUNDAMENTAIS DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Ementa
<p>Estudo das literaturas africanas de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe), ressaltando: momentos significativos dos projetos literários de cada país; características marcantes da produção literária de alguns de seus escritores; representações de nacionalismos e de identidades nessas literaturas; o diálogo entre essas expressões literárias e a literatura brasileira.</p>
Conteúdo programático
<ol style="list-style-type: none"> 1. Poesias africanas de língua portuguesa: aspectos estéticos e culturais 2. A oralidade e a escrita nas literaturas africanas de língua portuguesa. 3. A questão da identidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. 4. A relação entre tradição e modernidade nas literaturas africanas de língua portuguesa. 5. A relação entre literatura, história e política nas literaturas africanas de língua portuguesa.
Bibliografia
<p>CHAVES, Rita. <i>Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários</i>. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. 302p.</p> <p>MOREIRA, Terezinha Taborda (Org.); ABREU, Denise Borille de (Org.). <i>Tramas e traumas : escritas de guerra em Angola e Moçambique</i>. Belo Horizonte, MG: PUC Minas, 2018. E-book ISBN 978-85-8239-096-5. Disponível em: https://issuu.com/cespuc-centrodeestudoslusos-afro-bra/docs/tramas_e_traumas. Acesso em: 24 jun. 2019.</p> <p>MOREIRA, Terezinha Taborda. <i>O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana</i>. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, Horta Grande, 2005. 251p.</p> <p>AMÂNCIO, Iris Maria da Costa (org.). <i>África-Brasil-África: matrizes, heranças e diálogos contemporâneos</i>. Belo Horizonte: PUC Minas, Nandyala, 2008. 261 p.</p> <p>CHAVES, Rita. <i>A formação do romance angolano: entre intenções e gestos</i>. São Paulo: Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, 1999. 221p. ISBN 858755901X</p> <p>LEÃO, Ângela Vaz; PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. <i>Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa</i>. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2003. 426p.</p> <p>NOA, Francisco. <i>Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária</i>. Lisboa: Editorial Caminho, 2002. 423 p.</p> <p>VV.AA. <i>ALETRIA: revista de estudos de literatura</i>. Belo Horizonte: UFMG, Centro de Estudos Literários, 1998-. Semestral.</p> <p>VV.AA. <i>SCRIPTA</i>. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 1997-. Semestral. ISSN 1516-4039.</p> <p>SECCO, Carmen Lúcia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). <i>África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe</i>. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010. 292 p.</p>

Disciplina: Universidade F	
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA I	
Ementa	
Literatura e construção da nacionalidade africana. o projeto estético e ideológico das literaturas africanas e a questão da busca e desejo de reconstrução de uma identidade nacional. Aplicação ao ensino e à pesquisa	
Conteúdo programático	
1. A poesia de cabo verde 1.1 As revistas de literatura e a afirmação da identidade literária 1.2 A obra de Corsino Fortes 1.3 A poesia contemporânea 2. A poesia de S. Tomé e Príncipe 2.1 O movimento da negritude 2.2 A poesia de Francisco José Tenreiro 2.3 A poesia contemporânea 3. A poesia da Guiné-Bissau 3.1 A literatura colonial e a poesia de resistência 3.2 A poesia de Amílcar e Vasco Cabral 3.3 A poesia contemporânea	
Bibliografia	
ABDALA JR., Benjamin. <i>Literatura, história e política. Literaturas de língua portuguesa no séc. XX</i> . São Paulo, Ática. 1980. FERREIRA, Manuel. <i>Literaturas africanas de expressão portuguesa</i> . São Paulo: Ática, 1987. LARANJEIRA, Pires. <i>De letra em riste (identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe</i> . Porto: Afrontamento, 1992. MUNANGA, Kabengele. <i>Negritude: usos e sentidos</i> . São Paulo: Ática, 1986 SANTILLI, Maria Aparecida Santilli. <i>Africanidade e contornos literários</i> . São Paulo: Ática, 1985. AUGEL, Moema. <i>O desafio do escombros. Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau</i> . Rio de Janeiro: Garamond, 2007. CHAVES, Rita. <i>A formação do romance angolano</i> . São Paulo / Maputo: Via Atlântica/ Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, 1999. CHAVES, Rita. <i>Angola e Moçambique. Experiência Colonial e Territórios Literários</i> . São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. FERREIRA, Manuel. <i>A aventura Crioula</i> . Lisboa: Plátano Editora, 1973. MATA, Inocência. <i>Diálogo com as ilhas: sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe</i> . Lisboa: Colibri, 1998. PADILHA, Laura Cavalcante. <i>Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX</i> . Niterói: EDUF, 2007. PADILHA, Laura Cavalcante. <i>Novos pactos, outras ficções: ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras</i> . Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002. RIBEIRO, Margarida Calafate & Maria Paula Meneses (orgs.) (2008) <i>Moçambique das palavras escritas</i> . Porto: Afrontamento, 2008 RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula (ORGS). <i>SEMEDO, Odete costa. Literaturas da Guiné-Bissau: Cantando os escritos da história</i> . Porto: Afrontamento, 2011. RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula (ORGS). Jorge Silvio Renato. <i>Literaturas Insulares: Leituras e escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe</i> . Porto: Afrontamento, 2011. SANTILLI, Maria Aparecida. <i>Estórias Africanas</i> . São Paulo: Ática, 1985. SECCO, Carmen Lucia Tindó. <i>A magia das letras africanas</i> . Rio de Janeiro: ABE Graph Editora/Barroso Produções Editoriais, 2003. SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro, Teresa Salgado e outros. <i>África e Brasil: Letras em Laços</i> . São Caetano do Sul: Yendis, 2010. SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. <i>África & Brasil: letras em laços</i> . São Paulo: Atlântica, 2000.	

Disciplina: Universidade F
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA II
Ementa
Curso monográfico: perspectivas atuais da teoria e da crítica aplicadas às literaturas africanas de língua portuguesa. práticas educativas: aplicação ao ensino e à pesquisa
Conteúdo programático
1.1 - Introdução geral: o campo dos estudos pós-coloniais 1.2 - Delimitação de um campo teórico 1.3 - Estabelecimento de conceitos operacionais. módulo II: questões metodológicas 2.1 - Introdução geral 2.2 - Estabelecimento do corpus 2.3 - Levantamento dos dados módulo III: desenvolvimento da pesquisa 3.1 - Análise e interpretação dos dados 3.2 - Elaboração da monografia
Bibliografia
ABDALA JR., Benjamin. <i>Literatura, história e política. Literaturas de língua portuguesa no séc. XX</i> . São Paulo, Ática. 1980. AUGEL, Moema. <i>O desafio do escomburo. Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau</i> . Rio de Janeiro: Garamond, 2007 LARANJEIRA, Pires. <i>De letra em riste (identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe</i> . Porto: Afrontamento, 1992. SANTILLI, Maria Aparecida Santilli. <i>Africanidade e contornos literários</i> . São Paulo: Ática, 1985. GOMES, Simone Caputo. <i>Cabo Verde: Literatura em chão de cultura</i> . São Paulo: ateliê editorial, 2008 LEITE, Ana Mafalda. <i>Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas</i> . Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. MATA, Inocência. <i>Diálogo com as ilhas: sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe</i> . Lisboa: Colibri, 1998. PADILHA, Laura Cavalcante. <i>Novos pactos, outras ficções: ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras</i> . Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002. RIBEIRO, Margarida Calafate & Maria Paula Meneses (orgs.) (2008) <i>Moçambique das palavras escritas</i> . Porto: Afrontamento, 2008 RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula (ORGS). <i>SEMEDO, Odete costa. Literaturas da Guiné-Bissau: Cantando os escritos da história</i> . Porto: Afrontamento, 2011. RIBEIRO, Margarida Calafate; MENESES, Maria Paula (ORGS). Jorge Silvio Renato. <i>Literaturas Insulares: Leituras e escritas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe</i> . Porto: Afrontamento, 2011. SECCO, Carmen Lucia Tindó. <i>Antologia da poesia africana no século XX</i> . V2 Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. SECCO, Carmen Lucia Tindó. <i>Antologia da poesia africana no século XX</i> . V3 Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. <i>Antologia poética do mar na poesia africana do século XX</i> : Angola. Luanda: Kilombe, 2000 SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro, Teresa Salgado e outros. <i>África e Brasil: Letras em Laços</i> . São Caetano do Sul: Yendis, 2010. SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. <i>África & Brasil: letras em laços</i> . v2 São Paulo: Atlântica, 2000

Disciplina: Universidade G
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Ementa
Discussão histórico-ideológica a respeito da Negritude e sua relação com as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa. Visão panorâmica das literaturas produzidas em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Leitura e análise de obras
Conteúdo programático
<p>UNIDADE I – HISTÓRIA, LITERATURA E MEMÓRIA NAS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA</p> <p>1.1 Olhares críticos sobre a colonização e a descolonização; 1.2 A poética da negritude e a procura da identidade; 1.3 Literatura e Jornalismo: o papel dos jornais e das revistas na formação dos sistemas literários; /</p> <p>UNIDADE II – LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: NARRATIVA</p> <p>2.1 A Literatura e a narração da nação; 2.2 O lugar de destaque do gênero conto; 2.3 As narrativas angolanas; 2.4 As narrativas moçambicanas; 2.5 As narrativas de Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe</p> <p>UNIDADE III – LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA: POESIA</p> <p>3.1 A poesia: um gênero por excelência; 3.2 A poesia angolana; 3.3 A poesia moçambicana; 3.4 A poesia cabo-verdiana; 3.5 A poesia de Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe</p>
Bibliografia
<p>FERREIRA, Manuel. <i>O discurso no percurso africano I</i> (Contribuição para uma estética africana). Lisboa: Plátano Editora, s/d.</p> <p>LARANJEIRA, Pires. <i>A negritude africana de língua portuguesa</i>. Porto: Afrontamento, 1995.</p> <p>LARANJEIRA, Pires. <i>Negritude Africana de Língua Portuguesa. Textos de Apoio</i> (1947-1963) Coimbra: Ângelus Novus, 2000</p> <p>APPIAH, Kwame Anthony. <i>Na Casa de Meu Pai. A África na Filosofia da Cultura</i>. Rio de Janeiro: Contraponto: 2007.</p> <p>CAPUTO, Simone Gomes. <i>Cabo Verde e Brasil: um amor pleno e correspondido</i>. In: <i>Cabo Verde: literatura em chão de cultura</i>. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008, p. 111-124.</p> <p>CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (orgs.). <i>Marcas da diferença: as literaturas africanas de Língua Portuguesa</i>. São Paulo: Alameda, 2006.</p> <p>FANON, Frantz. <i>Pele negra. Máscaras brancas</i>. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>Da dor de ser negro ao orgulho de ser preto</i>. In: _____. <i>O discurso no percurso africano I</i> (Contribuição para uma estética africana). Lisboa: Plátano Editora, s/d, p. 38-55.</p> <p>HALL, Stuart. <i>A identidade Cultural na pós-modernidade</i>. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.</p> <p>LEITE, Ana Mafalda. <i>Pós-colonialismo: um caminho crítico e teórico</i>. In: _____. <i>Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas</i>. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.</p>

MACÊDO, Tânia. *Estas mulheres cheias de prosa*. In: In: LEÃO, Ângela Vaz (org.). *Contatos e ressonâncias: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MACÊDO, Tania & MAQUÊA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas – Moçambique*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007. p. 351-367.

MATA, Inocência. *Reflexões estético-ideológicas*. In: _____. *Emergência e existência de uma literatura. O caso Santomense*. Linda-a-velha, Portugal: ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, Ltda., 1993, p. 22-39.

MATA, Inocência. *Sob o signo de uma nostalgia projectiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós-colonial*. In: _____. *Laços de memória e outros ensaios sobre literatura angolana*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006. p. 101-121.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana*. São Paulo: Kapulana, 2017.

PORTUGAL, Francisco Salinas. *As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na procura da identidade*. In: MATA, Inocência; GROSSO, Maria José (orgs.). *Oito partidas da Língua Portuguesa Professor João Malaca Casteleiro. Homenagem*. Macau: Universidade de Macau, Macua: Universidade de Macau, 2007.

RAINHO, Patrícia. *A escrita no feminino e a escrita feminista em Balada de amor ao vento e Niketche: uma história de poligamia*. In: PADILHA, Laura Cavalcante; MATA, Inocência (Org.). *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri : Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006.

SANTILLI, Maria Aparecida. *O romance angolano: marcos e marcas*. In: LEÃO, Ângela Vaz (org.). *Contatos e ressonâncias: Literatuaras Africanas de Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *Orfeu Negro*. In: _____. *Reflexões sobre o racismo*. ed. 6. São Paulo: DIFEL, 1978, pp. 89-125.

SILVA, Monaliza Rios. *A Guiné-Bissau no fundo do canto. O tempo/espço pós-colonial de Odete Semedo*. Cadernos Imbondeiro, João Pessoa, v.1, n.1, p.1-9, 2010.

TENREIRO, Francisco José. *Processo Poesia*. In: LARANJEIRA, Pires. *Negritude Africana de Língua Portuguesa. Textos de Apoio (1947-1963)*. Coimbra: Ângelus Novus, 2000, p. 64-69.

TUTIKIAN, Jane. *Lá onde mora a infância (um estudo dos contos de Luandino Vieira e de Ondjaki)*. In: REMEDIOS, Maria Luíza Ritzel;

SILVEIRA, Regina da Costa. *Redes & Capulanas: identidade, cultura e história nas literaturas lusófonas*. Porto Alegre: UniRitter, 2009.

OBRAS LITERÁRIAS (Leituras obrigatórias)

VIEIRA, Luandino José. *Nós, os de Makulusu*. São Paulo: Kapulana, 2019.

CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. ed. 2. Lisboa: Editorial Caminho: 2003

Disciplina: Universidade H
TÓPICOS XV: TEXTOS EM PROSA DE FICÇÃO IV
Ementa
<p>Estudos do Oceano Índico: perspectivas literárias e culturais. O curso visa apresentar as reflexões teóricas e os paradigmas críticos que pautam os Estudos do Oceano Índico (Indian Oceanstudies) com especial ênfase na área de literaturas africanas em perspectiva comparada</p>
Conteúdo programático
<p>1. Panorama histórico do Oceano Índico e do Índico Africano; 2. O Oceano Índico como paradigma crítico transnacional; 3. As literaturas do Oceano Índico: o oceano como método e como estética.</p> <p>Corpus: Leituras selecionadas a partir das obras literárias de: João Paulo Borges Coelho, Mia Couto, Sérgio Raimundo, Nuruddin Farah, AbdulrazakGurnah, M.G. Vassanji.</p>
Bibliografia
<p>BOSE, Sugata (2006) <i>A Hundred Horizons: The Indian Ocean in an Age of Global Empire</i>. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. BRUGIONI, Elena, Joana Passos (Orgs.) (2013) <i>Dossier "Narrando o Índico" in Diacrítica – Literatura</i>, 27(3). GALLO, Fernanda (Org.) (2023) <i>Breve Dicionário das Literaturas Africanas</i>. Campinas: Editora Unicamp. LEITE, Ana Mafalda, Elena Brugioni, Jessica Falconi (eds.)(2021) <i>"Literatures and Cultures of the Indian Ocean"</i>, PORTUGUESE STUDIES, 37(2). —— (2019) <i>Estudos sobre o Oceano Índico. Textos Teóricos</i>. Lisboa: Colibri. —— (2018) <i>Dossiê "Espaços transnacionais: narrativas do Oceano Índico"</i>, Remate de Males, 38(1). LEITE, Ana Mafalda, Edvaldo A. Bergamo, Elena Brugioni, Rogério Canedo (Orgs.) (2022) <i>O Romance Africano. Tensões, conexões, tradições</i>. Goiania: CEGRAF UFG. SAID, Edward W. (2011) <i>Cultura e Imperialismo</i>. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras. WILLIAMS, Raymond (2014) <i>Palavras-Chaves</i>. São Paulo: Editorial Boitempo, 2014. MOORTHY, Shanti, Ashraf Jamal (eds.) (2010). <i>Indian Ocean studies: cultural, social, and political perspectives</i>. New York: Routledge. PEARSON, Michael N. (2011) <i>"History of the Indian Ocean: a Review Essay"</i>, WASAFIRI, 26 (2), pp. 78-99.</p>

Disciplina: Universidade H
TÓPICOS EM PESQUISA XLVI: HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA III
Ementa
Adquirir competências em pesquisa na área de teoria e crítica literárias, com ênfase nas teorizações formuladas no âmbito dos Estudos do Oceano Índico.
Conteúdo programático
A partir das leituras críticas e das obras literárias analisadas na Tópicos XV: Textos em Prosa de Ficção IV, as/os estudantes desenvolverão pesquisas bibliográficas, redação de textos acadêmicos (resenhas, resumos, etc.) e outras tarefas relacionadas com metodologias e práticas de pesquisa na área dos estudos literários.
Bibliografia
<p>BOSE, Sugata (2006) <i>A Hundred Horizons: The Indian Ocean in an Age of Global Empire</i>. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.</p> <p>BRUGIONI, Elena, Joana Passos (Orgs.) (2013) <i>Dossier "Narrando o Índico" in Diacrítica – Literatura</i>, 27(3).</p> <p>GALLO, Fernanda (Org.) (2023) <i>Breve Dicionário das Literaturas Africanas</i>. Campinas: Editora Unicamp.</p> <p>LEITE, Ana Mafalda, Elena Brugioni, Jessica Falconi (eds.)(2021) "<i>Literatures and Cultures of the Indian Ocean</i>", <i>PORTUGUESE STUDIES</i>, 37(2).</p> <p>—— (2019) <i>Estudos sobre o Oceano Índico. Textos Teóricos</i>. Lisboa: Colibri.</p> <p>—— (2018) <i>Dossiê "Espaços transnacionais: narrativas do Oceano Índico"</i>, <i>Remate de Males</i>, 38(1).</p> <p>LEITE, Ana Mafalda, Edvaldo A. Bergamo, Elena Brugioni, Rogério Canedo (Orgs.) (2022) <i>O Romance Africano. Tensões, conexões, tradições</i>. Goiania: CEGRAF UFG.</p> <p>SAID, Edward W. (2011) <i>Cultura e Imperialismo</i>. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras.</p> <p>WILLIAMS, Raymond (2014) <i>Palavras-Chaves</i>. São Paulo: Editorial Boitempo, 2014.</p> <p>MOORTHY, Shanti, Ashraf Jamal (eds.) (2010). <i>Indian Ocean studies: cultural, social, and political perspectives</i>. New York: Routledge.</p> <p>PEARSON, Michael N. (2011) "<i>History of the Indian Ocean: a Review Essay</i>", <i>WASAFIRI</i>, 26 (2), pp. 78-99.</p>

Disciplina: Universidade H
INVESTIGAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS I,II,III
Ementa
Introduzir o/a estudante às práticas de pesquisa em Literaturas Africanas e Teoria Pós-colonial.
Conteúdo programático
A partir de uma análise das questões que pautam a crítica às Literaturas Africanas e a Teoria Pós-colonial, o curso visa abordar as epistemologias e os paradigmas críticos necessários para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa sobre autores, tópicos e problematizações teóricas que se inscrevem nestas áreas. Dar-se-á particular enfoque à intersecção entre teoria pós-colonial e crítica às literaturas africanas privilegiando itinerários a abordagens de pendor comparativo e transdisciplinar.
Bibliografia
<p>AHMAD, Aijaz (1995) "The Politics of Literary Postcoloniality". <i>Race & Class</i>, 36.3, pp.1-20.</p> <p>ALBERTAZZI, Silvia, Roberto Vecchi & Barnaba Maj (2004) <i>Abbecedario Postcoloniale I-II. Ventivoci per un lessico della postcolonialità</i>. Macerata: Quodlibet.</p> <p>ASHCROFT, Bill, Gareth Griffiths & Helen Tiffin (1995) <i>The Postcolonial Studies Reader</i>. London and New York: Routledge.</p> <p>BHABHA, Homi K. (1994) <i>The Location of Culture</i>. London: Routledge.</p> <p>BRUGIONI, Elena, Joana Passos, Andreia Sarabando & Marie-Manuelle Silva (orgs.) (2012) <i>Itinerâncias. Percursos e Representações da Pós-colonialidade</i>. Vila Nova de Famalicão: Húmus Edições-CEHUM.</p> <p>BRUGIONI, Elena, Joana Passos, Andreia Sarabando & Marie-Manuelle Silva (orgs.) (2010) <i>Contemporary Africa Áfricas Contemporâneas</i>. Vila Nova de Famalicão: Húmus Edições-CEHUM.</p> <p>CHAVES, Rita & Tânia Macedo (2006) <i>Marcas da diferença. As literaturas africanas de língua portuguesa</i>. São Paulo: Alameda.</p> <p>GARCIA, Mar, Felicity Hand & Nazir Ahmed Can (orgs.) (2010) <i>INDICITIES/INDICES/INDÍCIOS. Hybridations problématiques dans les littératures de l'Océan Indien</i>. Ile-sur-Têt: Édition K'A.</p> <p>GUHA, Ranajit & Gayatri C. Spivak (1988) <i>Selected Subaltern Studies</i>. New York and London: Oxford University Press.</p> <p>HALL, Stuart (1990) "Cultural Identity and Diaspora" in Ruthford, J. (1990) <i>Identity, Community Culture, Difference</i>. London: Lawrence and Wishart, pp. 222-223.</p> <p>HUGGAN, Graham (2001) <i>The Postcolonial Exotic. Marketing the Margins</i>. London and New York: Routledge.</p> <p>IRELE, Abiola F. (ed.) (2009) <i>The Cambridge Companion to the African Novel</i>. Cambridge: Cambridge University Press.</p> <p>IRELE, Abiola F. & Simon Gikandi (eds.) (2009) <i>The Cambridge History of African and Caribbean Literature</i>. Cambridge: Cambridge University Press.</p> <p>LAZARUS, Neil (2004) (ed.) <i>The Cambridge Companion to Postcolonial Literary Studies</i>. Cambridge: Cambridge University Press.</p> <p>LEITE, Ana Mafalda (2003) <i>Literaturas Africanas e Formulações Pós-coloniais</i>. Lisboa: Edições Colibri, 2003.</p> <p>LEITE, Ana Mafalda, Hilary Owen, Rita Chaves & Livia Apa (Orgs.) (2013) <i>Nação e Narrativa Pós-Colonial I – Angola e Moçambique: Ensaios</i>. Lisboa: Colibri.</p> <p>MATA, Inocência (2013) <i>A Literatura Africana e a crítica pós-colonial – reconversões</i>. Manaus: UEA Edições.</p> <p>MBEMBE, Achille (2014) <i>Crítica da Razão Negra</i>. Lisboa: Antígona.</p> <p>MBEMBE, Achille (2001) <i>On the Postcolony</i>. Berkeley: University of California Press.</p> <p>MEDEIROS, Paulo D. (ed.) (2007) <i>Postcolonial theory and diasporic literatures</i>. Utrecht: Portuguese Studies Series.</p> <p>PADILHA, Laura C. & Margarida Calafate Ribeiro (orgs.) (2008) <i>Lendo Angola</i>. Porto:</p>

Afrontamento.

RIBEIRO, Margarida Calafate & Maria Paula Meneses (orgs.) (2008) *Moçambique das palavras escritas*. Porto: Afrontamento.

SAID, Edward W. (2004) *Humanism and Democratic Criticism*. New York: Columbia University Press.

SAID, Edward W. (1993) *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books.

SANCHES, Manuela Ribeiro (org.) (2011) *Malhas que os Impérios Tecem. Textos Anticoloniais, Contextos Pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70.

SANCHES, Manuela Ribeiro (org.) (2005) *Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte e História na Pós-colonialidade*. Lisboa: Cotovia.

SPIVAK, Gayatri C. (1999) *A Critique of the Postcolonial Reason: Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Disciplina: Universidade H
TÓPICOS EM PESQUISA I: TEORIA LITERÁRIA I
Ementa
<p>Introdução ao campo da crítica às Literaturas Africanas, com particular ênfase no romance africano contemporâneo.</p> <p>O curso visa abordar teorizações, conceitos e problematizações que marcam o campo da crítica às Literaturas Africanas e suas possíveis intersecções com a teoria pós-colonial</p>
Conteúdo programático
<p>Análise de teorizações, conceitos e problematizações que marcam o campo da crítica às Literaturas Africanas contemporâneas com ênfase nas abordagens de pendor comparativo e transdisciplinar que se situam no âmbito da teoria pós-colonial. Serão analisados textos críticos a partir das obras de: Edward W. Said, Valentin Y. Mudimbe, Homi K. Bhabha, Stuart Hall, Achille Mbembe, Dipesh Chakrabarty, Souleymane Bachir Diagne, Franco Moretti, Warwick Research Collective WREC.</p>
Bibliografia
<p>BHABHA, Homi K. "A Questão Outra. Estereótipo, Discriminação e o Discurso do colonialismo" in Manuela Ribeiro Sanches (org.) (2005) <i>Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade</i>. Lisboa: Cotovia, pp. 143-166. [1994]</p> <p>CHAKRABARTY, Dipesh, "História de Minorias. Passados Subalternos" in Manuela Ribeiro Sanches (org.) (2005) <i>Deslocalizar a Europa. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade</i>. Lisboa: Cotovia, pp. 209-230. [2000]</p> <p>DIAGNE, Souleymane Bachir (2011) <i>African Art as Philosophy. Senhor, Bergson and the Idea of Negritude</i>. Trad. Chike Jeffers. Calcutta: Seagull Books.</p> <p>HALL, Stuart (2016) <i>Cultura e Representação</i>. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Apicuri-PUC-Rio [2013]</p> <p>HUGGAN, Graham (2001) <i>The Postcolonial Exotic. Marketing the margins</i>. London & New York: Routledge.</p> <p>LEITE, Ana Mafalda (2003) <i>Literaturas Africanas e Formulações Pós-coloniais</i>. Lisboa: Colibri.</p> <p>MBEMBE, Achille (2001) "As formas Africanas de Auto-Inscrição", <i>Estudos Afro-Asiáticos</i>, 23 (1), 2001, pp. 171-209 [2001]</p> <p>MBEMBE, Achille (2003) "Necropolitics", <i>Public Culture</i> 15(1), 2003, pp.11-40.</p> <p>MEDEIROS, Paulo de. (2019) "11 1/2 teses sobre o conceito de literatura-mundial. In <i>Via Atlântica</i>, São Paulo, n. 35, pp. 307-331, JUL/2019</p> <p>MORETTI, Franco. (2013) <i>Distant Reading</i>. London: Verso.</p> <p>MORETTI, Franco. (2005) <i>Graphs, Maps, Trees. Abstract Models for a Literary History</i>. New York e London: Verso.</p> <p>MUDIMBE, Valentin Y. (1988) <i>The Invention of Africa. Gnosis, Philosophy, and the Order of Knowledge</i>. Bloomington: Indiana University Press.</p>

SAID, Edward W. (2011) *Cultura e Imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras. [1993]

SAID, Edward W. (2007) *Humanismo e Crítica Democrática*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras [2004].

ZABUS, Chantal (2009) *The African Palimpsest. Indigenization of Language in West African Europhone Novel*. Amsterdam & New York: Rodopi.

WREC (2015) *Combined and Uneven Development. Towards a New Theory of World-Literature* (Warwick Research Collective) Liverpool: Liverpool University Press. Tradução: Coletivo de Pesquisa de Warwick (2020) *Desenvolvimento Combinado e Desigual*. Tradução: Gabriela Beduschi Zanfelice. Campinas: Editora Unicamp.

Disciplina: Universidade H
TÓPICOS ESPECIAIS EM PROSA DE FICÇÃO II
Ementa
<p>Introdução às Literaturas Africanas Comparadas: o romance (histórico) pós-colonial. O curso visa introduzir autores e obras das diversas Literaturas Africanas desde o período imediatamente antecedente às independências até a contemporaneidade com particular enfoque no gênero do romance histórico.</p>
Conteúdo programático
<p>Analisando um corpus selecionado, com ênfase no gênero do romance histórico produzido em diferentes línguas e por autores de diversos contextos, o curso pretende articular a análise textual com uma reflexão de cariz teórico, abordando as estéticas e as problematizações críticas que marcam as Literaturas Africanas através de percursos comparativos estruturados em torno dos seguintes tópicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> – A ideia de África: descolonizar o imaginário: Binyavanga Wainaina, Chimamanda Ngozi Adichie, A.A. Waberi, No Violet Bulawayo. – A questão linguística na África pós-colonial: escritas, exceções, traduções: Chinua Achebe, Ngugiwa Thiong'o, Luandino Vieira, Manifesto para uma literatura-mundo em francês. – Utopia(s), Distopia(s), Poder e Resistência(s): Pepetela, Ahmadou Kourouma, Abdulai Sila. – Violência, Escrita e Memória: John M. Coetzee, Chimamanda Ngozi Adichie, João Paulo Borges Coelho.
Bibliografia
<p>Achebe, Chinua (2009) <i>O mundo se despedaça</i>. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras [1958]</p> <p>Adichie, Chimamanda Ngozi (2008) <i>Meio sol amarelo</i>. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras [2006]</p> <p>Borges Coelho, João Paulo (2013) <i>Rainhas da Noite</i>. Lisboa: Caminho.</p> <p>Brugioni, Elena et al. (orgs.) <i>MANIFESTO "Para uma 'literatura-mundo' em francês"</i>. Trad. Marie-Manuelle Silva (2012) <i>Itinerâncias. Percursos e Representações da Pós-colonialidade</i> Journeys. Postcolonial Trajectories and Representations. Braga: Húmus Edições-CEHUM, pp. 243- 250.</p> <p>Bulawayo, No Violet (2014) <i>Precisamos de novos nomes</i>. Trad. Adriana Lisboa. São Paulo: Editora Globo [2013]</p> <p>Coetzee, J.M. (1995) <i>A idade do Ferro</i>. Trad. Ana Luisa Faria. Lisboa: Dom Quixote [1990]</p> <p>Kourouma, Ahmadou (2003) <i>Alá e as crianças soldados</i>. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade [2000]</p> <p>Pepetela (1992) <i>A Geração da Utopia</i>. Lisboa: Dom Quixote [1992]</p> <p>Sila, Abdulai (2011) <i>As Orações de Mansata</i>. Coimbra: Cena Lusófona [2007]</p> <p>Thiong'o, Ngugiwa (2015) <i>Um Grão de Trigo</i>. Trad. Roberto Grey. Rio de Janeiro: Objetiva [1967]</p> <p>Vieira, Luandino (2004) <i>Luuanda</i>. Lisboa: Caminho [1964]</p> <p>Waberi, A. A. (2007) <i>Maya, a filha branca do sonho africano</i>. Trad. Maria Joao Gaspar de Castro. Lisboa: Europress [2006]</p>

Wainaina, Binyavanga (2014) “*Como escrever acerca de África*”, GRANTA Portugal– África, 4 (2014). Lisboa: Tinta da China, pp. 341-348. [2005]

Disciplina: Universidade I
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E O CÂNONE OCIDENTAL
Ementa
<p>Estudo teórico-crítico das relações culturais, estéticas e políticas entre a produção literária nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e os parâmetros definidores do cânone ocidental. Discussão de obras representativas das especificidades das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (LALP). Problemática das noções de universalidade e africanidade. Proposição de aplicações pedagógicas das LALP tendo em vista a implementação da Lei 10639/03.</p>
Conteúdo programático
<ol style="list-style-type: none"> 1. Onde Fica A África? Relações Culturais Afro-Brasileiras, Lei 10639 e Renovação Epistemológica 2. Colonialismo, Colonialidade e Descolonização: referenciais 3. Anti-Racismo, Africanidade, Afrodiáspora e Interculturalidade: conceitos, problemas e estéticas 4. Expressões e Problemáticas Identitárias nas LALP: racialização, assimilacionismo, autonomia, diferença 5. Introdução ao Trabalho Estético-Pedagógico-Comparativista com as LALP
Bibliografia
<p>FANON, Frantz. O Brilho do Metal. In: <i>Tricontinental</i>. Dossiê 26, 02/03/2020. Disponível em: <https://www.thetricontinental.org>.</p> <p>FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: <i>Por uma revolução africana</i>. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.</p> <p>FANON, Frantz. Da Violência. In: <i>Os condenados da Terra</i>. 2.a reimpressão atualizada. Tradução de Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2013. (leitura complementar)</p> <p>MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto (org.). Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EdUFF, 2004. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB, Rio de Janeiro, 05/11/03.</p> <p>RUI, Manuel. Eu e o outro — o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. Comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra. São Paulo, 23/05/1985.</p> <p>LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. In: <i>África: Revista do Centro de Estudos Africanos</i>. n.18-19. São Paulo: USP, 1995/1996.</p> <p>CUNHA, Henrique. Ntu. In: <i>Revista Espaço Acadêmico</i>. n.108, maio 2010. (leitura complementar)</p> <p>MOUTINHO, Mário. As bases da ideologia colonial / A justificação da colonização pela negação do indígena / Imagem do indígena. In: <i>O indígena no pensamento colonial português (1895-1961)</i>. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.</p> <p>MATA, Inocência. A literatura, universo da reinvenção da diferença. In: <i>A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões</i>. Luanda: Editorial Nzila, 2007.</p> <p>CANDAUI, Vera Maria Ferrão, OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In: <i>Educação em Revista</i>. v.26. n.1. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, abr.2010.</p>

CASTIANO, José. Sabedoria tradicional e educação actual. In: HOUNTONDJI, Paulin (org.). *O antigo e o moderno. A produção do saber na África contemporânea*. Tradução de M. Ferreira, G. Sousa, P. Patacho e A. Medeiros. Mangualde (Portugal): Edições Pedagogo, 2012.

MIRANDA, Claudia, SOUZA, Rogério. Continuísmos e rupturas na seleção de saberes escolares de História (s):entre um Brasil Colonial e um Brasil Decolonial. In: MIRANDA, Claudia, LINS, Mônica, COSTA, Ricardo (orgs.). *Relações étnico-raciais na escola: desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação. Diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Vozes, 2012.

Bibliografia Literária

RUI, Manuel. Mulato de sangue azul. In: *Regresso adiado*. Contos. Lisboa: Cotovia, 2000.

PEPETELA. Estranhos pássaros de asas abertas. In: ALMEIDA, Domingas de (org.). *Como se viver fosse assim. Antologia do conto angolano*. Luanda: UEA, 2009.

HONWANA, Luis Bernardo. As mãos dos pretos. In: CHAVES, Rita (org.). *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009. Coleção Para Gostar de Ler, n.44.

COUTO, Mia. O novo padre. In: *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SAÛTE, Nelson. A mulher dos antepassados. In: *Rio dos bons sinais*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. Coleção Ponta de Lança. (*)

FERNANDES, Andrea. O hóspede. In: PALLAS EDITORA. *Contos do mar sem fim: antologia afro-brasileira* (org.). Rio de Janeiro: Pallas; Guiné-Bissau: Ku Si Mon; Angola: Chá de Caxinde, 2010.

VIEIRA, Luandino. Zito Makoa, da 4ª classe. In: CHAVES, Rita (org.), 2009. (*)

CHIZIANE, Paulina. Maundlane – o criador. In: *As andorinhas*. Belo Horizonte: Vanguarda, 2013.

XITU, Uanhenga. “Mestre” Tamoda. In: *“Mestre” Tamoda e Kahitu: contos*. São Paulo: Ática, 1984.

MELO, João. Natasha. In: *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEMEDO, Odete Costa. A lebre, o lobo, o menino e o homem do pote. In: CHAVES, Rita (org.). *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009. Coleção Para Gostar de Ler, n.44.

Filmografia

ALMA NO OLHO. Direção: Zózimo Bulbul. Brasil, 1973. (11 min.), PB. Disponível em: <<https://youtu.be/m3LcVNbFLW4>>.

GUERRAS DO BRASIL.DOC (episódios 1-As Guerras de Conquista; 2-As Guerras de Palmares). Direção e Roteiro: Luiz Bolognesi. Produção: Buriti Filmes; EVC/TV Brasil. Brasil. Canal Curta / Netflix, 2019. (5 episódios de ~25min/125 min.), color. Disponíveis em: <<https://youtu.be/VeMISgnVDZ4>>; <<https://youtu.be/ABO5XI4GZhM>>.

A RESPEITO DA VIOLÊNCIA. NOVE CENAS DE AUTO-DEFESA ANTI-IMPERIALISTA. Direção: Goran Olsson. Produção: Final Cut for Real, Helsinki-Filmi, Louverture Films, Story AB. Texto: Frantz Fanon (Os condenados da Terra). Narração: Lauryn Hill. Suécia, Dinamarca, Finlândia, EUA. Films Boutique, 2014. (90 min.), color & PB. Disponível em: <<https://youtu.be/3R49Dx8H9bo>>.

O TIGRE E A GAZELA. Direção: Aloysio Raulino. Brasil, 1977. (14:48 min.), P&B. Disponível em: <<https://youtu.be/fLDKX2t-c9Y>>

ÔRÍ. Direção: Raquel Gerber. Roteiro: Maria Beatriz Nascimento. Fotografia: Hermann Penna, Jorge Bodanzky, Pedro Farkas. Produção: Ignacio Gerber. Brasil. FCB - Fundação do Cinema Brasileiro, 1989. (91 min.), color.

Bibliografia Complementar

ALENCASTRO, Luís Felipe de. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMÂNCIO, Íris. Performances da oralidade na escrita xitu do “Mestre” Uanhenga. In: *Revista Scripta*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2002.

ANTONACCI, Maria Antonieta. Entre saberes locais e projetos globais. In: FONSECA, Maria Nazareth, CURY, Maria Zilda (org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.

AUGEL, Moema. *O desafio do escombro. Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

- BITTENCOURT, Marcelo. A resposta dos “crioulos luandenses” ao intensificar do processo colonial em finais do séc. XIX. In: *A África e a instalação do sistema colonial (c. 1885 – c. 1930). Actas da III Reunião Internacional de História da África* (1999). Lisboa: IICT; Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 2000.
- BRANDÃO, Ana Paula (coord.). *Saberes e fazeres, v.1: modos de ver*. Projeto A Cor da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC; SEF, 1997.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: MEC; SEPPPIR, 2004.
- CABAÇO, José Luís. Assimilar para não mudar. In: *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: UNESP, 2009.
- CANDAU, Vera. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: *Revista Brasileira de Educação*. v.13. n.37. Rio de Janeiro: ANPEd, jan./abr. 2008.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. As relações étnicas em Angola: as minorias branca e mestiça (1961-1992). In: *Anais do VI Congresso da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos do Brasil (ALADAAB)*. Brasília: 1998.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Noémia de Sousa. 1.ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- CHAVES, Rita, MACÊDO, Tania (orgs.). *Marcas da diferença*. São Paulo: Alameda, 2006.
- CHAVES, Rita, MACÊDO, Tania, VECCHIA, Rejane (org.). *A kinda e a misanga; encontros literários com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nzila, 2007.
- DUARTE, João Ferreira. Cãnone. In: *E-dicionário de termos literários de Carlos Ceia*. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=525&Itemid=2>.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. Aspectos da questão racial. In: *O negro no mundo dos brancos*. 2.ed. revista. São Paulo: Global, 2007.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outrostrânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: um breve discussão. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte; Brasília: UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HAMILTON, Russel G. Introdução. In: SALGADO, Maria Teresa e SEPÚLVEDA, Maria do Carmo. *África e Brasil: letras em laços*. v.1. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006. (*)
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. (*)
- JOBIM, José Luis (org). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- KANDJIMBO, Luís. *Ideogramas de Nganji. Exercícios angolanos de ler e parafrasear*. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2003.
- LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira*. 2.ed. Salvador: EdUFBA, 2000.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidade & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. (*)
- MACHADO, Emilia, ROCHA, Mariucha, PARREIRAS, Ninfa, SALEK, Vânia. *Da África e sobre a África: textos de lá e de cá*. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- MATTELART, Armand. A domesticação do diferente / A “revelação” da troca desigual. In:

Diversidade cultural e

mundialização. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2005. (*)

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. Tradução de Patrícia Farias. In: *Estudos Afro-Asiáticos*. a.23, n.1. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos; Universidade Cândido Mendes, 2001. p.171-209.

MUDIMBE, Vladimir. *A invenção da África*. Gnose, filosofia e ordem do conhecimento. Tradução de Ana Medeiros.

Mangualde (Portugal); Luanda (Angola): Edições Pedagogo; Edições Mulemba / Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre a identidade e a diversidade negra no Brasil. In: RAMOS, Marise Nogueira, ADÃO, Jorge Manoel, BARROS, Graciete Maria Nascimento. *Diversidade na educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Educação e diversidade cultural. In: *Cadernos Penesb: discussões sobre o negro na contemporaneidade e suas demandas*. n.10. Rio de Janeiro; Niterói: EdUFF, 2008/2010.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. In: *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p. 62-73.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (*)

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANSONE, Livio, FURTADO, Cláudio Alves (orgs.). *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2014.

SANTOS, J. H., RISO, Ricardo (orgs.). *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013.

SAID, Edward. *Humanismo e crítica democrática*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SECCO, Carmem Tindó, SALGADO, Maria Teresa, JORGE, Sílvio Renato (orgs.). *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro; Angola: Editora UFRJ; UEA, 2010.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. (*)

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação. Diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Vozes, 2012.

TEIXEIRA, Anísio. Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v.37, n.86. Rio de Janeiro: INEP, abr./jun. 1962. p.59-79.

VV. AA. *Educar em Revista*. Dossiê relações étnico-raciais e práticas pedagógicas. v.47. n.1. Curitiba: UFPR, 2013.

VV. AA. *Revista Tempo Brasileiro*. As aporias do cânone. n.129. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, abril-junho 1997.

Disciplina: Universidade I
NARRATIVAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
Ementa
Estudo de textos narrativos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, com destaque para contos e romances de Angola e Moçambique.
Conteúdo programático
<ol style="list-style-type: none"> 1. Memória da Escravidão Racial: problemas de representação e contemporaneidade. 2. Literatura Angolana: oralidade e história heterológica. 3. Visão geral sobre a obra de Pepetela. 4. Relações Angola-Brasil. 5. Leituras de A gloriosa família: objetificação racial, interseccionalidade e violência. 6. Representações Cinematográficas da Escravidão e Emancipação: modelos e transformações
Bibliografia
<p>SODRÉ, Muniz. <i>Uma lógica perversa de lugar</i>. In: Revista Eco-Pós. v.21, n.3. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.</p> <p>ALENCASTRO, Luís Felipe de. <i>Ventos Negreiros</i> (p.57-63); Experimentos Sul-Atlânticos (89-96); O Desenraizamento do Cativo na África e na América (144-148); A Reprodução Social dos Escravos(148-154); A Guerra Pelos Africanos (209-210); Nassau: "Príncipe Humanista" e Negreiro (210-215);Angola Brasília (247-251); A Invenção do Mulato (345-355) In: O trato dos viventes. Formação do Brasilno Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.</p> <p>MATA, Inocência. <i>Pepetela e a sedução da história</i>. In: Laços de memória & outros ensaios sobreliteratura angolana. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006.</p> <p>HALL, Stuart. <i>Cultura e representação</i>. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio; Apicuri, 2016.</p> <p>KILOMBA, Grada. <i>Introdução / A máscara / Quem pode falar? / Racismo genderizado / Políticassexuais</i>. In: Memórias da plantação.Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. RJ:Cobogó, 2019.</p> <p>OLIVEIRA FILHO, Jesiel Ferreira de. <i>O sexo da "raça": identidade, escravidão e patriarcalismo em A gloriosa família, de Pepetela</i>. In: Ipotesi. v. 14, n. 2. Juiz de Fora: UFJF, jul./dez. 2010. p. 143 - 157.</p> <p>MARCEL, Martin. <i>A linguagem cinematográfica</i>. Tradução de Lauro António, Maria Eduarda Colares.Lisboa: Dinalivro, 2005.</p> <p>BIBLIOGRAFIA LITERÁRIA</p> <p>PEPETELA. <i>A gloriosa família. O tempo dos flamengos</i>. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.</p> <p>FILMOGRAFIA</p> <p>QUANTO VALE OU É POR QUILO?. Direção: Sérgio Bianchi. Produção: Agravo Produções Cinematográficas. Brasil, 2005. (110 min.). Disponível em: <https://youtu.be/ACfdCYbyfI0>.</p> <p>XICA DA SILVA. Direção: Cacá Diegues. Produção: Embrafilme; Terra Filmes. Brasil, 1977. (107 min.).Disponível em: <https://youtu.be/pXPRllrQWc0>.</p> <p>CHICO REI. Direção: Walter Lima Jr. Produção: Art-4; POProduções. Brasil, 1985. (115 min.).</p> <p>ABOLIÇÃO. Direção: Zózimo Bubul. Produção: ArtMattan Productions. Brasil, 1988. (150 min.). P&B.</p> <p>A ÚLTIMA ABOLIÇÃO. Direção e Roteiro: Alice Gomes. Produção: Gávea Filmes, Esmeralda Produções eBuda Filmes. Brasil, 2018. (85 min.).</p> <p>12 ANOS DE ESCRAVIDÃO. Direção: Steve McQueen. Produção: RegencyEnterprises; River RoadEntertainment; Plan B Entertainment. EUA; Reino Unido, 2013. (134 min.).</p> <p>HARRIET. Direção: KasiLemmons. Produção: Martin Chase Productions; New Balloon. EUA, 2019. (125min.).</p>

DJANGO LIVRE. Direção: Quentin Tarantino. Produção: The Weinstein Company; Columbia Pictures. EUA, 2012. (165 min.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, Mário Pinto de. *Origens do nacionalismo africano. Continuidade e ruptura nos movimentos unitários emergentes da luta contra a dominação colonial portuguesa: 1911-1961*. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. Trad. Aurora FornoniBernadini et al. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1993.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira; Patrícia Farias (Prefácio à edição brasileira). 1.ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça*. Tradução de Célia Maria Marinho de Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Luanda: Editorial Nzila, 2007.

MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Portugal: Mayamba Editora, 2010.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Antígona: Portugal, 2014.

MEILLASSOUX, Claude. *Antropologia da escravidão. O ventre de ferro e dinheiro*. Tradução de Lucy Magalhães. Revisão técnica de Luiz Felipe de Alencastro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MOUTINHO, Mário. *O indígena no pensamento colonial português (1895-1961)*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. In: BRANDÃO, André Augusto (org.). Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EdUFF, 2004. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB, Rio de Janeiro, 05/11/03.

OLIVEIRA FILHO, Jesiel Ferreira de. *Leituras pós-coloniais de comemorações lusófonas*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Instituto de Letras, 2002. (dissertação de mestrado).

RUI, Manuel. *Eu e o outro — o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto*. Comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra. São Paulo, 23/05/1985.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. Tradução: Marcos Soares. São Paulo: CosacNaify, 2006.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação. Diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Vozes, 2012.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. 5 ed. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2008:1994.

Disciplina: Universidade I
CRÍTICA LITERÁRIA E CULTURA AFRICANA E AFRICANISTA
Ementa
Estudo da produção teórico-crítica africana e/ou africanista contemporânea.
Conteúdo programático
<ol style="list-style-type: none"> 1. Matrizes africanas: tradição, oralidade e valores culturais. 2. Tradição africana e Colonialismo: interrupção, resgate, ressignificação. 3. Cosmovisões africanas: reconstruções artísticas e comunitárias. 4. Religiosidade, conhecimento mágico/esotérico e valores éticos de matriz africana. 5. Diásporas africanas: descolonização, imigração, reinvenção
Bibliografia
<p>Bibliografia Básica</p> <p>HAMPATÉ BÂ, Amadou. <i>A tradição viva</i>. In: KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.</p> <p>LEITE, Fábio. <i>Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas</i>. In: África: Revista do Centro de Estudos Africanos. n.18-19. São Paulo: USP, 1995/1996.</p> <p>CUNHA, Henrique. <i>Ntu</i>. In: Revista Espaço Acadêmico. n.108, maio 2010.</p> <p>MALOMALO, Bas'illele. <i>Macumba, macumbização e desmacumbização</i>. In: SILVEIRA, Ronie Alexandro Teles da, LOPES, Marcos Carvalho (Orgs.). <i>A religiosidade brasileira e a filosofia</i>. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.</p> <p>TRINDADE, Azoilda Loretto. <i>Africanidades brasileiras e educação: Salto para o Futuro</i>. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013</p> <p>Obras literárias</p> <p>COUTO, Mia. <i>Lenda de Namarói</i>. In: Estórias abensonhadas. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.</p> <p>CHIZIANE, Paulina. <i>Maundlane – o criador</i>. In: As andorinhas. Belo Horizonte: Vanguarda, 2013.</p> <p>ARRIMAR, Jorge. <i>Malfadada e os kimbadeiros</i>. In: PALLAS EDITORA. Contos do mar sem fim: antologia afrobrasileira (org.). Rio de Janeiro: Pallas; Guiné-Bissau: Ku Si Mon; Angola: Chá de Caxinde, 2010.</p> <p>SCEGO, Igiaba. <i>Minha casa é onde estou</i>. Tradução de Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.</p> <p>Filmografia</p> <p>KADJIKÉ. Direção: Sana Na N'Hada. Produção: LX Filmes. Guiné-Bissau; Portugal, 2013. (115 min.), color.</p> <p>PANTERA NEGRA (BLACK PANTHER). Direção: Ryan Coogler. Produção: Marvel Studios, Walt Disney Pictures. EUA, 2018. (134 min.), color.</p> <p>KIRIKU E A FEITICEIRA (KIRIKOU ET LA SORCIÈRE). Direção: Michel Ocelot e Raymond Bulet. Produção: Les Armateurs. França, Bélgica, Luxemburgo. 1998. (71 min.), color.</p> <p>Bibliografia Complementar</p> <p>ALENCASTRO, Luís Felipe de. <i>O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul</i>. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.</p> <p>AUGEL, Moema. <i>O desafio do escombro. Nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau</i>. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.</p> <p>ASANTE, Molefi Kete, MAZAMA, Ama. (editors). <i>Encyclopedia of african religion</i>. California: Sage Publications, 2009.</p> <p>BIKO, Steve. <i>Escrevo o que eu quero</i>. Tradução do Grupo Solidário São Domingos. São Paulo: Ática, 1990.</p> <p>BRANDÃO, Ana Paula (coord.). <i>Saberes e fazeres</i>, v.1: modos de ver. Projeto A Cor da</p>

- Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: MEC; SEPPIR, 2004.
- CANDAU, Vera. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. In: Revista Brasileira de Educação. v.13. n.37. Rio de Janeiro: ANPEd, jan./abr. 2008.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Noémia de Sousa. 1.ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.
- CHAVES, Rita, MACÊDO, Tania (orgs.). *Marcas da diferença*. São Paulo: Alameda, 2006.
- CHAVES, Rita, MACÊDO, Tania, VECCHIA, Rejane (org.). *A kinda e a misanga; encontros literários com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nzila, 2007.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth, CURY, Maria Zilda (org.). *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.
- FRANÇA, Andréa, LOPES, Denilson. (org.). *Cinema, globalização e interculturalidade*. Chapecó, SC: Argos, 2010.
- GILROY, Paul. *Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça*. Tradução de Célia Maria Marinho de Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte; Brasília: UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOUNTONDJI, Paulin (org.). *O antigo e o moderno. A produção do saber na África contemporânea*. Tradução de M. Ferreira, G. Sousa, P. Patacho e A. Medeiros. Mangualde (Portugal): Edições Pedagogo, 2012.
- KANDJIMBO, Luís. *Ideogramas de Nganji. Exercícios angolanos de ler e parafrasear*. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2003.
- LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Edições Colibri, 2003.
- LEITE, Fábio Rubens da Rocha. *Questão ancestral: África negra*. São Paulo: Palas Athena; Casa das Áfricas, 2008.
- LEITE, Fábio. *A questão da palavra em sociedades negro-africanas*. In: Thot África. São Paulo: Palas Athena, s/d.
- LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- LUZ, Marco Aurélio. *Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira*. 2.ed. Salvador: EdUFBA, 2000.
- MATA, Inocência. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Luanda: Editorial Nzila, 2007.
- MATA, Inocência. *Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela*. Portugal: Mayamba Editora, 2010.
- MIRANDA, Claudia, LINS, Mônica, COSTA, Ricardo (orgs.). *Relações étnicorraciais na escola: desafios teóricos e práticas pedagógicas após a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.
- MUDIMBE, Vladimir. *A invenção da África. Gnose, filosofia e ordem do conhecimento*. Tradução de Ana Medeiros. Mangualde (Portugal); Luanda (Angola): Edições Pedagogo; Edições Mulemba / Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2013.
- MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. In: BRANDÃO, André Augusto (org.). Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EdUFF, 2004. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação –PENESB, Rio de Janeiro, 05/11/03.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. *Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaio sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002.
- SALGADO, Maria Teresa e SEPÚLVEDA, Maria do Carmo. *África e Brasil: letras em laços*.

- v.1. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2006.
- SANTOS, Boaventura, MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, J. H., RISO, Ricardo (orgs.). *Afro-rizomas na diáspora negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013.
- SECCO, Carmem Tindó, SALGADO, Maria Teresa, JORGE, Sílvio Renato (orgs.). *África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro; Angola: Editora UFRJ; UEA, 2010.
- SHOHAT, Ella, STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica. Multiculturalismo e representação*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- SODRÉ, Muniz. *Diferença e arkhé / Cultura negra*. In: A verdade seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação. Diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- TEIXEIRA, Anísio. *Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras*. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. v.37, n.86. Rio de Janeiro: INEP, abr./jun. 1962. p.59-79.
- VV. AA. *Educar em Revista. Dossiê relações étnico-raciais e práticas pedagógicas*. v.47. n.1. Curitiba: UFPR, 2013

Disciplina: Universidade I
POESIA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA
Ementa
Estudo crítico de obra(s), autor(es) ou períodos poéticos de quaisquer das literaturas nacionais africanas de língua portuguesa.
Conteúdo programático
1. Negritude: racismo, des-assimilação, literatura, afro-modernidade. 2. Pan-Africanismo: unidade, tradição, descolonização. 3. Autorias e obras poéticas de Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe: linguagens e perspectivas. 4. Refundações da Negritude: Frantz Fanon, Beatriz Nascimento e Édouard Glissant.
Bibliografia
BIBLIOGRAFIA TEÓRICO-CRÍTICA MUNANGA, Kabengele. <i>Negritude: usos e sentidos</i> . Belo Horizonte: Autêntica, 2009. BARBOSA, Muryatan. <i>Pan-africanismo: unidade e diversidade de um ideal na Présence Africaine</i> (1956-63). In: CADERNO DE RESUMOS DO XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA Lugares dos Historiadores: <i>Velhos e Novos Desafios</i> . Florianópolis: ANPUH, 2015. LEITE, Fábio. <i>A questão da palavra em sociedades negro-africanas</i> . In: Thot África. São Paulo: Palas Athena, s/d. FANON, Frantz. <i>Introdução / À guisa de conclusão</i> . In: <i>Pele negra, máscaras brancas</i> . Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. ÔRÍ. Direção: Raquel GERBER. Roteiro: Maria Beatriz NASCIMENTO. Fotografia: Hermanno Penna, Jorge Bodanzky, Pedro Farkas. Produção: Ignacio Gerber. Brasil. FCB - Fundação do Cinema Brasileiro, 1989. (91 min.), color. RATTS, Alex. <i>Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento</i> . São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Nacional do Estado de São Paulo, 2006. GLISSANT, Édouard. <i>A barca aberta / Da informação do poema / O relativo e o caos / Os desvios determinantes</i> . In: <i>Poética da relação</i> . Tradução: Manuela Mendonça. Porto: Porto Editora, 2011. BIBLIOGRAFIA LITERÁRIA AGOSTINHO NETO, António. <i>Trilogia poética: sagrada esperança, renúncia impossível e amanhecer</i> . Angola: União dos Escritores Angolanos, 2009. ALEGRE, Caetano Costa. <i>Versos</i> . Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1916, 1994. CÉSAIRE, Aimé. <i>Diário de um retorno ao país natal</i> . Tradução, posfácio e notas de Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: EdUSP, 2012. (edição bilíngue). CRAVEIRINHA, José. <i>Karingana ua Karingana</i> . 1.ed. Maputo: Alcance Editores, 2008. CRAVEIRINHA, José. <i>Antologia poética</i> . Organização de Ana Mafalda Leite. Belo Horizonte: UFMG, 2010. HUGHES, Langston. <i>O negro fala sobre rios / Eu, também / Negro</i> . Disponível em < http://jornalcultura.sapo.pt/dialogo-intercultural/seis-poemas-de-langston-hughes >. LIMA, Conceição. <i>A dolorosa raiz do micondó</i> . São Paulo: Geração Editorial, 2012. LIMA, Conceição. <i>O país de Akendenguê</i> . São Tomé e Príncipe: Edição da Autora, 2012. NORONHA, Rui de. <i>Sonetos. Lourenço Marques (Maputo, Moçambique)</i> : Tipografia Minerva Central, s/d. SAÛTE, Nelson. <i>Nunca mais é sábado: antologia de poesia moçambicana</i> . Lisboa: Dom Quixote, 2004. SOUSA, Noémia de. <i>Sangue negro</i> . São Paulo: Ed. Kapulana, 2016. TENREIRO, Francisco José. <i>Obra poética</i> . Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1991.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: UNESP, 2009.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a Negritude*. Organização e Prefácio de Carlos Moore. Tradução de Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CHAMOISEAU, Patrick, BERNABÉ, Jean, CONFIANT, Raphaël. *Elogio da criouldade*. Tradução de Magdala França Vianna. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/chamoiseau/index.htm>>.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. 2v. Lisboa: Instituto da Cultura Portuguesa, 1977. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html>>.

FERREIRA, Manuel. *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989.

FERREIRA, Murilo da Costa. *De Coração em África: a negritude poética de Francisco José Tenreiro*. In: Revista Nau Literária. v.7. n.1. Porto Alegre: UFRGS, jan/jun 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice, GONÇALVES, Ana Beatriz, PESSANHA, Márcia Maria, CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. *Negritude, negrismo, literaturas de afrodescendentes*. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: UFJF; EdUFF, 2005.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

GILROY, Paul. *Atlântico negro. Modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira; Patrícia Farias (Prefácio à edição brasileira). 1.ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. (*)

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. (*)

HOUNTONDJI, Paulin (org.). *O antigo e o moderno. A produção do saber na África contemporânea*. Tradução de M. Ferreira, G. Sousa, P. Patacho e A. Medeiros. Mangualde (Portugal): Edições Pedagogo, 2012.

LARANJEIRA, Pires. *A negritude africana de língua portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1995.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto (org.). Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EdUFF, 2004. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB, Rio de Janeiro, 05/11/03.

MATA, Inocência (org.). *Francisco José Tenreiro: as múltiplas faces de um intelectual*. Lisboa: Colibri, 2010.

SENGHOR, Léopold Sédar. *De como os lamantins vão haurir na fonte*. In: Poemas. Tradução de Gastão Jacinto Gomes. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

SILVA, Manoel de Souza e. *Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique*. São Paulo; Goiânia: EDUSP; Editora da UFG, 1996.

Disciplina: Universidade J	
LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Ementa	
Surto e expansão das literaturas neo-africanas. Prosa e ficção angolana; estudo de autores. Prosa e poesia cabo-verdiana; estudo de autores. Prosa e poesia moçambicana; estudo de autores. A contribuição da literatura na formação da consciência nacional.	
Conteúdo programático	
<p>1.Panorama geral. Relações: Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.</p> <p>2.Surto e expansão das literaturas neo-africanas.</p> <p>A.Prosa e poesia angolana:1.confluência das culturas européia e afro-negra, e manifestações literárias correspondentes:Castro Soromenho e Geraldo Bessa Victor; 2.do "Vamos descobrir Angola" ao aprofundamento da consciência nacional:Agostinho Neto, Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Manuel dos Santos Lima , Costa Andrade , Arlindo Barbeitos.</p> <p>B.Prosa e poesia caboverdiana: 1.a busca estética das raízes caboverdianas: Manuel Lopes e Jorge Barbosa; 2.aredescoberta da identidade social e psicológica na literatura caboverdiana: Manuel Ferreira e Ovídio Martins; 3.reiteraões datemática social na década de 60: Luís Romano e Corsino Fortes; 4. a diáspora caboverdiana: Orlanda Amarilis.</p> <p>C.Prosa e poesia moçambicana: 1.estruturas sociais violentadas: Luís Bernardo Honwana; 2.da glorificação africana àuniversalização da poesia: José Craveirinha.</p> <p>D. Poesia da Guiné-Bissau: Amilcar Cabral e Vasco Cabral</p> <p>E. Poesia de São Tomé e Príncipe: Francisco José Tenreiro e Alda Espírito Santo</p> <p>1.A situação das literaturas neo-africanas pós-independência: Pepetela, Mia Couto,Germano de Almeida, Ondjaki,Abdulai Sila, Odete Semedo e Conceição Lima.</p>	
Bibliografia	
<p>Básica Essencial</p> <p>Manuel Ferreira. <i>Literatura africana de expressão portuguesa</i>. São Paulo: Atica, 1987.</p> <p>Russell G. Hamilton. <i>Literatura africana Literatura necessária II Moçambique, Cabo Verde, Giné-Bissau e São Tomé e Príncipe</i>. Luanda: Inald, 1984.</p> <p>Russell Hamilton. <i>Literatura africana Literatura necessária I Angola</i>. Luanda: Inald, 1981.</p> <p>Básica</p> <p>Abdulai Sila. <i>A última tragédia</i>. São Paulo: Pallas, ISBN 8534703981.</p> <p>Castro Soromenho. <i>Terra Morta</i>. Lisboa: Campo das Letras, 2001. ISBN 9726104246.</p> <p>Luandino Vieira. <i>Luuanda</i>. Lisboa: Editorial Caminho, 2004. ISBN 9722116517.</p> <p>Luís Bernardo Honwana. <i>Nós matamos o cão tinoso</i>. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2008. ISBN 9727952615.</p> <p>Manuel Ferreira. <i>Hora di Bai</i>. Lisboa: Europa-América, 1987. ISBN 9721011606.</p> <p>Ondjaki. <i>Os da minha rua</i>. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. ISBN 856016023x.</p> <p>Pepetela. <i>A geração da utopia</i>. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. ISBN 8520910661382.</p> <p>Complementar</p> <p>Ana Mafalda Leite. <i>Literaturas africanas e formulações pós-coloniais</i>. Lisboa: Colibri, 2003. ISBN 9727724027.</p>	

Carmem Lúcia Tindó Ribeiro Secco, Teresa Salgado e outros. *África e Brasil: Letras em Laços*. São Caetano do Sul: Yendis, 2010. ISBN 8577281469.

Conceição Lima. *A dolorosa raiz do Micondó*. São Paulo: Geração editorial, 2012. ISBN 8581300340.

Jane Tutikian. *Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006. ISBN 8524106999.

Laura Padilha. *Entre voz e letra*. São Paulo: Pallas, 2008. ISBN 8534704309.

Luandino Vieira. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa: Caminho, 2009. ISBN 9789722115605.

Pires Laranjeira. *De letra em riste (identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe*. Porto: Afrontamento, 1999. ISBN 9723602830.

Ungulani Ba Ka Khosa. *Ualalapi*. São Paulo: Nandaya, 2013. ISBN 8561191929.

ANEXO D:

Planos de curso da Licenciatura em Letras da Universidade Eduardo Mondlane

Universidade Eduardo Mondlane
LITERATURA MOÇAMBICANA I
Ementa
A disciplina tem em vista fornecer, aos estudantes do Curso de Literatura Moçambicana, subsídios acerca do percurso da Literatura Moçambicana escrita, desde o surgimento até ao limiar da independência nacional. Trata-se, portanto, de uma abordagem panorâmica do fenómeno literário moçambicano, centrada nas fases mais marcantes da sua história, consubstanciadas pelos respectivos autores e textos representativos.
Conteúdo programático
<p>Temas a abordar:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1.Contextualização e problematização 2.Génese da Literatura Moçambicana: as primeiras elites letradas 3.Literatura colonial: um contraponto da moçambicanidade literária 4.Afirmação Literatura Moçambicana 5. A revista “Caliban” e escrita universalista
Bibliografia
<p>ANDRADE, Mário Pinto. (1997). Origens do Nacionalismo africano. Lisboa, Publicações Dom Quixote.</p> <p>MATUSSE, Gilberto. (1993). A Construção da Imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani ba ka Khosa. Maputo, Livraria Universitária,. [Dissertação de mestrado].</p> <p>MENDONÇA, Fátima. (1988). Literatura Moçambicana: a história e as escritas. Maputo, Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane.</p> <p>NOA, Francisco. (2002). Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária. Lisboa, Editorial Caminho</p>

Universidade Eduardo Mondlane
LITERATURA MOÇAMBICANA II
Ementa
<p>Esta disciplina retoma as abordagens feitas no âmbito da Literatura Moçambicana I, numa perspectiva de análise e interpretação de obras mais marcantes da Literatura Moçambicana, desde os primórdios até ao momento actual. Visa, por isso, fazer um rastreio quer de obras de ficção quer de trabalhos de crítica literária, produzidos ao longo do tempo. Por ser uma disciplina de culminação do Curso, toma-se em consideração não só as matérias relativas à disciplina em si, mas também os conhecimentos adquiridos noutras disciplinas afins, com vista à preparação dos estudantes na elaboração do ensaio final.</p>
Conteúdo programático
<p>1.Os primórdios da Literatura Moçambicana: João Albasini e Rui de Noronha 2.Sistema literário moçambicano: afirmação e consagração: Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui Knopfli, João Dias, Luís Bernardo Honwana, Orlando Mendes 3.O projecto da Poesia engajada: Marcelino dos Santos, Sérgio Vieira, Armando Guebuza, mutimati Bernabé Joao, Rui Nogar 4.Escrita universalista (A revista “Caliban”) versus escrita paroquial (colecção poesia de combate) 5.Da liberdade subjectiva à escrita de intervenção social: Eduardo Whaite, Heliodoro Baptista, José Craveirinha, Mia Couto, Ungulani ba ka Khosa, Suleimane Cassamo, Paulina Chiziane, Adelino Timóteo, Nelson Saúte ...</p>
Bibliografia
<p>ANDRADE, Mário Pinto. (1997). Origens do Nacionalismo africano. Lisboa, Publicações Dom Quixote. MATUSSE, Gilberto. (1993). A Construção da Imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani ba ka Khosa. Maputo, Livraria Universitária,. [Dissertação de mestrado]. MENDONÇA, Fátima. (1988). Literatura Moçambicana: a história e as escritas. Maputo, Faculdade de Letras e Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane. NOA, Francisco. (2002). Império, Mito e Miopia: Moçambique como invenção literária. Lisboa, Editorial Caminho</p>

Universidade Eduardo Mondlane	
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Ementa	
<p>A disciplina de Literaturas Africanas Comparadas discute a formação e o desenvolvimento das literaturas africanas, com particular enfoque para as produzidas em países de Língua Oficial Portuguesa. Tendo como ponto de partida a reflexão sobre a relação entre diferentes tradições literárias, e dos estudos literários com outras disciplinas, o programa apresenta algumas das principais correntes da Literatura Comparada.</p>	
Conteúdo programático	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução: A formação das literaturas africanas (aspectos históricos, sociais e políticos) 2. Conceitos: Literaturas nacionais Influência Intertextualidade 3. Poesia e cultura de oralidade 4. A narrativa: aspectos temáticos e discursivos 5. Literatura Comparada e outras artes 	
Bibliografia	
<p>BRUNEL, Pierre; CHEVREL, Yves (org) (2004) Compêndio de Literatura Comparada, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.</p> <p>CARVALHAL, Tânia Franco (1986). Literatura comparada, São Paulo: Editora Ática.</p> <p>COUTINHO, E., (2001) "Os discursos sobre a literatura e sua contextualização", In Eduardo Coutinho (Org.); Fronteiras Imaginadas: Cultura Nacional /Teoria Internacional, Rio de Janeiro: Aeroplano Editora.</p> <p>GUILLÉN, Cláudio(1995) Entre lo uno y lo diverso – Introducción a la Literatura Comparada, Barcelona: Crítica</p>	

Universidade Eduardo Mondlane	
LITERATURA BRASILEIRA	
Ementa	
Esta disciplina contribui para familiarizar o aluno com o objecto literário, particularmente a Brasileira, fazendo-o partir de uma abordagem informal dos textos informativos em relação ao Brasil	
Conteúdo programático	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Introdução 2. O romantismo Alencariano; Iracema - contraponto e afirmação da brasilidade. 3. O movimento Realista 4. O modernismo de 22: Antes e Depois. 5. O Modernismo de 30 e antecedentes (Revolução Social). 6. Modernidade poética 7. Actualidade 8. Visualização de filmes 	
Bibliografia	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Carta de Pêro Vaz de Caminha a El – Rei Dom Manuel, sobre o achamento do Brasil. 2. APARECIDA, Literatura Brasileira 3. AAVV, Modernismo Brasileiro 4. Albuquerque et al, O confronto do olhar 	

Universidade Eduardo Mondlane	
LITERATURA PORTUGUESA	
Ementa	
A Disciplina de Literatura Portuguesa enquadra-se no contexto geral das relações sócio-culturais que Moçambique teve, historicamente com Portugal. A existência de uma disciplina de literatura portuguesa num curso superior de linguas ou literatura justifica-se pelo pressuposto de que o texto literário é um documento social. Através da leitura e análise de textos literários portugueses não só se pode aceder ao conhecimento e aperfeiçoamento da língua como também o conhecimento multifacetado com sobre o imaginário colectivo cultural, linguístico e social português e sua projecção nas literaturas africanas, particularmente de expressão portuguesa	
Conteúdo programático	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Panorâmica histórico-cultural da Península Ibérica na Idade Média 2. Classicismo 3. Romantismo 4. Realismo 5. Modernismo 	
Bibliografia	
<p>LISBOA, Eugénio. O Segundo Modernismo em Portugal. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.</p> <p>PINHEIRO, Célio. Introdução à Literatura Portuguesa. São Paulo: Instituição Toledo de Ensino, 1991.</p> <p>QUADROS, António. O Primeiro Modernismo Português: Vanguarda e Tradição. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.</p> <p>SARAIVA, José António e LOPES, Óscar. História da Literatura Portuguesa. Porto: Porto Editora, 1994</p>	

APÊNDICES

APÊNDICE A

Lista dos autores literários presentes na bibliografia dos planos de curso das universidades selecionadas relacionados a textos específicos.

Autor	Livro	País	Gênero	Nº vezes
Agostinho Neto	Sagrada esperança (2004)	Angola	Poesia	
Agostinho Neto	Trilogia poética: sagrada esperança, renúncia impossível e amanhecer (2009)	Angola	Poesia	
Alda Lara	Poemas (1984)	Angola	Poesia	
Ana de Santana	Sabores, Odores e sonho (1985)	Angola	Poesia	
Antonio Cardoso	Chão de exílio (1980)	Angola	Poesia	
Arnaldo Santos	Bairro operário não tem luz (1960)	Angola	Conto	
Arnaldo Santos	A menina Vitória (1981)	Angola	Conto	
Costa Andrade	Tempo angolano em Itália (1963)	Angola	Poesia	
Castro Soromenho	Terra Morta(2001)	Angola	Romance	
João Melo	Os Marginais (2013)	Angola	Conto	
João Melo	Tio mi dá só cem (2001)	Angola	Conto	
João Melo	A imitação de Sartre e Simone de Beauvoir (2004)	Angola	Contos	
João Melo	Natasha (2008)	Angola	Conto	
Jorge Arrimar	Malfadada e os kimbandeiros(2010)	Angola	Conto	
José Eduardo Agualusa	Os pretos não sabem comer lagosta (1999)	Angola	Conto	
Luandino Vieira	Luuanda (2004)	Angola	Contos	2
Luandino Vieira	Estória do ovo e da galinha (2006)	Angola	Conto	
Luandino Vieira	O fato completo de Lucas Matesso (2006)	Angola	Conto	
Luandino Vieira	Estórias de família: Dona Antónia de Sousa Neto (1981)	Angola	Conto	
Luandino Vieira	Nós, os do Makulusu (1974)	Angola	Romance	
Manuel Rui	Quem me dera ser onda (2005)	Angola	Romance	
Manuel Rui	Mulato de sangue azul	Angola	Conto	
Ondjaki	Os da minha rua	Angola	Contos	
Paula Tavares	Ex-votos (2004)	Angola	Poesia	
Paula Tavares	Ritos de passagem (1985)	Angola	Poesia	
Paula Tavares	O sangue da buganvília (1988)	Angola	Crônicas	
Pepetela	A Geração da Utopia (1992)	Angola	Romance	2
Pepetela	Estranhos pássaros de asas abertas (2009)	Angola	Conto	
Pepetela	A gloriosa família- O tempo dos flamengos (1999)	Angola	Romance	
Pepetela	Zito Makoa, da 4ª classe (1962)	Angola	Conto	
Ruy Duarte de Carvalho	Lavra (2005)	Angola	Poesia	
Uanhenga Xitu	Mestre Tamoda (2004)	Angola	Conto	2
Viriato da Cruz	Poemas (2004)	Angola	Poesia	
Angola: total referências: 36				
Corsino Fortes	A cabeça calva de Deus (2010)	Cabo Verde	Poesia	

Corsino Fortes	Pão e fonema (s/d)	Cabo Verde	Poesia	
Fernando Monteiro	Na roda do sexo (2009)	Cabo Verde	Contos	
Jorge Barbosa	Arquipélago (1935)	Cabo Verde	Poesia	
Manuel Ferreira	Hora di Bai (1987)	Cabo Verde	Romance	
Onésimo Silveira	Hora grande (1962)	Cabo Verde	Poesia	
Ovídio Martins	Não vou para Pasárgada (1973)	Cabo Verde	Poesia	
Cabo Verde: total referências: 7				
Abdulai Sila	As Orações de Mansata (2011)	Guiné-Bissau	Peça Teatral	
Abdulai Sila	A última tragédia	Guiné-Bissau	Romance	
Andrea Fernandes	O hóspede (2010)	Guiné-Bissau	Conto	
Odete Costa Semedo	A lebre, o lobo, o menino e o homem do pote (2009)	Guiné-Bissau	Conto	
V.A.	Poética da Guiné-Bissau (1990)	Guiné-Bissau	Poesia	
Guiné Bissau: total referências: 5				
Borges Coelho	Rainhas da noite (2013)	Moçambique	Romance	2
José Craveirinha	Karingana ua Karingana (1982)	Moçambique	Poesia	2
José Craveirinha	Xigubo (1980)	Moçambique	Poesia	
José Craveirinha	Antologia poética (2011)	Moçambique	Poesia	3
Lília Momplé	Ninguém matou Suhura (1988)	Moçambique	Contos	2
Luís Bernardo Honwana	Nós matamos o cão Tinhoso (2008)	Moçambique	Contos	4
Luís Bernardo Honwana	As mãos dos pretos (2008)	Moçambique	Conto	2
Luís Carlos Patraquim	O osso côncavo e outros poemas (2004)	Moçambique	Poesia	
Luís Carlos Patraquim	Antologia poética (2011)	Moçambique	Poesia	
Mia Couto	Cada homem é uma raça (2013)	Moçambique	Contos	
Mia Couto	Terra Sonâmbula (2007)	Moçambique	Romance	
Mia Couto	Estórias Abensonhadas (1996)	Moçambique	Contos	
Mia Couto	Cronicando (2007)	Moçambique	Crônicas	
Mia Couto	O novo padre (2009)	Moçambique	Conto	
Mia Couto	Lenda de Namarói (2012)	Moçambique	Conto	
Nelson Saúte	O rio dos bons sinais (2007)	Moçambique	Contos	
Nelson Saúte	A mulher dos antepassados (2007)	Moçambique	Conto	
Nelson Saúte (org)	Nunca mais é sábado: antologia de poesia moçambicana (2004)	Moçambique	Poesia	
Noémia de Souza	Sangue negro (2016)	Moçambique	Poesia	2
Paulina Chiziane	Niketche (2004)	Moçambique	Romance	
Paulina Chiziane	Balada de amor ao vento (2003)	Moçambique	Romance	
Paulina Chiziane	Maundlane – o criador (2013)	Moçambique	Conto	2
Rui Knopfli	Antologia poética (2011)	Moçambique	Poesia	2
Rui Nogar	Silêncio escancarado (1982)	Moçambique	Poesia	
Rui Noronha	Sonetos (s/d)	Moçambique	Poesia	
Sebastião Alba	A morte dividida (1982)	Moçambique	Poesia	
Ungulani Ba Ka Khosa	Ualalapi (2013)	Moçambique	Romance	3
Moçambique: total referências: 41				
Caetano Costa Alegre	Versos (1916)	São Tomé e Príncipe	Poesia	
Conceição Lima	A dolorosa raiz do micondó (2012)	São Tomé e Príncipe	Poesia	2
Conceição Lima	O país de Akendenguê (2012)	São Tomé e	Poesia	

		Príncipe		
Francisco José Tenreiro	Poesia negra de expressão portuguesa (1982)	São Tomé e Príncipe	Poesia	
Francisco José Tenreiro	Obra poética (1991)	São Tomé e Príncipe	Poesia	
São Tomé e Príncipe: total referências: 6				

APÊNDICE B

Lista dos autores literários presentes na bibliografia dos planos de curso das universidades selecionadas não-relacionados a textos específicos.

Autor	País	Nº vezes
Abreu Paxe	Angola	
Agostinho Neto	Angola	
Alda Lara	Angola	
Ana de Santana	Angola	
Antonio Jacinto	Angola	
Arlindo Barbeitos	Angola	
Arnaldo Santos	Angola	
Assis Júnior	Angola	
Boaventura Cardoso	Angola	
Castro Soromenho	Angola	
Lopito Feijó	Angola	
Luandino Vieira	Angola	
Manuel Rui	Angola	
Paula Tavares	Angola	2
Pepetela	Angola	
Uanhenga Xitu	Angola	
Viriato da Cruz	Angola	
Angola: total referências: 18		
Alda do Espírito Santo	Cabo Verde	
Amílcar Cabral	Cabo Verde	
Armênio Vieira	Cabo Verde	
Baltazar Lopes	Cabo Verde	
Corsino Fortes	Cabo Verde	
Dina Salústio	Cabo Verde	
Germano de Almeida	Cabo Verde	2
Jorge Barbosa	Cabo Verde	
Manuel Ferreira	Cabo Verde	
Manuel Lopes	Cabo Verde	
Orlanda Amarílis	Cabo Verde	
Vera Duarte	Cabo Verde	
Cabo Verde: total referências: 13		
Abdulai Sila	Guiné-Bissau	2
Odete Semedo	Guiné-Bissau	2
Guiné- Bissau: total referências: 4		
Armando Artur	Moçambique	
Eduardo White	Moçambique	2
Guita Jr	Moçambique	
João Paulo Borges Coelho	Moçambique	2
José Craveirinha	Moçambique	4
Lília Momplé	Moçambique	
Luís Bernardo Honwana	Moçambique	2
Luis Carlos Patraquim	Moçambique	3

Mbate Pedro	Moçambique	
Mia Couto	Moçambique	3
Noémia de Souza	Moçambique	3
Orlando Mendes,	Moçambique	
Paulina Chiziane	Moçambique	
Rio Nogar	Moçambique	2
Rui Knopfli	Moçambique	2
Rui Noronha	Moçambique	
Sérgio Raimundo (Poeta Militar)	Moçambique	
Ungulani Ba Ka Khosa	Moçambique	
Virgílio de Lemos	Moçambique	
Moçambique: total referências: 33		
Conceição Lima	São Tomé e Príncipe	3
Francisco José Tenreiro	São Tomé e Príncipe	
Sum Marky	São Tomé e Príncipe	
São Tomé e Príncipe: total referências: 5		